

Antologia Portuguesa

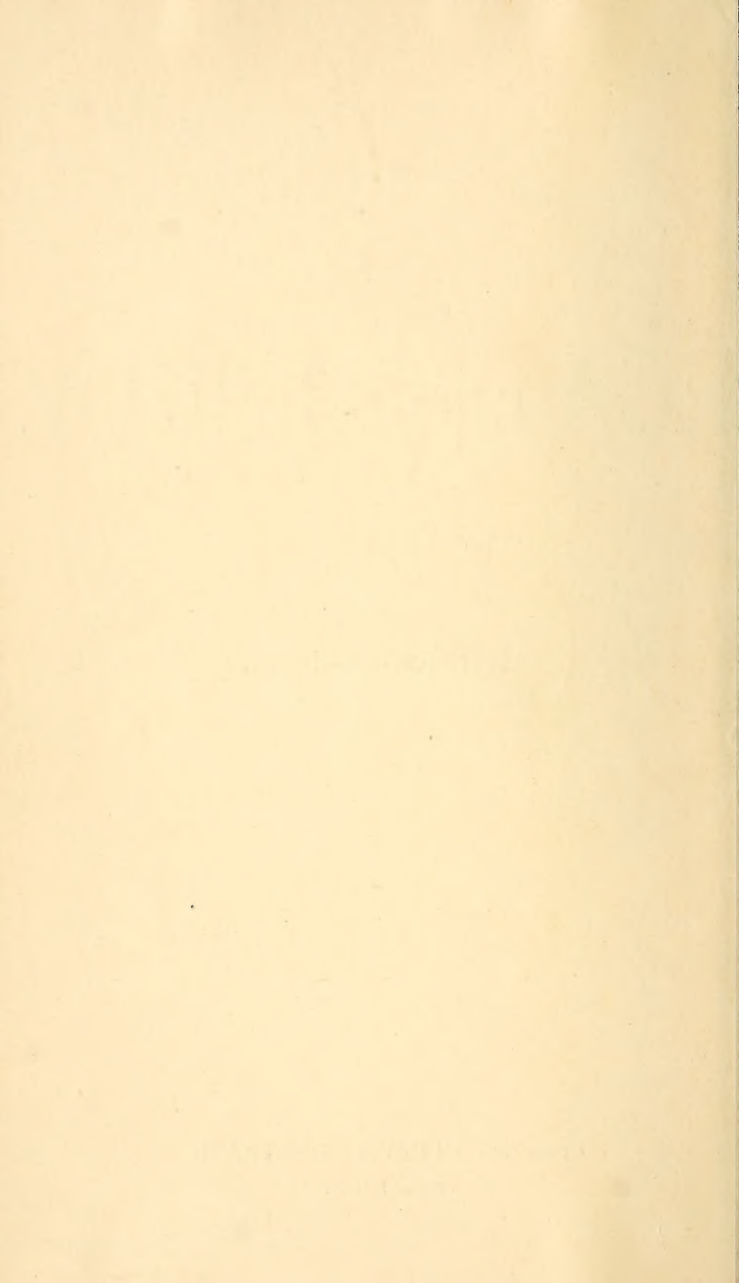
EÇA DE QUEIROZ

II

71
(Selecta) crítico-literária

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

PARIS - LISBOA



Ministério da Instrução Pública

Secretaria Geral

Considerando que à excepção dalgumas raras jóias do património literário nacional, se não conhecem geralmente as obras primas da literatura portuguesa, muitas delas de difícil aquisição pela antiguidade ou raridade das suas edições;

Atendendo a que a *Antologia Portuguesa*, organizada pelo escritor Agostinho de Campos e publicada pela Livraria Aillaud, procura obviar àqueles inconvenientes, oferecendo ao público uma colecção onde fique arquivada a produção literária de muitos dos bons prosadores e poetas nacionais de todos os tempos e escolas;

Atendendo ainda a que a forma material como a *Antologia Portuguesa* é apresentada, a torna verdadeiramente agradável e atraente e, portanto, de fácil vulgarização e largo proveito educativo:

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro da Instrução Pública, **que seja louvada a Livraria Aillaud pelo seu patriótico empreendimento**, em vista dos altos benefícios que essa casa editora vai prestar à divulgação das preciosidades da literatura nacional, com a publicação da *Antologia Portuguesa*.

Paços do Governo da República, 24 de Abril de 1920. — O Ministro da Instrução Pública, *Vasco Borges*.

ANTOLOGIA PORTUGUESA

EÇA DE QUEIROZ

II

Antologia Portuguesa

DEZANOVE VOLUMES PUBLICADOS,
A SABER:

SÉCULO XV: *Fernão Lopes*, três volumes.

SÉCULO XVI: *João de Barros*, um volume;
Trancoso, um volume.

SÉCULO XVII: *Manuel Bernardes*, dois volumes;
Frei Luis de Sousa, um volume;
João de Lucena, dois volumes.

SÉCULO XIX: *Alexandre Herculano*, um volume;
Guerra Junqueiro, um volume;
Eça de Queiroz, dois volumes.

SÉCULO XX: *Augusto Gil*, um volume;
Antero de Figueiredo, um volume.

SÉCULOS XIV a XX: *Paladinos da Linguagem*, três volumes.

No prelo ou em preparação adiantada encontram-se os volumes *Camões Lirico*, «*Arte de Furtar*», *Amador Arráiz*, *Afonso Lopes Vieira*, *Heitor Pinto*, além das continuações de *Barros*, *Frei Luis de Sousa* e *Herculano*.

L.Pov.
E 175e

Antologia Portuguesa

organizada por

AGOSTINHO DE CAMPOS

EÇA DE QUEIROZ

II

SELECTA CRÍTICO-LITERARIA

SEGUNDA EDIÇÃO

414 688
14.8.43

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

PARIS-LISBOA

LIVRARIA CHARDRON
PORTO

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
RIO DE JANEIRO

1923

Todos os exemplares vão rubricados pelo organizador
da ANTOLOGIA PORTUGUESA

Composto e impresso na TIPOGRAFIA DO ANUÁRIO COMERCIAL
Praça dos Restauradores 24 — Lisboa

INTRODUÇÃO



INTRODUÇÃO

I

O ESTILO DE EÇA DE QUEIROZ

(Larga inquirição de prosadores e críticos portugueses e brasileiros acêrca dos seus altos méritos e significação literária.)

DISSE-NOS algum dia o dr. José Leite de Vasconcelos, quando falávamos de Eça de Queiroz, que é este o escritor português que mais o impressiona, muito mais do que Camilo; e que ao ler os livros daquele *sente como agulhas a penetrarem-lhe o corpo*.

Este depoimento pareceu-nos importantíssimo, por vir de um purista rigoroso, de um filólogo habituado a estudar a linguagem anatomicamente, que assim sente e confessa ser o verdadeiro estilo aquele que, embora por vezes filologicamente impuro, vem da Vida e a traz consigo.

A impressão profunda mas sumariamente definida do sábio português sr. Leite de Vasconcelos, explica-a muito bem o fino artista brasileiro sr. Magalhães de Azeredo (1):

(1) *Revista Moderna*, n.º 10, Paris, 20 de Nov. de 1897.

«... Como vivem os personagens, vive também a paisagem, e o horizonte também vive; vive a cidade com os seus rumores canalizados nas ruas estreitas, vive o campo com o seu amplo silêncio... Vive tudo isso, porque a linguagem vive. Aquele verso de Vítor Hugo: *«Sachez-le bien; le mot est un être vivant!»* pode ser transcrito no frontespício de todos os livros de E. de Q. Ele é um dos que mais cabalmente teem provado de quanto é capaz o nosso claro e belo idioma português, cheio de sonoridade e de colorido, de majestade e de graça, de melancolia e de voluptuosidade, de ternura e de vigor. Os seus períodos surpreendentes e fulgurantes, tão cortados de caprichos imprevisos, e, contudo, tão magistralmente equilibrados, ao passo que seduzem o ouvido pela harmonia e pelo ritmo, estimulam todos os outros sentidos, pelas imagens várias, pelas várias sensações que vão evocando...»

Com a sua grande agudeza crítica compreendeu, porém, o eminente académico brasileiro que a maravilha do estilo de Queiroz não provinha apenas do dom ou da sciência de escrever bem, senão que tinha raízes mais vastas e profundas num temperamento artístico dos mais felizes e completos:

«No seu temperamento original e encantador concorriam em um grau raro de intensidade, faculdades raras, e sobretudo raramente unidas: uma sensibilidade extraordinária de poeta, própria para gozar ou sofrer todos os choques da natureza física e da natureza moral; e uma lucidíssima fineza de análise a que nenhuma particularidade anatómica, fisiológica, psicológica, escaparia facilmente; uma atenção minuciosa em seguir o desenvolvimento de cada facto e de

cada carácter, e um ardor apaixonado, capaz de amar e, senão de odiar, pelo menos de detestar com furor tanto um homem real como um tipo dos seus romances; um entusiasmo lírico que, quando batia as asas, não sabia êle mesmo até onde se elevaria entre nuvens e astros; e uma *vis* sarcástica e humorística, que não recuava diante do mais cruel ferimento; uma retina onde se gravavam duravelmente os mínimos traços de uma pessoa ou de uma paisagem; e um estranho poder de expressão, que resumia em duas linhas tôda uma série de observações pacientes... Tudo isso faz que os seus livros tenham vivido *e possam viver sempre*, pela grande soma de vida que trazem em si próprios, e que foi recebida directamente da natureza... Tanta profundidade de sentimentos, tanta variedade e tanto contraste aparente de qualidades humanas e estéticas, davam um esplendor imenso ao seu estilo, sem dúvida dos mais ricos e maravilhosamente trabalhados dêste século, não só em Portugal, mas no mundo inteiro... Esse estilo não é dos que reflectem graças transitórias de escola ou de época. tem realmente em si a substância eterna do idioma sob a nota individual do escritor, e portanto a sua duração será tão larga como a da própria língua a que pertence (1).»

Estamos, pois, longe da ideia vulgar e mesquinha da pobreza verbal e sintáctica de Eça de Queiroz. Não são precisas muitas palavras raras, inventadas ou ressuscitadas, para se formar um estilo; não está a riqueza do estilo sómente na abundância do

(1) V. *Homens e livros*, Rio-Paris, 1902, pág. 143, 144 e 148.

vocabulário, ou na ênfase de syntaxes complicadas e affectadas. Outro exímio artista da palavra portuguesa, **António Cândido**, no-lo dirá agora, com a sua autoridade excepcional de grande orador:

«... Eça de Queiroz tinha a predisposição nativa e procurou as estranhas influências que dão esse supremo resultado (um estilo literário e perfeito). A lógica, que é condição primária para pensar e escrever bem; a observação atenta, que descobre nas cousas qualidades novas; a imaginação poética, que, fundindo o espírito e a natureza, cria o maravilhoso mundo da arte: tudo isso havia, e em sumo grau, no seu génio pessoal. Depois, o trabalho de toda a sua vida foi a fecundação e o aproveitamento destas faculdades ingénitas... Para isto, fez e refez o seu estilo, desarticulou-o e recompô-lo, deu-lhe agilidade e graça, tornou-o duma leveza quasi imponderável; e pode dizer-se que, desde a gaze diáfana de que se tecem os sonhos, até o bronze consistente, em que se gravam as legendas imortais; de tudo houve na sua palavra fulgidíssima! A sua palavra não tem a larga medida oratória, tão agradável ao ouvido peninsular; mas há harmonioso ritmo nos seus períodos; as suas frases parecem, por vezes, abertas em ouro pelo buril dum artista precioso e paciente: e dentro desses períodos, e dentro dessas frases, a alma moderna vive livremente a sua vida ansiada, inquieta, cheia de elevados ideais e de contradições flagrantes, com uma nevrose em cada dia, ora mística e pura como um tabernáculo de Deus; ora desvairada, incoerente, como possessa de um demónio louco!... Na visão e cópia da natureza era inexcedível: ou tivesse visto a paisagem, ou a sua imaginação a tivesse adi-

vinhado e recomposto. Igualmente magistral nos dois processos de representar o mundo exterior: quando recebia e comunicava a impressão dominante, apontando-a, sugerindo-a apenas; e quando, distendendo a sua palavra, como um véu transparente, sôbre a superfície das cousas, as mostrava como êle as via, na forma, no relêvo, na cor e proporção que tinham. Se a *ironia* era o seu processo mais freqüente na observação da sociedade, a sinceridade e a ternura reservava-as inteiramente para a natureza: como se houvesse no grande e requintado artista que êle foi, uma ingénua alma de celta, primordial e simples, absorta no mistério e na adoração das cousas criadas! A descrição da Palestina, mirrada e triste, a do Extremo Oriente, monstruoso e fantástico, e aquele quadro minucioso e completo, exuberante e magnífico, dos dias genesíacos da Terrá, num dos seus *Contos* — são, na arte de pintar por palavras e frases, o mais alto exemplo e o mais acabado modelo. Mas, superior a tudo, é a pintura amorável que êle fez da nossa Terra... A língua que falamos, meus senhores, é um dos laços que nos prendem, e dos mais fortes, na comunidade nacional. Aquele que consegue aperfeiçoá-la, dar-lhe maior precisão ou nitidez, torná-la de qualquer forma mais rica de locuções, ou mais maleável na estrutura — presta um inestimável serviço às letras e à pátria. Eça de Queiroz presteu este serviço...» (1).

Ramalho Ortigão, que foi também renova-

(1) *A Eça de Queiroz* (compilação de varios discursos proferidos na inauguração do seu monumento). Porto, 1904, pág. 67 a 85).

dor da prosa portuguesa, mas não quebrara nunca tão descerimoniosamente como Queiroz os velhos moldes clássicos, define com justeza a posição em que aquele se collocou, pelo seu estilo, na linha de desenvolvimento do português literário:

«Desde os nossos grandes escritores seiscentistas até Garrett nunca mais houve na literatura portuguesa senão estilos derivados, secundários, imitativos, ostentando pomposamente a inexpressibilidade mais indigentemente académica, e mais inânime. Garrett foi o primeiro que, opondo-se à corrente do convencionalismo, meteu debaixo do joelho o monstro da ênfase atávica, da hereditária retórica, que por mais de dois séculos resfolegara apopléticamente no fundo de toda a nossa produção artística. Queiroz foi para a segunda metade do século XIX o que Almeida Garrett havia sido para a outra metade da mesma centúria; o escritor do seu tempo, desprendido de todas as superstições técnicas, exercendo livremente sobre a palpitante realidade do mundo vivo as suas pessoais faculdades de analisar e de sentir. Com a diferença: que E. de Q., especializando-se no romance naturalista da decadente e complicada sociedade contemporânea, tinha de manejar um instrumento de observação e de notação gráfica sumamente mais complexo, de uma impressionabilidade e de uma agudeza incomparavelmente mais discriminativa, mais minudente e mais subtil, que o que empregara Garrett na idealização poética das nossas lendas e na dialogação simplística, forçosamente convencionalizada e exigentemente declamativa, do teatro histórico. Sem enriquecer o léxico, como Castilho e como Camilo Castelo Branco, por meio de vozes novas e de vernáculos modismos, tra-

zidos da tradição oral ou da raiz erudita para o discurso literário, Queiroz elevou a uma perfeição de relêvo, de colorido e de luminosidade, que nunca antes dêle se atingira, o que propriamente se chama a *arte de escrever*, dando ao giro da frase, independentemente do rebuscamento do vocábulo, temas melódicos, combinações de harmonia e efeitos orquestrais do mais dominativo e avassalante poder de sugestiva comoção (1).»

O grande **Camilo Castelo Branco** escreveu ao editor António Maria Pereira, em princípios de 1886, uma carta que o sr. Alfredo da Cunha inclui no artigo com que contribuiu para a homenagem da *Revista Moderna* (Paris, 20 de Nov. de 1897) a Eça de Queiroz. Tem êsse documento grande valor crítico, apesar do seu tom faceto, por ser, com a autoridade especialíssima de Camilo, testemunho valioso dos serviços prestados à língua por Queiroz, tão discutido e incriminado, aliás, sob êste aspecto da sua grande e complexa fisionomia literária:

«Já lhe agradei e li o *Mysterio da Estrada de Cintra*. Achei-o admirável, pelas brilhantes audácias da linguagem. Foi êsse livro que iniciou a reforma das milícias literárias indígenas, a tropa fandanga de que eu fui cabo de esquadra. A **evolução do estilo data daí**. Verdade é que êsse modelo deu azo a que alguns milicianos, exagerando a disciplina dos reformadores, atirassem *par dessus les moulins* as patronas da gramática, e se dessem uns ares de ulanos com arreme-

(1) V. *A Eça de Queiroz*, (colecção de discursos já citada, Porto, 1904, pág. 17 e ss.).

tidas de cossacos. Daí essas tropelias que elles fazem na syntaxe e no senso-comum, em que elles não comungam. Seja como fôr, o *Mysterio* há-de ficar assinalado, no desenvolvimento de belas cousas que estavam embrionárias no vocabulário, marasmado durante dois séculos. Ramalho Ortigão avisadamente andou, mandando os clássicos a ares; e o Eça também não andou mal, não os admitindo em casa.»

Guilherme de Moniz Barreto, estudou com cuidado, em Eça de Queiroz, o romancista; mas demorou-se pouco na apreciação do seu estilo, dizendo apenas, no conhecido artigo da *Revista de Portugal*: «... Juntem-se-lhe os talentos literários, o dom da descrição, da narração e do diálogo, e em-fim uma nervosa perspicácia em manejar o instrumento da palavra». Pouco mais elucidativa e não muito mais feliz do que esta é a definição que Moniz Barreto deu do estilo de Queiroz num artigo do *Reporter* (1), onde igualmente aparece a expressão *nervosa perspicácia*, cujo sentido critico não parece bem definido:

«Fruto da reflexão obstinada é ainda esse maravilhoso estilo, em que se combinam por igual a inspiração e o cálculo, o mais vibrante, o mais expressivo de toda a nossa literatura contemporânea, e que revela a delicadeza e nervosa perspicácia do escritor que o emprega, na maneira por que são usa-

(1) *Reporter*, Lisboa, 25 de Julho de 1888. Esse artigo encontra-se transcrito, com vários outros, na *Revista de História*, n.º 28, Outubro-Dezembro, Lisboa, 1918.

dos um verbo, um epíteto, um sufixo, uma vírgula.»

Muito mais analítico do que Moniz Barreto (o mais sagaz do que ninguém) acêrca da prosa e do estilo de Queiroz, foi outro crítico illustre, **José Pereira de Sampaio** :

«Aquilo foi uma renovação na nossa litteratura: reaprendeu-se ali **fazer ondular o vocábulo, como tudo o que há de quiméricamente vago, e a definir o pensamento em lemas frios, correctos e cortantes; a enternecer-se sem declamar, e a sorrir numa discreta malícia.** Descobriu-se, em-fim, que havia uma escala cromática na escrita; que se podia usar de meias-tintas; que não era absurdo fechar na mão o fluido e scismador enlêvo. Refez-se, apurou-se, cristalizou-se o gôsto. Um estilo específico surgiu, como um encanto, para o leitor inteligente; como o escolho da crítica; como uma glória suprema; como um marco de evolução histórica para língua. Tecnicamente caracterizar esta prosa é facilimo; defini-la, como representação psicológica, é quasi impossivel. Irónica ou comovida, narrando ou descrevendo, os expedientes de composição são modestos. Limitam-se a antepôr ao substantivo um adjectivo característico, mas cujo emprêgo no caso não era costume; a juntar attributos de ordem diversa na mesma substância; a substantivar o adjectivo, adjectivando o têrmo comum; a alterar a ordem na sucessão das locuções, como quando diz: — *alguma vela passava, vagarosa e branca*, onde era uso escrever: *alguma vela branca passava vagarosa*; a fazer uma brusca enumeração, à medida que occorrê, tirando os efeitos das brucas transições; a seguir syntacticamente, do preferênciã, a ordem directã. Estão êsses expedientes em lançar aos om-

bro duma ideia científica um caprichoso vestuário, como nessa imagem, tão prestigosamente conduzida, da flor que *num vaso de terra negra amaria uma pobre costureira de Londres*. Consistem em criar o neologismo, em transferir para a realização artística a tecnologia filosófica e política; triunfalmente, em pôr o artista uma gala ingênua de glórias de mundanismo; humildemente, em penitenciar-se da sua ignorância de *pobre homem da Póvoa de Varzim*, em *sciência um dilettante de coxia*, em *filosofia um touriste facilmente cansado*. Não procedem senão do desequilíbrio nervoso, que, ou, colérico, reclama imperiosamente justiça, ou, comatoso, se repete meiguices de criança amimada... Inquieto que é, as suas descrições, qual essa maravilha de relato de Pequim, são rápidas... Mas não é só ela (a fatalidade étnica) que faz com que a sua paisagem, o seu céu, o seu mar, as florestas e as águas correntes, tenham uma alma: é ele, éle mesmo, que, panteísta, vitaliza a substância...» (1).

Fala em seguida **José Pereira de Sampaio** da filantropia de Queiroz, do seu *espírito*, e *humour*, e amor do paradoxo, e horror da banalidade. E conclui:

«O que torna, pois, extraordinária, em literatura portuguesa, a prosa do sr. Eça de Queiroz? Por certo que não a pureza do seu dizer, que é incorrecto; nem o colorido extrínseco das imagens, apagadas por vezes; nem o talento dramático do autor, magnífico,

(1) V. *A Geração Nova*, Porto, 1886, pág. 189 a 191.

mas comum; nem as descrições, frouxas de onde a onde; nem a sciência do vocabulário, curto, e ainda diminuído pelo desdém de locuções, ridículas pelo automatismo. O seu efeito sôbre nós consiste em que o escritor não enquadra no papel o que ouviu dizer. Não é um académico, que desenha de cor: é um ingénuo, que fala de si, que se trai, porque se impressionou. Se êsse estilo vivesse só da excentricidade dos apotegmas, acintosamente bizzaros; da mundana preocupação do galicismo; dos conceitos desnorteantes de *blagueur* que deseja *scier* (1) com o burguez, com o sábio, com o patriota... êsse estilo seria o último eco dum byronismo que o carácter retempera e que a *bienséance* impede que se dê enfáticos ares mal-educados. Mas, não. Nesta letra redonda uma alma abre-se, escancara-se uma consciência... Eis aí, diz-se, um espírito que desce, na intuspecção, até as arteríolas mais ténues, definindo o indefinível, prendendo o incoercível, com o dote de conceder expansão verbal ao que cada um tem em si, cerradamente mudo... Assim é, para lá da técnica, inimitável êste estilo, na sua trama essencial, por ser a resolução duma personalidade. O problema não é litterário, é biológico... (2).»

Quando José Sampaio deu a lume êste estudo não estava ainda publicada *A Reliquia*, nem *Os Maias*, e muito menos os restantes livros em que sucessivamente se foi revelando o incessante progredir da forma e da linguagem queirosianas. Na carta, porém, que dirigiu ao director da *Revista Moderna*,

(1) Pergunta inocente: ¿Será também «mundana», em Bruno, esta preocupação do galicismo?

(2) Obra citada, pág. 195 e 196.

de Paris, e que foi publicada no número de homenagem a E. de Q. (20 de Novembro de 1897) reporta-se José Pereira de Sampaio ao que escrevera na *Geração Nova*, acrescentando algumas notas curiosas sobre o aprêço em que é tido o grande escritor fora de Portugal, e sobretudo em Inglaterra. Depois fala na dificuldade de traduzi-lo e cita a propósito o erro da princesa Ratazzi, quando, na scena da rixa entre parceiros do *Grémio*, supõe que o monossílabo de um dos brigões aquietando-se: *Paus!*, importa, pelo contrário, uma ameaça, e traduz, em consequência: *Je vous flanquerai des coups de bâton...*

E continúa, acentuando o progresso do estilo de E. de Q.:

«... Lastimo o prejuízo irremediável de que sofre, em seu detrimento, o leitor de traduções — ao qual escapam os imensos peculiarismos de perfeita realização, ou melindrosos ou enérgicos, que instituíram Eça de Queiroz como um dos mestres da nossa moderna linguagem, raramente mesmo comparável hoje em dia. Então agora, a sua prosa adquiriu uma limpidez e uma sobriedade expressiva, que definitivamente o inscrevem a dentro do conceito clássico, no alto e puro sentido do vocábulo...»

Na sua excelente *História da literatura realista* quasi nada nos diz o sr. **Fidelino de Figueiredo**, acerca do estilo de E. de Q. Promete, porém, que o há-de analisar noutro trabalho e conclui o seu douto estudo do escritor por esta observação importante:

«A completa transformação que operou no estilo divide a moderna história da língua portuguesa, como instrumento de arte,

como estilo literário, em dois períodos muito opostos: *antes, e depois da sua obra*. E grande foi o serviço prestado pela sua obra à conservação da unidade da língua portuguesa aquém e além Atlântico. Ser-lhe-ia legítimo sentir um pouco do orgulho com que Zola, no seu julgamento por motivo da questão Dreyfus, exclamou: «As minhas obras não levado a fama da língua francesa a todos os cantos do mundo!» (1).

Pusemos à frente desta revista de transcrições críticas, referentes à prosa de E. de Q., um escritor brasileiro. A observação do sr. Fidelino de Figueiredo induz-nos a apresentar ao Leitor, imediatamente, outras opiniões autorizadas de artistas ou críticos, de além-mar.

O eminente romancista sr. Graça Aranha, diz, confundindo *língua corrente* e *língua clássica*:

«Herculano foi um perfeito escritor dentro da forma clássica. Eça de Queiroz teve a felicidade de trazer à literatura portuguesa dons de vida. Foi um artista que, ignorando a língua, escreveu de um modo encantador, numa língua espontânea e corrompida, com certa liberdade, por lhe serem estranhos os moldes clássicos. E assim os principais defeitos do escritor que é Eça de Queiroz, contribuíram para a vivacidade e a magia dos seus livros.» (2).

(1) V. pág. 150 do livro cit., Lisboa, 1914.

(2) Do livro *A Esthetica da Vida*, capítulo intitulado *Meditação sobre a linguagem Portuguesa*, apud «*Revista da Bahia*», n.º 15, de 1 de Julho de 1922.

O sr. Mathens de Albuquerque, admirador entusiástico de Queiroz, exprime-se assim:

«Ainda no grande, no formidável Camilo, quando o seu génio atormentado, combatido por tóda a sorte de adversidades, se não dispersava em novelas desiguais, mal acabadas, escravizava-se, espremia-se furiosamente, nas moendas das polémicas desfibradoras, no exaspêro trágico de campanhas pessoalíssimas — isto numa língua que, de tão bárbaramente clássica e contundente, jámais foi excedida no representar a velha, a genuína, a grossa chalaça portuguesa. A língua em que se escrevia em Portugal era um instrumento áspero, solene e duro: não se lhe conheciam nuances delicadas para esboçar os sentimentos mais subteis, nem ondulação ampla e sonora para abranger o vasto e complexo norte das ideias: numa palavra — ignorava-se-lhe o verdadeiro espírito. Era a língua sêca, espartilhada, tabelioa, dos clássicos primeiros, muito preciosa e justa para o seu tempo e seu meio, mas arcaica, insubsistente, provinciana, nestas idades práticas da maior expansão intelectual e económica — quando não era a língua donairoza, flácida, rotunda, dos últimos românticos, resumindo a Vida e o Universo em apologias de criaturas celestiais, e em descrições de mundos encantados. Certo, os *Sermões* de Vieira são esculturais e a *Nova Floresta* de Bernardes é lapidar; mas, apesar de tóda a sua divina eloquência e de tóda a sua pureza clássica, não constituem por si sós uma literatura. E — sem que isto pareça um prurido infantil de irreverência inócua — o próprio *Lusiadas*, tão grande, tão belicoso, tão sugestivo, se conserva a sua glória através dos séculos, não é tanto pelo padrão de vernaculidade que o soleniza e lhe dá a glória incontestável de código da

língua, nem pelas descrições geográficas e evocações mitológicas que o perturbam, mas principalmente, pelo largo e sadio sópro lírico, que o atravessa e anima. Se eu ousasse abrir uma despretenciosa excepção no meio dêsse monumental atravancamento clássico e romântico, esta seria, entre os modernos escritores portugueses, para Garrett, que às vezes, pela universalidade e clareza do pensamento, pela flexibilidade da linguagem, a sobriedade dos tons, a distinção das maneiras, e, sobretudo, pela sábia ironia gaulesa que lhe corria nas veias, é o precursor da nova arte de escrever na nossa língua... **Eça de Queiroz é um artista completo:** aquilo que não encontramos nos outros, um quer que seja, talvez um quasi nada, é justamente nêle que vamos encontrar. Por mim, confesso que, em prosa portuguesa, **foi nêle que aprendi a ler.** Repugna-me, por uma questão de pudor estético, apontar as pequeninas falhas dêste artista, **em que os defeitos são qualidades:** isso é com os críticos, os letrados, os homens de rígido bom-senso e convicções. Guardadas as devidas distâncias, aceito-o, na minha admiração apaixonada, como êle aceitava Vitor Hugo, e como Vitor Hugo aceitava Shakespeare: *comme une brute*. É que êle, como nenhum outro escritor do seu tempo, soube visionar integralmente a vida humana, em tôdas as suas ridículas baixezas e em todos os seus bens consoladores. **É que êle fixou maravilhosamente a Vida.** E, ao fixá-la, teve ainda êste grande mérito: transformou uma língua bárbara, dura, áspera, fradesca, solene, hostil, num instrumento plástico, sonoro, dúctil, ondeante, diáfano, subtil. Numa palavra: foi o primeiro escritor português que fez paradoxos em a nossa língua. **Êle é o mestre — e depois dêle, ninguém,**

que se preze, tem mais o direito de escrever mal a língua portuguesa.» (1).

O sr. Domicio da Gama, no artigo que publicou na *Revista Moderna* (Paris, n.º 10. de 20 de Novembro de 1897):

«... Um ensaio psicológico sobre Eça de Queiroz; ideias claras sobre a obra de um homem que há longos anos vem trabalhando para a sua língua e para o seu povo com a assiduidade e sinceridade de quem trabalha humildemente para Deus; que tem formado a sua alma ao contacto do mundo, e que a não tem pôsto nos seus livros, porque almas não cabem em livros; demonstrações do seu génio nunca me pareceram necessárias — unidade do público que sou. Sinto-me feliz de viver num tempo em que o pude conhecer e amar, sem carecer de o buscar disperso em livros, reflectindo desigualmente generosos impulsos e agitações dos vinte anos, e contemplações serenas da idade madura. Sobrasse-me ainda mocidade e memória, e eu faria como o que aprendeu a *Reliquia* de cor, para ornamento do seu espírito e graça e conceito do seu discurso. Esse é o verdadeiro culto e devoção. O resto são variações literárias sobre o tema conhecido da glorificação do Mestre.»

O sr. José Maria Bello, nos seus *Estudos Críticos*, Rio de Janeiro, 1917, pág. 15 a 31. sob o título de *As idolatrias literárias* e o sub-título de *Eça de Queiroz e sua influência no Brasil*, começa por dizer que não há

(1) *Da Arte e do Patriotismo*, Lisboa, s. d. (1919?), pág. 18 e 22.

escritor mais lido e mais querido no Brasil do que Eça de Queiroz. Essa influência exerce-se principalmente na mocidade, e pelos seguintes motivos:

«Eça trazia-nos o gosto picante da novidade. Tudo nêlle concorre para êsse deslumbramento, que às vezes pode ficar para tôda a vida: a graça, o brilho, o pitoresco da forma, a irreverência dos julgamentos, e, principalmente, a espécie de janotismo, de *dandysmo* literário, que foi um reflexo do seu janotismo de mundano. Escreve numa língua nova, num estilo que se desconhecia até então, cheio de harmonias estranhas, de efeitos maravilhosos, expressivos como uma sinfonia ou uma pintura, e nos fala de cousas vivas, figuras e factos que se conhecem e que parecem nossos, de ontem, de hoje, de todos os dias. Encontramos-lhe nos livros a tradução de sentimentos íntimos, desejos confusos e não confessados, e, sobretudo, das primeiras revoltas, que a timidez dos verdes anos nos não permitiria revelar... Creio bem que o seu mais alto mérito é o estilo. Dificilmente se encontra em qualquer literatura contemporânea quem escreva com maior graça, maior elegância, maior vivacidade. Em Flaubert, em Maupassant, em Zola, nem mesmo no mais pitoresco e mais gracioso dos *realistas* franceses (talvez também o mais sentido e o mais amargo) em Daudet, não sei de páginas mais evocativas do que quasi tôdas as de Eça... Falou-se e ainda se fala do desprezo de Eça pelo idioma vernáculo, dos seus solecismos, da ousadia dos seus galicismos, e, sem pretender justificá-los, acredito, entretanto, que essas pequenas *fautes* são pecados veniais, que somente a casuística de algum gramático carranço e estéril não perdoaria...»

O sr. **Enrico de Goes**, na sua colecção de crónicas e outros escritos, intitulada *Horas de Lazer* (Rio, 1914) inclui um estudo sobre Eça de Queiroz, que publicara na *Revista do Brasil*, por ocasião da morte do grande artista.

Já no prefácio do seu livro, o sr. Goes se refere a E. de Q., dizendo que «na crónica de comentário ligeiro da actualidade, misto de graça e de filosofia, scintilante de ironias e borboleteante de paradoxos, jamais houve, talvez em idioma algum, quem se avantajasse a Eça de Queiroz, que efectivamente foi, com a sua prosa clara, viva e maleável, um criador e um mestre na matéria».

Do artigo propriamente, que abrange as pág. 187 a 198 do volume, transcreveremos alguns períodos, de entre os mais característicos:

«A sua obra, fúlgida e maciça, poderia constituir o orgulho de qualquer literatura. Pena é que o nosso idioma, tão formoso e tão difícil, seja quasi que totalmente desconhecido no estrangeiro... Apesar de naturalista, o escritor dos *Maias* não se deixou influenciar pela exagerada minúcia de observação, às vezes cansativa, de Zola, como se não deixou influenciar pela análise científica, um tanto severa, de Stendhal, e nem ainda pelo apuro estético, demasiadamente torturado, dos Goncourt, o que aliás, para alguns, constituía mais o efeito de uma psicose lenta, de um estado mórbido, do que manifestações de um ideal artístico propriamente dito. A ironia alfinetante e alada, a limpidez castália da frase, a propriedade exacta do epíteto — tais são, a meu ver, as qualidades primordiais do seu estilo... Os seus livros... vieram provar que não é a feição das palavras, nem a sonori-

dade, nem ainda a sua quantidade, que tornam feliz uma expressão, mas, sim, a qualidade delas, ou, melhor, a propriedade com que são applicadas... Possuía, como nenhum escritor actualmente na língua portuguesa, todos os miríficos segredos da palavra... Demais êle conseguiu aliar a *verve* gaulesa e o *humour* britânico à suavidade encantadora do idioma de Manzoni. A observação aguda, velada sempre de um idealismo ténue, o temperamento poético e o espírito crítico, a naturalidade doce da expressão — tudo isso, quintessenciado com uma finura originalíssima, o coloca ao lado dos maiores escritores da língua e o torna o primeiro da actualidade...»

O intelligentíssimo Eduardo Prado, no n.º 10 da *Revista Moderna*, em que começou a publicar-se a *Ilustre Casa de Ramires* (Paris, 20 de Novembro de 1897):

«Newcastle, Bristol... não foram postos de observação (porque E. de Q. pouco observa das terras onde está) mas teve ocasiões para adivinhar a Inglaterra. O que via, com a intensa visão que supre a realidade, era Portugal. Em Inglaterra escreveu muitos dos seus livros... Nada de inglês nêles... A influência inglesa sobre Eça de Queiroz contribuiu apenas para desfrancesar o português... A mudança para Paris completou para E. de Q. a dolorosa desilusão. A França mãe das nações latinas, Paris capital do mundo, tudo isto soava-lhe já aos ouvidos como ecos de uma retórica, que não correspondia mais à realidade. A época era da autonomia de cada povo... A produção de E. de Q., nestes anos de retiro em Neuilly, tem sido muito grande. O romancista tornou-se crítico, moralista, ensaísta, e cronista de um vigor, de uma originalidade, e, sobretudo, de

uma elegância, sem rivais na língua portuguesa. O seu estilo tornou-se cada vez mais seu... À medida que cresce esta produção, a severidade de E. de Q., que tanto se tem adogado quando trata dos outros homens, tem crescido regularmente para consigo mesmo, chegando a um escrúpulo quasi doentio no cunhar e no burilar da frase perfeita...»

José Verissimo, o notabilíssimo crítico e historiador da literatura brasileira, escreveu e publicou, em *Homens e Coisas Estrangeiras*, 1.^a série, Rio, 1902, pág. 347 e ss.:

«... o maior romancista português de todos os tempos: Eça de Queiroz... Não só em Portugal, foi eminente o seu lugar e larga a sua influência, senão também no Brasil, que principalmente d'ele aprendeu o naturalismo, sem entretanto haver produzido nenhum naturalista que se lhe equipare... Ele tinha ao demais — o possuía talvez como ninguém depois de Garrett — o dom da língua, mesmo quando ainda não a sabia perfeitamente, nem a empregava com a mestria com que acabou por manejá-la... O naturalismo segundo os seus mestres franceses era a parte adventícia d'ele... O drama e os personagens burgueses da *Relíquia*, por exemplo, são do mais acabado realismo... Mas esse drama, e essas personagens os envolveu em uma ficção da mais alta e da mais bela fantasia, soltando a tóda a rédea a sua imaginação romanesca e lírica, e dando à língua portuguesa, no sonho de Teoderico, um dos mais belos e mais perfeitos trechos de prosa. Aos que maisnam a insuficiência da nossa língua, basta esse trecho para desmentir-los... É perante escritores do seu valor que compreendemos a solidariedade que a mesma língua estabelece entre literaturas diferentes... O que foi Garrett para a língua portuguesa na

primeira metade do século, foi Eça de Queiroz na segunda. Os seus últimos escritos, e as edições definitivas dos seus primeiros livros, são o mais excelente exemplo da correcção unida à elegancia, à beleza verdadeiramente artística de uma língua que, conservando a sua pureza, a sua índole, mostra-se plástica bastante para exprimir nas suas mais delicadas e subtis gradações toda a gama das ideias e sensações modernas.»

. . .

Cremos que bastarão os oito depoimentos, por nós apresentados, de ilustres escritores brasileiros, para que bem recordada fique a grandeza dos serviços que deve ao génio de Eça de Queiroz a unidade da língua comum. Sobre a influência por elle exercida no Brasil e o culto que ali lhe prestaram e continuam prestando as várias gerações de homens de letras que se seguiram ao Mestre, pode e deve ler-se o belo livro do sr. Alberto d'Oliveira sobre *Eça de Queiroz*. E, já que dêste viemos a falar agora, reate-mos com elle o desfile de críticos portugueses que se referiram admirativamente à prosa do grande escritor:

«Ali estava, pois (num dos cais do Sena, em Paris), diante de nós, à procura das obras-primas dos escritores clássicos, o escritor que renovara uma língua quasi sem a saber, o pintor e poeta que tudo pintara e evocara com uma paleta e um vocabulário pobres, sem adjectivos, sem sinónimos, pouco a par da syntaxe e desdenhoso da etimologia. Jamais, na nossa literatura, alguém desenhou mais nítidas paisagens, modelou mais

vivas figuras, pôs em circulação maior número de ideias e imagens, anotou mais incoercíveis sensações, desbanalizou e reconheceu mais palavras gastas, melhor descreveu, melhor narrou, mais de perto atingiu as fronteiras da realidade e as fontes da vida!... E era de ver a modéstia sincera e humilde com que se queixava, a dois rapazes ignorantíssimos, das suas insuficiências de linguagem e de erudição, o prodigioso escritor que tempos depois (como o ouvi notar, com admiração, a Oliveira Martins) resumia soberbamente, em três páginas da *Ilustre Casa de Ramires*, tóda a história de Portugal; e que nesse livro, e em todos os da última fase da sua obra, ampliou e enriqueceu até à sumptuosidade o seu estilo, chegando assim a ser também erudito e também vernáculo, com mais brilho e êxito que outros que só isso eram!... (1) Eça de Queiroz reanimou a língua, ensinando-a a tudo exprimir, com uma limpidez e variedade que não provinham da abundância ou pureza dos vocábulos, mas da frescura, intensidade, amplitude e novidade genial das sensações. Meia dúzia de traços e palavras bastavam-lhe para criar vida. Sem dispôr do vasto dicionário nem da maior erudição de outros escritores, as suas obras não nasciam mortas, como tantas vezes as deles... (2) Observemos ainda que êle, desejando vitalizar uma literatura que continuava a alimentar-se de mal aproveitadas fontes tradicionalistas, e *onde tudo era antigo* (são os próprios termos da sua famosa conferência do Casino) se voltou com

(1) *Eça de Queiroz, Páginas de memórias*, Lisboa, 1919, pág. 37 e ss.

(2) *Obra cit.*, pág. 79.

igual exclusivismo para os termos e os quadros novos, e *não quis* anotar e descrever senão o moderno e o contemporâneo, com tintas e palavras da mesma idade, preferindo o neologismo ao arcaísmo e o vocábulo vulgar ao obsoleto... Ao enjoo provocado por um lirismo e tradicionalismo affectados e sem seiva, e por uma linguagem em que os cuidados do dicionário e da gramática afogavam os da inspiração, succedeu naturalmente um entusiasmo faccioso pelas novas receitas literárias... (1) Eça de Queiroz era, por muitos aspectos do seu talento, um escritor clássico. Sobriedade, transparência, harmonia, equilíbrio, perfeição — tais eram as qualidades que elle mais prégava nas obras de arte e as que com mais afincio procurava realizar na sua obra. Nenhuma leitura lhe era mais grata e de melhor conselho que a dos poemas de Homero... Lia com gosto os versos amaneirados, mas tão cuidados, de Castilho — do mesmo Castilho contra cuja hegemonia literária ajudara a conduzir o assalto irreverente — e até notava com acerto que um ou dois Castilhos estavam fazendo falta ao nosso tempo, para ensinar a escrever os escritores, prevenindo-os contra as negligências da linguagem e as preguiças e ignorâncias da improvisação...» (2)

Para a lúcida e sensível Maria Amália Vaz de Carvalho «o estilo de Eça, que foi sempre muito pessoal, mas que era sobretudo poderoso de ironia ou de sensibilidade atormentada, tem ido gradualmente tomando formas

(1) Obra cit., pág. 62 a 64.

(2) Obra cit., pág. 183 e 184.

novas, relevos de medalha antiga, harmonias que fazem dêle uma delícia...» (1)

Ao inaugurar-se o monumento de Queiroz, referindo-se propriamente ao prosador, disse a saudosa escritora:

«... Êle ali estava, com a face vincada fundamente pelos sulcos que a sua dolorosa sensibilidade cavara em longos anos de trabalho mental, de luta com o árduo instrumento de uma língua formosa e rica, mas afeiçoada, pelo classicismo de séculos, a exprimir sómente ideias abstractas, a descrever sentimentos universais, a amar as grandes sínteses eloqüentes, sob as quais as múltiplas misérias da moderna humanidade não acham abrigo nem fórmula...» (2)

Referindo-se à reacção literária nacionalista de 1890, mostra o eminente pensador e pedagogo sr. António Sérgio (3) que foi Eça de Queiroz, já em 1889, um dos primeiros arautos de tal movimento, exultando, no artigo *A Rainha* (4) com a inesperada e prometedora renascença do nosso nacionalismo, e revelando nesse mesmo trabalho o gosto de citar velhos textos e antigas personagens portuguesas. Literariamente considera o autor dos *Ensaíos* que Eça de Queiroz foi, na sua geração e depois de Antero, «o homem mais clássico de temperamento e veio a reconhecer com nobre franqueza a soberania dos princípios clássicos».

(1) Palavras escritas em 1897 e publicadas na *Revista Moderna*, n.º citado.

(2) V. *No meu cantinho*, Lisboa, 1909, pág. 172 e ss.

(3) V. *Ensaíos*, Rio-Pôrto, 1920.

(4) V. *Notas contemporaneas*, 1.ª ed., pág. 491 a 510.

Sôbre a prosa de *Os Maias* diz o sr. **Manuel da Silva Gaio** (1) poeta e prosador dos mais distintos:

«**É rica e simples**, tendo ao mesmo tempo as suaves atenuações que são um dos encantos da sua vasta escala melódica de poeta. Há nela tudo o que faz logo adivinhar o artista de raça: **o mesmo vocábulo, a mesma palavra, ao construir o período, a frase, toma uma ou outra côr, vibra dum ou doutro modo, tem um determinado valor, segundo os elementos com que se combina na resultante da expressão**, em que se sente o estremecer de uma alma tôda posta no que escreve; límpida e pura, a sua forma tem a harmonia do acorde, e desdobra-se em doces cromáticas. Não lhe é indiferente nada que possa dar-lhe um relêvo, impor-lhe um contôrno, desenhar-lhe ousada, mas sempre clara e correctamente, uma attitude. Não se contorce, mas não se espreguiça desleixadamente pela sua prosa. **Dá-nos, pelo fogo e vida que lhe anima as páginas, antes a ideia de fundir os seus períodos do que de esculpi-los.**»

Dois críticos insuspeitos de desprêzo ou desamor da língua clássica, o sr. **Mendes dos Remédios** e **Manuel Pinheiro Chagas**, prestam, cada um a seu modo, rasgada homenagem aos merecimentos excepcionais de Queiroz, como prosador,

O primeiro afirma, na sua *Hist. da Lit. Port.*, que o que principalmente prende e seduz o leitor é *a magia do estilo, viro, novo*,

(1) V. *Um anno de chronica*, Lisboa, 1889, pág. 123 a 169.

de riquíssima policromia; o segundo, no próprio relatório onde condenava *A Relíquia*, quando este romance foi apresentado ao concurso para o prémio de D. Luís I, faz o seguinte curioso elogio do estilo de Queiroz:

«... Mas o génio do escritor sente-se em todo o caso nesse livro, tão falto de unidade lógica; e o sonho da Paixão, logo que o leitor se esqueça de quem é a personagem que sonha, é de uma beleza verdadeiramente admirável. Sobretudo apontamos, como um dos trechos mais brilhantes, que resplandecem na nossa literatura, a transição da realidade para o sonho... O autor pinta tudo... numas meias tintas com tal arte combinadas, que parece efectivamente que em tórno de todas estas paisagens e de todas estas personagens flutua aquele véu de neblina que dá um tom vaporoso ao cenário e às figuras dos sonhos; que esses rumores não tenham ecos: são baços como os que em sonhos ouvimos...»

O moço e ilustre prosador e crítico sr. Manuel de Sousa Pinto observa, no *In Memoriam* de Eça de Queiroz, organizado com amor pelos drs. Eloy do Amaral e Cardoso Martha (Lisboa, 1922, pág. 115):

«... Das carunchosas traves e dos emperados ferrolhos da língua, escravizada ao lugar-comum, fêz o nosso elegante S. José Maria, renovando-lhe os modelos, brotar uma fecunda primavera. | Que lhe atire a segunda pedra — a primeira trazia gravado o grande nome de Fialho — aquele dos escritores de Portugal ou do Brasil que não tenha ido buscar à obra d'ele alguma maneira de ver ou de dizer as coisas!»

No mesmo *In Memoriam*, pág. 120, diz o conhecido e erudito polígrafo sr. Alberto Pimentel:

«A mais viva impressão que me deixa o Eça, sempre que o releio, já por duas vezes a expressei em público: num artigo datado de 1913 — «Hoje, encarando o passado com larga serenidade, não se pode negar que a literatura portuguesa deva a Eça de Queiroz a pintura, a côr do epíteto, a noção da luz e da verdade fotográfica na escolha de adjectivo»; e em 1915, num livro: — «... Eça de Queiroz, para quem o estilo era, apaixonadamente, a côr, o som, a escultura e, por vezes, o sonho doirado que diviniza o vago pensamento.»

Vejamos por último o autorizado critério do sr. Júlio Brandão, um dos melhores prosadores e críticos portugueses contemporâneos:

«Ninguém trabalhou com mais graça a prosa portuguesa. Outros teem possuído mais ritmos, maior opulência verbal, syntaxe mais lusitana e mais válida, nenhum o excedeu em bom gosto (como outrora a Garrett), em scintilações de humorismo, na harmonia lenta e vaga, na cultura amorosa da imagem, que êle trata como se cuidasse das flores dum jardim encantado. Nas combinações dêsse criador de Beleza — sem preciosismos, sem parnasianismos — a palavra ganhou novo viço, como se fôsse uma já gasta moeda que êle cunhasse de novo. Deu a um Léxico às vezes maltrapilho foros de idioma rico; soube-o vitalizar, criar-lhe outra expressão, cheia de frescura e leveza. Fêz entrar o vocabulário pobre no salão das nossas letras — expressivo, sugestivo, todo vestido de novo. Porque as palavras parecem feitas de cera, para

cada artista as moldar diversamente nas mãos felizes e criadoras... E cada vez o escritor foi sendo mais perfeito, mais opulento, com mais amplitude, mais sonho e ritmo. A língua enriquecera-se-lhe no cultivo dos clássicos, mas nunca perdeu o carácter pessoal, êsse *quid* indefinível a que chamamos estilo, um relêvo muito seu, elegante sem maneirismos, e por ventura, nas páginas derradeiras, mais soberanamente formosa» (1).

(1) V. *In Memoriam* de Eça de Queiroz, Lisboa, 1922, pág. 159.

II

DOIS DETRACTORES

SE a respeito do valor positivo de Eça de Queiroz, como prosador português, existe litígio, e se este deve resolver-se por maioria de votos dos competentes, não há dúvida que o pleito está ganho pelo autor de tantas obras-primas de estilo, e pelos que o admiram e louvam. Num trabalho de natureza documental como este, convém no em-tanto que se assegure a devida representação da minoria, e por isso vamos patentear ao Leitor dois depoimentos contrários, que aliás não teremos tempo de instar ou contraditar miudamente. Transcrevê-los hemos por isso sem longo comentário, considerando que a defesa já expressa reduz a pouco ou nada a acusação que aí vem.

Só conhecemos um trabalho longo e especial de crítica geralmente desfavorável a Eça de Queiroz: um volume de que é autor o sr. **José Agostinho** (*Os nossos escritores — IV — Eça de Queiroz*, Porto, 1909) e em que, ao longo de mais de cem páginas de erudição literária e filosófica, se discute e combate em geral o positivismo, o materialismo, o dilettantismo, o francesismo e modernismo da linguagem, chegando-se à conclusão de que os livros de Eça de Queiroz *são na essência*, e

quási sempre até na forma, a corrupção viva; que ler esses livros é descrever da pátria e da família, da colectividade e do individuo, do progresso e da liberdade, da fé e da moral... e renegar da boa linguagem dos nossos avós.

Pelo tom d'estas frases pode o Leitor avaliar do livro inteiro, cujas características bibliográficas ficam apontadas acima, para que possa facilmente ser consultado *in extenso*. Por agora interessa-nos apenas registrar a opinião do sr. José Agostinho sobre a prosa e o estilo de Queiroz, visto que já dissemos, no primeiro volume desta *Antologia*, o que pensamos e sentimos do aspecto moral do grande escritor.

Ler Eça de Queiroz equivale portanto, segundo o illustre crítico, *a renegar da boa linguagem dos nossos avós*. Só para este lamentável effeito não se faz contudo mister, cremos nós, frequentar a má companhia do autor do *Suave Milagre*, da *Aia*, do *Tesouro*, da *A Cidade e as Serras*, etc. Basta ler o sr. José Agostinho... e toda a gente que, como ele, e nós, e vós, e eles, renegou da boa linguagem do avô Castilho, do avô Garrett e do avô Herculano — para não falarmos já do avô Fernão Lopes, do avô Barros, do avô Camões; e de outros.

Pensa porém o crítico (pág. 127 do seu trabalho citado) que os livros de Eça de Queiroz teem *belezas de estilo*, e (pág. 126) *páginas de factura maravilhosa*. Verdade seja que (pág. 117) Eça de Queiroz *não realizou nem o belo artistico nem o belo moral*: mas também é certo que (pág. 118) *êle nos deixou páginas lapidares, trechos que teem de ficar, como documentos dispersos dum valor artistico de primeira grandeza*. O pior é que (segundo se lê na mesma pág. 118) *prosa portugueza raras vezes a fez, e raro deixa de nos dar um retórico afrancesado e vazio*. Assim nos des-

consola o sr. José Agostinho, depois de nos ter animado pouco antes (pág. 100), ao dizer-nos que na «Correspondência de Fradique» se *impõe, natural e vivo, o estilo, naquelas páginas, das mais belas da nossa literatura*. Mas, ¿com que elementos elaborou Queiroz essas páginas da *Correspondência*, «das mais belas da nossa literatura»? Não podia ser senão com aqueles a que o sr. José Agostinho se refere nos seguintes termos, a pág. 117 do seu livro: «Eça de Queiroz, *pretendendo melhorar a língua, barbarizou-a; substituiu as sonoridades falsas dos romanticistas por uma opulência de frase que teve uma vacuidade incontestável quasi sempre; e o substantivo, em Eça, raras vezes é espontâneo e forte, um termo secundo e duradouro*».

Não me faça o Leitor dizer que o sr. José Agostinho se contradiz algum tanto, de página para página. Deixe-me antes admirar mais ainda o grande Prosador que escreveu centenas de páginas *das mais belas da nossa literatura*, na própria e insuspeita opinião daqueles que entendem que *êle barbarizou a linguagem*, e que teve, sob opulências de frase, uma *vacuidade incontestável quasi sempre*.

Ponhamos de parte, para quando formos mais inteligentes, aquela afirmação, que por em-quanto não entendemos, de ser *o substantivo, em Eça, raras vezes espontâneo e forte, um termo secundo e duradouro*; e concordemos abundantemente com o sr. José Agostinho, na sua engraçada e justiceira troca da macaqueação que se fez da *prose artiste* de Queiroz — daquilo que era menos seu e, talvez por isso mesmo, mais fácil de ser imitado:

«Fervilhavam contistas e romancistas *à Eça*, incluindo o monóculo e habituando-se to-

dos a escrever assim: *Môscas voavam. Homens cantavam... crianças vagiam. O sol, glorioso, escaaldava... Punha uma nódoa na relva o luar que nascia. Que sim, que veria, que estudaria...* E belos espíritos viram o realismo quási só no repisar destas locuções, e, dentro delas, na pornografia barata e em blasfémias um tanto aguardentadas e peliutras.» (1)

¿ Belos espíritos ? Talvez — mas pobres caracteres. E o génio não é responsável da raridade do génio, nem da falta de carácter dos seus alunos ou devotos.

Acusa o sr. José Agostinho a Eça de Queiroz de «ir à França pedir não só as ideias como «o estilo, esmagando-se a si próprio, desvirtuando os progressos de uma língua que êle «conheceu depois tão bem, mas já sem a poder servir com perfeita liberdade, porque «estragara profundamente o que para isso «tinha de ótimo dentro do génio e do saber». (2)

Se fôsse crime ir buscar ideias à França, tínhamos de meter na cadeia o sr. José Agostinho, que no seu livro critica Eça de Queiroz principalmente, se não unicamente, com ideias francesas. Grande empório de ideias é aquele ditoso país, que sabe educar e instruir melhor que nenhum outro no mundo inteiro os seus artistas e literatos. E o próprio Eça de Queiroz provou magnificamente, no artigo sobre o *Francesismo*, que o seu crime, a este respeito, era o crime de quási todo o Portugal, no seu tempo, como aliás o fôra já antes e continua a ser hoje.

(1) Obra citada, pág. 90.

(2) Obra citada, pág. 82-83.

Dizendo que Eça de Queiroz *se esmagou a si próprio*, por ter ido buscar também à França o *estilo*, o sr. José Agostinho baralha ideias que anteriormente (pág. 30) ennaipara menos mal, quando disse que o grande novelista *contrariou em si próprio... uma forte e triunfal corrente daquele espiritualismo que nos últimos tempos da vida do romancista emergiu dêle*. Aparte o epíteto *triumfal*, que não vem a propósito, porque não há *triunfo* naquilo que está *contrariado*, tudo mais parece certo, se quer dizer, como diz toda a gente, que o Eça de Queiroz da segunda fase abafou sob a densa pantalha do naturalismo estreme a chama de imaginação, fantasia e espiritualismo, que lhe irrompia do génio. Quanto ao *estilo* do grande escritor, êsse não lhe veio da França nem da China, pela razão simples de que vinha de dentro dêle, como de dentro de todo o escritor que tem *estilo* vem todo o *estilo* que merece tal nome. O que a Eça de Queiroz veio de França, real e infelizmente, fôram certos quindins, já mencionados e troçados acima (1), da *prose artiste* dos naturalistas, além de muitos galicismos de syntaxe e de léxico, a que adiante reservaremos um capítulo. Isto é lamentável, de-certo; mas não é *estilo*: é gramática. Contra esta praticou Eça de Queiroz delitos graves, que ninguém deve imitar; isso, porém, não o impediu de fazer progredir a língua, como pensam tantos escritores ilustres, em vez de, como diz o sr. José Agostinho, *lhe desvirtuar o progresso*.

(1) V. pág. xxxix desta Introdução.

No próprio dia 16 de Setembro de 1900, em que chegaram a Lisboa, a bordo do transporte *Africa*, para serem sepultados no dia seguinte entre os ciprestes do Alto de S. João, os despojos mortais de Eça de Queiroz — publicava-se na mesma Capital o n.º 40 da revista ilustrada *Brasil-Portugal*, inserindo o célebre e ferocíssimo artigo em que Fialho de Almeida praticou, sobre a cova do grande escritor, aquela feia acção que a linguagem do povo define por meio de uma metáfora tão suja como enérgica.

Se as hienas desenterrassem cadáveres não para os comer, mas para achincalharem com volúpia e escândalo as vidas que antes os animaram, poderia bem aquele artigo de Fialho de Almeida ser assinado por uma delas. E o que de mais honroso pode dizer-se para a memória do crítico que assim procurou desonrar a memória do artista, é que Fialho de Almeida enlouquecera de furor camiliano, no preciso momento em que começou a escrever aquelas repugnantíssimas páginas.

O artigo macabro termina assim, contrapondo Camilo a Queiroz:

«Houve, é certo, nesta metade do século, um grande escritor português que não foi cônsul nem *dandy*, e de tudo escreveu páginas supremas, e fez da língua dura dos *chronicons* um instrumento sonoro, maravilhoso, elástico e vibrante, exprimindo à nossa moda, fazendo chorar, fazendo pensar, fazendo rir, como há sete séculos exprime, chora, pensa e ri *todo o animal da nossa raça*, que, seja o que fôr, não é menos esperto, nem menos bravo, nem menos progressivo, nem menos probo, nem menos digno da civilização

do que qualquer outro homem, trigueiro ou loiro, saxónio ou latino, surto em país de próspera fortuna!...»

Considerando que a nossa raça é a latina, e não outra, tudo o que Fialho de Almeida aqui diz para exaltar Camilo, pode aplicar-se quasi *ipsis verbis* também a Eça de Queiroz. É o que o crítico foi desenterrar ao cemitério para deprimir Queiroz — o consulado e o janotismo — fará sorrir da crítica impulsiva todo o homem sereno, que não pode ver na deselegância de Camilo um crime do janota Eça, nem no *cônsul* por modo de vida pior exemplo literário que o do *visconde* por vaidade honorífica.

Mas, além de disparatado, êste jôgo crítico de trazer para o julgamento das obras de dois artistas o seu modo de ser físico, atávico, moral e social, pode ser também perigoso e contraproducente, como facilmente reflectirá tôda a gente que conheça bem a vida daqueles grandes génios que Fialho de Almeida quis engrandecer ou diminuir um pelo outro. Confinando-nos por agora à nota patriótica, que lhe pareceu assaz teatral para fecho da sua intempestiva catilinária, concordemos com Fialho que o Português não é nem menos progressivo, nem menos esperto, nem menos bravo, nem menos digno da civilização que qualquer outro homem. E esperemos em Deus Nosso Senhor que a história dos Portuguezes do século XIX — dos que contribuíram para a civilização portuguesa dentro e fora da sua pátria — não venha a escrever-se pelos traslados da *Corja*, do *Eusébio Macário*, da *Brasileira de Prazins*, da *Queda de um anjo*, e de quasi todos os melhores livros do nada *cônsul*, nada *dandy*, nada *francês*, nada *irónico* Visconde de Corrêa Botelho...

Em vez de opormos azedamente, como fêz

Fialho por irreflectido patriotismo, o grande Camilo Castelo Branco ao grande Eça de Queiroz, manda o verdadeiro patriotismo, quando não o próprio senso-comum, que unamos os dois prosadores na mesma admiração e no mesmo agradecimento de bons Portuguezes atilados e serenos. Belo exemplo nos deu nesse sentido o falecido escritor Caldas Cordeiro, *lerando a sua admiração por Eça e Camilo a ponto de subscrever as suas prosas com o pseudónimo de Camilo Queiroz*. (1)

Já vimos acima—pág. XV desta Introdução—como o próprio romancista do *Amor de Perdição*, falando do *Mistério da Estrada de Sintra*, declara ter sido esse livro «que iniciou a reforma das milícias literárias indígenas, a tropa fandanga de que eu fui cabo de esquadra», e acrescenta: «A evolução do estilo data de aí». Há com certeza nestas palavras mais profundeza e mais verdade, do que pode supor quem nelas superficialmente veja simples cumprimento de bom príncipe das Letras a camaradas mais novos, ou até um desabafo irónico do artista clássico superior, que se julga lesado pelo aplauso público a jovens bárbaros irreverentes e incómodos. Quem assim pensasse não cairia em si da surpresa de ler estas palavras, estampadas entre as sábias anotações de uma *Antologia* de Camilo, feita no Brasil:

«É (o *Amor de Perdição*) o mais popular dos romances do grande escritor. ¿Será o melhor? O autor não o julgava tal, e antepunha-lhe outros da mesma época, levantando acima de todos o *Romance de um*

(1) V. o artigo do sr. Agostinho Fortes no *In Memoriam* de Eça de Queiroz, Lisboa, 1922, pág. 333.

«*homem rico*. Estamos com êle, se nos houvermos de encerrar naquele período de produção literária. Mais tarde o realismo, de «cuja falsa compreensão êle fêz a caricatura «mais estrondosa nas gargalhadas que provocaram os seus romances «Eusébio Macário» e a «Corja», empolgou-o com tal violência, que foi nos seus últimos livros, «Nove-las do Minho», «A Brasileira de Prazins», «O General Carlos Ribeiro», «O Vinho do «Pôrto», e noutros de feição naturalista, que «a sua arte atingiu a maior altura, dispondo «êle, ao tempo, de vocabulário ainda mais «copioso, opulento no correr dos vinte «anos que se seguiram à fase anterior, consagrados a ennobrecer o idioma em que fundiu a sua obra». (1)

Inútil acrescentar que esta influência do naturalismo se resume, bem feitas as contas, à influência de Eça de Queiroz...

. . .

No tocante à crítica da prosa de Eça de Queiroz, que é o que neste momento particularmente nos interessa, começa Fialho de Almeida, no citado artigo da revista *Brasil-Portugal* (2) por elogiar o estilo de Queiroz, mas do Queiroz principiante (o dos folhetins da *Gazeta de Portugal*) chamando *fluida* a

(1) V. *Estante Clássica da Rev. de Língua Port.*, vol. VIII, Rio, 1922, pág. 226. As anotações são do eminente académico e professor brasileiro, dr. J. J. da Silva Ramos.

(2) Nas páginas seguintes, até final deste capítulo, reproduzimos o que recentemente dissemos em *As três prosas: A pobre, a rica e a nova-rica*, Lisboa, 1923, pág. 48 e ss.

essa prosa, e cheia de maravilhosas asas que a baloicam; a seguir, e a propósito das *Farpas*, diz Fialho que o estilo queirosiano é aí um estilo de nervos e de esgares, e que, mais feita a mão do escritor, ganha justeza a forma, brunindo-se de flexuosidades de aço e de oiro fino. Adiante, porém, depois de ter elogiado a prosa de Eça de Queiroz ainda imperfeita, deprime Fialho o escritor na sua fase de maturação, contradizendo-se aliás a si próprio, além de pôr-se ao arrepio do sentimento e da opinião de toda a gente. E lá vem a cega-rega da pobreza de vocabulário e de syntaxe, dos períodos curtos e da ausência de inversões e complicações, adubada ainda com a estupenda acusação de falta de nitidez. ; Falta de nitidez, no mais nítido, claro e fluido escritor português de todos os tempos!

Vejamos as próprias palavras d'este crítico, oficial do mesmo ofício e cheio de paixão:

«A primeira coisa que salta é a pobreza estrutural do estilo e a miséria profunda do vocabulário repisado. Comparando trabalhos de maturidade com os primeiros ensaios da *Gazeta de Portugal*, sente-se que o escritor neste campo declinou, ou, melhor talvez, não progrediu...»

Podemos bem dizer a Fialho que aqui é que não há nitidez: se Eça de Queiroz não progrediu, estacionou; se estacionou, não declinou; e se não declinou, já não estava nada mal, visto que o mesmo Fialho de Almeida, poucas linhas acima, como já vimos, tinha achado no estilo dos folhetins da *Gazeta* nada menos do que *fluidez e maravilhosas asas a baloicá-lo*; e depois, no estilo das *Farpas*, *mão já mais feita e uma forma brunida de flexuosidades de aço e de oiro fino*. Pergun-

te-se de passagem aos manes de Fialho o que são *flexuosidades de oiro*, metal que não costuma ser flexuoso, a não ser no estilo rico; e pergunte-se-lhes ainda se *brunir de flexuosidades* não será *brunir e desbrunir* ao mesmo tempo, e mostrar assim que a riqueza de vocabulário pode ocultar certas vezes sua misérianzinha de razão ou de lógica.

Mas a seguir disparata Fialho inteiramente, quando diz:

«Estilo de períodos curtos, e às vezes, pelos rebocos sucessivos da recópia, *pouco nitidos*, cuja estrutura derreada se repete em rosários de orações idênticas de ritmo, sem inversões nem cadências, traindo o esforço duma observação sem subsídios, e a amnésia da fantasia, que, perdido o hábito do sonho, não pode mais, pela secura congénita, recorrer ao sentimento.»

Nestas linhas nega Fialho a Eça de Queiroz, a-propósito de pobreza de estilo, as próprias qualidades que em Queiroz exuberam com maior evidência: a nitidez, a observação, a fantasia, o sentimento. E isto é bem triste, mas não nos interessa muito, de momento. O que nos interessa é mostrar que a riqueza de estilo não está na abundância de vocabulário, nem nos períodos compridos, nem nas inversões e complicações de sintaxe. E para isso vamos agora responder a Fialho de Almeida crítico com Fialho de Almeida artista, transcrevendo as duas últimas páginas dos *Ceifeiros*, que é o mais conhecido e celebrado trecho d'este grande artista. E vamos mostrar que nessas duas belas páginas não há, nem precisava de haver para as tornar belas, nem abundância de vocabulários, nem períodos compridos, nem syntaxes mais

variadas do que aquelas que Fialho depri-
mia em Queiroz:

«O sol devora o ar; o termómetro ao sol faz 50 graus completos, temperatura das primeiras vinte léguas de areia do Sahará; nos bordos do horizonte o céu parece estúpido, baço de pó, dum azul trepidante no zenite; e por mais que se contemple o quadro diabólico, feito de sol, de banalidade, de malevolência e de grandeza, impossível encarar sem pavor essa desmesurabilidade de linhas, êsse vazio espaço, essa nudez da terra côr de cinza, extenuada num estupor sem outro igual. Mas o que êles (os ceifeiros) querem, é abandonar-se, cair p'rá ali, seja onde fôr. Alguns tiram a roupa encharcada e fétida do suor; e entre as estevas, imundos, nus, tombam de bruços, deslumbrados, incapazes dum esforço, flácidos, com a inquietação sinistra da hora, um pêso de cérebro que parece a cabeça rebentando do crânio, inchada de calor, e revolvendo sem apetite os alforges, com o paladar encortiçado, o pão sabendo a terra, a água a caldo, a bôca a lôdo — e uma ânsia de dormir, atroz, complicada do terror de ficar ali na primeira letargia. (1)—Dormir! Tortura nova, a mais maldita e a pior, que os estortega. Fecham os olhos, amadornam, mas os sentidos, exasperados da luz contínua, piafam na alucinação, como cavalos de ciganos, bêbados de aguardente. Ao ouvido o zumbir das varejeiras e atabões dá-lhes a ilusão do falazar

(1) Não parece excessivamente longo êste período; e todavia o insigne Fialho perdeu a meio dêle o cêmo da lógica, dando-nos por isso *cabeças a revolverem alforges*, coisa que de-certo não lhe estava no espírito, mas reavalou para a expressão.

de muita gente, e vezes sem conta se erguem para apartar factícias guerreias. As mesmas desordens no olfacto, onde o simples travo do feno aquecido se lhes exagera na pituitária, por modos de lha iludir co'as asfixias dum incêndio; e calcula-se o sobressalto, sabendo como os fogos sejam, naquela região sem água, o ululante dragão devastador! Mas alucinação torturante é a da vista. Ficou-lhes no cérebro uma claridade que se refracta através do sono, e faz das pálpebras stores escarlates; de sorte que, mesmo dormindo, os ceifeiros não cessam de sonhar intensos sóis, de ver, no campo dos olhos fechados, môscas de fogo, fosfenas, reverberos e instantâneas auroras boreais... Ao cabo de algumas horas dêste estado congestivo, o desejo das trevas toma um carácter de ânsia adusta, e é neste momento que a impaciência faz pruridos na pele, e prepara aos moscardos ocasião de exaustinarem melhor o paciente. As cegueiras periódicas são também, nestas ocasiões de trabalho, freqüentíssimas, e derivam da afluência de sangue à base do cérebro, da acção persistente do levante, e da fadiga em-fim dos nervos visuais. Começam por vislumbres, vendo-se tudo súbitamente amarelo de fogo, ou azul, que se acentua com uma zoeira de ouvidos, até que no fim de cinco minutos é abolida a discriminação das formas, e fica apenas uma noção de névoa, onde se movem sombras indistintas...» (1)

Se tivéssemos tempo e espaço, fariamos agora elucidativos confrontos dêste belo pedaço de prosa com outros de Eça de Queiroz, em que a alucinação, o mêdo, o perigo, são

(1) V. Á. *Esquina*, Coimbra, 1903, pág. 77 e s.

pintados com não menos comunicativa intensidade. Assim, limitar-nos hemos a acentuar:

- 1.º Que a beleza daquelas páginas de Fialho não lhes vem dos plebeísmos *co'as asfixias*, *ficar pr'á li*, *falazar*, e outros.
- 2.º Que não há neste trecho abundância ou variedade notável de vocabulário. Notei apenas os provincianismos *guerreia* por *desordem*; *atabões* por *moscardos*; o termo médico *fosfena*; o galicismo *piafar*, em bom português *campear*, aliás pouco applicável a cavalos bêbados de ciganos.
- 3.º Que em vinte e um períodos que se podem contar na transcrição feita, não se deixando a gente iludir pela pontuação, nada menos de *dezanove* são períodos curtos ou *curtissimos*!
- 4.º Que em duas páginas de prosa empregou Fialho de Almeida apenas *uma* das tais *inversões*, cuja falta censura em Queiroz.

III

PECADOS DE EÇA DE QUEIROZ CONTRA A LÍNGUA

JÁ mostrámos, na Introdução ao primeiro volume desta *Antologia*, e num tom que nos pareceu conveniente não fazer descer da escala do espontâneo entusiasmo sincero, o alto valor moral e artístico da figura literária de Eça de Queiroz. Já procurámos desfazer, em a nossa citada palestra sôbre *As Três prosas*, a atoarda de que o estilo de Queiroz é pobre, por não ser complicado. Já pusemos diante dos olhos do Leitor, no primeiro capítulo dêste prefácio, o depoimento quasi unânime da opinião-pública literária do seu e do nosso tempo, sôbre a excelência da prosa queirosiana e a significação positiva do seu influxo no desenvolvimento e melhoria da própria língua portuguesa.

E' tempo, agora, de falarmos dos delitos que o Escriitor cometeu contra essa, visto havermos já ganho, com o nosso procedimento anterior em face da memória do Artista, a necessária autoridade moral para o fazer; e também porque, se omitíssemos o cumprimento dêsse dever cívico, mal-mereceríamos até dêle próprio, pois deixaríamos assim de servir, com o nosso pouco, a língua pátria — a fala querida que êle tão altamente

honrou e illustrou, com as suas qualidades geniais.

Vamos, pois, direitos às manchas do Sol, visto estarmos aqui, alumiados com as nossas pobres candeias de crítica e de gramática, para as medir e classificar; mas armemo-nos também, ao cumprir essa necessária tarefa, de outros instrumentos adequados: da humildade, que seria ridículo esquecer ante a grandeza do génio; do carinho que devemos à memória de quem tanto delicia o nosso espírito; da gratidão a um dos maiores portugueses que mostraram, só com a sua arte, que Portugal ainda existia no século XIX; da justiça que evita condenar num só os erros de muitos; do optimismo fecundo, que se recusa a chorar inútilmente o irremediável, e faz boa cara a mau jôgo, e enterra os mortos para cuidar dos vivos.

Por *mortos* entendam-se aqui os próprios defeitos de Eça de Queiroz, já semi-sepultos sob o peso de tantas belezas que nos deixou; e por *vivos* os moços a quem endereçamos estas páginas, com o objectivo de que evitem erros semelhantes, que não saberiam compensar, como o Escriptor genial, por meio de altíssimas virtudes estilísticas de renovação e aperfeiçoamento da língua.

Postas em quadro as fraquezas do gigante, avultarão momentaneamente e parecerá que se exumam em vez de se enterrarem; logo porém o optimismo nos consolará, lembrando-nos que o activo d'este opulento espólio literário paira infinitamente superior à cifra das suas dívidas miúdas; que nenhum grande escritor, de nenhum tempo e nenhuma literatura, pôde jamais atravessar incólume a pesquisa microscópica de implacáveis retóricos; que Cícero, o clássico, foi apodado de bárbaro pelo gramático Rufus; e que, no fim de contas, talvez não haja tão agradável ma-

neira, e caminho. portanto, tão pedagógico. de mostrar aos jovens a virulência do barbarismo ou do solecismo, como êste de os joeirar através de uma prosa das mais belas e mais atraentes.

. . .

No esplêndido ensaio sobre o *Francesismo*, quasi todo transcrito neste volume, disse o próprio Queiroz de sua justiça, mostrando bem documentada e convincentemente que não foi no seu tempo galicista isolado entre vernáculos. Acusaram-no de francês, de estrangeirado, de pouco português, portanto; e êle provou que era, ao contrário, portuguesíssimo, num Portugal que abdicara todo da sua velha individualidade nacional, para fazer na política, nas letras, nas artes, no jantismo, em tudo, a macaqueação de Paris.

Disseram que êle ignorava a sua e nossa língua, assacando-lhe com esta generalidade de afirmação uma calúnia, pois o certo é que não só conhecia admiravelmente a fala viva, natural e corrente da sua classe e do seu tempo, como a *sentia, saboreava e assimilava*, tão bem ou melhor do que ninguém. Isto se vê na maravilha dos seus diálogos e na poderosa capacidade, tanta vez por êle exercida, de imitar ou caricaturar o estilo alheio; isto se prova agora pelo facto de se exemplificarem com transcrições dos seus livros, feitas em novos dicionários da língua e outros trabalhos de erudição filológica, grande quantidade de dizeres modernos e portuguesísimos.

Eça de Queiroz ignorava, sim, a língua dos Clássicos, principalmente porque a desdenhou. Influência lamentável dos exageros do sectarismo literário, tão pernicioso como qualquer outro. Porta-estandarte da revolu-

ção dos Naturalistas, possessos de modernidade, de actualidade, de cosmopolitismo, quis ignorar o nacionalismo e o passado, a que a escola moribunda de clássicos e românticos, falha já de viço e frescura, tirava autoridade, encanto e prestígios. E pela sua educação, pela vida que fez longe da Pátria, o grande artista ignorou também e desdenhou a língua do povo, que elle julgava *bronca e pobre* (1), porque nunca ninguém lhe ensinara que nessa é que verdadeiramente latejam riqueza, fantasia, fecundidade — a permanente germinação de novas frondes vivas, alimentadas pela pura e forte seiva do tronco antigo nacional.

Eça de Queiroz foi vítima da falta de crítica objectiva, normativa, pedagógica, que no seu tempo (como ainda hoje) desgraçadamente se fazia sentir entre nós; foi vítima da falta de sciência etnográfica, filológica, arqueológica, falta que depois se supriu com brilho e grande honra nacional, graças à falange de sábios que todos conhecemos e veneramos; foi vítima, em-fim, da ausência de tino pedagógico dos Portuguezes do século passado, incapazes, como os do actual, de organizarem nas escolas o verdadeiro ensino literário, ou outro, a tal ponto que ainda agora se não sabe instituir no liceu e na universidade a defesa da língua pátria, e a própria mocidade que está nascendo para as letras não dispõe por em-quanto de manuais seguros, práticos e sensatos, que a guiem para bem escrever portugêus.

Olhem-se os factos com alguma serenidade e perspicácia — e logo se verá que os defeitos de Queiroz são os nossos, são os de todos; e que nêles poderemos colher lição de-certo

(1) V. *Fradique Mendes*, pág. 91.

não tão brilhante, mas talvez mais acessível e urgente, do que a das suas perfeições.

Em-quanto organizávamos o primeiro volume da *Antologia* de Eça de Queiroz, tomámos nota de uma vintena de galicismos de vocábulo encontrados no texto. Não quer isto dizer que não haja lá mais; é porém certo que, destes vinte, cerca de metade já nos tinham invadido a língua antes de Queiroz a estragar. Tais são:

Avenida, por *alameda* (*Antologia* de Queiroz, vol. I, 113);

Chaminé, por *fogão* (*Maias*, I, 14);

Chocar, por *impressionar desagradavelmente* (*Ant.*, I, 165);

Conduta, por *procedimento* (*Crime*, 201);

Detalhe, por *minúcia*, *pormenor* (*Notas contempor.*, 143);

Um guia (do viajante), por *uma guia* (*Ant.*, I, 164);

Legendária por *lendária* (*Ant.*, I, 7);

Obra (de um escritor), por *obras*, *produção*;

Sòmente, com sentido adversativo, como em: *Sòmente, os chineses puseram, na aplicação deste principio, etc.* (*Ant.*, I, 173);

Vermina, por *bicharia*, *pulguedo* (*Maias*, I, 21).

Quanto aos muitos galicismos de vocábulo de cuja inútil introdução, afeadora da língua, é responsável Eça de Queiroz, uns são meramente ortográficos, como *ouf!*, interjeição de alívio, por *uf!* (*Crime*, 354; *Primo*, 226); outros consistem em dar forma afrancesada a palavras que temos com boa feição portuguesa, como *sapeque* por *sapeca* (*Ant.*, I, 39)

celestiais por *celestes*, isto é: *chineses* (*Ant.*, I, 176); *intrusivamente* (*Ant.*, I, 176) (1).

Por vezes consiste o galicismo vocabular de Queiroz na tradução literal ou quási literal, imprópria e dispensável, de termos francezes a que correspondem em português palavras diferentes, perfeitamente significativas, como *elance* por *impeto*, *impulso* (*Primo*, 397); *mundo* no sentido de *sociedade*, *roda*, *círculo* (de gente), em *Fradique*, 70; *cartões de modista* por *caixas de chapéu* (*Maias*, I, 38). Feio e inútil é o galicismo *gôche* por *canhestro* ou *desastrado*; e injustificável a tradução de *fougue*, que significa *ardor*, *impeto*, p. r. *fuga*, palavra que existe na nossa língua com significado absolutamente diverso (V. *Notas Contemp.*, 49).

A aguda sensibilidade de Queiroz para as formas de expressão, aliada às circunstâncias de ter lido muito francês e vivido longos anos fora da sua pátria, levou-o naturalmente a assimilar muitos modismos francezes, traduzindo-os à letra, em lugar de empregar os correspondentes portugueses. Os que o lerem devem precaver-se contra essa má influência, sendo também de recomendar a quem quer que lide muito com o francês oral ou escrito, e queira escrever bem português, este preceito de higiene lingüística: *traduzir mentalmente para francês a expressão portuguesa, ou pseudo-portuguesa, que lhe*

(1) Num dos primeiros capítulos do *Romance de um boia-ribo* empregou Camilo *atentico* por *atento*.

ocorra; verificar se, assim traduzido, o modo de dizer soa a bom francês; e, nesse caso, desconstar dêle.

Se tivesse procedido assim, não haveria perpretado Eça de Queiroz as várias fealdades que vamos exemplificar:

«Senhora de *grande idade*» (Fradique, 160). É a tradução literal de *grand âge*, em português *idade avançada*;

«O *grande ar* (em português *o ar livre*) dava-lhe uma côr mais picante às faces.» (Primo, 122);

«Um velho *veio a passar*» (*vint à passer*), em bom português *aconteceu passar um velho* (Antologia, I, 194);

«Por isso o Estado, segundo corre, o vai *criar barão*... (Fradique, 198). Na nossa língua diz-se *fazer*, ou *nomear*;

«*Não é tudo*», tradução literal de *ce n'est pas tout* (Ant., I, 33), diz-se em bom português: *mas há mais, não é só isto*, etc.;

«*Sem contar que...*», tradução literal de *sans compter que...*, é empregado a cada passo por Queiroz, em vez de *além disto, mais ainda*, etc.;

Em lugar de *o bom Deus* (Ant., I, 113), tradução literal de *le bon Dieu*, o que nós dizemos é *o Pai do Céu*, ou *Nosso Senhor*;

Para significar que uma criança é *boazinha, sossegada, meiga, bem comportada*, dizem os Franceses: *cet enfant est si bon*. Eça de Queiroz traduz literalmente: «Contara como Cristovam se conservara quieto e *tão bom*» (S. Cristovam, 41);

E assim: «*Devo ir, filho*», em vez de *tenho de ir* (Crime, 361); «Nunca ela *brutalizaria* (trataria mal) os seus cães» (Ant., I, 162); «Rompia lamentando (*desatava a lamentar*) os tempos» (Maias, I, 37); « $\frac{1}{2}$ V. Ex.^{as} não teem *nada a declarar?*» (nada que pague direitos?),

V. *Ant.*, I, 106; «*Afliar-se a...*», em vez de *fliar-se em...* (*Fradique*, 74); etc.

É também corrente em Eça de Queiroz o emprêgo afrancesado do Imperfeito simples, em lugar do composto de *estar* com gerúndio, ou com infinitivo precedido de *a*: «Um rapaz alto, vestido de negro, que *fumava* (estava a fumar) encostado à outra ombreira (*Maias*, I, 29); e a tradução literal de *trainer*, com o sentido *estar desarrumado, em desordem, fora do seu lugar*: «Fêz arranjar a alcôva, tirar as bacias, os velhos sinapismos que *arrastavam*, compor a cama... (*Primo*, 569).

Quanto ao desagradável e inútil galicismo de resto (= aliás, além disso, demais, etc.), muito usado por Eça de Queiroz, como por muitos outros, não foi aquele quem o introduziu na língua, pois já ocorre em textos impressos dos fins do século XVIII, pelo menos.

Errado emprêgo de preposições, aliás nem sempre devido a influência do francês:

«... Olhei os astros, o céu impassível, a água negra — e senti um imenso DESPRÊZO PELA VIDA...» (Deve ser «da vida»).

(*Mistério*, narrativa do mascarado alto.)

«Adormece na imensa paz do Deus — de Deus que êle nunca se CANSOU EM COMENTAR, nem sequer EM NEGAR (Devia ter empregado *a*, ou *de*).

(*Adão e Eva no Paraíso*.)

«... Porque em-fim, repare o amigo que o pilharam com o sargento, de tal modo que

não HAVIA A DUVIDAR...» (Devia ser: «não havia duvidar ou não havia dúvida».

(*Crime do P.º Amaro.*)

«Leopoldina deu um salto na *voltaire*. Filhos? Credo! Que nem falasse em semelhante cousa. Todos os dias dava graças a Deus EM os não ter.» (Deve ser *por* ou *de*).

(*O Primo*, 236.)

ATRAVÉS A FOLHAGEM copada... não logrei perceber...» (*Através de...* é a forma correcta).

(*Bilhetes de Paris*, pág. 208.)

«Todos os que se PREZAM EM ARQUIVAR OS feitos civilizadores do século...» (Prezar-se *de...* é que é português).

(*Cartas Familiares*, 61.)

«Este, sim, é o verdadeiro tipo do homem moderno, SÓLIDO À FADIGA, ALEGRE AO TRABALHO...» (Tradução literal de frases francesas).

(*Notas contemp.*, 56.)

«... ¿ Quem era eu? que fôrça ou razão superior recebera dos deuses, para assim me estabelecer na minha terra EM JUSTICEIRO destruidor de monstros?...» (Em bom português deveria dizer-se *como justiceiro*, etc.).

(*Uma camp. alegre*, Advertência.)

«... A severa senhora, com um fulgor de cólera na face magra, apertando o leque fechado, como uma arma, PREPARAVA-SE A REPELIR o Carlinhos...» (*Preparar-se para* é que nós dizemos).

(*Os Maias*, I, 97.)

Abuso, contrário ao génio da língua e gerador de monotonia, do pronome pessoal sujeito:

«E esse marido *imbecil* (como ELA tão justificadamente gritou) que ideia o impele, quando assim corre, com a bengala irada, ameaçando, castigando os cães? Penetrado dos sãos princípios da sua Madama sobre o dinheiro e o mal humano, ÊLE acudira de-certo, polidamente, para poupar ao homem uma despesa... Mas não sabia o imbecil que ELA paga sempre esses gastos de luxo?...

(*Antologia, Queiroz*, I, 162.)

«... No em-tanto Alfredo e a sua bem-amada vinham repousar, sentados numa pedra. ÊLE olhava a fimbria do seu vestido, ou segurava os seus dedos delicados, que arrancavam uma a uma as folhas dos malmequeres. Por vezes, ÊLE colhia um ramo; ou, apanhando o livro DELA, que caíra a seus pés, voltava as folhas; ELA debruçava-se; e os fios soltos dos seus cabelos roçavam os ombros de Alfredo...»

(*S. Cristóvam*, pág. 73.)

«Vem para junto de mim. Eu (o lume) sou completo. Correspondo a todos os teus instintos, luminosos, ou sagrados, ou materiais, ou lascivos. Eu dou-te o pão, o calor, a fortaleza; dou-te as visões que são a poesia do movimento na alma, dou-te a sensualidade sonolenta que exala amor, dou-te a serenidade que dispõe para a contemplação, e a força que prepara para o trabalho. Eu sou a cura, inteligente e boa, do mal natural.

EU alumio-te nas vigílias dolorosas. Quando estás entorpecido na doença, EU, pequenino e encolhido, tremo ao pé de ti. Quando morres, e a tua alma vai partir, EU alumio-lhe o caminho de Deus. EU cerco Cristo nos altares, para que tu o vejas bem. Quando andas no mar, EU sou junto das praias o grito de luz que te chama...»

(*Prosas Bárbaras*, pág. 153.)

Abuso da proposição **em** para exprimir modo, sentimentos, etc, quasi sempre em desacôrdo da nossa lingua falada:

«Os seus poderosos queixos batiam, **NUM MÊDO** convulso...»

(*Adão e Eva no Paraíso.*)

«O seu disforme corpo, mole, glutinoso, todo **EM RUGAS**...

(*Ibid.*)

«Adão e Eva ensangüentam as garras, tentando fender os pedregões redondos de silex **EM LASCAS CURTAS**...»

(*Ibid.*)

«Ambos recuam, se entre-olham, **NUM TERROR** quasi sagrado...»

(*Ibid.*)

«Acocorados à porta da toca, ambos arquejam, **NO PASMO E TERROR** da sua obra...»

(*Ibid.*)

«Com as suas rudes mãos comovidas...
pousa entre elles (os fenos secos) o silex re-

dondo, toma o escuro calhau, bate rijamente,
NUM FAÛLHAR de estrelinhas...»

(Ibid.)

«...Outras vezes era numa comitiva de fidalgos, que chegava EM visita...»

(S. Cristóvão.)

«Dois cães enormes, sentados com o focinho para o mar, EM DESCONFIANÇA...»

(Notas contemp., Na praia.)

«Inquieto, o marido corre, EM LARGAS PER-
NADAS...»

(Ibid.)

«¿ Pois então êle não pode vir aqui EM AMIZADE, passar as noites PARA o cavaco, tomar o seu café?...»

(Crime, 136.)

.
. . .

Abuso do **possessivo**, que a nossa língua muitas vezes omite elegantemente, evitando assim uma fonte de monotonia de que o francês não pode libertar-se:

«Invejavam todos os destinos livres, ainda os mais humildes — o almocreve que viam passar na estrada tocando os SEUS machos, o carreiro que ia cantarolando ao áspero chiar das rodas, e até os mendigos errantes apoiados ao SEU cajado, com o SEU alforge escuro.

(O Crime do P.^o A., 29.)

«E o Paula, com loja de trastes velhos, adiantou-se até ao meio da rua; a pala de verniz do SEU boné de pano preto nunca se erguia de cima dos olhos; escondia sempre

as mãos, como para ser mais reservado, por trás das costas, debaixo das abas do SEU casaco de cotim branco; o calcanhar sujo da meia saía-lhe para fora da chinela bordada a missanga; e fazia roncicar o SEU pigarro crónico de um modo despeitado...

(O Primo Basílio, 35.)

. . .

Emprêgo de expressões do calão dos naturalistas e da *prose artiste* francesa, vícios da moda que passou, muitos dos quais hoje nos parecem de péssimo gosto, por não terem quaisquer raízes na linguagem falada e serem, portanto, inadmissíveis na boa literatura:

«Em redor tudo parecia mais imóvel, *dum hirto morto...*»

(Primo Basílio, pag. 521.)

«O quarto, onde se não acendera luz havia muito, *tinha uma frialdade desabitada...*»

(Ibid.)

«Os seus amigos TINHAM observações que o inquietavam...»

(Os Maias, I, 37.)

«Um lindo sol, que não aquecia, e PUNHA nas ruas, nas fachadas das casas, barras alegres de claridade dourada...»

(Os Maias, I, 289 e ss.)

«Na rua, a estanqueira chegou-se à porta, vestida de luto, estendendo o SEU CARÃO VIÚVO...»

(Primo Basílio, 34.)

«O homem do realejo tirou o seu largo chapéu desabado, e, tocando sempre, ia-o estendendo em redor, para as janelas, com UM OLHAR NECESSITADO...»

Abuso do artigo definido e sobretudo do indefinido, em que todos ou quasi todos caímos, desatentos da monotonia que assim imprimimos à escrita e que tão contrária é ao génio da nossa bela língua, riquíssima de sons variados. Assim o mostrámos em *Paladinos da Linguagem*, vol. I, pág. XLIV, e o vamos agora exemplificar com textos de Queiroz:

«Adeus, AS serenidades idílicas dos tempos de Péricles e de Augusto! Adeus, AS claras águas da alegria nos olhos! Adeus, AS tépidas branduras, e os descansos arcádicos!»

(*Prosas Bárbaras*, 1.^a ed. pág. 141.)

«...E ali ficara, entre gente pobre, NUMA aldeia de terra escassa, vivendo de dois pedaços de pão e UMA chávena de leite, com UMA batina limpa, onde os remendos faziam UM mapa, precipitando-se a UMA meia légua por UM temporal desfeito, se UM paroquiano tinha UMA dôr de dentes; passando UMA hora a consolar UMA velha a quem tinha morrido UMA cabra... E sempre de bom humor, sempre com UM cruzado no bôlso dos calções, para UMA necessidade do seu vizinho...»

(*O Crime do P.^e A.*, 8.^a ed., pág. 450.)

«Mas, UMA tarde, saindo Adão e Eva da espessura de UM bosque, UM urso enorme, o Pai dos Ursos...»

(*Adão e Eva no Paraíso*)

«...Ao fundo o sol faiscava sôbre a cal fresca DUMA parede. Era UMA casa térrea, com porta baixa entre duas janelas envidraçadas, remendos novos no telhado, e UM quinteiro que UMA escura e imensa figueira assombreava. NUMA esquina pegava UM muro baixo de pedra sôlta, continuando por UMA sebe, onde adiante UMA velha cancela abria para a sombra DUMA ramada.»

(*Ilustre Casa*, cap. X)

«Sentado NUM banco, junto da porta, com UMA espingarda encostada ao muro, UM rapaz grosso, de barrete de lã verde, acariciava pensativamente o focinho DUM perdigueiro.»

(*Ibid.*)

São muitas vezes difíceis de evitar estas longas enfiadas de *um, um, um*, a que um mestre da língua recentemente falecido, o purista brasileiro MELLO CARVALHO, chamava *süinização da linguagem* (1).

O próprio CAMILO CASTELLO BRANCO incorreu por vezes no mesmo delito, como se verá dos seguintes trechos, aliás tirados de uma antologia:

«Homem — tiveste *um* amigo: em horas de prazer rias com êle... em horas de martírio oferecias-lhe o coração para *um* espinho da sua coroa, e para *uma* gota do seu veneno... pedistes ambos ao céu *uma* campa para ambos, *um* abraço inteiriçado para o túmulo... (2)

(1) V. *Paladinos da Linguagem*, 3.º vol., pág. 229 e ss.

(2) *Dos Delitos da Mocidade*, transcrição da *Estante Clássica da Rev. da língua Port.*, vol. VIII, Rio, 1922, pág. 14.

«Vi em baixo *uma* pequena parte *dum* grande jardim cultivado e retalhado por meandros de murta e alecrim. O restante estava abandonado. Feixes de erva mirrada afogavam *um* cisne de pórvido, o qual se levantava sôbre *um* pentágono de granito, no centro de *uma* bacia de mármore...» (1)

Mostram os vários passos transcritos, em primeiro lugar que Eça de Queiroz não é réu isolado; e, depois, que todos os que gostam de escrever bem precisam de contar com este tropêço, e de lembrar-se que a nossa língua, ao contrário da francesa, possui recursos para se libertar d'ele em grande parte. Consiste um dêsses na supressão pura e simples, principalmente depois do verbo *ser*: «Fulano é bom filho, é homem honrado, é distinto escritor». Outras vezes evita-se o *um*, substituindo-o por *algum*, *certo*, ou por qualquer adjectivo de qualificação, colocado antes do nome substantivo: «...Afogavam *certo* cisne de pórvido, o qual se levantava sôbre *velho* pentágono de granito, no centro de uma bacia de mármore...»

Da facilidade com que a boa e verdadeira língua portuguesa soube evitar a repetição de *um*, *uma*, e da beleza e energia, além de variedade assim dada à expressão, são prova tôdas as frases estereotipadas e provérbios, que nos restam do bom tempo. Saboreiem-se alguns exemplos:

E' coisa sabida;
E' caso perdido;
E' homem ao mar;

(1) De *O romance de um homem rico*, transcrito no citado vol. VIII da *Estante Clássica*, pág. 39.

Guarde-vos Deus de homem mal assinalado;

Asno que tem fome, cardos come:

Não deixes caminho por atalho;

A quem tem mulher formosa, castelo em fronteira, vinha na carreira, não lhe falta canseira;

Nunca de corvo bom ovo.

. . .

E' característica da syntaxe franceza a construção directa da frase — a *ordem directa*, como lhe chamam os gramáticos — a *sucessão regular de sujeito, verbo, complementos*. Não quer isto, porém, dizer que a ordem directa contrarie o génio da lingua portuguesa, onde se dá até o caso raro de se construírem quasi sempre as perguntas com o sujeito no principio, ao contrario do que acontece no francês, no inglês e no alemão, em que se tornou obrigatória a inversão do substantivo ou pronome do agente.

O que é português, e ainda bem, é, neste ponto, a liberdade e a variedade, fontes de graça e beleza estilística, que não devemos deixar secar. E dispomos ainda de outra regalia importantíssima, filha da abundância de flexões verbais diferenciadas, que aquelas outras linguas não possuem: a possibilidade de, a cada passo, pura e simplesmente suprimirmos o sujeito, evitando assim a repetição monótona de nomes próprios ou comuns, e de pronomes pessoais. (1)

Pôsto isto, deve dizer-se que seria lamen-

(1) V. a este respeito *Paladinos da Linguagem*, 1.^o vol., Introd., págs. XLVI a LI.

tável exagêro condenar liminarmente como francesa a construção directa da frase, até nos casos em que ela se oponha ao gênio da própria língua falada, que é quem manda. Eça de Queiroz escreveu, na *Ilustre Casa de Ramires*: «E quando o enorme velho surdiu no eirado, *um silêncio pesou*, tão ansioso...»; e não pode haver dúvida que este *um silêncio pesou* produz efeito literário mais intenso, do que aquele que o escritor obteria, se se houvesse aqui cingido à norma corrente da nossa fala. Certo é, porém, que da ordem directa abusou o grande artista, no que aliás não fêz senão seguir pelo caminho que outros antes dêle já tinham trilhado de mais, empobrecendo o estilo e contribuindo para empobrecer a língua literária. O próprio Camilo, aliás na própria fase anterior àquela em que se deixou influenciar pela escrita dos naturalistas, fornece muitos exemplos dêsse abuso, como pode ver-se do seguinte excerto do *Romance de um homem rico*:

«*O bem-viver*, meu amigo, é tão rigorosa consequência do bem-fazer, como *a luz* o é daquele astro, que ali está no céu, protestando contra a sua teoria dos acasos. *O homem* não acha em si os alívios da razão, quando os *vícios* lha degeneram. *A razão*, depurada dos sedimentos da antiga culpa, no crisol do Evangelho, é Deus. *Deus* não é somente puro amor, é pura razão também. E, senão, veja que *os bem-aventurados* neste naufrágio da vida são aqueles que, rebatidos duma vaga contra a outra, emergem à flor de cada escarcéu, abraçados à razão, tábua de infalível salvamento. *O embriagado* da sua falsa fortuna, cuidando-se um momento domador das tormentas, pode sorrir de desprezo ou mofa, vendo quão dissaboridos e minguados passam os dias do justo. *¿Aquele* dirá que *o acaso próspero* lhe bafeja a si, e *o funesto* ao outro?...»

Sublinhámos na transcrição os sujeitos das orações que Camilo construiu por ordem directa e que são, neste trecho relativamente longo, *tôdas as que teem sujeito expresso e até a própria interrogativa final*. E se o Leitor abrir a pág. 245 o *Livro de Consolação* (ed. de 1872) encontrará perto de *quarenta orações quasi consecutivas* pela ordem directa. Quando isto se vê em Camilo, ¿ que não será nos outros?

Em Eça de Queiroz ressaltam naturalmente mais que em Camilo, porque os períodos da-quele são mais curtos, as desvantagens do abuso:

«...O jantar foi já ruidoso; o *champagne* resplandeceu como opala líquida, nas taças facetadas; a pesada *pale-ale* espumou; o *Xerez* ferveu na *soda-water*. Carmen, pela sua beleza e pela estranha *verve* da sua agitação, foi a alegria daquele pesado e longo banquete de natalício real...»

(*Mistério da estrada de Sintra*, narrativa do mascarado alto.)

«...Quando recuperei a consciência, estava estirado num banco de pedra, no pátio de um vasto edificio semelhante a um convento que um alto silêncio envolvia. Dois padres lazaristas lavavam-me de vagar a orelha. Um ar fresco circulava; a roldana dum poço rangia lentamente; um sino tocava a matinas...»

(*Mandarim*, pág. 118.)

«Do lado do Arco, na correnteza de casebres pobres, *velhas fiavam* à porta; *crianças sujas brincavam* pelo chão, mostrando os seus enormes ventres nus; e *galinhas em redor iam* picando vorazmente as imundícies es-

quecidas. Em redor do chafariz cheio de ruído, onde os cântaros arrastam sôbre a pedra, *criadas ralham, soldados com a sua fardeta suja*, enormes botas cambadas, *namoravam*, meneando a chibata de junco; com o seu cântaro bojudo de barro equilibrado à cabeça sôbre a rodilha, *raparigas iam-se aos pares*, meneando os quadris; e *dois oficiais ociosos*, com a farda desapertada sôbre o estômago, *conversavam*, esperando, a ver quem viria. *A diligência tardava*. Quando o crepúsculo desceu, *uma lamparina luziu* no nicho do santo, por cima do Arco; e de-frente iam-se alumando uma a uma, com a luz so-turna, as janelas do hospital...»

(Crime, pág. 11 e 12)

«Mas neste momento *uma voz disse*, à porta da sala...»

(Ibid, 60.)

«Logo desde os primeiros dias, envolvido suavemente em comodidades, *Amaro sentiu-se feliz*. A *S. Joaneira*, muito maternal, *tomava* um grande cuidado na sua roupa branca, preparava-lhe petiscos, e o «quarto do senhor pároco andava que nem um brinco!» *Amélia tinha* com êle uma familiaridade picante de parenta bonita: «tinham calhado um com o outro», como dissera, encantada, D. Maria da Assunção. *Os dias iam* assim passando, para Amaro, fáceis, com boa mesa, colchões macios e a convivência meiga de mulheres. *A estação ia* tão linda, que até *as tilias floresceram* no jardim do Paço...»

(Ibid, 89.)

«*Gente endomingada começava a recolher*, com um ar derreado do longo passeio, *as botas empoeiradas; mulheres de chale*;

vindas das hortas, *traxiam* ao colo as crianças adormecidas da caminhada e do calor; *velhos plácidos*, de calça branca, o chapéu na mão, *gozavam* a frescura, dando um giro no bairro....»

(*O Primo Basilio*, 35 e 36.)

Abusa Eça de Queiroz do verbo *ser*, prática em que muitos escritores, portugueses ou não, inconscientemente caem, e que logo imprime no estilo estigmas de sensível pobreza:

«Por ti, eu (o fogo), que *seu* a paz, fui a devastação. Estou fatigado. | Durante anos *tenho sido* o camarada, o amigo, o servo, o vigia, o cão, o confidente, o pão, o calor, a vida! | Não queiras que eu *seja* o carrasco! Podia ir contigo insensivelmente — lareira, se *era* o teu amor que me assoprava; incêndio, se *era* a tua cólera — no tempo em que tu *eras* uma força inconsciente e fatal. Mas hoje *és* uma consciência. Contigo só me aliarei para *ser* fé, consolação e paz. Sendo paz e fé, *é* que eu te tenho consolado das servidões dolorosas...»

(*Prosas Barbaras*, O Lume.)

«... — Perdão, *señora*, disse-lhe eu, em espanhol; hoje as verdadeiras maneiras não *são* o *salero*, *são* a gravidade. O *salero* pode *ser* bom no teatro, na zarzuela, nos corpos de baile, nas gravuras de uma viagem a Espanha; mas *é* de todo o ponto inconveniente numa sala...»

(*Misterio da estrada de Sintra*, narrativa do mascarado alto.)

Por vezes junta Eça de Queiroz ao abuso português do verbo *ser*, o seu emprêgo afrancesado em frases como estas:

«... Agora vinha de espreitar por um postigo, e *era*, em roda da estação, tôda a população de Tien-Hó rosnando sinistramente.»

«... Corri à varanda. Em baixo *era* um tropel desesperado, em tôrno dos carros derrubados.»

(*Mandarim*, pág. 118 e ss.)

«... êle (o plesiossáurio) parece uma outra duna negra, sustentando um pinheiro solitário. Furiosamente avança. E, de-repente *é* um horroroso tumulto de sibilos e choques ribombantes, e areias torvelinhando, e grossos mares espadanando.»

(*Adão e Eva no Paraíso*.)

«Nosso Pai transpõe as pálidas dunas — e diante dêlo está o Mar! Então foi o pavor supremo.»

(*Ibidem*.)

«Para o lado donde o rio vem *são* colinas baixas, de formas arredondadas, cobertas da rama verde-negra dos pinheiros novos...»

(*Crime do P. Amaro*, 5.)

Em todos estes cinco passos de Queiroz espreita indiscretamente o francês *c'est, ce fût, c'était*, a que em português podem corresponder variadíssimas formas, como *deu-se, viu-se, eis, temos*, etc., etc., etc. Mas não se pense

que foi dèle o monopólio dèste peca-dilho contra o génio, graça e variedade da nossa língua. Na já citada *Antologia* brasileira de Camilo encontrámos uma atrás de outra (pág. 147 e 148) as duas seguintes frases, tiradas do *Livro de consolação*:

«E êle ao clarão sulfuroso do corisco, via um cadáver boiando à flor da onda — e então **era** um rir aspérrimo de louco...»

«Não meditava, não comparava não carpia os bens da honra perdidos, nem se confrangia das punhaladas do coração. **Era** a agonia estúpida...»

Pelo que respeita às longas ladainhas de *era, era, era* — convém que os fanáticos de Camilo ponham os olhos neste trecho dos *Delitos da Mocidade*, cap. I do *Fragmento de um memorandum*:

«E o êxtase desvaneceu-se, porque **era** de homem ligado com as paixões dos homens, e eu **era** o único cadáver animado, entre tantos cadáveres. Voz de vivo que fala com os mortos, a minha voz **era** sombria e soturna. Minhas mãos, primeiro erguidas sôbre a fronte, e cingidas ao peito, depois interpretavam a agonia despedaçadora, que me repassava as fibras do coração. A minha vida já não **era** um exclusivo do céu; **era** o sentimento puro, que nasce em terra impura, e que mal posso dizer-vos se na região da bem-aventurança **é** pungente e doloroso como cá neste contínuo esperar e desesperar.»

Para variar (salvo seja!) vejamos agora uns bocadinhos de *é, é, é*, tirados do *Romance de*

um homem rico, pelo próprio Camilo considerado o melhor dos seus livros (1):

«Paciência é a arma, é o triunfo, é a porção divina do homem, é a bem-aventurança. A padecer é que os olhos da alma se destoldam, e encontram os de Deus. Padecer é a quebra, a folha irremediável e comum; resignar-se é a perfeição. A virtude, que todos alcançam, se a querem, é dar largo por igual a amigos e inimigos...»

E dez linhas abaixo:

«Assim é; mas, ¿ que importa? Basta que a consciência me diga: «não devias padecer, porque és bom». Quando o homem que sofre se diz isto a si, é Deus que lho diz. Esta é a altíssima rocha que vê em baixo as tormentas a fremir-lhe na base. Este é o berço providencial do menino lançado às ondas, e mandado buscar por Deus, para contar ao mundo os seus primeiros dias. Esta é a arca do justo...»

Etc. etc., etc...

.
. .

Caso bastante grave, não tanto para a fama do escritor Eça de Queiroz, como para todos nós que escrevemos, ou julgamos escrever, e em qualquer destas duas hipóteses somos responsáveis da pureza e beleza da língua, assim como da conservação da rica variedade de expressão e de sons que nela existe

(1) *Apud Estante Clássica* citada, pág. 53.

—é o abuso que se faz da palavra mesmo, tomada adverbialmente.

Com êsse abuso, muito francês (e muito mais antigo que Eça de Queiroz), estamos desalojando do uso escrito do português, com prejuízo não só da linguagem mas também do estilo, uma série de expressões variadas, como até, sequer, ainda, também, inclusivamente, etc., para traduzir as quais a língua francesa tem de contentar-se em regra com o seu *même*.

Felizmente, e ao contrário do que já vai acontecendo no Brasil, esta prática empobrecedora não nos invadiu ainda muito sensivelmente a língua oral corrente, onde, além do seu emprêgo acertado e normal como pronome, a palavra *mesmo* continua a aparecer apenas ligada aos advérbios chamados pronominais (*lá mesmo, agora mesmo, aqui mesmo*) formando expressões em que a sua função propriamente pronominal se mantém, pois correspondem a estouttras: *naquele lugar, nesta mesma hora, neste mesmo sitio, neste mesmo dia*.

Em tais expressões pode considerar-se *mesmo* como sinónimo de *exactamente*, e com êste sentido o seu emprêgo soa a bom português. Assim também quando a cada passo dizemos *parece mesmo*, circunstância esta em que por-ventura se dará deslocação fácil da palavra, não só do seu lugar na frase, senão igualmente da sua categoria gramatical: *Esta criança parece mesmo o pai* é modo de dizer que pode ter saído de *parece o mesmo pai*, ou *parece o pai mesmo*, saltando assim o pronome insensivelmente para advérbio.

É, pois, muito difícil, ao menos para nós, dizer onde, neste ponto, começa o galicismo, ou acaba a vernaculidade; e o mais acertado

será talvez condenarmos o abuso de *mesmo* por fastidioso, que não por francês. Evitando empregá-lo adverbialmente em muitos casos, daremos variedade à nossa escrita; e para o evitar bastará pensar nisso, pois nenhuma dificuldade encontraremos em substituí-lo por outros advérbios já citados, como se poderá experimentar com os seguintes exemplos, tirados de textos de Eça de Queiroz e Camilo:

«Mas, *mesmo* nesse abrigo, os seus poderosos queixos batiam...»

(*Adão e Eva no Paraíso.*)

«Amemos tódá a sua obra, *mesmo* o verme, e a rocha dura, e a raiz venenosa...»

(*Ibid.*)

«O homem, sem *mesmo* beber aquela água tão fria, de que bebera Josué...»

(*Suave Milagre.*)

«Raras famílias, *mesmo* coevas, poderiam traçar a sua ascendência... até aos vagos senhores...»

(*Ilustre Casa de Ramires.*)

«Da seteira, *mesmo* sem descortinar por entre a camada de ramagens a face do homem estendido nas andas...»

(*Ibid.*)

«Sôbre os ombros mais largos que ancas de égua, uma *capeline* a que se sente, *mesmo* de longe, a riqueza e o preço alto.»

(*Notas contemp., Na Praia.*)

«E até mesmo reconhecia alguns dos mais esforçados, que agora... lhe andavam sempre na imaginação.»

(*Ilustre Casa*, cap. X.)

Exemplos tirados de Camilo :

«Pedem os leitores que os poupe às confêrências do levita, e eu da melhor vontade os dispenso de ouvir-lhas, mesmo porque me era preciso saber tanto como êle...»

(*Romance de um homem rico*.)

«Não lhe posso dizer mais singelamente o resumo de tudo o que leu, nem lhe darei, se mo pede, e mesmo se mo não pede, mais encarecido conselho.»

(*Ibid.*)

«A civilização beneficia assim as mulheres que não podem adjectivar-se publicamente virtuosas, nem mesmo quando visitam com a esmola a mansarda do doente desvalido.»

(*Amor de Salvação*, I.)

*
* * *

Para concluir estas notas vamos mencionar agora o complicadíssimo assunto do **gerúndio apôsto**, ou **gerúndio adjectivo**, que muitos mestres filólogos, — por ex., Júlio Moreira, Epifânio e os drs. Leite de Vasconcellos e Mário Barreto — consideram *mero galicismo* (1), *notoriamente incorrecto* e de *sabor afrancesado* (2).

(1) Epifânio, *Synt. hist. port.*, Lisb., 1918, pág. 249.

(2) Mário Barreto, *Novos estudos da ling. port.*, Rio, 1921, pág. 349.

«E' mero galicismo (diz Epifânio) o emprêgo do participio em *-ndo* como equivalente de «uma simples oração qualificativa (relativa), «v. g.: Requereu para ser anulada a lei *pro-movendo-o* ao pôsto immediato.»

A doutrina do dr. J. Leite de Vasconcellos é a seguinte: «Publicou-se em 1899 uma obra «com este título: *Novo Diccionario da lingua portuguesa, COMPREHENDENDO... muito «mais de trinta mil vocábulos*. Outro tem «também no frontispício: *Diccionario etymológico da lingua portuguesa, CONTENDO a «significação e prosódia*. Em ambos êstes «exemplos há erro no emprêgo do gerúndio; «êle deve ser substituído por *que comprehende, que contém*, ou, mais singelamente por «*com*. Um dos nossos melhores clássicos (o dr. «Leite de Vasconcellos refere-se aqui ao Padre «Manuel Bernardes) escreveu uma obra intitulada *Nova Floresta... com reflexoens*. O mesmo autor, nessa obra, IV (1726), 48, diz: «conhecemos aqui em Lisboa hum homem que glossava motes». Quem se regulasse pelo exemplo dos dicionários citados acima, poria falsamente: *Nova floresta... contendo reflexoens*; e *hum homem* glossando motes. O «erro nasce da imitação do francês, onde em «tais casos *compreuant* e *contenant* estariam «bem. Mas as origens de *compreuant* e *comprehendendo*, de um lado, e de *contenant* e «*contendo*, do outro, são completamente diferentes. As citadas flexões francesas vem do «participio do presente latino, e o seu uso justifica-se, por servirem de apôsto. As flexões «portuguesas, pelo contrario, vem do gerúndio latino, e exprimem, não apôsto, mas circunstância. O português arcaico poderia dizer, à semelhança do francês, *comprehedente* e *contêente*; assim estaria bem. Os «Latinos diziam *hostes persequendo*, que nós

«traduzimos por *perseguindo os inimigos*, «porque se exprime circunstância. Mas se em «francês tivéssemos, por exemplo, *un homme «POURSUIVANT un autre*, devíamos trasladar «*poursuivant* em latim por *persequens*, e em «português por *que persegue* ou *perseguidor «de*, e nunca por *perseguindo*. Em resumo: o «particípio português em *-ndo* só exprime «circunstância, e não mero apôsto. O particí- «pio presente francês é o latino; o participio «presente português é o gerúndio latino, que «não tem nominativo, e só se emprega como «complemento.» (1).

Pelo filólogo brasileiro dr. M. Said Ali foi contestada a última parte da doutrina do dr. Leite de Vasconcellos, nos seguintes termos:

«Meditando bem, não concluiria o sr. L. de «V. que o nosso gerúndio só exprime circuns- «tância, e não mero apôsto, por ser o mesmo «que o gerúndio latino, *que não tem nomina- «tivo, e só se emprega como complemento*. Da «identidade de forma nas duas línguas não re- «sulta necessariamente a identidade da fun- «ção; e se o autor das Lições de Philologia «Portuguesa se dispusesse a desenvolver a «tese contrária, desde aqui ousaria eu dizer- «-lhe que ia tentar a empresa de passar o «Oceano para um dedal. Que o caso oblíquo «latino pode servir de nominativo nas línguas «românicas provam-no já os nomes e os pro- «nomes (fr. *c'est moi*; it. *Lei viene*, etc.). Que «a forma verbal infinita pode ter outra aplica- «ção da que teve originariamente, mostra-o o «antigo particípio em *-nte*. Que as relações in-

(1) Leite de Vasconcellos, *Lições de philol. port.*, Lisboa, 1911, págs. 388 e 389.

«dicadas pelas formas verbais variam da lingua-mãe para as línguas-filhas, vê-se pelo «emprêgo dos modos e tempos, que em nenhuma das línguas românicas coincide estritamente com o uso das ditas formas no idioma latino.» (2).

Estas e outras observações não parece poderem ter fácil resposta; e quando os sábios não concordam, ¿ por quem hão-de guiar-se os simples mortais? E ¿ como nos atreveremos a condenar por francês um uso antiquíssimo, abonado por escritores da maior fama como mestres da língua?

Segundo a doutrina de Epifânio e do Dr. Leite de Vasconcellos podem considerar-se franceses e errados os seguintes dizeres de Fernão Lopes, no prólogo da 1.^a parte da *Crónica de El-rei D. João*: «Segundo sentença de alguns DIZENDO que o pregoeiro da vida», e «Se o Senhor a nós outorgasse o que a alguns ESCRREVENDO não negou». O próprio padre Manuel Bernardes, citado pelo Dr. Leite de Vasconcellos em desabôno do gerúndio apôsto, erra então também bastas vezes, em frases como as seguintes, e outras que o Leitor encontrará transcritas na Introdução da nossa *Antologia* de Bernardes, II, pág. XXVII: «Apelo de El-rei dormindo; a um menino tiritando de frio; caldeira de agua servendo», etc. Afrancesadamente escreveu também, visto isso, o vernaculíssimo Castilho, quando no seu *Tratado de Metrificação* definiu assim o verso: «Verso, ou metro, é um ajuntamento de palavras (e até, em alguns casos, uma só palavra) COMPREENDENDO determinado número de sílabas...; ou quando,

(2) V. *Revista de Ling. Port.*, Rio, Março de 1920, págs. 39 e 40.

no final da famosa carta ao editor António Maria Pereira, escreveu: «*E' uma parábola sem grandes dispêndios de invenção, mas CONTENDO na sua maneira simples uma exortação a muitos inespertos.*»

Podíamos acumular aqui grande quantidade de exemplos de gerúndio aposto ou adjectivo, tirados de escritores dos mais grados e venerados da nossa língua; êsses que aí ficam sobram, porém, para mostrar que não será fácil convencer de que é sempre afrancesada uma prática seguida entre nós desde remotos tempos e por tantas autoridades. Mais prudente, e ao mesmo tempo mais insinuante, nos parece a êste respeito a doutrina de Júlio Moreira, que é a seguinte:

«O que todavia é verdade, é que a função dos participios do presente latinos é actualmente expressa, na sintaxe do português popular, por uma oração relativa, e ainda por outros modos..., *mas não* por meio de um participio... Na *bôca do povo*, pelo menos, o participio do presente... desapareceu de todo, se exceptuarmos as formas mais ou menos estratificadas... Mas em virtude da leitura dos nossos jornais... e ainda pela leitura dos livros traduzidos pouco esmeradamente do francês, ou ainda de obras originais portuguezas cujos autores se deixam arrastar pelos usos daquela língua, succede que modernamente se manifesta grande tendência para largo emprêgo abusivo das formas do gerúndio. Assim, a cada momento se poderão ler frases como a seguinte: «uma casa *tendo* o n.º 40», correspondente à expressão francesa «une maison *portant* le n.º 40». Frases como estas serão expressas no português popular ou familiar, ou na linguagem não imbuída ainda da construção francesa,

«do seguinte modo: «uma casa *que tem* o n.º 40» ou «uma casa *com* o n.º 40... Vimos «acima que em certos casos a forma do gerúndio é substituída **na linguagem do povo** por «uma oração relativa ou por uma determinação precedida da proposição *com*; mas em «outros... pode ser representada pelo verbo «no modo infinitivo regido da preposição *a*. «Em vez de um ninho *balouçando-se* num «ulmeiro», dir-se há «um ninho *a balouçar-se* «num ulmeiro». **A língua popular** tem pois estes três processos para exprimir a função «do gerúndio nos casos de que falamos, e **nunca emprega** nesses casos a forma do gerúndio.» (1)

Fizemos imprimir em normando todos os passos em que o sábio Júlio Moreira acentuou que o uso do gerúndio aposto **não é popular** na nossa língua, como quem manifestamente entendia admitir assim a sua **legitimidade literária**, difícil de negar contra a evidência de mil exemplos precedentes. Deve porém dizer-se que a repugnância dos dois filólogos Epifânio e dr. Leite de Vasconcellos ao gerúndio adjectivo está perfeitamente justificada, embora melhor por Júlio Moreira que por eles próprios. A simples legitimidade literária concede muito fraca legitimação a um uso, e menos ainda a um abuso, que não tem raízes na língua portuguesa viva e corrente. E' possível (e o exemplo de Fernão Lopes assim permite supô-lo) que na fase arcaica da nossa língua fôsse de uso oral o gerúndio adjectivo; posteriormente desapareceu da fala portuguesa essa forma sintáctica, e nada mais seria preciso para que nos coibíssemos

(1) Júlio Moreira, *Estudos da ling. port.*, 1.ª série, Lisboa, 1907, pág. 93 a 97.

de a empregar em nossa escrita. Há porém, além desta, fortes razões de estilo ou de estética da língua, a aconselhar-nos que a evitemos quanto pudermos, visto que o seu emprêgo pode ser gerador de monotonia.

Nós precisamos do gerúndio nas conjugações perifrásticas de que nos servimos para exprimir acção lenta, medíocre ou gradual (*vai tu andando; cá vamos vivendo; a chuva foi aumentando*); precisamos dêle para sucintamente significarmos variadas circunstâncias de causalidade, condição, concessão, tempo, modo, etc. (*Vendo-o sair, entendi dever fechar a porta; lá irei, tendo saúde; sendo rico, fazia contudo economias; tendo dez anos, morreu-lhe o pai; defendia-se, dizendo nada saber*); precisamos ainda do gerúndio (mais no Brasil e no sul de Portugal, visto que para esta modalidade da conjugação se adopta quasi sempre no norte do país o infinitivo precedido da preposição *a*) quando queremos acentuar o carácter de actualidade flagrante de certas acções: *ando estudando (a estudar); está dormindo (a dormir)*. Convém, portanto, que reduzamos o emprêgo de tal forma verbal aos casos em que elle é indiscutivelmente português, português vivo e natural, evitando portanto o chamado *gerúndio apôsto* ou *adjectivo*. Assim, variaremos agradavelmente o nosso estilo, ao mesmo tempo que da escrita tiraremos o estigma de barbarismo, que lhe imprime, se não o uso moderado, pelo menos o abuso freqüente daquella combinação.

Cremos que esta conveniência importa ainda mais às letras brasileiras que às portuguesas, se bem que por motivos diversos. O português oral do Brasil foi já consideravelmente invadido pelo abuso teimoso do gerúndio apôsto, que no português falado em Portugal se nota pouco ou pouquíssimo. As-

sim se explica que o illustre filólogo brasileiro M. Said Ali o defendesse com tanto ardor, além de brilho, no seu citado artigo da *Revista de Lingua Portuguesa*; e que neste não fizesse referência à doutrina de Júlio Moreira, principalmente baseada em factos do português, corrente e popular, de Portugal. Lembro-me de ter ouvido algum dia certa dama brasileira culta queixar-se de uma forte dor de garganta, nos seguintes termos expressivos: *parece mesmo bicho FERRANDO dentada*. Nas mesmas condições ter-se-ia exprimido assim qualquer senhora portuguesa: *parece mesmo um bicho a mor-der...*

Lembrámos já, pouco antes, que os Brasileiros usam sempre ou quasi sempre as formas *ando estudando, está dormindo*, ao passo que os Portugueses, na sua maior parte, preferem dizer *ando a estudar, está a dormir*. Faz-se pois no Brasil mais largo uso do gerúndio, na conjugação, do que entre nós. Por isso, e se bem que, por outro lado, o gerúndio aposto possa considerar-se, ao contrário do que entre nós succede, como facto da língua natural e viva do Brasil, parece recomendável às letras brasileiras a mesma coibição cautelosa que aqui temos preconizado para as portuguesas, e por meio da qual se evitará o pular monótono das formas gerundivas em *ando, endo, indo*.

Mas não há só vantagem fonética, estética, musical,—vernácula, se quiserem—em fugir ao uso do gerúndio aposto. Com isso lucrarão também muitas vezes a clareza do estilo, a sua nitidez gramatical, a própria facilidade orgânica de leitura ou recitação de belos trechos de prosa ou verso. É o que logo verá quem seguir com atenção o seguinte passo

do *Suave Milagre*, de Eça de Queiroz (*Contos*, 1.^a ed., pág. 352):

«... Ao seu lado (da filha de Septimus), por vezes, um legionário, entre as ameias, apontava vagarosamente ao alto a flecha, e varava uma grande águia, voando de asa serêna no céu rutilante. A filha de Séptimus seguia um momento a ave, torneando até bater morta sobre as rochas...»

Note agora bem o Leitor: 1.º), que os dois gerúndios *voando* e *torneando* são apostos, respectivamente, aos substantivos *águia* e *ave*, que imediatamente os precedem; 2.º), que os dois gerúndios estão separados das duas palavras principais, *águia* e *ave*, cada um por sua vírgula; 3.º), que essas duas vírgulas são necessárias à boa leitura, pois não é fácil ler aquele passo sem marcar com a voz as paragens que elas indicam; 4.º), que ao mesmo tempo que assim é, aquelas duas vírgulas separam os dois apostos das duas palavras a que se apuseram, e isto não só fisicamente, mas também psiquicamente; 5.º), que, sem darmos por isso ou sem o querermos, levados talvez pelo senso étnico da verdadeira gramática natural e viva da nossa língua, nos surpreenderemos a ligar o aposto *voando*, não a *águia*, mas a *legionário*; e o aposto *torneando*, não a *ave*, mas a *filha de Septimus*; 6.º), que assim nos chega irresistivelmente ao espírito a noção falsa, mas justificada pelo arranjo das palavras, de que é um *legionário* quem voa de asa serêna; e a *filha de Septimus* quem tornea no ar, e não a *ave*.

Outro exemplo, tirado de *O Mandarim*, pág. 86:

«Ele (o chinês Sá-Tó) curvou-se; e, por uma escadaria de granito, levou-me às altas muralhas da cidade, **formando** uma esplanada que quatro carros de guerra a par podem percorrer durante léguas.»

Pelos mesmos motivos expostos a-propósito do exemplo anterior, parece que é o chinês Sa-Tó, e não as muralhas, quem forma uma larga esplanada. Note-se ainda que esta confusão, que se faz no espírito do leitor, de um gerúndio apôsto real com um gerúndio circunstancial aparente, pode formar-se às vezes no próprio espírito do escritor, levando-o ao disparate. No seguinte exemplo, tirado dos *Ceifeiros*, de Fialho, dá-se a concorrência intempestiva e confusa de dois gerúndios apostos (*rebentando* e *sabendo*) com um gerúndio circunstancial ou quási-circunstancial (*revolvendo*); e daí parece resultar gramaticalmente, como vai ver-se, a afirmação estranha de que *as cabeças dos ceifeiros revolvem sem apetite os alforges*:

«Alguns ceifeiros tiram a roupa encharcada e fétida do suor; e entre as estevas, imundos, nus, tombam de bruços, deslumbrados, incapazes dum esforço, flácidos, com a inquietação sinistra da hora, um pôso de cérebro que parece a cabeça **rebentando** do crânio, inchada de calor, e **revolvendo** sem apetite os alforges, com o paladar encortigado, o pão **sabendo** a terra, a agua a caldo, a bôca a lôdo — e uma ânsia de dormir, atroz, complicada do terror de ficar ali na primeira letargia.»

Eça de Queiroz usou e abusou do gerúndio apôsto, no que fêz mal, como cremos que

fica demonstrado. Mas é certo que pode defender-se dêsse pecado atrás da doutrina de sábios filólogos, e que podia também justificar-se em boa parte com a alegação de precedentes autorizados. Mais um exemplo:

«O velho Ivan teria corrido sôfregamente, para gozar os seus cães **estracinhando** o homem que passava...»

(*Notas contemp.*, Na Praia.)

«... O violento interêsse de Pedro, o olhar aceso com que seguia a caleche **trotando** Chiado acima...»

(*Os Maias*, I, 29.)

Ora *gozar* (com os olhos), como no primeiro exemplo, e *seguir com o olhar*, como no segundo, são variantes do sentido de *ver*. E lá temos em Camões e em Vieira, para não irmos mais longe, o mesmíssimo caso:

«**Viram** ao longe dous navios brandamente c'os ventos **navegando**.» (*Lusiadas*, II, 68);

«Ali se **viam**... as vidas **morrendo** e ressuscitando a cada balanço;... os baixios **roncando** ao perto, **soando** tenerosamente ao longe por tôda a parte.» (Vieira, *Xavier dormindo*, Sonho segundo).

E cá está a justificação científica dêstes factos, feita pelo filólogo M. Said Ali, no seu citado artigo:

«Isto sem falar da sabidíssima regra de «gramática que se refere ao particípio activo «usado em lugar do infinitivo depois de *video*, «*audio* e outros verbos: *video puerum currentem* e *video puerum currere*. O equiva-

«lente semântico de *currentem*, em português, é *correndo*.»

Acreditemos na ciência, como nos cumpre; mas acreditemos também que o português já não é latim; que a língua literária, em certas épocas excessivamente latinizada, se afastou de mais, por vezes, da fala viva, natural e popular; que o exemplo desta, a desconfiança em que nos cumpre manter-nos perante o francês, a excelência estética da variedade de sons e de expressões, a clareza do estilo e a limpidez gramatical — tudo nos aconselha a usar com prudente moderação, senão a banir completamente, o gerúndio apôsto ou adjectivo.

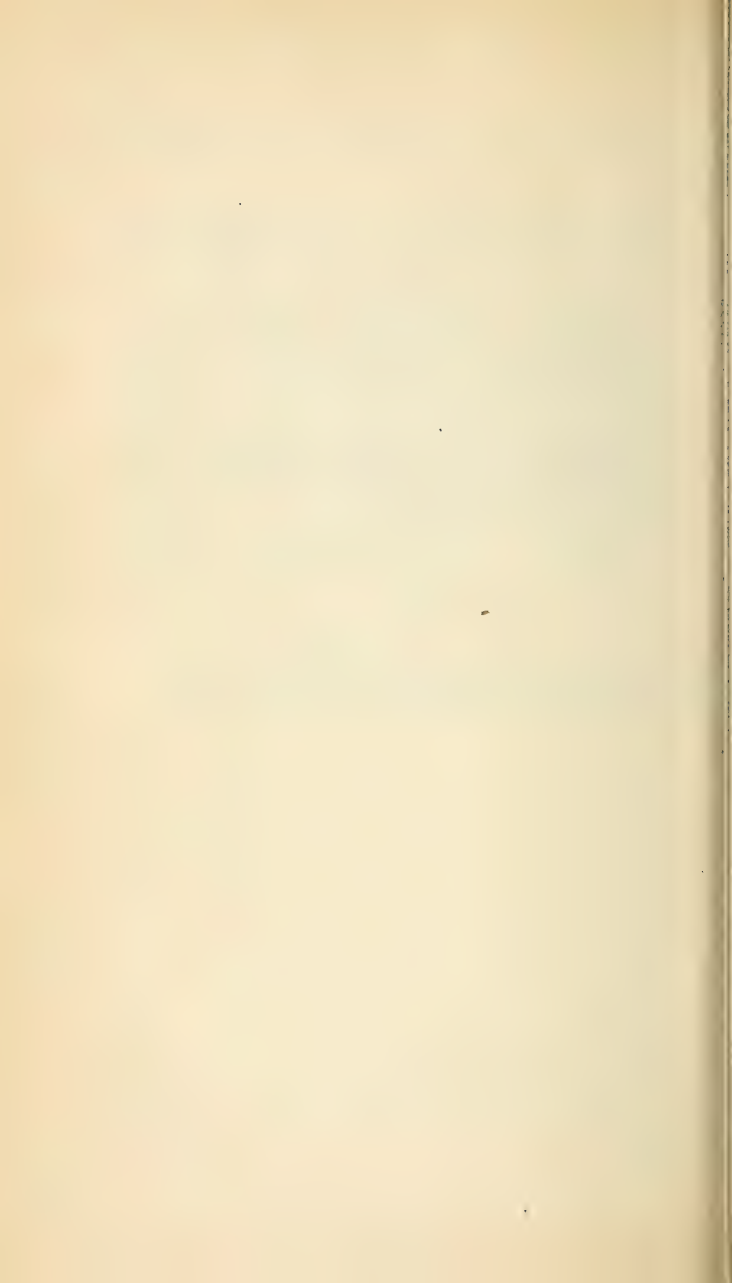
Lisboa, 27 de Março de 1923.

A. DE C.

EÇA DE QUEIROZ

II

SELECTA CRÍTICO-LITERÁRIA



I

Autobiografia e autocrítica



AUTOBIOGRAFIA E AUTOCRÍTICA

1.

A IDADE ROMÂNTICA

(1867)

NAQUELES tempos, segundo a fórmula do Evangelho, o romantismo estava nas nossas almas. Fazíamos devotamente oração diante do busto de Shakespeare.

¿ Lembras-te do teu quarto da rua do Forno (creio eu) no último andar, quási nas confidências humorísticas das estrêlas? O busto de Shakespeare, que era o nosso calvário da arte, estava ali, ao pé duma medalha do Dante, e da *Inocência* de Greuze! Lembra-me também uma gravura do *Juízo Final* e dois esboços holandeses. Sôbre a estante, por cima de Voltaire, de Diderot, de Rousseau, de Mirabeau e de alguns volumes de *Enciclopédia* — num quadro, a figura de Napoleão, sôbre uns rochedos enfáticos, via os prantos do mar e o voo das gaivotas....

.... Celebrávamos cerimónias dum culto

desconhecido, diante do busto de Shakespeare. ¡Dávamos grandes batalhas! Combates cruéis! Ainda a seriedade estremece! Eram dois bandos. De um lado os pagãos, os clássicos, os positivistas; do outro os bárbaros, os românticos, os místicos.

As balas eram nomes: arremessávamos, de bando a bando, sangüinolentamente, os nomes dos grotescos de cada seita. Um romântico feria um clássico, gritando-lhe com gesto terrível: *¡ Domingos dos Reis Quita!* O clássico cambaleava, mas respondia vingativo: *¡ Gilbert de Pixérécourt!* Deves-te lembrar que uma vez um clássico traiçoeiro atirou desapiadadamente ao peito de um adversário romântico este nome mortal: *¡ Visconde d'Arlincourt!* O romântico levou dolorosamente a mão ao coração, e caiu, inanimado.

Quando o levantámos não era um cadáver, mas era um convertido. Desertou para as fileiras clássicas, por não querer pertencer a um bando que tinha suspensa eternamente sobre si esta vergonha de Damocles: *¡ o Visconde d'Arlincourt!* Lembras-te de-certo que nós fomos os Sansões dos Filisteus clássicos; não os derrotámos com a mesma queixada, mas apunhalamo-los, um a um, com nomes de clássicos portugueses. Um dia debandaram, atordoados, em-quanto que nós, do tópo da escada, gritávamos sem quartel: *¡ Sá de Miranda! Garção! Semedo! Quita! ¡ Sepúlveda!*

Já cansados, sem armas, atiravamos-lhes estes nomes, como pedras....

.... Para nós (e com grandes pancadas contritas sôbre o peito o digo) Portugal não tinha direito de cidade na religião da arte e da alma. Aceitavamo-lo como país d'acção. Um dos maiores poetas de Portugal, para nós, era Vasco da Gama! Tínhamos um sistema de nações-almas e nações-braços. Assim, para nós, a maior epopeia portuguesa era a exploração do mar. As suas rimas eram conquistas. As scenas dos seus dramas escorriam de sangue, junto das muralhas de Diu.

Literariamente, Portugal, na nossa opinião, era simplesmente o pretexto para o *Bosquejo Histórico* do sr. padre Figueiredo. Do passado, apenas acreditávamos em João de Barros e Camões. Garrett tinha-se separado de nós, tomando pelo atalho que leva a Deus, e legando à geração presente a pouca alma que ela ainda tem.

Os contemporâneos, aí! não os conhecíamos. Hoje eu, e creio que tu, conhecemos bem os nobres espíritos que se obstinam em pensar, no meio dêste deserto d'almas, uns junto da história, outros junto do verso, alguns amparando a crítica, outros reanimando o drama e o romance.

! Mas, naquela época de espontaneidade, só víamos o que era verdadeiramente e incontestavelmente sol!....

.... E, entretanto, os que se deixaram ficar

na luz branca, em companhia dos espíritos inofensivos de Racine, de Horácio, de Vergílio, de todos os clássicos, vivem contente e sossegadamente na sua fé ordinária, na sua virtude, na sua sonolência higiênica....

.... Qual vale mais: esta doença magnífica, ou a saúde vulgar e inútil, que se goza no clima tépido que vai desde Racine até Scribe? | Eu prefiro corajosamente o hospital, sobretudo quando a primeira febre se chama Julieta e a última Margarida!

Os outros, os saudáveis, os doutrinários da arte, os petrificadores da paixão, os sacerdotes da tradição e do *magister dixit*, não pertencem à arte pura: pertencem ao arquivo. São documentos históricos....

.... Na arte só teem importância os que criam almas e não os que reproduzem costumes.

A arte é a história da alma. Queremos ver o homem — não o homem dominado pela sociedade, entorpecido pelos costumes, deformado pelas instituições, transformado pela cidade, mas o homem livre, colocado na livre natureza, entre as livres paixões. A arte é simplesmente a representação dos caracteres, tais quais elles seriam, abandonados à sua vontade inteligente e livre, sem as peias sociais. Aí está o que dá a Shakespeare a supremacia da arte. Foi o maior criador d'almas. Revelou a natureza espontânea: soltou as paixões em liberdade e mostrou a sua livre acção. É aí que se pode

estudar o homem. É o que faz também a grandeza de certos tipos capitais de Balzac, o *Barão Hulot*, *Goriot*, *Grandet*. Realizam o seu destino longe da associação humana, sob a livre lógica das paixões.

No em-tanto, às vezes, os que reflectem o seu tempo — criam: e é quando não só revelam o carácter dum momento, um estado convencional e passageiro, mas traduzem e explicam tóda a alma dum povo. É o que faz a grandeza de João de Barros. Historiador, revelou o génio de Portugal, o espírito aventureiro, misturado de exaltação religiosa, o heroísmo supersticioso; Camões, o filho da Renascença e das imitações latinas, não tem o espírito épico de João de Barros, que às vezes, numa página, constrói tóda a antiga alma heróica da pátria.

(*Prosas Bárbaras*, 1.^a ed., pág. 133 e ss.)

DILETANTISMO

«Não há em mim infelizmente (escrevia
 Fradique a Oliveira Martins, em 1882)
 «nem um sábio, nem um filósofo. Quero
 «dizer: não sou um desses homens seguros
 «e úteis, destinados por temperamento às
 «análises secundárias que se chamam *Sciên-*
 «*cias*, e que consistem em reduzir uma mul-
 «tidão de factos esparsos a Tipos e Leis par-
 «ticulares, por onde se explicam modalidades
 «do Universo; nem sou também um desses
 «homens, fascinantes e pouco seguros, des-
 «tinados por génio às análises superiores,
 «que se chamam *Filosofias*, e que consistem
 «em reduzir essas Leis e esses Tipos a uma
 «fórmula geral, por onde se explica a essên-
 «cia mesma do inteiro Universo. Não sendo,
 «pois, um sábio, nem um filósofo, não posso
 «concorrer para o melhoramento dos meus
 «semelhantes — nem crescendo-lhes o bem-
 «estar por meio da *Sciência*, que é uma pro-
 «dutora de riqueza, nem elevando-lhes o bem-
 «sentir por meio da *Metafísica*, que é uma
 «inspiradora de poesia. A entrada na *História*
 «também se me conserva vedada: — porque,
 «se para se produzir *Literatura* basta pos-
 «suir talento, para tentar a *História* convém

«possuir virtudes. ;E eu l... Só portanto me
«resta ser, através das ideias e dos factos,
«um homem que passa, infinitamente curioso
«e atento. A egoísta ocupação do meu espí-
«rito, hoje, caro historiador, consiste em me
«acercar duma ideia ou dum facto, deslizar
«suavemente para dentro, percorrê-lo miu-
«damente, explorar-lhe o inédito, gozar tôdas
«as surpresas e emoções intellectuais que
«ele possa dar, recolher com cuidado o en-
«sino ou a parcela de verdade que exista
«nos seus refolhos—e sair, passar a outro
«facto ou a outra ideia, com vagar e com paz,
«como se percorresse uma a uma as cidades
«dum país d'arte e luxo. Assim visitei ou-
«trora a Itália, enlevado no esplendor das
«côres e das formas. Temporal e espirital-
«mente fiquei simplesmente um *touriste*.»

(*Corresp. de F. Mendes*, pág. 77 e 78.)

Ramalho Ortigão já nesse tempo (1) pen-
sava em dar às *Farpas* uma feição mais
larga. Estava cansado de rir, dizia. As
Farpas, segundo as declarações do editor,
tinham dous mil assinantes; isto represen-
tava de cinco a seis mil leitores; ;se (propu-

(1) No tempo da colaboração com Queiroz.

nha êle) aproveitando um tal auditório, nós lhe ensinássemos alguns princípios? Fiquei aterrado: ensinar! Eu era, sou ainda, em filosofia um *touriste* facilmente cansado, em sciência um *dilettante* de coxia. Converter a alegre catapultazinha numa austera cadeira de professor!... Fui prudentemente para a Havana.

E Ramalho, só, fêz as novas *Farpas*, as boas, as grandes, as ilustres. São as que realmente me agradam...

(*Notas contemp.*, pág. 42.)

3.

A GERAÇÃO DE QUEIROZ

HÁ quasi doze anos appareceu, vinda parte de Coimbra, parte de aqui, parte de acolá, uma extraordinária geração, educada já fora do catolicismo e do romantismo, ou tendo-se emancipado dèles, reclamando-se exclusivamente da Revolução e para a Revolução. Que tem feito ella? A não ser Teófilo Braga, constantemente, Oliveira Martins, nos intervalos das emprêsas, industriais, e Guerra Junqueiro, o grande poeta moderno da Península — quem trabalha? Onde estão os livros? Esta geração tem o aspecto de ter *falhado*...

(*Notas contemp.*, pág. 45.)

OS MAIAS

E OS OUTROS PORTUGUESES

« **D**iz V. que os meus personagens são copiados uns dos outros. Mas, querido amigo, numa obra que pretende ser a reprodução de uma sociedade uniforme, nivelada, chata, sem relêvo e sem saliências (como a nossa incontestavelmente é) — e como queria V., a menos que eu falseasse a pintura, que os meus tipos tivessem o destaque, a dessemelhança, a forte e crespa individualidade, a possante e destacante *personalidade*, que podem ter, e teem, os tipos duma vigorosa civilização como a de Paris ou Londres? e V. distingue os homens de Lisboa uns dos outros? e V., nos rapazes do Chiado, acha outras diferenças que não sejam o nome e o feitio do nariz? Em Portugal há *só um homem* — que é sempre o mesmo, ou sob a forma de *dandy*, ou de padre, ou de amanuense, ou de capitão: é um homem indeciso, débil, sentimental, bondoso, palrador, *deixa-te ir*, sem mola de carácter ou de intelligência que resista contra as circunstâncias. É o homem que eu pinto — sob os seus *costu-*

mes diversos, casaca ou batina. E é o Português verdadeiro. É o Português que tem feito este Portugal que vemos...»

(Carta a Fialho, *Revista de História*, n.º 9, 1914, pág. 84.)

5.

GALICISMOS E IMPATRIOTISMO

«Vocês, em todo o caso, hão-de findar por me fazer zangar. O Carlos Valbom acusa-me de escrever à francesa, e com *galicismos que o arripiam*. ;E diz isto em períodos absolutamente construídos à francesa, e metendo em cada dez palavras cinco galicismos! V., por outro lado, nunca tomou a pena, que não fôsse para cair sobre os homens e as cousas do seu tempo, com um vigor, uma veia, um espírito, um *éclat*, que fazem sempre a minha delícia. E quando eu faço o mesmo, com mais moderação, infinitas cautelas *et une touche très-juste* — V. aparece-me e grita ; *aqui del-rei, patriotas!* É escandaloso. Para vocês tudo é permitido : galicismos à farta, pilhérias à Pátria *à bouche que veux-tu*. ; A mim, nada me é permitido!... Ora, sebo.»

(Lugar citado.)

O «FRANCESISMO»

HÁ já longos anos que eu lancei esta fórmula: — *Portugal é um país traduzido do francês em vernáculo*. A secura, a impaciência, com que ela foi acolhida, provou-me irrecusavelmente que a minha fórmula era subtil, exacta, e se colava à realidade como uma pelica. E para lhe manter a superioridade preciosa da exactidão, fui bem depressa forçado a alterá-la, de acôrdo com a observação e a experiência. E de novo a lancei, assim aperfeiçoada: — *Portugal é um país traduzido do francês em calão*. E desta vez a minha fórmula foi acolhida com simpatia, com reboliço, e rolou de mão em mão como uma moeda de ouro bem cunhada e rutilante, que é agradável mostrar, fazer tinir sobre o mármore dos botequins. Já a encontrei brilhando num almanaque, numa comédia do *Príncipe Real* e num sermão. ¿ Porque foi este novo, carinhoso acolhimento? ¿ Quem sabe? Talvez porque a ideia de vernaculidade desagradava, lembrando pedantismo, catturice, a Academia das Sciências, o pingo de rapé, outras cousas antipáticas. Emquanto que a ideia de calão nos sugere, sobretudo a nós lisboetas, chalaça alegre, bacalhau de

cebolada, Chiado, Grémio, pescada frita nas hortas, em tarde de sol e poeira, e outras delícias, de que eu, [ai de mim, estou aqui privado!

Em todo o caso, ou à maneira de Curvo Semedo, o clássico, ou à maneira do Zé Pinguinhas, o fadista, é evidente que há quarenta anos, desde a Patuleia, Portugal está curvado sôbre a carteira da escola, bem aplicado, com a ponta da língua de fora, fazendo a sua civilização, como um laborioso tema, que êle vai vertendo de um largo traslado aberto defronte — que é a França. Quem dependurou ali o traslado para que Portugal copiasse, com finos e grossos? Talvez os homens de 1820; talvez os românticos da Regeneração. Eu não fui; — tenho sido acusado com azedume, nos Periódicos, ou naqueles bocados do papel impressos, que em Portugal passam por Periódicos, de ser *estranjeirado, afrancesado*, e de concorrer, pela pena e pelo exemplo, para *desportuguesar Portugal*. Pois é um dêsses erros de salão, em que tão fértil é a frivolidade meridional. Em lugar de ser culpado da nossa desnacionalização, eu fui uma das melancólicas obras dela. Apenas nasci, apenas dei os primeiros passos, ainda com sapatinhos de *crochet*, eu comecei a respirar a França. Em tórno de mim só havia a França. A minha mais remota recordação é de escutar, nos joelhos dum velho escudeiro preto, grande leitor da literatura de cordel, as histórias que êle me

contava de Carlos Magno e dos Doze Pares. Havia aí certamente grandes lições de valor, de lealdade, de heroísmo: mas eram virtudes cavalheirescas que se provavam tôdas nos montes da Provença ou de Navarra. De cavaleiros portugueses, que dessem cutiladas nos mouros, nunca me contaram história alguma à lareira. Também o meu preto lia contos tristes das águas do mar. Eram as aventuras dum João de Calais. As naus afundavam-se, os gageiros gritavam *terra!*, mas era tudo em frios mares da Bretanha. De navegadores portugueses, não me contaram jamais história alguma à lareira.

Depois ensinaram-me a ler: e o Estado, que certamente tinha interêsse em que eu soubesse ler, e que, por meio das suas Repartições Públicas, estudara prudentemente o livro que melhor me convinha, como lição moral, e como lição patriótica, meteu-me nas mãos um volume traduzido do francês e chamado *Simão de Nântua*. Eram as aventuras dum justo: abundavam lá os exemplos de modéstia, de diligência, de caridade, de pudor; mas tôdas estas virtudes, suaves e íntimas, se exibiam longe, em Dijon, na Alsácia, e nas estalagens da Picardia. De sorte que, para mim, todos os justos, bem como todos os heróis, só em França se produziam na perfeição, como os espargos, nessa França donde tudo que é amável vinha, donde eu mesmo viera, como outras crianças, num açafate de alfazema e cravo. Depois, comecei

a subir o duro calvário dos Preparatórios: e desde logo, a cousa importante para o Estado foi que eu soubesse bem francês. De certo, o Estado ensinava-me outras disciplinas, entre as quais duas, horrendas e grotescas, que se chamavam, se bem recordo, a *Lógica* e a *Retórica*. Uma era destinada a que eu soubesse bem pensar, e a outra, correlativamente, a que eu soubesse bem escrever. Eu tinha então doze anos. Para eu saber pensar, o Estado e os seus professores forçavam-me a decorar diariamente laudas de definições, de fórmulas misteriosas, que continham a essência, o segrêdo das cousas, compiladas do francês, de velhos compêndios de Escolástica. ¡Era terrível! O lente, casmurro e soturno, perguntava:

—¿Quantos são os impossíveis?

Eu devia papaguear em voz clara:

—Dois. O impossível físico, que o homem não pode fazer, mas Deus pode; por exemplo: ressuscitar. O impossível metafísico, que nem ao homem, nem a Deus mesmo é permitido, como por exemplo, que uma cousa, ao mesmo tempo, ¡seja e não seja!

«¡Que nem a Deus é permitido!» ¡Havia pois alguma coisa que nem a Deus era permitida? ¡E quem era então êsse outro poder, que, mais onnipotente, mais alto nas nuvens, lho não permitia? A minha cartilha, traduzida também do francês, com a aprovação dum bispo francês, ensinava-me, por outro lado, que Deus é absoluto, de ilimitado

poder, e que as suas vastas mãos, que o Universo fizeram, podem o Universo desfazer. Qual tinha pois razão, destes dois livros que o Estado me impunha? A Cartilha? A Lógica? Dúvida pavorosa, primeiro tormento d'alma em que só antevia uma coisa certa, inevitável: — o R, a *raposa*. Mas bem depressa compreendi que esta Lógica, com a divertida, facêta, incomparável Retórica, que tive de decorar durante um ano, eram de-certo disciplinas em que o Estado não tinha interêsse que eu fôsse perfeito. O seu desejo estava todo em que eu soubesse bem francês. Quando cheguei na diligência a Coimbra, para fazer o exame de Lógica, Retórica e Francês, o presidente da mesa, professor do Liceu, velho amável e miudinho, de batina muito asseada, perguntou logo às pessoas carinhosas que se interessavam por mim:

— Sabe êle o seu francês?

E quando lhe foi garantido que eu recitava Racine tão bem como o velho Talma, o excelente velho atirou as mãos ao ar, num imenso alívio.

— Então está tudo ótimo! Temos homem!

E foi tudo ótimo: recitei o meu Racine, tão nobremente como se Luís XIV fôsse lente, apanhei o meu *nemine*, e à tarde, uma tarde quente de Agôsto, comi com delícia a minha travessa de arroz doce na estalagem do *Paço do Conde*. E desde então nunca mais saí do francês. Quando, no último ano de Prepara-

tórios, o Estado subitamente se lembrou que era conveniente que eu tivesse algumas noções do Universo, foi através dum Compêndio francês, o *Langlebert*, que me relatei com os três Reinos da Natureza. Conheci mais tarde em Paris este Langlebert, que é um médico no *Quartier Latin*. E contei-lhe como nas páginas tão sãbiamente por êle compiladas, eu aprendera de cor a fórmula química da água e a teoria do pára-raios. Langlebert, coçando risonhamente o seu espesso colar de barba, considerou-me com ternura, como a um bárbaro que dá proveito:

— Oui, oui, vous n'avez pas de ces livres là-bas... Et j'en suis bien aise! Ça me fait une jolie rente...

; Creio bem que lhe fizesse uma linda renda não termos êsses livros *cá em baixo!*

E outros de-certo faziam lindas rendas, êles ou os editores, porque, apenas entrei na Universidade, fui abrindo o meu rêgo de bacharel através de livros franceses. Direito natural, Direito público, Direito internacional, todos os Direitos, ou em compêndios ou em expositores, eram franceses, ou compilados abertamente do francês, ou secretamente surripiados do francês. E, sôbre a mesa de pinho azul dos meus companheiros de casa, só se apinhavam livros franceses de Matemática, de Cirurgia, de Física, de Química, de Teologia, de Zoologia, de Botânica. ; Tudo francês! Algumas lições eram dadas

em francês, por lentes preclaros, carregados de condecorações, que pronunciavam *il faut — ile faüte*. Aquele corpo docente nunca tivera bastante actividade intelectual para fazer os seus compêndios. E todavia Coimbra fervilhava de lentes, que de-certo tinham ócios. Havia-os no meu tempo inumeráveis, moços e vetustos, ajanotados e sórdidos, castos e debochados, e todos de-certo tinham ócios: mas empregavam-nos na política, no amanho das suas terras, no bilhar, na doçura da família, no trabalho de dominar pelo terror o pobre académico encolhido na sua batina; e o saber necessário para confeccionar a *sebenta*, iam buscá-lo todos os meses aos livreiros da Calçada, que o recebiam de França, encaixotado, pelo paquete do Havre.

Ora naturalmente até aqui, simples estudante, eu do vasto mundo só vira, só me interessara, por aquele detalhe que mais se relaciona com o estudante — o compêndio. É só encontrava, só respirava o francês. Mas de-pressa, compreendendo que por aquele método de decorar tôdas as noites, à luz do azeite, um papel litografado que se chama a *sebenta*, eu nunca chegaria a poder distinguir, juridicamente, o justo do injusto, decidi aproveitar os meus anos moços para me relacionar com o mundo. Comecei por me fazer actor do Teatro Académico. Era *pai nobre*. E, durante três anos, como *pai nobre*, ora grave, opulento, de suíças grisalhas, ora aldeão trémulo, apoiado ao meu cajado, eu represen-

tei entre as palmas ardentes dos Académicos, tóda a sorte de papéis de comédias, de dramas — tudo traduzido do francès. Por vezes, tentávamos produzir alguma coisa de mais original, de menos visto que a *Dama das Camélias*, ou o *Chapéu de palha de Itália*: reüníamo-nos, com papel e tinta; e entre aqueles moços, nascidos em pequenas vilórias da província, novos, frescos, em todo o brilho da imaginação, uma só ideia surgia: *traduzir alguma coisa do francès*. Um dia porém Teófilo Braga, farto da França, escreveu um drama, conciso e violento, que se chamava *Garção*. Era a história e a desgraça do poeta Garção. Eu representei o Garção, com calções e cabeleira, e fui sublime; mas o Garção foi acolhido com indiferença e secura. E um só grito ressoou nos bastidores:

— Ora aí teem...; Um fracasso!; Pudera!; Peças portuguezas!...

Imediatamente nos refugiámos no francès e em Scribe.

O Teatro, pouco a pouco, pusera-me em contacto com a literatura. Encontrei, organizada, completa, uma larga sociedade literária a que em parte presidia o homem, entre todos excelente e grande, que é mais que uma glória da sua pátria, porque é uma glória do seu século (1). Mas, à parte êsse, em

(1) Antero de Quental.

quem as largas, fecundas correntes do saber contemporâneo não alteravam de todo êsse feitio especial, profundamente português, de ilhéu de boa raça, descendente de navegadores do século xvi, — todo o resto dêsse rancho encantador parecia ter chegado na véspera do *Quartier Latin*. Sôbre as mesas, só havia livros franceses: nas cabeças só rumorejavam ideias francesas; e o cavaco, entre a fumarça, tomava invariavelmente o picante gôsto francês. ‡ O que se lia? Só a França. Tôda a França — desde Mery a Proudhon, desde Musset a Littré. Em todo o tempo que vagueei pelas margens do Mondego, creio que não abri um livro português, a não ser, em vésperas de acto e com infinita repugnância, a *Novíssima Reforma Judiciária*. Mas conhecia, como todos os meus amigos, cada romancista, cada poeta francês, não só na sua obra, mas na sua vida — nos seus amores, nos seus *tics*, e no seu estado de fortuna. † Foi por êsse tempo que eu e alguns camaradas nos entusiasmámos pela pintura francesa!... É extraordinário, bem sei, considerando que estávamos então a seis longos dias de viagem do Louvre, e do Luxemburgo, e do *Salon*. Mas tínhamos os críticos, todos os críticos de arte, desde Diderot até Gautier, e era na prosa dêste que nós admirávamos extaticamente a sobriedade austera de Ingres, ou o colorido apaixonado de Delacroix. E em tudo isto eu obedecia sempre a um impulso, a uma

grande corrente, como uma fôlha que bóia n'água.

Com a minha carta de bacharel num canudo, trepei em-fim um dia para o alto da Dili-gência, dizendo adeus às veigas do Mondego. Justamente nesse mesmo tejadilho ia um francês, um *commis-voyageur*. Era um colosso, de lunetas, duro e brusco, com um queixo maciço de cavalo, que, à maneira que o coche rolava, ia lançando através dos vidros defumados um olhar às terras de lavoura, aos vinhedos, aos pomares, como se os sopesasse e lhes calculasse o valor, torrão a torrão. Não sei porquê, deu-me a impressão dum agiota, estudando as terras dum morgado arruinado. Conversei com êste animal; êle pareceu surpreendido da minha facilidade no francês, do meu conhecimento do francês, da política de França, da literatura de França. De facto, eu conhecia romancistas, filósofos franceses, que êle ignorava. E ainda recordo o tom de alta protecção, com que me disse, batendo-me no ombro, emquanto nós rolávamos na estrada, vendo em baixo, no vale, o mosteiro da Batalha:

— Vous avez raison, il faut aimer la France... Il n'y a que ça! Et puis, vous savez, il faut que nous vous fassions des choses, des chemins de fer, des docks, des choses... Mais il faut nous donner votre argent...

¡Creio que realmente, depois, temos dado *notre argent* à França, largamente!

Em-fim cheguei à capital de Portugal, — e

lembro-me que a primeira cousa que me impressionou foi ver a uma esquina um grande cartaz, annunciando a representação de *Cançonetas francesas*, no Casino, a brilhante M.^{elle} Blanche, e a incomparável *Blanchisseuse*. Era outra vez a França, sempre a França. Eu deixara-a dominando em Coimbra, sob a forma filosófica; vinha encontrá-la conquistando Lisboa, de perna no ar, sob a forma de *can-can*...

Começou então a minha carreira social em Lisboa. Mas era realmente como se eu habitasse Marselha. Nos teatros — só comédias francesas; nos homens — só livros franceses; nas lojas — só vestidos franceses; nos hotéis — só comidas francesas... Se nesta capital do Reino, resumo de tôda a vida portuguesa, um patriota quisesse aplaudir uma comédia de Garrett, ou comer um arroz de forno, ou comprar uma vara de briche — não podia.

Nem nos palcos, nem nos armazéns, nem nas cozinhas, em parte alguma restava nada de Portugal. Só havia arremedos baratos da França. A particular atmosfera de coscovi-lhice política, que é tão peculiar a Lisboa como o nevoeiro a Londres, forçou-me, a meu pesar, a embrenhar-me também na política. ¿Em que política? ¡Boa pergunta! ¡Na francesa! ¡Porque havia então em Lisboa tôda uma classe culta e interessante de políticos «franceses», que, no Grémio, na Havanesa, à porta do Magalhães, faziam

uma opposição cruel, amarga, inexorável, ao Império Francês e ao Imperador Napoleão!

Também havia, de-certo, na Baixa, no Passeio Público, Imperialistas, que tinham emprehendido a campanha da Ordem contra Rochefort, e contra Gambetta. Mas era uma minoria. Lisboa tãda arreganhava o dente para o Imperador. E, naturalmente, eu, moço e ardente, cheio de ideias de Liberdade e de República, transbordando de ódio contra essa corja dos Rouher e dos Baroche, que proíbiam o teatro de Hugo, e tinham levado à polícia correccional Gustavo Flaubert, lancei-me vivamente na opposição às Tulherias. ; O que eu conspirei! ; Jesus, o que eu conspirei! ; O meu desejo era filiar-me na Internacional! E lembrar-me que uma noite, a propósito de não sei que novo escândalo do Império, achando-nos uns poucos no Martinho, em tórno dum café, exclamámos todos, pálidos de furor, cerrando os punhos:

—; Isto não pode ser! Já sofremos bastante. ; É necessário barricadas, é necessário descer à rua!

Descer à rua, era a ameaça terrível. ; E descemos o degrau do Martinho! Depois, na rua, sob o quente luar de Julho, ouvindo os foguetes para os lados do Passeio Público, voltámos para lá os passos frementes — porque um de nós, o mais exaltado, encontrava lá uma certa senhora, em noites de fogo preso. ; Ah mocidade, mocidade, incomparável encanto! ; Onde estão os entusiasmos

de então, a santa palidez que nos cobria a face ante o espectáculo da injustiça, e a doçura que encontrávamos nos luares de Maio, e os foguetes alegres do Passeio?

Em-quanto à Política propriamente portuguesa, escuso dizer que nenhum de nós verdadeiramente sabia se o regime que nos governava era a Constituição ou o Absolutismo. De tais detalhes portugueses não curavam os filhos de Danton. E quanto às divisões parlamentares de Regeneradores, Históricos, Reformistas, nem sequer as suspeitávamos, nós que conhecíamos as menores *nuances* da opposição francesa, e que distinguíamos as pequenas subtilezas de opinião que dividiam Jules Favre e Gambetta, Picard e Jules Simon.

Mas ¿para que hei-de continuar? Não quero escrever uma página de memórias. Apenas mostrar, tipicamente, como eu, toda a minha geração (exceptuando espíritos superiores, como Antero de Quental ou Oliveira Martins) nos tínhamos tornado fatalmente Franceses no meio duma sociedade que se afrancesava e que, por toda a parte, desde as criações do Estado até ao gosto dos indivíduos, rompera com a tradição nacional, despindo-se de todo o traje português, para se cobrir — pensando, legislando, escrevendo, ensinando, vivendo, cozinhando — de trapos vindos de França!

Esta geração cresceu, entrou na política, nos negócios, nas letras, e por toda a parte

levou o seu francesismo de educação: espalhou-o nos livros, nas leis, nas indústrias, nos costumes, e tornou este velho Portugal de D. João VI uma cópia da França, mal feita e grosseira. De sorte que, quando eu lentamente fui emergindo dos farrapos franceses em que essa educação me embrulhara, e tive consciência do postigo estrangeiro da nossa civilização, eu pude dizer que *Portugal era um país traduzido do francês — no principio em vernáculo, agora em calão...*

(Das *Ultimas Páginas*, 1.^a ed., pág. 469 e ss.)

CONFISSÕES

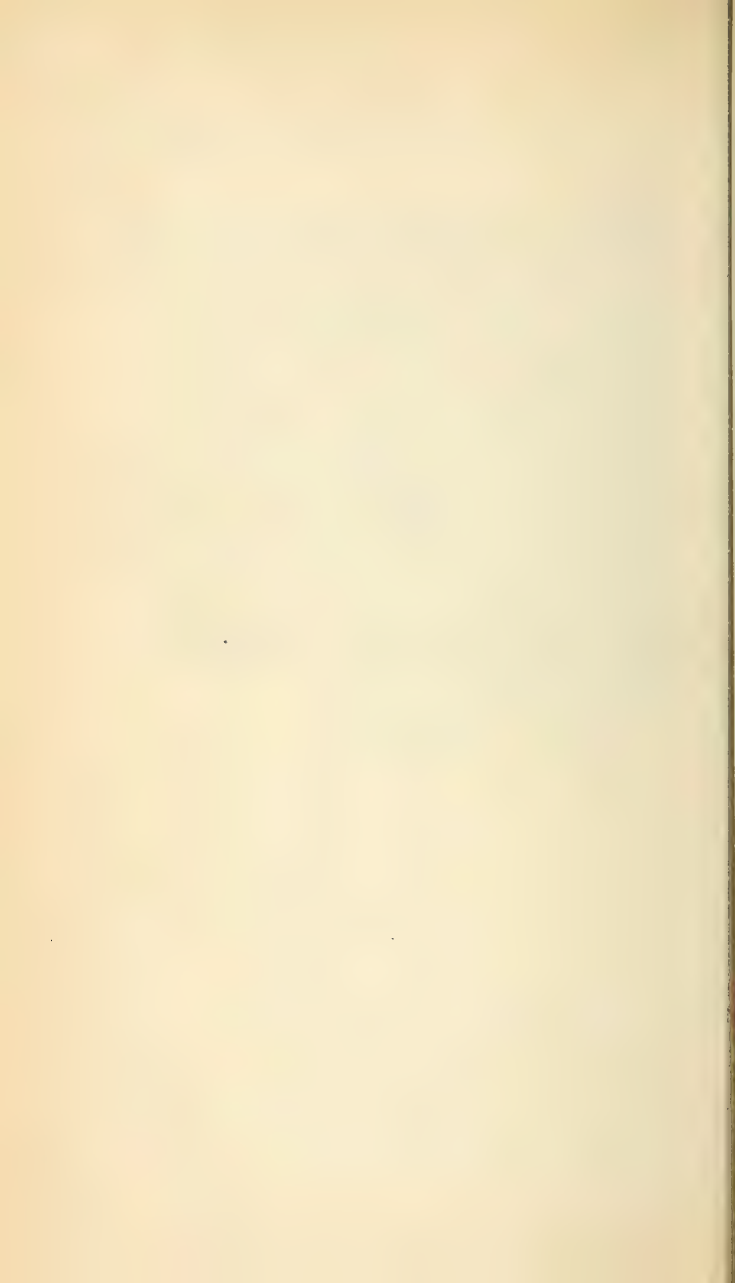
A nossa arte e a nossa literatura vem-nos feita de França, pelo paquete; e custa-nos caríssima em direitos de alfândega. Eu mesmo não mereço ser exceptuado da legião melancólica e servil dos imitadores. Os meus romances, no fundo, são franceses; como eu sou em quasi tudo um Francês, excepto num certo fundo sincero de tristeza lírica, que é uma característica portuguesa; num gosto depravado pelo *fadinho*, e no justo amor do bacalhau de cebolada. Em tudo o mais, Francês, de província. Nem podia ser doutro modo: já no pátio da Universidade, já no largo do Rossio, eu fui educado, e eduquei-me a mim mesmo, com livros franceses, ideias francesas, modos de ser franceses, sentimentos franceses e ideais franceses... Da gente portuguesa conheço apenas a alta burguesia de Lisboa — que é francesa, e que há-de pensar à francesa, se algum dia vier a pensar. Como é feito por dentro o português de Guimarães e de Chaves? Não sei. O *Padre Amaro* é mais adivinhado que observado. E por probidade de artista eu tenho uma ideia de me limitar e escrever contos para as crianças e vidas

dos grandes Santos. O que me consola é que tôdas as nações se vão desnacionalizando; e que tudo tende a uma unidade comum, como o prego das estampilhas. Dentro em pouco há-de haver um só tipo de homens, em tôda a Europa, com o mesmo feitio moral, as mesmas frases e o mesmo corte de barba. E o tipo escolhido há-de ser o Francês, que é, por excelência, *l'homme moyen*, sem excessos no bom ou no mau, de temperatura temperada, e feito de doses iguais. Os meus romances, que são por ora franceses, serão nacionais — naquela pequenina porção dos volumes que restar da traça, essa suprema crítica...

(Da carta dirigida de Angers, 10 de Maio de 1884 a Oliveira Martins, *apud*. A. Cabral, *Éça de Q.*, Lisboa, 1916, pág. 375 e 376.)

II

Opiniões literárias e estéticas



OPINIÕES LITERÁRIAS E ESTÉTICAS

1.

LIRISMO ÉPICO E LIRISMO ÍNTIMO

Os temas («os motivos emocionais», como nós dizíamos em 1867) dessas cinco ou seis poesias, reunidas em folhetim sob o título de LAPIDÁRIAS, tinham logo para mim uma originalidade cativante e bem-vinda. Era o tempo em que eu e os meus camaradas do Cenáculo, deslumbrados pelo Lirismo Épico da *Légende des Siècles*, «o livro que um grande vento nos trouxera de Guernesey» — decidíramos abominar e combater a rijos brados o Lirismo Íntimo, que, enclausurado nas duas polegadas do coração não compreendendo de entre todos os rumores do Universo senão o rumor das saias d'Elvira, tornava a Poesia, sobretudo em Portugal, uma monótona e interminável confidência de glórias e martírios de amor. Ora Fradique Mendes pertencia evidentemente

aos poetas novos que, seguindo o Mestre sem-igual da *Légende des Siècles*, iam, numa universal simpatia, buscar motivos emocionais fora das limitadas palpitações do coração — à História, à Lenda, aos Costumes, às Religiões a tudo que através das idades, diversamente e unamente, revela e define o Homem. Mas, além disso, Fradique Mendes trabalhava um outro filão poético que me seduzia — o da Modernidade, a notação fina e sóbria das graças e dos horrores da Vida, da Vida ambiente e costumada, tal como a podemos testemunhar ou pressentir nas ruas que todos trilhamos, nas moradas vizinhas das nossas, nos humildes destinos deslizando em tórno de nós por penumbras humildes.

Esses poemetos das LAPIDÁRIAS desenrolavam, com efeito, temas magnificamente novos. Aí um Santo alegórico, um Solitário do século vi, morria uma tarde sôbre as neves da Silésia, assaltado e domado por uma tão inesperada e bestial rebelião da Carne, que, à beira da Bem-aventurança, súbitamente a perdia; e com ela o fruto divino e custoso de cinqüenta anos de penitência e de êrmo: um corvo, facundo e velho além de tóda a velhice, contava façanhas do tempo em que seguira pelas Gálias, num bando alegre, as legiões de César, depois as hordas de Alarico rolando para a Itália, branca e tóda de mármore sôbre o azul: o bom cavaleiro Percival, espelho e flor d'Idealistas,

deixava por cidades e campos o sulco silencioso da sua armadura d'ouro, correndo o mundo, desde longas eras, à busca do Santo-Grãl, o místico vaso cheio do sangue de Cristo, que, numa manhã de Natal, ôle vira passar e lampejar entre nuvens, por sôbre as tôrres de Camerlon; um Satanás de feitio germânico, lido em Spinosae e Leibnitz, dava, numa viela de cidade medieval, uma serenada irónica aos astros, «gotas de luz no frio ar geladas»... E, entre estes motivos de esplêndido simbolismo, lá vinha o quadro de singela modernidade, as *Velhinhas*, cinco velhinhas com chales de ramagens pelos ombros, um lenço ou um cabaz na mão, sentadas sôbre um banco de pedra, num longo silêncio de saüdade, a uma réstea de sol d'outono....

(A *Corresp. de Frad. Mendes*, pág. 5 a 7.)

A MAIS ÚTIL FORMA DA CRÍTICA

As *Farpas* teem sido para êle (Ramalho) a grande escola da Ironia: Ramalho tem feito na Ironia a sua educação e a sua carreira. A epígrafe invocativa das *Farpas* é inteiramente exacta, como história do seu progresso: é a Ironia que o tem libertado da rotina, da adoração dos falsos Deuses e dos falsos Diabos, das mistificações da política, das pequenas ambições, dos pequenos luxos, da enfatuação, da melancólica escravidão dos partidos, das superstições sociais e dos mandamentos transcendentales. É a Ironia que, fazendo-o livre, o tem feito justo....

....O primeiro fim das *Farpas* foi promover o riso. O riso é a mais antiga e ainda a mais terrível forma da crítica. Passe-se sete vezes uma gargalhada em volta duma instituição, e a instituição alui-se; é a Bíblia que no-lo ensina sob a alegoria, geralmente estimada, das trombetas de Josué, em tórno de Jericó. Há uma receita vulgar para produzir o riso: toma-se, por exemplo, um personagem augusto: puxa-se-lhe a língua até ao

umbigo; estiram-se-lhe as orelhas numa extensão asinina; rasga-se-lhe a bôca até á nuca; põe-se-lhe um chapéu de bicos de papel; bate-se o tambor e chama-se o público. Mau método, meu caro! Apenas a multidão ri o seu riso, e sai,—o personagem recolhe a língua, contrai a orelha, franze a bôca, esconde o chapéu de bicos—e continua a ser augusto! As *Farpas* tinham inteiramente outro processo:—era obrigar a multidão a *ver verdadeiro*.

Ramalho Ortigão era admirável nestas demonstrações. Por exemplo, um orador ilustre falava em S. Bento; ninguém como Ramalho para recolher numa bacia os períodos escorridos—e mostrar ao público que aquella eloquência sublime eram as fezes biliosas de velhos compêndios decorados.

Para fazer isto é precisa uma certa coragem. Os Franceses dizem: é necessário uivar com os lobos. Eu digo: é útil balar com os carneiros; ganha-se a estima dos nédios, as cortesias dos chapéus do Roxo, palmadinhas doces no ombro, de manhã à noite uma pingadeirazinha de glória. Mas ir sacudir, incomodar o repouso da velha Tolice Humana, traz desconfortos: veem as calúniazinhas, os ódiozinhos, os sorrisos amarelos, a cicuta de Sócrates às colheres. Todavia, Ramalho Ortigão foi sempre estimado; nunca, creio, nem nos jornais, nem nesse grande *Diário de Noticias* falado, que se chama, em Portugal, Conversação. se remexeu seriamente

cicuta para Ramalho. Isto, dizem os scépticos, provém de que geralmente, num país civilizado e onde a arnica não é barata, se respeita uma consciência limpa, que usa uma bengala sólida. De modo nenhum: provém de que Ramalho Ortigão não põe azevedume na sua ironia....

.... O «espírito» não é uma lesão cerebral que faz *ver cómico*: é uma disposição cerebral que faz *descobrir o cómico*, que o faz descobrir através das exterioridades convencionais e as formas consagradas; achar o *cómico* numa má instituição ou num mau costume (maus pela sua ampla existência, ou maus por se perpetuarem além do momento histórico que os justificam) é pô-los em contradição com o bom-senso e com o bom-gôsto, é anulá-los. Um acto de espírito pode ser assim um acto de grande justiça social. A palavra *espírito*, ultimamente, tem sido amesquinhada; fazem-no significar as saídas picantes da conversação engraçada, o *bon-mot*, o *lazzi*, a chalaça. Mas elle é uma mais alta entidade: é a crítica pelo riso; é o raciocínio pela ironia. ¿Quem são os grandes precursores da Revolução, na literatura? Os grandes escarnecedores: Rabelais, Cervantes, Lesage, Voltaire. De *Gargântua* ao *Casamento de Figaro*, ¿por quem é conduzida a campanha social e revolucionária? ¿quem desprende a ideia puramente racional dos mitos retóricos do paganismo e dos misté-

rios confusos do Cristianismo? ¿quem vem conduzindo a civilização para a justiça? Os que riem: *Pantagruel*, *D. Quixote*, *Gil Brás*, *Cândido*. ¿Porque é Boileau ilustre? ¿Pelos lirismos insuportáveis das suas odes? Credo! Pela ironia gaulesa do seu *Lutrin*.

O riso é a mais útil forma da crítica, porque é a mais acessível à multidão. O riso dirige-se, não ao letrado e ao filósofo, mas à massa, ao imenso público anónimo.

(*Notas contemp.*, pág. 34 a 52.)

3.

ADORAÇÃO DA FORMA

EXACTAMENTE como Ponce de Leon, eu só procurava em Literatura e Poesia *algo nuevo que mirar*. E para um meridional de vinte anos, amando sobretudo a Côr e o Som, na plenitude da sua riqueza, ¿que poderia ser êsse *algo nuevo* senão o luxo novo das formas novas? A forma, a beleza inédita e rara da Forma, eis realmente, nesses tempos de delicado sensualismo, todo o meu interêsse e todo o meu cuidado! De-certo eu adorava a Ideia, na sua essência; — mas quanto mais o Verbo que a encarnava!

(*Corresp. de Fradique M.*, pág. 11.)

ELOGIO DO NATURALISMO

Ah! se a nossa amada Lisboa, velha criada de abade que se arrebuca à francesa, tivesse já compreendido o que, neste ano da Graça de 86, já largamente compreendeu a aldeia de Carpentras, famosa pela sua catturice: — que o Naturalismo consiste apenas em pintar a tua rua como ela é na *sua* realidade e não como tu a poderias idear na *tua* imaginação — seria honrar o teu livro suspeitá-lo de Naturalismo! Obra naturalista significaria então, para a nossa bondosa Lisboa — obra observada e não sonhada; obra modelada sobre as formas da Natureza, não recortada sobre moldes de papel; obra pouxada nas eternas bases da Vida, e não nesse monturo mole, feito de sentimentalismo bolorento e de cascalho de retórica, que ainda atravanca um canto da Arte, e onde se vê ainda, por vezes, brotar uma florzinha triste e melada, que pende e que cheira a mófo.

Mas, como tu sabes, amigo, nesta Capital do nosso Reino permanece a opinião cimentada a pedra e cal, entre leigos e entre letrados, que Naturalismo, ou, como a Capital diz, Realismo — é *grosseria e suidade*! Não

tens tu reparado que, quando um jornalista, copiando no seu jornal com pena hábil a Parte de Polícia, que é o *roast-beef* da Imprensa, menciona um bruto que proferiu palavras imundas, nunca deixa de lhe chamar, com uma ironia cujo brilho raro o enche de justo orgulho, — *discípulo de Zola!* — ; Não tens notado que nos Periódicos, quando se quer definir uma maneira especial de ser torpe, se emprega esta expressão consagrada — *à Zola?* ; Não tens tu visto que, ao descrever um caso sórdido ou bestial, o homem da Gazeta acrescenta sempre, com um desdém grandioso: «para contar bem como tudo se passou precisávamos saber manejar a pena de *Zola?*». ; Assim é, assim é! Estranha maravilha da Asneira! O nome do épico genial de *Germinál* e da *Œuvre* serve para simbolizar tudo que, em actos e palavras, é grosseiro e imundo! Isto passa-se numa terra que na geografia política é uma Capital e se chama Lisboa — mas que, na Ordem do pensamento e do saber, é um lugarejo sem nome!

! Meu Deus, sejamos justos! Também em França, em Inglaterra, há quinze anos, houve a mesma opinião sôbre o Naturalismo; também gritaram *grosseria*, *sujidade*, os néscios e os malignos, ao apparecerem essas vivas, rijas, fecundas, resplandecêntes criações do *Assomoir* e de *Nana*. Sômente em França, em Inglaterra, bem de-pressa os néscios compreenderam (como já muito bem tinham

compreendido os malignos) que se não tratava duma literatura expressamente libertina, filha de Bocácio, de Brantôme e de Piron, especulando com o vício e fazendo dinheiro com êle — como paralelamente o snr. Ulbach, e outros pudicos piores, procuram judiciosamente acumular pecúnia, fabricando correctos quadros de virtude para uso dos Colégios de meninas; mas que se estava em presença duma larga e poderosa Arte, fazendo um profundo e subtil inquérito a tòda a Sociedade e a tòda a vida contemporânea, pintando-lhe cruamente e sinceramente o feio e o mau, e não podendo, na sua santa missão de verdade, ocultar detalhe nenhum por mais torpe, como, na sua scientifica necessidade de exactidão, um livro de Fisiologia não pode omitir o estudo de nenhuma função e de nenhum órgão. Ora esta nobre Arte não julga dever mutilar a Realidade ou falseá-la, comprometendo assim o seu grandioso fim moral, só porque poderia fazer còrar as meninas — as meninas que, segundo nos revelou ultimamente o castíssimo e idealíssimo Feuillet, conhecedor perfeito dos costumes da Virgindade, quando estão juntas, tòdas de branco, num canto de sala, teem conversas *qui feraient rougir un singe*, i que fariam còrar um macaco! E em verdade vos digo, oh meus concidadãos, o macaco é, desde Plínio, considerado como a mais impudente, a mais obscena das criaturas que saíram das mãos inesgotáveis do Senhor!

Mas a nossa terra, amigo, nunca assim o compreenderá. Para ela Naturalismo é cousa suja — e cousa suja ficará....

.... Assim ela é, docemente cabeçuda. O que não impede que se arremesse com voracidade sôbre tôdas essas *Nanas*, êsses *Pot-Bouilles*, brochados de amarelo, que declarou grosseiros e sujos! E a ponto que não tolera, e deixa cobrirem-se de bolor nas livrarias, os biscoitos inofensivos que os mestres lhes cozinham com a pura farinha do Idealismo. Não lhes pega! Quer lodo, o lodo que ela condena nas salas, decotada e austera.

De tal sorte, que assistimos a esta cousa pavorosa: — os discípulos do Idealismo, para não serem de todo esquecidos, agacham-se melancolicamente e, com lágrimas reprêsas, besuntam-se também de lodo! Sim, amigo, êstes homens puros, vestidos de linho puro, que tão indignadamente nos arguíram de chafurdarmos num lameiro, | veem agora pé-ante-pé enlambuzar-se com a nossa lama! Depois, erguendo bem alto as capas dos seus livros, onde escreveram em grossas letras êste letreiro — *romance realista*, — parece dizerem ao Público, com um sorriso triste na face mascarada: — «Olhem também para nós, leiam-nos também a nós... Acreditem que também somos muitíssimo grosseiros, e que também somos muitíssimo sujos!»

(Do Prefácio dos *Azulejos*, de Bernar de Pindela, conde d'Arnoso.)

A ARTE IMORTAL

A ARTE oferece-nos a única possibilidade de realizar o mais legítimo desejo da Vida — que é não ser apagada de todo pela Morte. Agora que o Espírito, tendo uma consciência mais segura do Universo, se recusa a crer na capciosa promessa das Religiões, de que elle não acabará inteiramente, e irá ainda, em regiões de azul ou de fogo, continuar a sua existência pelo êxtase ou pela dor — a única esperança que nos resta, de não morrermos absolutamente, como as couves, é a Fama, essa Imortalidade relativa que só dá a Arte.

Só a Arte realmente pode dizer aos seus eleitos, com firmeza e certeza: — «Tu não morrerás inteiramente: o mesmo amortalhado, metido entre as tábuas dum caixão, regado de água-benta, tu poderás continuar por mim a viver. O teu pensamento, manifestação melhor e mais completa da tua vida, permanecerá intacto, sem que contra elle prevaleçam todos os vermes da terra; e ainda que, fixado definitivamente na tua obra, pareça immobilizado nela como uma múmia nas suas ligaduras, elle terá todavia o

supremo sintoma da Vida, a renovação e o movimento, porque fará vibrar outros pensamentos, e através das criações dêles estará perpétuamente criando. Mesmo o teu riso dum momento reviverá nos risos que fôr despertando; e as tuas lágrimas não secarão, porque farão correr outras lágrimas. Ficarás para sempre vivo, por te misturares perpétuamente à vida dos outros; e as mesmas linhas do teu rosto, o teu traje, os teus modos, não morrerão, constantemente rememorados pela curiosidade das gerações. Assim, não desaparecerás nem na tua forma mortal: e serás dêsses Eternos Videntes, mais eternos que os Deuses, que são os contemporâneos de tôdas as gerações, e vão sempre marchando no meio da Humanidade que marcha. Espíritos originais, a que se acendem os outros espíritos, para que se não apague o fogo perene da Inteligência—iguais a essas quatro ou cinco lâmpadas que leva a grande Caravana de Meca, para que a elas se acendam lareiras e tochas, e a Caravana possa sempre marchar, orando sempre, e segura.»

E esta promessa, amigo, não é falaz. A arte é tudo, porque só ela tem a duração — e tudo o resto é nada! As Sociedades, os impérios, são varridos da terra, com os seus costumes, as suas glórias, as suas riquezas; e se não passam da memória fugidia dos homens, se ainda para êles se voltam piedosamente as curiosidades, é porque dêles ficou

algum vestígio de Arte, a coluna tombada dum palácio, ou quatro versos num pergaminho. As Religiões só sobrevivem pela arte; só ela torna os deuses verdadeiramente imortais — dando-lhes forma. A Divindade só fica absolutamente divina — quando um cinzel de génio a fixa em mármore; inspira-lhe então o grande culto intelectual, que é o único desinteressado e o único consciente; já nada tem a sofrer do Livre Exame: entra na serena região dos Incontestáveis e só então deixa de ter ateus. O mais austero católico é ainda pagão, como se era em Citera, diante da Vénus de Milo. E a Nossa Senhora do Céu só tem adorações unânimes e louvores sem contestação, quando é o pincel de Murilo que a ergue sobre o Orbe, loura e loucada de estrélas.

A Arte é tudo — tudo o resto é nada. Só um livro é capaz de fazer a eternidade dum povo. Leónidas ou Péricles não bastariam para que a velha Grécia ainda vivesse, nova e radiosa, nos nossos espíritos: foi-lhe preciso ter Aristófanes e Ésquilo. Tudo é efémero e ôco nas Sociedades — sobretudo o que nelas mais nos deslumbra. ¿Podes-me tu dizer quem foram no tempo de Shakespeare os grandes banqueiros e as formosas mulheres? ¿Onde estão os sacos de ouro dêles, e o rolar do seu luxo? ¿Onde estão os claros olhos delas? ¿Onde estão as rosas de York que floriram então? Mas Shakespeare está realmente tão vivo como quando, no

estreito tablado do *Globe*, êle dependurava a lanterna que devia ser a lua, triste e amorosamente invocada, alumando o Jardim dos Capuletos. Está vivo duma vida melhor, porque o seu Espírito fulge com um sereno e contínuo esplendor, sem que o perturbem mais as humilhantes misérias da Carne!....

.... Bismarck todo-poderoso, que é Chanceler e de ferro, daqui a duzentos anos será, sob a ferrugem que o há-de cobrir, uma dessas figuras de Estudo que dormem nos arquivos e que pertencem só à erudição histórica: o Papa Leão XIII, tão grande, tão presente, que até as crianças lhe sabem de cor o sorriso fino, não será mais, na longa fila dos Papas, que uma vaga tiara com um número; mas duzentos anos passarão, e mil — e o nome, a figura, a vida de certo homem que não governou nem a Alemanha nem a Cristandade estará tão fresca e rebrilhante como hoje, na memória grata dos homens. ¿Porquê? Porque um dia, numa ilha da Mancha, ao rumor dos mares e dos ventos, êle escreveu alguns centos de versos que se chamam a *Lenda dos Séculos*.

Bem melhor do que eu o diz a curta canção

«*De vingt rois que l'on encense*
«*Le trépas brise l'autel,*
«*Mais Voltaire est immortel!*

¿Quer isto dizer, amigo, que os teus *Azulejos*, pelo mero facto de não serem um rela-

tório, hão-de viver tanto como os mármorees do Parténon? Ai de ti! ai de mim! O sol dá luz, existe assim coruscante e redondo há centenas de séculos, e a Sciência ainda lhe afiança longos milhares de anos de esplendor e de glória no alto dos céus: mas em nossas casas os fósforos de cera também pertencem à substância que dá luz, e quando alumiam trêmulamente um minuto, já lhes gabamos a qualidade, reconhecidos. Os teus contos são flores de Arte, modestas e simples: contenta-te que, como flores, elles durem uma manhã de verão. ; Feliz serás! As minhas obras, essas, não contam mesmo, para viver, com esse «espaço duma manhã» que Malherbe garante às rosas. Não sei como é: dou-lhes a minha vida tôda e elas nascem mortas; e quando as vejo diante de mim, pasmo que depois de tão duro esforço, depois de tão ardente, laboriosa insuflação de alma, saia aquella cousa fria, inerte, sem voz, sem palpação, amortalhada numa capa de còr!...

(Do Prefácio dos *Azulejos*, de Bernardo de Pindela, conde d'Arnoso.)

III

Poder descriptivo



PODER DESCRITIVO

1.

PASSEIO A SINTRA EM ABRIL (1)

PARTIRAM.

Era uma manhã muito fresca, tóda azul e branca, sem uma nuvem, com um lindo sol que não aquecia, e punha nas ruas, nas fachadas das casas, barras alegres de claridade dourada. Lisboa acordava lentamente: as saloias ainda andavam pelas portas com os seus ceirões d'hortalças: varria-se devagar a testada das lojas: no ar macio morria a distância um toque fino de missa.

.....
O *break* rodava na estrada de Bemfica: iam passando muros enramados de quintas, casarões tristonhos, de vidraças quebradas; vendas com o seu masso de cigarros à porta, dependurado de uma guita: e a menor árvo-

(1) Transcrevem-se aqui, reúnidos, muitos trechos de paisagem que no romance estão entrecortados por longos diálogos ou episódios, e compreendem as impressões de um dia inteiro, desde a manhã ao cair da tarde.

re. qualquer bocado de relva com papoulas, um fugitivo longe de colina verde, encantavam Cruges. | Há que tempos êle não via o campo!

.....

Daí a pouco entravam na charneca, que lhes pareceu infindável. D'ambos os lados, a perder de vista, era um chão escuro e triste; e por cima um azul sem fim, que naquela solidão parecia triste também. O trote compassado dos cavalos batia monòtonamente a estrada. Não havia um rumor: por vezes um pássaro cortava o ar, num voo brusco, fugindo do êrmo agreste.

.....

Chegavam às primeiras casas de Sintra; havia já verduras na estrada, e batia-lhes no ròsto o primeiro sòpro forte e fresco da serra.

E a passo, o *break* foi penetrando sob as árvores do Ramalhão. Com a paz das grandes sombras, envolvia-os pouco a pouco uma lenta e embaladora sussurração de ramagens, e como que o difuso e vago murmúrio de águas correntes. Os muros estavam cobertos de heras e de musgos; através da folhagem, faiscavam longas flechas de sol. Um ar subtil e aveludado circulava, rescendendo às verduras novas; aqui e além, nos ramos mais sombrios, pássaros chilreavam de leve; e naquele simples bocado de estrada, todo salpicado de manchas do sol, sentia-se já, sem se ver, a religiosa solenidade dos espessos

arvoredos, a frescura distante das nascentes vivas, a tristeza que cai das penedias, e o repouso fidalgo das quintas de verão... Cruges respirava largamente, voluptuosamente.

.....
— ¡Vamos para o *Nunes*, que se come melhor!

Cruges não respondeu, mudo, enlevado, recebendo como uma impressão religiosa de todo aquele esplendor sombrio de arvoredos, dos altos fragosos da serra, entrevistos um instante lá em cima nas nuvens, dêsse aroma que êle sorvia deliciosamente, e do sussurro doce, de águas descendo para os vales....

Só ao avistar o Paço descerrou os lábios:

— ¡Sim senhor, tem *cachet*!

E foi o que mais lhe agradou—êste maciço e silencioso palácio, sem florões e sem tórres, patriarcalmente assentado entre o casario da vila, com as suas belas janelas manuelinas, que lhe fazem um nobre semblante real, o vale aos pés, frondoso e fresco, e no alto as duas chaminés colossais, disformes, resumindo tudo, como se essa residência fôsse tôda ela uma cozinha talhada às proporções de uma gula de Rei, que cada dia come todo um Reino...

.....
Eram duas horas, quando os dois amigos saíram em-fim do hotel, a fazer êsse passeio a Setiais—que desde Lisboa tentava tanto o *maestro*. Na praça, por defronte das lojas

vazias e silenciosas, cães vadios dormiam ao sol: através das grades da cadeia, os presos pediam esmola. Crianças enxovalhadas e em farrapos garotavam pelos cantos; e as melhores casas tinham ainda as janelas fechadas, continuando o seu sono do inverno, entre as árvores já verdes. De vez em quando aparecia um bocado da serra, com a sua muralha de ameias correndo sôbre as penedias, ou via-se o castelo da Pena, solitário, lá no alto. E por toda a parte o luminoso ar de abril punha a doçura do seu veludo.

.....
— ¡Isto é sublime! — exclamou do lado o Cruges, comovido.

Parara diante da grade donde se domina o vale. E dali olhava, enlevadamente, a rica vastidão de arvoredos cerrados, a que só se vêem os cimos redondos, vestindo um declive de serra como o musgo veste um muro, e tendo àquela distância, no brilho da luz, a suavidade macia de um grande musgo escuro. E nesta espessura verde-negra havia uma frontaria de casa que o interessava, branquejando, afogada entre a folhagem, com um ar de nobre repouso, debaixo de sombras seculares...

— ¡Que ar! Isto dá saúde, menino! Isto faz reviver!...

Para o gozar mais docemente, sentou-se adiante, num bocado de muro baixo, de frente de um alto terraço gradeado, onde velhas árvores assombriam bancos de jar-

dim, e estendem sôbre a estrada a frescura das suas ramagens, cheias do piar das aves. E como Carlos lhe mostrava o relógio, as horas que fugiam para ir ver o palácio, a Pena, as outras belezas do Sintra — o *maestro* declarou que preferia estar ali, ouvindo correr a água, a ver monumentos caturras...

— Sintra não são pedras velhas, nem coisas góticas... Sintra é isto, uma pouca de água, um bocado de musgo... | Isto é um paraíso!

.....
Ficaram calados. Cruges, agora, admirava o jardim, por baixo do muro em que estavam sentados. Era um espesso ninho de verdura, arbustos, flores e árvores, sufocando-se numa prodigalidade de bosque silvestre, deixando apenas espaço para um tanquezinho redondo, onde uma pouca de água, imóvel e gelada, com dois ou três nenúfares, se esverdinhava sob a sombra daquela ramaria profusa. Aqui e além, entre a bola desordem da folhagem, distinguiam-se arranjos de gosto burguês, uma volta de ruazita estreita como uma fita, faiscando ao sol, ou a banal palidez de um gesso. Noutros recantos, aquele jardim de gente rica, exposto às vistas, tinha retoques pretensiosos de estufa rara; aloés e cactos, braços aguardassolados de araucárias erguendo-se de entre as agulhas negras de pinheiros bravos; lâminas de palmeira, com o seu ar triste de planta exilada, roçando a rama leve e perfumada

das olaias floridas de côr de rosa. A espaços, com uma graça discreta, branquejava um grande pé de margaridas; ou, em tórno de uma rosa, solitária na sua haste, palpitavam borboletas aos pares.

.....

—; Vejam vocês isto! — gritou Cruges, que parara, esperando-os. Isto é sublime.

Era apenas um bocadito de estrada, apertada entre dois velhos muros cobertos de hera, assombreada por grandes árvores entrelaçadas, que lhe faziam um tóldo de folhagem, aberto à luz como uma renda: no chão, tremiam manchas de sol: e, na frescura e no silêncio, uma água que se não via ia fugindo e cantando.

.....

Mas, ao chegar a Setiais, Cruges teve uma desilusão, diante daquele vasto terreiro coberto de erva, com o palacete ao fundo, enxovalhado, de vidraças partidas, e erguendo pomposamente sôbre o arco, em pleno céu, o seu grande escudo de armas. Ficara-lhe a ideia, de pequeno, que Setiais era um montão pitoresco de rochedos, dominando a profundidade de um vale; e a isto misturava-se vagamente uma recordação de luar e de guitarras... Mas aquilo que ôle ali via era um desapontamento.

.....

Iam ambos caminhando por uma das alamedas laterais, verde e fresca, de uma paz religiosa, como um claustro feito de folha-

gem. O terreiro estava deserto; a erva² que o cobria, crescia ao abandonô, tôda estrelada de botões de ouro brilhando ao sol, e de mal-mequerzinhos brancos. Nenhuma fôlha se movia: através da ramaria ligeira, o sol atirava molhos de raios de ouro. O azul parecia recuado a uma distância infinita, repassado de silêncio luminoso; e só se ouvia, às vezes, monótona e dormente, a voz de um cuco nos castanheiros.

Tôda aquela vivenda, com a sua grade enferrujada sôbre a estrada, os seus florões de pedra poídos da chuva, o pesado brasão rocôcó, as janelas cheias de teias de aranha, as telhas tôdas quebradas, parecia estar-se deixando morrer voluntariamente naquela verde solidão, — amuada com a vida, desde que dali tinham desaparecido as últimas graças do tricorné e do espadim, e os derradeiros vestidos de anquinhas tinham roçado essas relvas...

.....

Quando passaram o Arco, encontraram Carlos sentado num dos bancos de pedra, fumando pensativamente a sua *cigarrette*. O palacete deitava sôbre aquele bocado de terraço a sombra dos seus muros tristes; do vale subia uma frescura e um grande ar; e algures, em baixo, sentia-se o prantear de um repuxo.

.....

Cruges, no em-tanto, encostado ao parapeito, olhava a grande planície de lavoura, que

se estendia em baixo, rica e bem trabalhada, repartida em quadros verde-claros e verde-escuros, que lhe faziam lembrar um pano feito de remendos assim, que elle-tinha na mesa do seu quarto. Tiras brancas de estradas serpeavam pelo meio: aqui e além, numa massa de arvoredos, branquejava um casal: e a cada passo, naquello solo onde as águas abundam, uma fila de pequenos olmos revelava algum fresco ribeiro, correndo e reluzindo entre as ervas. O mar ficava ao fundo, numa linha unida, esbatida na tenuidade diffusa da bruma azulada: e por cima arredondava-se um grande azul, lustroso como um belo esmalte, tendo apenas, lá no alto, um farrapozinho de névoa, que ficara ali esquecido, e que dormia enovelado e suspenso na luz...

.....
—Agora, Cruges, filho, repara tu naquella tela sublime.

O *maestro* embasbacou. No vão do arco, como dentro de uma pesada moldura de pedra, brilhava, à luz rica da tarde, um quadro maravilhoso, de uma composição quasi fantástica, como a illustração de uma bella lenda de cavalaria e de amor. Era, no primeiro plano, o terreiro, deserto e verdejando, todo salpicado de botões amarelos; ao fundo, o renque cerrado de antigas árvores, com erva nos troncos, fazendo ao longo da grade uma muralha de folhagem reluzente; e emergindo abruptamente dessa copada linha de bosque

assoalhado, subia no pleno resplendor do dia, destacando vigorosamente, num relêvo nítido, sôbre o fundo de céu azul claro, o cumee airoso da serra, tóda côr de violeta escura, coroada pelo castelo da Pena, romântico e solitário no alto, com o seu parque sombrio aos pés, a tôrre esbelta perdida no ar, e as cúpulas brilhando ao sol, como se fôsssem feitas de ouro...

.....
E tóda a sorte de ideias d'amor, de devoção absoluta, de sacrifício, invadiam-no deliciosamente — em-quanto os seus olhos se esqueciam, se perdiam, enlevados na religiosa solenidade daquelle belo fim de tarde. Do lado do mar subia uma maravilhosa côr d'ouro pálido, que ia no alto diluir o azul, dava-lhe um branco indeciso e opalino, um tom de desmaio doce; e o arvoredo cobria-se todo de uma tinta loura, delicada e dormente. Todos os rumores tomavam uma suavidade de suspiro perdido. Nenhum contôrno se movia, como na imobilidade de um êxtase. E as casas, voltadas para o poente, com uma ou outra janela acesa em brasa, os cimos redondos das árvores apinhadas, descondo a serra numa espessa debandada para o vale, tudo parecia ficar de-repente parado, num recolhimento melancólico e grave, olhando a partida do sol, que mergulhava lentamente no mar...

A PRAÇA DE LEIRIA À HORA DA MISSA

N ESSA manhã, com efeito, a affluência das freguesias enchia a Praça: os homens, em grupo, atravancando a rua, muito sérios, muito barbeados, de jaqueta ao ombro; as mulheres, aos pares, com uma fortuna de grillhões e de corações d'ouro sôbre os peitos peçados; nas lojas, os caixeiros azafamavam-se por trás dos balcões alastrados de lençaria e de chitas; nas tabernas apinhadas gralhava-se alto; pelo mercado, entre os sacos de farinha, os montões de louça, os cestos de broa, ia um regatear sem fim; havia multidão ao pé das tendas, onde reluzem os espelhinhos redondos e trasbordam os molhos de rosários; velhas faziam pregão por trás dos taboleiros de cavacas; e os pobres afreguesados à cidade choramingavam Padre-Nossos pelas esquinas.

Já as senhoras passavam para a missa, tôdas em sedas, de rostinho sisudo; e a Arcada estava cheia de cavalheiros, tesos nos seus fatos de casimira nova, fumando caro, gozando o domingo...

DOMINGO TRISTE

NUMA RUA POBRE DE LISBOA

O sol desapareceu; na rua estreita havia uma sombra igual, de tarde sem vento; pelas casas, de uma edificação velha, escuras, estavam abertas as varandas onde em vasos vermelhos se mirrava alguma velha planta miserável, manjaricão ou cravo; ouvia-se no teclado melancólico dum piano a *Oração de uma virgem*, tocada por alguma menina, no sentimentalismo vadio do domingo; e na sua janela, defronte, as quatro filhas do Teixeira Azevedo, magrinhas, com os cabelos muito riçados, as olheiras pisadas, passavam a sua tarde de dia-santo olhando para a rua, para o ar, para as janelas vizinhas, cochichando, se viam passar um homem — ou debruçadas, com uma atenção idiota, faziam pingar saliva sôbre as pedras da calçada.

.....

Um homem grosso, de pernas tortas, curvado sôbre um realejo, appareceu então ao alto da rua; as suas barbas pretas tinham um aspecto feroz; parou, pôs-se a voltear a manivela, levantando em redor, para as ja-

nelas, um sorriso triste de dentes brancos; — e a *Casta Diva*, com uma sonoridade metálica e sêca, muito tremida, espalhou-se pela rua.

Gertrudes, a criada e concubina do doutor de matemática, veio encostar logo aos caixilhos estreitos da janela a sua vasta face tri-gueira, de quarentona farta e estabelecida; adiante, na sacada aberta dum segundo andar, debruçou-se a figura do Cunha Rosado, magro e chupado, com um boné de borla, o aspecto desconsolado do doente d'intestinos, conchegando com as mãos transparentes o *robe-de-chambre* ao ventre. Outras faces enfatiadas mostraram-se, entre as bambinelas de cassa.

Na rua, a estanqueira chegou-se à porta, vestida de luto, estendendo o seu carão viúvo, os braços cruzados sôbre o chale tingido de preto, esguia nas longas saias escoadas. Da loja, por baixo da casa Azevedo, veio a carvoeira, enorme de gravidez bestial, o cabelo esguedelhado em repas sêcas, a cara oleosa e enfarruscada, com três pequenos meio nus, quási negros, chorões e hirsutos, que se lhe penduravam da saia de chita. E o Paula, com loja de trastes velhos, adiantou-se até ao meio da rua; a pala de verniz do seu boné de pano preto nunca se erguia de cima dos olhos; escondia sempre as mãos, como para ser mais reservado, por trás das costas, debaixo das abas do seu casaco de cotim branco; o calcanhar sujo da meia saía-lhe para fora da chinela bordada a missanga; e

fazia roncar o seu pigarro crónico de um modo despeitado. Detestava os reis e os padres. O estado das coisas públicas enfurecia-o. Asso-
biava freqüentemente a *Maria da Fonte*, e mostrava-se nas suas palavras, nas suas atitudes, um patriota exasperado.

O homem do realejo tirou o seu largo chapéu desabado, e, tocando sempre, ia-o estendendo em redor para as janelas, com um olhar necessitado. As Azevedos tinham logo fechado violentamente a vidraça. A carvoeira deu-lhe uma moeda de cobre; mas interrogou-o: quis de-certo saber de que país era, por que estradas tinha vindo, e quantas peças tinha o instrumento.

Gente endomingada começava a recolher, com um ar derreado do longo passeio, as botas empoeiradas: mulheres de chale, vindas das hortas, traziam ao colo as crianças adormecidas da caminhada e do calor; velhos plácidos, de calça branca, o chapéu na mão. gozavam a frescura, dando um giro no bairro: pelas janelas bocejava-se: o céu tomava uma cor azulada e polida, como uma porcelana: um sino repicava a distância o fim d'alguma festa d'igreja, e o domingo terminava, com uma serenidade cansada e triste.

(O Primo Basílio, 8.^a ed., pag. 33 a 36.)

PEQUIM

SÃ-TÓ, basta de cidade tártara! Vamos ver os bairros chineses...

E lá fomos penetrando na cidade chinesa, pela porta monstruosa de Tchin-Men. Aqui habita a burguesia, o mercador, a população. As ruas alinham-se como uma pauta; e no solo vetusto e lamacento, feito da imundície de gerações recalçada desde séculos, ainda aqui e além jaz alguma das lajes de mármore côr de rosa, que outrora o calçavam, no tempo da grandeza dos Ming.

Dos dois lados são — ora terrenos vagos, onde uivam manadas de cães famintos, ora filas de casebres fuscos, ora pobres lojas com as suas tabuletas esguias e sarapintadas, balouçando-se duma haste de ferro. A distância erguem-se os arcos triunfais, feitos de barrotes côr de púrpura, ligados no alto por um telhado oblongo de telhas azuis envernizadas, que rebrilham como esmaltes. Uma multidão rumorosa e espessa, onde domina o tom pardo e azulado dos trajes, circula sem cessar; a poeira envolve tudo duma névoa amarelada; um fedor acre exalta-se dos enxurros negros; e a cada momen-

to uma longa caravana de camelos fende lentamente a turba, conduzida por mongóis sombrios, vestidos de pele de carneiro.

Fomos até às entradas das pontes, sôbre os canais, onde saltimbancos semi-nus, com máscaras simulando demónios pavorosos, fazem destrezas dum picaresco bárbaro e subtil; e muito tempo estive a admirar os astrólogos de longas túnicas, com dragões de papel colados às costas, vendendo ruidosamente horóscopos e consultas d'astros. ; Oh cidade fabulosa e singular !

¡De-repente ergue-se uma gritaria ! Corremos : era um bando de presos, que um soldado, de grandes óculos, ia impelindo com o guarda-sol, amarrados uns aos outros pelo rabicho. Foi aí, nessa avenida, que eu vi o estrepitoso cortejo de um funeral de Mandarim, todo ornado de auriflamas e de bandeirolas ; grupos de sujeitos fúnebres vinham queimando papéis em fogareiros portáteis ; mulheres esfarrapadas uivavam de dor, espojando-se sôbre tapetes ; depois erguiam-se, galhofavam, e um culi vestido de luto branco servia-lhes logo chá, dum grande bule em forma de ave.

Ao passar junto ao Templo do Céu, vejo apinhada num largo uma legião de mendigos : tinham por vestuário um tejo preso à cinta num cordel ; as mulheres, com os cabelos entremeados de velhas flores de papel, roíam ossos tranqüilamente ; e cadáveres de crianças apodreciam ao lado, sob o

voo dos moscardos. Adiante topámos com uma jaula de traves, onde um condenado estendia através das grades as mãos descarnadas, à esmola... Depois Sá-Tó mostrou-me respeitosamente uma praça estreita: aí, sôbre pilares de pedra, pousavam pequenas gaiolas contendo cabeças de decapitados: e gota a gota ia pingando delas um sangue espesso e negro...

— Uf! — exclamei fatigado e aturdido. — Sá-Tó, agora quero o repouso, o silêncio, e um charuto caro...

Ele curvou-se: e, por uma escadaria de granito, levou-me às altas muralhas da cidade, formando uma esplanada que quatro carros de guerra, a par, podem percorrer durante léguas.

E emquanto Sá-Tó, sentado num vão da ameia, bocejava, num desafôgo de *cicerone* enfastiado, eu, fumando, contemplei muito tempo aos meus pés a vasta Pequim...

É como uma formidável cidade da Bíblia, Babel ou Ninive, que o profeta Jonas levou três dias a atravessar. O grandioso muro quadrado limita os quatro pontos do horizonte, com as suas portas de tórres monumentais que o ar azulado, àquela distância, faz parecer transparentes. E na imensidão do seu recinto aglomeram-se confusamente verduras de bosques, lagos artificiais, canais scintilantes como aço, pontes de mármore, terrenos alastrados de ruínas, telhados en-

vernizados reluzindo ao sol; por tôda a parte são pagodes heráldicos, brancos terraços de templos, arcos triunfais, milhares de quiosques sahindo de entre as folhagens dos jardins; depois, espaços que parecem um montão de porcelanas, outros que se assemelham a monturos de lama; e sempre, a intervalos regulares, o olhar encontra algum dos bastiões, dum aspecto heróico e fabuloso...

A multidão, junto a essas edificações grandiosas, é apenas como grãos de areia negra, que um vento brando vai trazendo e levando...

Aqui está o vasto palácio imperial, entre arvoredos misteriosos, com os seus telhados dum amarelo d'oiro vivo. ; Como eu desejaria penetrar-lhe os segredos, e ver desenrolar-se, pelas galerias sobrepostas, a magnificência bárbara dessas Dinastias seculares!

Além ergue-se a tórre do Templo do Céu, semelhando três guarda-sóis sobrepostos: depois a grande coluna dos Princípios, hierática e sêca como o Génio mesmo da Raça: e adiante branquejam, numa meia tinta sobrenatural, os terraços de jaspe do Santuário da Purificação...

Então interrogo Sá-Tó: e o seu dedo respeitoso vai-me mostrando o Templo dos Antepassados, o Palácio da Soberana Concórdia, o Pavilhão das Flores das Letras, o Quiosque dos Historiadores, fazendo brilhar, entre os bosques sagrados que os cercam,

os seus telhados lustrosos de faianças azuis, verdes, escarlates e côr de limão. Eu devorava, d'ôlho ávido, êsses monumentos da Antiguidade asiática, numa curiosidade de reconhecer as impenetráveis classes que os habitam, o princípio das instituições, a significação dos Cultos, o espírito das suas letras, a gramática, o dogma, a estranha vida interior dum cérebro de letrado chinês... Mas êsse mundo é inviolável como um santuário...

Sentei-me na muralha, e os meus olhos perderam-se pela planície arenosa, que se estira para além das portas até aos contrafortes dos montes mongólicos; aí incessantemente redemoínham ondas infundáveis de poeira; a tôda a hora negrejam filas vagarosas de caravanas... Então invadiu-me a alma uma melancolia, que o silêncio daquelas alturas, envolvendo Pequim, tornava dum vago mais desolado: era como uma saüdade de mim mesmo, um longo pesar de me sentir ali isolado, absorvido naquele mundo duro e bárbaro: lembrei-me, com os olhos humedecidos, da minha aldeia do Minho, do seu adro assombrado de carvalheiras, a venda com um ramo de louro à porta, o alpendre do ferrador, e os ribeiros tão frescos quando verdejam os linhos...

A ILHA DE OGÍCIA

SENTADO numa rocha, na ilha de Ogígia, com a barba enterrada entre as mãos, do onde desaparecera a aspereza calosa e tisonada das armas e dos remos, Ulisses, o mais subtil dos homens, considerava, numa escura e pesada tristeza, o mar muito azul, que mansa e harmoniosamente rolava sôbre a areia muito branca. Uma túnica bordada de flores escarlates cobria, em pregas molles, o seu corpo poderoso, que engordara. Nas correias das sandálias, que lhe calçavam os pés amaciados e perfumados de essências, reluziam esmeraldas do Egito. E o seu bastão era um maravilhoso galho de coral, rematado em pinha de pérolas, como os que usam os Deuses marinhos.

A divina Ilha, com os seus rochedos de alabastro, os bosques de cedros e tuias odoríferas, as messes eternas doirando os vales, a frescura das roseiras revestindo os outeiros suaves, resplandecia, adormecida na moleza da sesta, tôda envôlta em mar resplandecente. Nem um sôpro dos Zéfíros curiosos, que brincam e correm por sôbre o

Arquipélago, desmanchava a serenidade do luminoso ar, mais doce que o vinho mais doce, todo repassado pelo fino aroma dos prados de violetas. No silêncio, embebido de calor afável, eram duma harmonia mais embaladora os murmúrios de arroios e fontes, o arrulhar das pombas voando dos ciprestes aos plátanos, e o lento rolar e quebrar da onda mansa sôbre a areia macia. E nesta inefável paz e beleza imortal, o subtil Ulysses, com os olhos perdidos nas águas lustrosas, amargamente gemia, revolvendo o queixume do seu coração...

... E agora, cada manhã, ao sair sem alegria do trabalhoso leito de Calipso, as Ninfas, servas da Deusa, o banhavam numa água muito pura, o perfumavam de lânguidas essências, o cobriam com uma túnica sempre nova, ora bordada a sedas finas, ora bordada de oiro pálido! No em-tanto, sôbre a mesa lustrosa, erguida à porta da gruta, na sombra das ramadas, junto ao sussurro dormmente dum arroio diamantino, os açafates e as travessas lavradas trasbordavam de bolos, de frutas, de tenras carnes fumegando, de peixes scintilando como tramas de prata. A intendenta venerável gelava os vinhos doces nas crateras de bronze, coroadas de rosas. E êle, sentado num escabelo, estendia as mãos para as iguarias perfeitas, em-quanto ao lado, sôbre um trôno de marfim, Calipso, espargindo através da túnica

nevada a claridade e o aroma do seu corpo imortal, sublimemente serena, com um sorriso taciturno, sem tocar nas comidas humanas, debicava a ambrósia, bebia em goles delgados o néctar transparente e rubro. Depois, tomando aquele bastão de Príncipe de Povos com que Calipso o presenteara, percorria sem curiosidade os sabidos caminhos da Ilha, tão lisos e tratados, que nunca as suas sandálias reluzentes se maculavam de pó, tão penetrados pela imortalidade da Deusa, que jamais nêles encontrara fôlha sêca, nem flor menos fresca pendendo na haste...

... E eis que, de-repente, um sulco de desusado brilho, mais rutilantemente branco que o duma estrêla caindo, riscou a rutilância do céu, desde as alturas até à cheirosa mata de tuias e cedros, que assombreava um gôlfo sereno, a oriente da Ilha. Com alvoroço bateu o coração do herói. Rasto tão refulgente, na refulgência do dia, só um Deus o podia traçar através do largo Ouranos. † Um Deus, pois, descera à Ilha?

Um Deus descera, um grande Deus... Era o Mensageiro dos Deuses, o leve, eloquente Mercúrio. Calçado com aquelas sandálias que teem duas asas brancas, os cabelos côr de vinho cobertos pelo casco onde batem também duas claras asas, erguendo na mão o Caduceu, êle fenderao Éter, roçara a li-

sura do mar sossegado, pisara a areia da Ilha, onde as suas pégadas ficavam rebrilhando como palmilhas de oiro novo. Apesar de percorrer tóda a terra, com os recados inumeráveis dos Deuses, o luminoso Mensageiro não conhecia aquela ilha de Ogígia — e admirou, sorrindo, a beleza dos prados de violetas, tão doces para o correr e brincar de Ninfas, e o harmonioso faiscar dos regatos por entre os altos e lânguidos lírios. Uma vinha, sòbre esteios de jaspe, carregada de cachos maduros, conduzia, como fresco pórtico salpicado de sol, até à entrada da gruta, tóda de rochas polidas, de onde pendiam jasmineiros e madre-silvas, envoltas no sussurrar das abelhas. E logo avistou Calipso, a Deusa ditosa, sentada num trôno, fiando em roca de oiro, com fuso de oiro, a lâ formosa de púrpura marinha. Um aro de esmeraldas prendia os seus cabelos muito anelados e ardentemente louros. Sob a túnica diáfana a mocidade imortal do seu corpo rebrilhava, como a neve quando a aurora a tinge de rosas, nas colinas eternas povoadas de Deuses. E, em-quanto torcia o fuso, cantava um trinado e fino canto, como trémulo fio de cristal vibrando da Terra ao Céu.

Mercúrio pensou: «Linda ilha, e linda Ninfa!»

Dum lume claro de cedro e tuia, subia, muito direito, um fumo delgado, que perfumava tóda a Ilha. Em roda, sentadas em esteiras sòbre o chão de ágata, as Ninfas, ser-

vas da Deusa, dobavam as lãs, bordavam na seda as flôres ligeiras, teciam as puras teias em teares de prata. Tôdas còraram, com o seio a arfar, sentindo a presença do Deus...

(*Dos Contos*, pág. 289 a 296.)

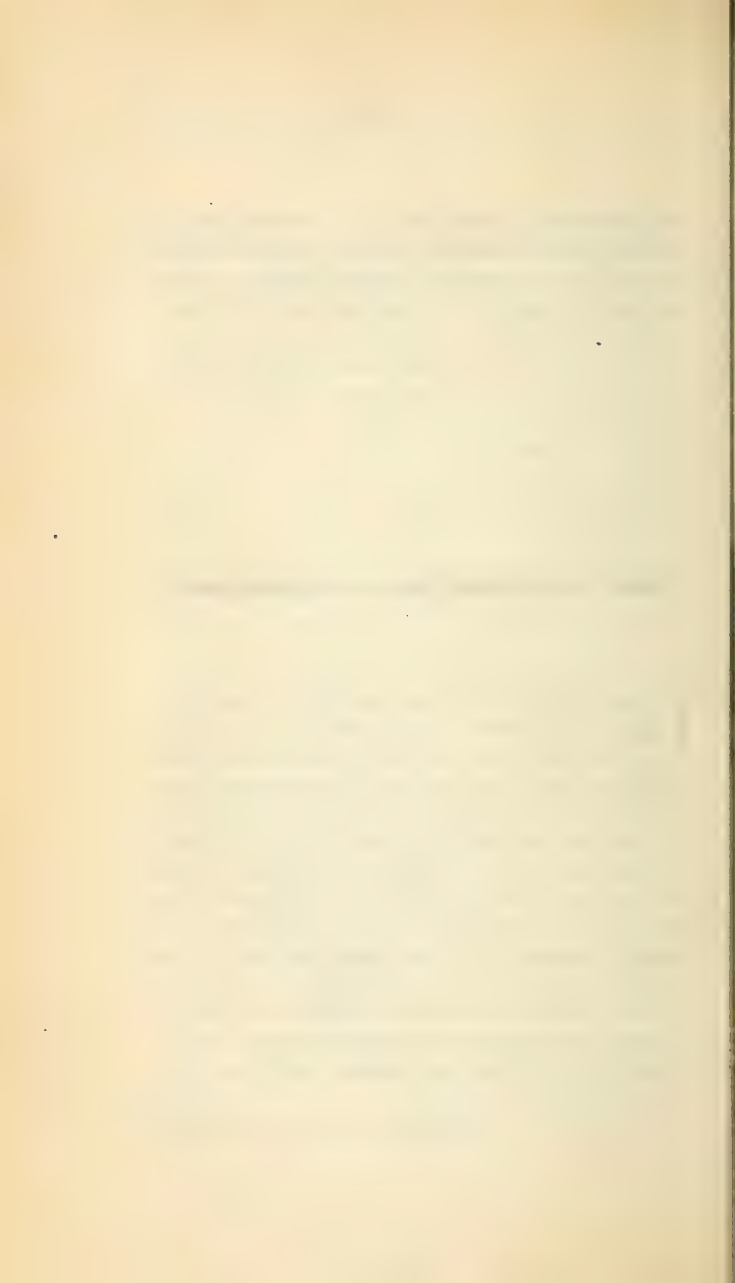
6.

NO TEATRO DE S. CARLOS

DAVA-SE a *Lucia* em benefício, com a segunda dama. Os Cohens não tinham vindo — nem o Ega. Muitos camarotes estavam desertos, em tôda a tristeza do seu velho papel vermelho. A noite chuviscosa, com um bafo de sudoeste, parecia penetrar ali, derramando o seu pesadume, a morna sensação da sua humidade. Nas cadeiras, vazias, havia uma mulher solitária, vestida de setim claro: Edgardo e Lucia desafinavam; o gás dormia, e os arcos das rabecas, sôbre as cordas, pareciam ir adormecendo também.

— Isto está lúgubre — disse Carlos ao amigo Cruges, que ocupava o escuro da frisa...

(*Os Mãos*, vol. I, 5.^a ed., pág. 179.)



IV

Retratos



RETRATOS

I.

DOIS PADRES

O pároco era um homem sanguíneo e nutrido, que passou entre e clero diocesano pelo *comilão dos comilões*. Contavam-se histórias singulares da sua voracidade. O Carlos da botica — que o detestava — costumava dizer, sempre que o via sair depois da sesta, com a face afogueada de sangue, muito enfartado:

— Lá vai a gibóia esmoer. ; Um dia estoura !

Com efeito estourou, depois duma ceia de peixe — à hora em que defronte, na casa do dr. Godinho, que fazia anos, se polcava com alarido. Ninguém o lamentou, e foi pouca gente ao seu entêrro. Em geral não era estimado.

Era um aldeão ; tinha os modos e os pulsos dum cavador, a voz rouca, cabelos nos ouvidos, palavras muito rudes. Nunca fôra querido das devotas ; arrotava no confessional ; e, tendo vivido sempre em freguesias da aldeia ou da serra, não compreendia certas sensibilidades requintadas da devoção. Perdera, por isso, logo ao princípio, quasi

tôdas as confessadas, que tinham passado para o polido padre Gusmão, tão cheio de *lábia*.

E quando as beatas que lhe eram fléis lhe iam falar de escrúpulos, de visões, José Miguelés scandalizava-as, rosnando:

— ¡Ora histórias, santinha! Peça juízo a Deus! Mais miolo na bola!

As exagerações dos jejuns, sobretudo, irritavam-no:

— ¡Coma-lhe e beba-lhe — costumava gritar — coma-lhe e beba-lhe, criatura!

Era miguelista — e os partidos liberais, as suas opiniões, os seus jornais, enchiam-no duma cólera irracional:

— ¡Cacete! cacete! — exclamava, meneando o seu enorme guarda-sol vermelho.

Nos últimos anos tomara hábitos sedentários e vivia isolado — com uma criada velha e um cão, o *Joli*. O seu único amigo era o chantre Valadares, que governava então o bispado, porque o senhor bispo D. Joaquim gemia, havia dois anos, o seu reumatismo numa quinta do Alto Minho. O pároco tinha um grande respeito pelo chantre, homem sêco, de grande nariz, muito curto de vista, admirador d'Ovídio — que falava fazendo sempre boquinhos e com alusões mitológicas.

O chantre estimava-o. Chamava-lhe *Frei Hércules*.

— *Hércules* pela força — explicava, sorrindo — *Frei* pela gula.

No seu entêrro, êle mesmo lhe foi aspergir a cova; e, como costumava oferecer-lhe todos os dias rapé da sua caixa d'ouro, disse aos outros cônegos, baixinho, ao deixar-lhe cair sôbre o caixão, segundo o ritual, o primeiro torrão de terra:

— É a ultima pitada que lhe dou!...

(Primeiras páginas de *O Crime do Padre Amaro*.)

2.

o CONSELHEIRO ACÁCIO

ERA alto, magro, vestido todo de preto, com o pescoço entalado num colarinho direito. O rôsto aguçado no queixo ia-se alargando até à calva, vasta e polida, um pouco amolgada no alto. Tinha os cabelos, que, duma orelha à outra, lhe faziam colar por trás da nuca — e aquele preto lustroso dava, pelo contraste, mais brilho à calva; mas não tinha o bigode; tinha-o grisalho, farto, caído aos cantos da bôca. Era muito pálido; nunca tirava as lunetas escuras. Tinha uma covinha no queixo, e as orelhas grandes muito despegadas do crânio.

Fôra, outrora, director geral do ministério do Reino, e sempre que dizia — El-Rei! — erguia-se um pouco na cadeira. Os seus gestos eram medidos, mesmo a tomar rapé.

Nunca usava palavras triviais; não dizia *vomitar*; fazia um gesto indicativo e empregava *restituir*. Dizia sempre «o nosso Garrett, o nosso Herculano». Citava muito. Era autor. E, sem família, num terceiro andar da rua do Ferregial, amancebado com a criada, ocupava-se de economia política: tinha composto OS ELEMENTOS GENÉRICOS DA SCIÊNCIA DA RIQUEZA E SUA DISTRIBUIÇÃO, SEGUNDO OS MELHORES AUTORES; e, como subtítulo: *Leituras do serão*. Havia apenas meses publicara a RELAÇÃO DE TODOS OS MINISTROS D'ESTADO, DESDE O GRANDE MARQUÊS DE POMBAL ATÉ NOSSOS DIAS, COM DATAS CUIDADOSAMENTE AVERIGÜADAS DE SEUS NASCIMENTOS E ÓBITOS.

— Já esteve no Alentejo, conselheiro? — perguntou-lhe Luísa.

— Nunca, minha senhora — e curvou-se. — Nunca! E tenho pena! sempre desejei lá ir, porque me dizem que as suas curiosidades são de primeira ordem.

Tomou uma pitada duma caixa dourada, entre os dedos, delicadamente, e acrescentou com pompa:

— De resto, o país de grande riqueza suína!

— Ó Jorge, averigua quanto é o partido da câmara em Évora — disse Julião, do canto do sofá.

O conselheiro acudiu, cheio de informações, com a pitada suspensa:

— Devem ser seiscentos mil réis, snr. Zuzarte, e pulso livre. Tenho-o nos meus apon-

tamentos. ¿Porquê, snr. Zuzarte, quer deixar Lisboa?

— Talvez!...

Todos desaprovaram.

— Ah! Lisboa sempre é Lisboa! — suspirou D. Felicidade.

— Cidade de mármore e de granito, na frase sublime do nosso grande historiador! — disse solenemente o conselheiro...

(*O Primo Basílio*, 8.^a ed., pág. 43 e 44.)

3.

UM GATO

VILAÇA costumava dizer que lhe lembrava sempre o que se conta dos patriarcas, quando vinha encontrar Afonso ao canto da chaminé, na sua coçada quinquena de veludinho, sereno, risonho, com um livro na mão, o seu velho gato aos pés. Êste pesado e enorme angorá, branco com malhas louras, era agora (desde a morte de *Tobias*, o soberbo cão de S. Bernardo) o fiel companheiro de Afonso. Tinha nascido em Santa Olávia, e recebera então o nome de *Bonifácio*: depois, ao chegar à idade do amor e da caça, fôra-lhe dado o apelido mais cavalheiresco de *D. Bonifácio de Calatrava*: agora, dorminhoco e obeso, entrara definitivamente no remanso das dignidades eclesiásticas, e era o *Reverendo Bonifácio*...

O reverendo Bonifácio, que desde que se tornara dignitário da Igreja comia com os senhores, lá estava já, majestosamente sentado sobre a alvura nevada da toalha, à sombra de algum grande ramo. Era ali, no aroma das rosas, que o venerável gato gostava de lambar, com o seu vagar estúpido, as sopas de leite, servidas num covilhete de Estrasburgo; depois agachava-se, traçava por diante do peito a fôfa pluma da sua cauda, e, de olhos cerrados, os bigodes tesos, todo êle uma bola entufada de pêlo branco malhado de ouro, gozava de leve uma sesta macia.

(Os *Maías*, Vol. I, 5.^a ed., pág. 15 e 16, 134 e 135.)

4.

PAPÁ MONFORTE

... **E** no meio desta festança, atravessada pelo sôpro romântico da Regeneração, lá se via sempre, taciturno e encolhido, o papá Monforte, d'alta gravata branca, com as mãos atrás das costas, rondando pelos cantos, refugiado pelos vãos das janelas, mostrando-se só para salvar alguma *bobèche* que ia estalar — e não despreendendo nunca da filha o ôlho embevecido e senil....

(Os *Maías*, vol. I, 5.^a ed., pág. 47.)

RAQUEL COHEN

ERA alta, muito pálida, sobretudo às luzes, delicada de saúde, com um quebranto nos olhos pisados, uma infinita languidez em tôda a sua pessoa, um ar de romance e de lírio meio murcho. A sua maior beleza estava nos cabelos magnificamente negros, ondedados, muito pesados, rebeldes aos ganchos, e que ela deixava hâbilmente cair, numa massa meia sôlta sôbre as costas, como num desalinho de nudez. Dizia-se que tinha literatura e fazia frases. O seu sorriso lasso, pálido, constante, dava-lhe um ar de insignificância.

(*Os Maias*, vol. 1. 5.^a ed., pag. 172.)

6.**MARIA EDUARDA**

Um esplêndido preto, já grisalho, de saca e calção, correu logo à portinhola; de dentro, um rapaz muito magro, de barba muito negra, passou-lhe para os braços uma deliciosa cadelinha escocesa, de pelos esguedelhados, finos como sêda e côr de prata; depois, apeando-se, indolente e

poseur, ofereceu a mão a uma senhora alta, loura, com um meio véu muito apertado e muito escuro, que realçava o esplendor da sua carnação ebúrnea. Craft e Carlos afastaram-se; ela passou diante d'elles com um passo soberano de deusa, maravilhosamente bem feita, deixando atrás de si como uma claridade, um reflexo de cabelos d'ouro e um aroma no ar. Trazia um casaco colante, de veludo branco de Génova, e um momento, sôbre as lajes do peristilo, brilhou o verniz das suas botinas....

(*Os Maias*, vol. I, 5.ª ed., pag. 206.)

.... Mas Carlos não escutava, nem sorria já. Do fim do Atérro aproximava-se, caminhando de-pressa, uma senhora — que elle reconheceu logo, por êsse andar que lhe parecia de uma deusa pisando a terra, pela cadelinha côr de prata que lhe trotava junto às saias, e por aquêle corpo maravilhoso, onde vibrava, sob linhas ricas de mármore antigo, uma graça quente, ondeante e nervosa. Vinha tôda vestida de escuro, numa *toilette* de *serge*, muito simples, que era como o complemento natural da sua pessoa, collando-se bem sôbre ela, dando-lhe, na sua correcção, um ar casto e forte: trazia na mão um guarda-sol inglês, apertado e fino como uma cana; e tôda ela, adiantando-se assim no luminoso da tarde, tinha naquêle cais triste de cidade antiqüada, um destaque

estranheiro, como o requinte raro de civilizações superiores. Nenhum véu, nessa tarde, lhe assombrava o rosto. Mas Carlos não pôde detalhar-lhe as feições; apenas, d'entre o esplendor ebúrneo da carnação, sentiu o negro profundo de dois olhos que se fixaram nos seus.

(Idem, pág. 267.)

7.

DUAS ESPANHOLAS

UMA das espanholas era um mulherão tri-gueiro, com sinais de bexigas na cara; a outra, muito franzina, de olhos meigos, tinha uma roseta de febre que o pó de arroz não disfarçava. Ambas vestiam de cetim preto, e fumavam cigarro. E na luz e na frescura que entrava pela janela, pareciam mais gastas, mais moles, ainda pegajosas da lentura morna dos colchões, e cheirando a bafio de alcova. Pertencendo à súcia, havia um outro sujeito, gordo, baixo, sem pescoço, com as costas para a porta e a cabeça sobre o prato, babujando uma metade de laranja.

(*Os Maias*, vol. I, 5.^a ed., pag. 297.)

8.

RAMALHO ORTIGÃO

RAMALHO Ortigão quasi me parece comparável a um artista da Renascença italiana... Tem uma certa parecença com aqueles pintores que tomavam na história os nomes da sua pátria, o *Veronês*, o *Calabrês*, o *Bolonhês*, homens de acção e de arte, pintando com fuga, batendo-se com valor, apaixonados dos luxos, das galas, das aventuras, adorando a côr, em revolta contra as instituições. Naturalmente, numa cidade constitucional, cheia de bicos de gás e de polícia, não se pode viver a vida artística da Renascença; não há duelos ao luar, numa esquina de palácio ducal, nem se suspendem escadas de sêda dos balcões das Biancas e das Fiorellas. Não. Ramalho é um artista da Renascença, dentro da Carta Constitucional; isto é: a vitalidade brilhante recolheu-a dos seus actos ao seu espírito: por dentro é um artista da Renascença, por fora é um súbdito de Sua Majestade. Tem, em primeiro lugar, o culto da força física e da plástica humana: ama os valentes, e, a-pesar de o negar, tem preferências secretas pelos heróis; gosta de todos os jogos de destreza, e é o que lhe inspira aquella admiração devota pela educação

física dos Ingêleses; tem o amor do luxo artístico, do *bric-à-brac*, e vê-se bem, pelo prazer, pela *gourmandise*, com que descreve, sempre que pode, pompas ou architecturas, mobílias ou jóias; adora a côr:—em pintura Fortuny e a sua escola, em música Meyerbeer e os fortes mestres da instrumentação; e a sua prosa escorre de côr, com os tons crus, mas fortes, dos que teem sonoridade e refração; gosta de tôda a explosão de fôrça, e adora Balzac pela exuberância monstruosa do seu génio indisciplinado. Se ama a luta, o combate, a *fronda*, o assalto—as *Farpas* o mostram; e, em-fim, grande traço de semelhança: têm o génio decorativo, e seria feliz se pudesse organizar galas e triunfos.

O seu programa duma grande *revista rural*, por ocasião da visita do Príncipe de Gales (*Carta a John Bull*) é prodigioso e faria honra a um artista florentino, ordenador de festas históricas. É uma página soberba, e seria o mais belo espectáculo que podia dar um povo agrícola....

.... A figura de Ramalho (uma vez que se trata do seu retrato) tem, no meio da figura anémica e derreada dos seus contemporâneos, o mesmo destaque vivo que tem o seu espírito entre os espíritos neutros e apagados. Tem a saúde, a firmeza, a fôrça, a linha desempenada, a marcha sólida, o movimento ágil. Quando chego a Portugal, depois dum

ano de Inglaterra — além de tanta, tanta, tanta cousa que estranho — há uma cousa que me deslumbra, e outra que me desola: deslumbram-me as fachadas caiadas, e desola-me a população anémica. ¡Que figuras! O andar desengonçado, o olhar mórbido e acarneirado, côres de pele de galinha, um derreamento de rins, o aspecto de humores linfáticos, a passeata triste duma raça caquética em corredores de hospital: e depois um ar de vadiagem, de *ora-aqui-vou, sim senhor*, de madracice, olhando em redor com fadiga, o crânio exausto, e a unha comprida, para quebrar a cinza do cigarro, à catita.

¡Triste, triste! Dá-me muita melancolia — e a minha consolação é ver duas ou três sólidas figuras, sobretudo Ramalho Ortigão. Êste, sim, é o verdadeiro tipo do homem moderno, sólido à fadiga, alegre ao trabalho, podendo caminhar quinze milhas, trabalhar doze horas, defender-se bem se o atacarem, sem medo à chuva, nem ao inferno, crendo em si, e querendo por si. ¡*A first-rate man! a capital man!*

É uma das mais belas organizações que eu conheço: tem a fôrça, tem a bondade, tem a alegria. Tem uma alegria serena, luminosa, o que os Inglêses chamam a *cheerful mind*. Nunca o vi dar uma gargalhada, às vezes dá uma boa e sã risada, e raras vezes o vejo sem um sorriso. Educado fora do romantismo, ou antes do romanticismo, não tem o vício sentimental da *rêverie*, da

tristeza mórbida, da desconsolação melancólica: é um são — no sangue e na alma. Tem duas adoráveis formas de bondade: aquele *milk of human kindness* de que fala o poeta, e que era um sentimento tam característico de Dickens; o amor dos pequenos, dos simples, dos fracos, dos oprimidos — e essa outra forma, que é a sensibilidade pronta: uma bela obra, uma boa acção, um heroísmo, uma dedicação, trazem-lhe logo aos olhos o brilho húmido da admiração enterrecida.

É um homem simples, no fundo: não tem ambições — excepto saber: não tem receios — excepto errar.

É uma das personalidades eminentes do Portugal contemporâneo. Escrevendo a sua língua — é um mestre incomparável; satirizando o seu tempo — é um artista completo; vivendo a sua vida — é um homem de bem.

(Das *Notas Contemp.*, pág. 53 a 57.)



V

Intuição e imitação
do estilo alheio



INTUIÇÃO E IMITAÇÃO DO ESTILO ALHEIO

1.

UM ARTIGO DA «CORNETA DO DIABO»

CAMINHANDO sob as acácias, Carlos abriu a carta do Ega. Era da véspera, com a data «à noite, à pressa». E dizia: «— Lê, nesse «trapo que te mando, êsse «superior pedaço de prosa que lembra Tá-cito. Mas não te assustes; eu suprimi, mediante pecúnia, tôda a tiragem, com excepção de dois números mais, que foram, um «para a *Toca*, outro (¡ oh lógica suprema dos «hábitos constitucionais!) para o Paço, para «o chefe de Estado!... Mas êsse mesmo não «chegará ao seu destino. Em todo o caso desconfio de que esgôto saiu êsse enxurro, ¡ e «precisamos providenciar! Vem já! espero-«te até às duas. E, como Iago dizia a Cássio: «— *mete dinheiro na bolsa.*»

Inquieto, Carlos descintou o jornal. Chamava-se a *Corneta do Diabo*: e na impres-

são, no papel, na abundância dos *itálicos*, no tipo gasto, todo êle revelava imundície e malandrice. Logo na primeira página, duas cruzeiras a lápis marcavam um artigo que Carlos, num relance, viu salpicado com o seu nome. E leu isto:

«— ¡Ora viva, só. Maia! Então já se não vai ao consultório, nem se vêem os doentes do bairro, só *janota*! — Esta piada era botada no Chiado, à porta da Havanesa, ao Maia, ao Maia dos cavalos inglêses, um tal Maia do Ramalhete, que abarrota por aí de *catita*; e o pai Paulino, *que tem olho*, e que passava nessa ocasião, ouviu a seguinte *cornetada*: — É que o só Maia acha *que é mais quente* viver nas fraldas duma *brasileira casada*, que nem é brasileira nem é casada, e a quem o papalvo pôs casa, aí para o lado dos Olivais, ¡para *estar ao fresco*!; Sempre os há neste mundo!... Pensa o homem que botou conquista; e cá a rapaziada de gosto ri-se, porque o que a gaja lhe quer não são os lindos olhos. são as lindas *louras*... O simplório, que bate aí pilecas *bifes*, que nem que fôsse o *marquês*, o verdadeiro Marquês, imaginava que se estava abiscoitando com uma senhora do *chic*, e do boulevard de Paris, e casada, e titular!... E no fim ¡não, esta é para a gente deixar estoirar o bandulho a *rir*!) no fim descobre-se que a tipa era uma *cocotte* safada, que trouxe para aí um bra-

«sileiro já farto dela, para a passar cá aos belos lusitanos... E caiu a espiga ao Maia! «¡Pobre palerma! Ainda assim, o só Maia só apanhou os restos d'outro, porque a *tipa*, «já antes dêle se enfeitar, tinha *pandegado* «à larga, aí para a rua de S. Francisco, com «um rapaz da fina, que se safou também, «porque, cá como nós, só *aprecia a bela espanhola*. ¡Mas não obsta a que o só Maia seja «traste!» — Pois se assim é, dissemos nós, «cautelinha, porque o Diabo cá tem a sua «*Corneta*, preparada para cornetar por êsse «mundo as façanhas do *Maia das conquistas* «¡Ora viva, só Maia!»

Carlos ficou imóvel entre as acácias, com o jornal na mão, ¡no espanto furioso e mudo dum homem que, súbitamente, recebe na face uma grossa chapada de lôdo!

(De *Os Maias*, II, 250 a 252.)

2.

DEDICATORIA DE UM LIVRO

A MARO conservava ainda um livro, o *Menino das selvas*, com bárbaras imagens coloridas, que tinha escrito na primeira página branca: *Á minha muito estimada criada Joana Vieira e verdadeira amiga que sempre tem sido, — Marquesa d'Alegros.*

(*Crime do Padre Amaro*, 8.^a ed., pág. 22.)

**FRADIQUE,
SEGUNDO RAMALHO
E JUNQUEIRO**

RAMALHO Ortigão, pouco tempo depois, dizia dêle, numa carta carinhosa;—
«Fradique Mendes é o mais completo, mais acabado produto da civilização, em que me tem sido dado embeber os olhos. Ninguém está mais superiormente apetrechado para triunfar na Arte e na Vida. A rosa da sua botoeira é sempre a mais fresca, como a ideia do seu espírito é sempre a mais original. Marcha cinco léguas sem parar, bate ao remo os melhores remadores de Oxford, mete-se sòzinho ao deserto a caçar o tigre, arremete com um chicote na mão contra um trôço de lanças abissínias:—e à noite, numa sala, com a sua casaca do Cook, uma pérola negra no esplendor do peitilho, sorri às mulheres com o encanto e o prestígio com que sorrira à fadiga, ao perigo e à morte. Faz armas como o cavaleiro de Saint-Georges; possui as noções mais novas e as mais certas sôbre Física, sôbre Astronomia, sôbre Filologia e sôbre Metafísica. E' um ensino, uma lição de alto gôsto, vê-lo no seu quarto, na vida íntima de *gentleman* em viagem,

«entre as suas malas de couro da Rússia, as
«grandes escôvas de prata lavrada, as ca-
«baías de sêda, as carabinas de Winchester,
«preparando-se, escolhendo um perfume, be-
«bendo goles de chá que lhe manda o Gram-
«duque Vladimiro, e ditando a um criado
«de calção, mais veneravelmente correcto
«que um mordomo de Luís XIV, telegramas
«que vão levar notícias suas aos *boudoirs*
«de Paris e de Londres. E depois de tudo isto
«fecha a sua porta ao mundo — e lê Sófocles
«no original».

. .

O poeta da *Morte de D. João* e da *Musa em Férias* chamava-lhe «um Sainte-Beuve encadernado em Alcides». E explicava assim, numa carta dêsse tempo, que conservo, a sua aparição no mundo:

«Deus um dia agarrou num bocado de
«Henri Heine, noutro de Chateaubriand,
«noutro de Brummel; em pedaços ardentes
«de aventureiros da Renascença, e em fra-
«gmentos ressequidos de sábios do Instituto
«de França, entornou-lhe por cima *cham-*
«*pagne* e tinta de imprensa, amassou tudo
«nas suas mãos onipotentes, modelou à
«pressa Fradique, e, arrojando-o à Terra,
«disse: ; *Vai, e veste-te no Poole!*»

(De *A Corresp. de Fr. M.*, pág. 62 e 63.)

COMUNICADO CONTRA OS PADRES DE LEIRIA

A S. Joaneira deu mais luz ao candieiro; o cônego Dias acomodou-se à mesa, desdobrou o jornal, pôs os óculos cuidadosamente; e, com o lenço do rapé nos joelhos, começou a leitura do *Comunicado*, na sua voz pachorrenta.

O princípio não interessava: eram períodos enternecidos, em que *Um liberal* exprobrava aos fariseus a crucifixão de Jesus: — «¿Porque o matasteis? (exclamava êle). | Respondei!» E os fariseus respondiam: — «Mata-mo-lo porque êle era a liberdade, a emancipação, a aurora de uma nova era», etc. O *liberal* então esboçava, a largos traços, a noite do Calvário: — «Ei-lo pendente da cruz, traspassado de lanças, a sua túnica jogada aos dados, a plebe infrene», etc. E, voltando a dirigir-se aos fariseus infelizes, o *liberal* gritava-lhes com ironia: — «Contemplai a vossa bela obra!» Depois, por uma gradação hábil, o *liberal* descia de Jerusalém a Leiria: — «Mas ¿pensam os leitores que os fariseus morreram? | Como se enganam! Vivem! co-

nhecemo-los nós ; Leiria está cheia dêles, e vamos apresentá-los aos leitores...»

— Agora é que elas começam — disse o cônego, olhando para todos em redor, por cima dos óculos.

Com efeito «elas começavam». Era, numa forma brutal, uma galeria de fotografias eclesiásticas: a primeira era a do padre Brito : — «Vêde-o, (exclamava o *liberal*) grosso como um touro, montado na sua égua castanha...»

— ¡Até a còr da égua! — murmurou com uma indignação piedosa a snr.^a D. Maria da Assunção.

«... Estúpido como um melão, sem sequer saber latim...»

O padre Amaro, assombrado, fazia: Oh! oh! E o padre Brito, escarlate, mexia-se na cadeira, esfregando de-vagar os joelhos.

«... Espécie de caceteiro», continuava o cônego, que lia aquelas frases cruéis com uma tranqüilidade dôce, «desabrido de maneiras, mas que não desgosta de se dar à ternura, e, segundo dizem os bem informados, escolheu para Dulcineia a propria e legítima esposa do seu regedor...»

O padre Brito não se dominou:

— ¡Eu racho-o de meio a meio! — exclamou, erguendo-se e recaindo pesadamente na cadeira.

— ¡Escute, homem! — disse Natário.

— ¡Qual escute! O que é, é que o racho!

Mas, ¡se êle não sabia quem era o *liberal*!

— ¡Qual *liberal*! Quem eu racho é o doutor Godinho. O doutor Godinho é que é o dono do jornal. ; O doutor Godinho é que eu racho!

.....

Houve uma pausa comovida, em que se ouviu a snr.^a D. Maria da Assunção murmurar «que ficara sem pinga de sangue»; e o cônego, que pousara os óculos sôbre a mesa, retomou-os, e continuou serenamente a leitura:

«... ; Conheceis um outro com cara de furão? ...»

Olhares de lado fixaram o padre Natário.

«...Desconfiai dêle: se puder trair-vos, não hesita; se puder prejudicar-vos, folga; as suas intrigas trazem o cabido numa confusão, porque é a víbora mais daninha da diocese; mas, com tudo isso, muito dado à jardinagem, porque cultiva com cuidado *duas rosas do seu canteiro.*»

— ; Homem, essa! — exclamou Amaro.

— E' para que você veja — disse Natário, erguendo-se, lívido. — ; Que lhe parece? Você sabe que eu, quando falo das minhas sobrinhas, costumo dizer *as duas rosas do meu canteiro.* E' um gracejo. Pois senhores, ; até vem com isto! — E com um sorriso macilento, de fel: — ; Mas amanhã hei-de saber quem é! Olaré! Eu hei-de saber quem é!

— Deite ao desprêzo, senhor padre Natário, deite ao desprêzo... — disse a S. Joaneira, pacificadora.

— Obrigado, minha senhora — acudiu Na-

tário curvando-se com uma ironia rancorosa — ; Obrigado ! Cá recebi !

Mas a voz imperturbável do cônego retomara a leitura. Agora era o retrato dêle, traçado com ódio.

«... Cônego bojudo e glotão, antigo caceiteiro do senhor D. Miguel, que foi expulso da freguesia de Ourém, outrora mestre de Moral num seminário e hoje mestre da immoralidade em Leiria...»

— ; Isso é infame ! — exclamou Amaro exaltado.

O cônego pousou o jornal, e com a voz pachorrenta :

— ; Você pensa que me dá isto cuidado ? — disse êle. — ; Boa ! Tenho que comer e que beber, graças a Deus ! Deixar rosnar quem rosna !

.....
O cônego esgarrou, aproximou mais o candeiro, e declamou :

«... ; Mas o perigo são certos padres novos e ajanotados, párocos por influência de condes da capital, vivendo na intimidade das famílias de bem, onde há donzelas inexperientes, e aproveitando-se da influência do seu sagrado ministério para lançar na alma da inocente a semente de chamas criminosas !»

— ; Pouca vergonha ! — murmurou Amaro, lívido.

«... Dize, sacerdote de Cristo, ¿ onde, queres arrastar a impoluta virgem ? ¿ Queres arras-

tá-la aos lodaçais do vício? ; Que vens fazer aqui ao seio desta respeitável família? ; Porque rondas em volta da tua presa, como o milhafre em tórno da inocente pomba? ; Para trás, sacrílego! Murmuras-lhe sedutoras frases, para a desviares do caminho da honra; condenas à desgraça e à viuvez algum honrado moço, que lhe queira oferecer sua mão trabalhadora; e vais-lhe preparando um horroroso futuro de lágrimas. ; E tudo para quê? ; Para saciares os torpes impulsos da tua criminosa lascívia!...»

— ; Que infame! — rosnou com os dentes cerrados o Padre Amaro.

«...Mas acautela-te, presbítero perverso!» E a voz do cônego tinha tons cavos ao soltar aquelas apóstrofes. «Já o arcanjo levanta a espada da justiça. E sòbre ti, e os teus cúmplices, já a opinião da ilustrada Leiria fita seu ôlho imparcial. E nós cá estamos, nós, filhos do trabalho, para vos marcar na fronte o estigma da infâmia. ; Tremei, sectários do *Syllabus*! Cuidado, sotainas negras!»

— D'escacha! — fêz o cônego, suado, dobrando a *Voz do Distrito*....

(De *O crime do Padre Amaro*, pág. 173 a 178.)

CARTA DE UMA CRIADA

«Minha senhora.

«Bem sei que fui imprudente, o que a senhora deve atribuir tanto à minha desgrça como à falta de saúde, o que às vezes faz que se tenham génios repentinos. Mas se a senhora quer que eu volte e faça o serviço como d'antes — ao qual creio que a senhora não pode opor-se, terei muito gosto em ser agradável na certeza que nunca mais se falará em tal até que a senhora queira, e cumpra o que prometêu. Prometo fazer o meu serviço, e desejo que a senhora esteja por isto, pois que é para bem de todos. Pois que foi génio e naturalmente todos tem os seus repentinos, e com isto não canso mais e sou

«Serva muito obediente

«a criada

«*Juliana Couceiro Tavira*».

COIMBRA, PELO CONSELHEIRO ACÁCIO

RECLINADA molemente na sua verdejante colina, como oдалиisca em seus aposentos, está a sábia Coimbra, a Lusa Atenas. Beija-lhe os pés, segredando-lhe d'amor. o saúdoso Mondego. E em seus bosques, no bem conhecido salgueiral, o rouxinol e outras aves canoras soltam seus melancólicos trilos. Quando vos aproximais, pela estrada de Lisboa, onde outrora uma bem organizada *mala-posta* fazia o serviço que o progresso hoje encarregou à fumegante locomotiva, vêde-la branquejando, coroada do edifício imponente da Universidade, asilo da sabedoria. Lá campeia a tórre com o sino, que em sua folgazã linguagem a mocidade estudiosa chama a *cabra*. Para além, logo, uma copada árvore vos atrai as vistas: é a celebrada *árvore dos Dórias*, que dilata seus seculares ramos no jardim dum dos membros desta respeitável família. E avistais logo, sentados nos parapeitos da antiga ponte, em seus inocentes recreios, os briosos moços, esperança da pátria, ou requebrando galanteios com as ternas camponesas que pas-

sam refflorindo de mocidade e frescura, ou revolvendo em suas mentes os problemas mais árduos de seus bem elaborados compêndios...

(*O Primo Basílio*, pág. 427 da 8.^a ed.)

7.

CARTA DE UMA NOIVA

«Snr. João Eduardo.

«A mamã cá me pôs ao facto da conversação que teve consigo. E se a sua afeição é verdadeira, como creio e me tem dado muitas provas, eu estou pelo que se decidiu com muito boa vontade, pois conhece os meus sentimentos. E a respeito d'ensoval e papéis, ámanhã se falará, pois que o esperamos para o chá. A mamã está muito contente e eu desejo que tudo seja para a nossa felicidade, como espero há-de ser, com a ajuda de Deus. A mamã recomenda-se e eu sou

«a que muito lhe quer,
«*Amélia Caminha.*»

(*Crime do Padre Amaro*, 8.^a ed., pag. 196.)



VI

Intuição Psicológica



INTUIÇÃO PSICOLÓGICA

1.

INFÂNCIA DE TEODORICO

(O trecho que se segue é uma obra prima de observação, de composição novelística e de intuição psicológica. Nessas páginas, de andamento veloz e de escritura muito simples, como convém ao seu carácter de *memórias*, fica retratado com perfeita nitidez, por meio das recordações nevoentas e quasi inconscientes de uma criança, o temperamento do futuro homem feito: sensualidade fogosa e desejo de gozar, a par de estreita ou nula vida moral, que não podia desenvolver-se com uma educação intelectual mesquinha e uma educação religiosa estúpida, além de farisaica.)

MEU avô foi o padre Rufino da Conceição, licenciado em Teologia, autor de uma devota *Vida de Santa Filomena* e prior da Amendoeirinha. Meu pai, afillhado de Nossa Senhora da Assunção, chamava-se Rufino da Assunção Raposo — e vivia em Évora com minha avó, Filomena Raposo, por alcunha a «Repolhuda», doceira na rua do Lagar dos Dízimos. O papá tinha um em-

prêgo no correio, e escrevia por gosto no *Farol do Alentejo*.

Em 1853, um eclesiástico ilustre, D. Gaspar de Lorena, bispo de Corazim (que é em Galiléa), veio passar o S. João a Évora, a casa do cónego Pita, onde o papá muitas vezes, à noite, costumava ir tocar violão. Por cortesia com os dois sacerdotes, o papá publicou no *Farol* uma crónica, laboriosamente respigada no *Pecúlio de Prêgadores*, felicitando Évora «pela dita de abrigar em seus muros o insigne prelado D. Gaspar, lume fulgente da Igreja, e preclaríssima tôrre de santidade». O bispo de Corazim recortou êste pedaço do *Farol*, para meter entre as fôlhas do seu Breviário; e tudo no papá lhe começou a agradar — até o asseio da sua roupa branca; até a graça chorosa com que êle cantava, acompanhando-se no violão, a *Xácara do conde Ordonho*. Mas, quando soube que êste Rufino da Assunção, tão moreno e simpático, era o afilhado carnal do seu velho Rufino da Conceição, camarada de estudos no bom seminário de S. José e nas veredas teológicas da Universidade, a sua afeição pelo papá tornou-se extremosa. Antes de partir de Évora deu-lhe um relógio de prata, e, por influência dêle, o papá, depois de arrastar alguns meses a sua madraçaria pela alfândega do Pôrto, como aspirante, foi nomeado, escandalosamente, director da alfândega de Viana.

As macieiras cobriam-se de flor quando o

papá chegou às veigas suaves d'Entre-Minho-e-Lima; e logo nesse julho conheceu um cavalheiro de Lisboa, o comendador G. Godinho, que estava passando o verão com duas sobrinhas, junto ao rio, numa quinta chamada o *Mosteiro*, antigo solar dos condes de Lindoso. A mais velha destas senhoras, D. Maria do Patrocínio, usava óculos escuros, e vinha tôdas as manhãs da quinta à cidade num burrinho, com o criado de farda, ouvir missa a Sant'Ana. A outra, D. Rosa, gordinha e trigueira, tocava harpa, sabia de cor os versos do *Amor e Melancolia*, e passava horas, à beira da água, entre a sombra dos amieiros, rojando o vestido branco pelas relvas a fazer raminhos silvestres.

O papá começou a freqüentar o *Mosteiro*. Um guarda da alfândega levava-lhe o violão; e emquanto o comendador e outro amigo da casa, o Margaride, doutor delegado, se embebiavam numa partida de gamão, e D. Maria do Patrocínio rezava em cima o terço — o papá, na varanda, ao lado de D. Rosa, de frente da lua, redonda e branca sôbre o rio, fazia gemer no silêncio os bordões e dizia as tristezas do conde Ordonho. Outras vezes jogava êle a partida de gamão: D. Rosa sentava-se então ao pé do titi, com uma flor nos cabelos, um livro caído no regaço; e o papá, chocalhando os dados, sentia a carícia prometedora dos seus olhos pestanudos.

Casaram. Eu nasci numa tarde de sexta-feira de Paixão; e a mamã morreu, ao esta-

larem, na manhã alegre, os foguetes da Aleluia. Jaz, coberta de goivos, no cemitério de Viana, numa rua junto ao muro, húmida da sombra dos chorões, onde ela gostava de ir passear, nas tardes de verão, vestida de branco, com a sua cadelinha felpuda, que se chamava *Traviata*.

O comendador e D. Maria não voltaram ao *Mosteiro*. Eu cresci, tive o sarampo; o papá engordava; e o seu violão dormia, esquecido ao canto da sala, dentro dum saco de baeta verde. Num julho de grande calor, a minha criada Gervásia vestiu-me o fato pesado de veludilho preto; o papá pôs um fumo no chapéu de palha. Era o luto do comendador G. Godinho, a quem o papá muitas vezes chamava, por entre dentes, «malandro».

Depois, numa noite de Entrudo, o papá morreu de-repente, com uma apoplexia, ao descer a escadaria de pedra da nossa casa, mascarado de urso, para ir ao baile das senhoras Macedos.

Eu fazia então sete anos; e lembro-me de ter visto, ao outro dia, no nosso pátio, uma senhora alta e gorda, com uma mantilha rica de renda negra, a soluçar diante das manchas de sangue do papá, que ninguém lavara, e já tinham secado nas lajes. À porta, uma velha esperava, rezando, encolhida no seu mantéu de baetilha.

As janelas da frente da casa foram fechadas; no corredor escuro, sôbre um banco, um candieiro de latão ficou dando a sua lu-

zinha de capela, fumarenta e mortal. Ventava e chovia. Pela vidraça da cozinha, emquanto a Mariana, choramingando, abanava o fofareiro, eu vi passar no largo da Senhora da Agonia o homem que trazia às costas o caixão do papá. No alto frio do monte, a capelinha da Senhora, com a sua cruz negra, parecia mais triste ainda, branca e nua entre os pinheiros, quási a sumir-se na névoa; e adiante, onde estão as rochas, gemia e rolava, sem descontinuar, um grande mar d'inverno.

À noite, no quarto de engomar, a minha criada Gervásia sentou-me no chão, embrulhado num saioto. De quando em quando, rangiam no corredor as botas do João, guarda da Alfândega, que andava a defumar com alfazema. A cozinheira trouxe-me uma fatia de pão de ló. Adormeci: e logo achei-me a caminhar à beira dum rio claro, onde os choupos, já muito velhos, pareciam ter uma alma e suspiravam; e ao meu lado ia andando um homem nu, com duas chagas nos pés, e duas chagas nas mãos, que era Jesus, Nosso Senhor.

Passados dias, acordaram-me, numa madrugada em que a janela do meu quarto, batida do sol, resplandecia prodigiosamente, como um prenúncio de coisa santa. Ao lado da cama, um sujeito risonho e gordo fazia-me cócegas nos pés, com ternura, e chamava-me *brêjeirote*. A Gervásia disse-me que era o sr. Matias, que me ia levar para muito lon-

ge, para casa da tia Patrocínio: e o snr. Matias, com a sua pitada suspense, olhava espantado para as meias rôtas que me calçara a Gervásia. Embrulharam-me no chale-manta cinzento do papá; o João, guarda da Alfândega, trouxe-me ao colo até à porta da rua, onde estava uma liteira com cortinas de oleado.

Começámos então a caminhar por compridas estradas. Mesmo adormecido, eu sentia as lentas campainhas dos machos: e o snr. Matias, defronte de mim, fazia-me de vez em quando uma festinha na cara, e dizia: «Ora cá vamos». Uma tarde, ao escurecer, parámos de-repente num sítio êrmo, onde havia um lamaçal; o liteireiro, furioso, praguejava, sacudindo o archote aceso. Em redor, dolente e negro, rumorejava um pinheiral. O snr. Matias, enfiado, tirou o relógio da algibeira e escondeu-o no cano da bota.

Uma noite, atravessámos uma cidade, onde os candieiros da rua tinham uma luz jovial, rara e brilhante como eu nunca vira, da forma duma tulipa aberta. Na estalagem em que apeámos, o criado, chamado Gonçalves, conhecia o snr. Matias: e depois de nos trazer os bifes, ficou familiarmente encostado à mesa, de guardanapo ao ombro, contando coisas do snr. barão, e da inglesa do snr. barão. Quando recolhíamos ao quarto, alumiados pelo Gonçalves, passou por nós, bruscamente, no corredor, uma senhora,

grande e branca, com um rumor forte de sêdas claras, espalhando um aroma de almíscar. Era a inglesa do snr. barão. No meu leito de ferro, desperto pelo barulho das segas, eu pensava nela, rezando Avé-Marias. Nunca roçara corpo tão belo, dum perfume tão penetrante: ela era cheia de graça, o Senhor estava com ela, e passava, bem-dita entre as mulheres, com um rumor de sêdas claras...

Depois, partimos, num grande côche que tinha as armas do Rei e rolava a direito, por uma estrada lisa, ao trote forte e pesado de quatro cavalos gordos. O snr. Matias, de chinelas nos pés e tomando a sua pitada, dizia-me, aqui e além, o nome duma povoação aninhada em tôrno duma velha igreja, na frescura dum vale. Ao entardecer, por vezes, numa encosta, as janelas duma calma vivenda faiscavam com um fulgor de ouro novo. O côche passava; a casa ficava adormecendo entre as árvores: através dos vidros embaciados, eu via luzir a estrêla de Vénus. Alta noite tocava uma corneta: e entrávamos, atroando as calçadas, numa vila adormecida. Defronte do portão da estalagem moviam-se silenciosamente lanternas morticás. Em cima, numa sala aconchegada, com a mesa cheia de talheres, fumegavam as terrinas; os passageiros, arripiados, bocejavam, tirando as luvas grossas de lã; e eu comia o meu caldo de galinha, extremunhado e sem vontade, ao lado do

snr. Matias, que conhecia sempre algum moço, perguntava pelo doutor delegado, ou queria saber como iam as obras da câmara.

Em-fim, num domingo de manhã, estando a choviscar, chegámos a um casarão, num largo cheio de lama. O snr. Matias disse-me que era Lisboa; e, abafando-me no chale-manta, sentou-me num banco, ao fundo duma sala húmida, onde havia bagagens e grandes balanças de ferro. Um sino lento tocava à missa; diante da porta passou uma companhia de soldados, com as armas sob as capas de oleado. Um homem carregou os nossos baús, entrámos numa sege, eu adormeci sôbre o ombro do snr. Matias. Quando êle me pôs no chão, estávamos num pátio triste, lajeado de pedrinha miúda, com assentos pintados de preto; e na escada uma môça gorda cochichava com um homem de opa escarlata, que trazia ao colo o mealheiro das almas.

Era a Vicência, a criada da tia Patrocínio. O snr. Matias subiu os degraus, conversando com ela, e levando-me ternamente pela mão. Numa sala forrada de papel escuro, encontrámos uma senhora muito alta, muito sêca, vestida de preto, com um grilhão de ouro no peito; um lenço rôxo, amarrado no queixo, caía-lhe num bioco lúgubre sôbre a testa; e no fundo dessa sombra negrejavam dois óculos defumados. Por trás dela, na parede, uma imagem de Nossa Se-

nhora das Dores olhava para mim, com o peito trespassado de espadas.

— Esta é a titi, disse-me o snr. Matias. É necessário gostar muito da titi... ; É necessário dizer sempre que *sim* à titi!

Lentamente, a custo, ela baixou o carão chupado e esverdinhado. Eu senti um beijo vago, duma frialdade de pedra; e logo a titi recuou, enojada.

— ¡Credo, Vicência! Que horror! Acho que lhe puseram azeite no cabelo!

Assustado, com o beicinho já a tremer, ergui os olhos para ela, murmurei:

— Sim, titi.

Então o snr. Matias gabou o meu génio, o meu propósito na liteira, a limpeza com que eu comia a minha sopa, à mesa das estalagens.

— Está bem, rosnou a titi sêcamente. Era o que faltava portar-se mal, sabendo o que eu faço por êle... Vá, Vicência, leve-o lá para dentro... lave-lhe essa ramela; veja se êle sabe fazer o sinal da cruz...

O snr. Matias deu-me dois beijos repenidos. A Vicência levou-me para a cozinha.

À noite vestiram-me o meu fato de veludilho; e a Vicência, séria, de avental lavado trouxe-me pela mão a uma sala em que pendiam cortinas de damasco escarlata, e os pés das mesas eram dourados como as colunas dum altar. A titi estava sentada no meio do canapé, vestida de sêda preta, toucada de rendas pretas, com os dedos res-

plandecentes de anéis. Ao lado, em cadeiras também douradas, conversavam dois eclesiásticos. Um, risonho e nédio, de cabelinho encaracolado e já branco, abriu os braços para mim, paternalmente. O outro, moreno e triste, rosnou só «boas noites». E da mesa, onde folheava um grande livro de estampas, um homenzinho de cara rapada e colarinhos enormes, cumprimentou, atarantado, deixando escorregar a luneta do nariz.

Cada um dêles, vagarosamente, me deu um beijo. O padre triste perguntou-me o meu nome, que eu pronunciava *Tedrico*. O outro, amorável, mostrando os dentes frescos, aconselhou-me que separasse as sílabas e dissesse *Te-o-do-rico*. Depois acharam-me parecido com a mamã, nos olhos. A titi suspirou. Deu louvores a Nosso Senhor de que eu não tinha nada do Raposo. E o sujeito de grandes colarinhos fechou o livro, fechou a luneta, e timidamente quis saber se eu trazia saudades de Viana. E eu murmurei, atordado:

— Sim, titi.

Então o padre mais idoso e nédio chegou-me para os joelhos, recomendou-me que fôsse temente a Deus, quietinho em casa, sempre obediente à titi...

— O Teodorico não tem ninguém senão a titi... É necessário dizer sempre que *sim* á titi...

Eu repeti, encolhido:

— Sim, titi...

A titi, severamente, mandou-me tirar o dedo da bôca. Depois disse-me que voltasse para a cozinha, para a Vicência, sempre a seguir, pelo corredor...

— E quando passar pelo oratório, onde está a luz e a cortina verde, ajoelhe, faça o seu sinalzinho da cruz.

Não fiz o sinal da cruz, mas entreabri a cortina; e o oratório da titi deslumbrou-me prodigiosamente. Era todo revestido de sêda rôxa, com painéis enternecedores em caixilhos floridos, contando os trabalhos do Senhor; as rendas da toalha do altar roçavam o chão tapetado; os santos de marfim e de madeira, com auréolas lustrosas, viviam num bosque de violetas e de camélias vermelhas. A luz das velas de cera fazia brilhar duas salvas nobres de prata, encostadas à parede, em repouso, como broquéis de santidade; e erguido na cruz de pau preto, sob um dossel, Nosso Senhor Jesus Cristo era todo de ouro e reluzia.

Cheguei-me de-vagar até junto da almofada de veludo verde, pousada diante do altar, cavada pelos piedosos joelhos da titi. Ergui para Jesus crucificado os meus lindos olhos negros. E fiquei pensando que no céu, os anjos, os santos, Nossa Senhora e o Pai de todos deviam ser assim, de ouro, cravejados talvez de pedras: o seu brilho formava a luz do dia; e as estrêlas eram os pontos mais vivos do metal precioso, transparecendo através dos véus negros, em que os embrulhava à

noite, para dormirem, o carinho beato dos homens.

Depois do chá, a Vicência foi-me deitar numa alcovinha pegada ao seu quarto. Fêz-me ajoelhar em camisa, juntou-me as mãos, e ergueu-me a face para o céu. E ditou os Padre-Nossos que me cumpria rezar pela saúde da titi, pelo repouso da mamã, e por alma dum comendador que fôra muito bom, muito santo e muito rico, e que se chamava Godinho.

. . .

Apenas completei nove anos, a titi mandou-me fazer camisas, um fato de pano preto, e colocou-me como interno no colégio dos Isiduros, então em Santa Isabel.

Logo nas primeiras semanas liguei-me ternamente com um rapaz Crispim, mais crescido que eu, filho da firma Teles, Crispim & C.^a, donos da fábrica de fiação à Pampulha. O Crispim ajudava à missa aos domingos; e, de joelhos, com os seus cabelos compridos e louros, lembrava a suavidade dum anjo. Às vezes agarrava-me, no corredor, e marcava-me a face, que eu tinha feminina e macia, com beijos devoradores; à noite, na sala de estudo, à mesa onde folheávamos os sonolentos dicionários, passava-me bilhetinhos a lápis, chamando-me *seu idolatrado* e prometendo-me caixinhas de penas de aço...

À quinta-feira era o desagradável dia de

lavarmos os pés. E três vezes por semana o sebento padre Soares vinha, de palito na bôca, interrogar-nos em doutrina e contar-nos a vida do Senhor.

—Ora depois pegaram e levaram-no de rastos a casa de Caifás... Olá, o da pontinha do banco, ¿quem era Caifás?... | Emende! Emende adiante!... Também não! Irra, cabeçudos! Era um judeu e dos piores... Ora diz que, lá num sitio muito feio da Judeia, há uma árvore tôda de espinhos, que é mesmo de arripiar...

A sineta do recreio tocava; todos, a um tempo e de estalo, fechávamos a cartilha.

O tristonho pátio de recreio, areado com saibro, cheirava mal, por causa da vizinhança das latrinas; e o regalo, para os mais crescidos, era tirar uma fumaça do cigarro, às escondidas, numa sala térrea onde aos domingos o mestre de dança, o velho Cavinetti, frisado e de sapatinhos decotados, nos ensinava mazurcas.

Cada mês, a Vicência, de capote e lenço, me vinha buscar depois da missa, para ir passar um domingo com a titi. Isidoro Júnior, antes de eu sair, examinava-me sempre os ouvidos e as unhas; muitas vezes, mesmo na bacia dêle, dava-me uma ensaboada furiosa, chamava-me baixo *sebento*. Depois trazia-me até à porta, fazia-me uma carícia, tratava-me de seu *querido amiguinho*, e mandava pela Vicência os seus respeitos à snr.^a D. Patrocínio das Neves.

Nós morávamos no campo de Sant'Ana. Ao descer o Chiado, eu parava numa loja de estampas, diante do lânguido quadro duma mulher loura, com os peitos nus, recostada numa pele de tigre, e sustentando na ponta dos dedos, mais finos que os do Crispim, um pesado fio de pérolas. A claridade daquela nudez fazia-me pensar na inglesa do snr. barão: e êsse aroma que tanto me perturbara no corredor da estalagem, respirava-o outra vez, finamente espalhado na rua cheia de sol, pelas sêdas das senhoras que subiam para a missa do Loreto, espartilhadas e graves.

A titi, em casa, estendia-me a mão a beijar: e tôda a manhã eu ficava folheando volumes do *Panorama Universal*, na saleta dela, onde havia um sofá de riscadinho, um armário rico de pau preto, e litografias coloridas, com ternas passagens da vida puríssima do seu favorito santo, o patriarca S. José. A titi, de lenço rôxo carregado para a testa, sentada à janela por dentro dos vidros, com os pés embrulhados numa manta, examinava solitamente um grande caderno de contas.

Às três horas enrolava o caderno; e de dentro da sombra do lenço começava a perguntar-me doutrina. Dizendo o *Credo*, desfiando os *Mandamentos*, com os olhos baixos, eu sentia o seu cheiro acre e adocicado a rapé e a formiga.

Aos domingos, vinham jantar connosco os dois eclesiásticos. O de cabelinho encaraco-

lado era o Padre Casimiro, procurador da titi: dava-me abraços risonhos; convidava-me a declinar *arbor arboris, currus curri*; proclamava-me com affecto «talentaço». E o outro eclesiástico elogiava o colégio dos Isidoros, formosíssimo estabelecimento de educação, como não havia nem na Bélgica. Êsse chamava-se padre Pinheiro. Cada vez me parecia mais moreno, mais triste. Sempre que passava por diante dum espelho, deitava a língua de fora e ali se esquecia a esticá-la, a estudá-la, desconfiado e aterrado.

Ao jantar, o padre Casimiro gostava de ver o meu apetite.

— Vai mais um bocadinho de vitelinha guisada? | Rapazes querem-se alegres e bem comidos!...

E padre Pinheiro, palpando o estômago:

— | Felizes idades! Felizes idades, em que se repete a vitela!

Êle e a titi falavam então de doenças. Padre Casimiro, còradinho, com o guardanapo atado ao pescoço, o prato cheio, o copo cheio, sorria beatificamente.

Quando, na praça, entre as árvores, começavam a luzir os candieiros de gás, a Vicência punha o seu chale velho de xadrez e ia levar-me ao colégio. A essa hora, nos domingos, chegava o sujeitinho de cara rapada e vastos colarinhos, que era o snr. José Justino, secretário da confraria de S. José e tabelião da titi, com cartório a S. Paulo. No pátio, tirando já o seu paletó, fazia-me uma

festa no queixo, e perguntava à Vicência pela saúde da snr.^a D. Patrocínio. Subia; nós fechávamos o pesado portão. E eu respirava consoladamente — porque me entristecia aquele casarão, com os seus damascos vermelhos, os santos inumeráveis e o cheirinho a capela.

Pelo caminho a Vicência falava-me da titi, que a trouxera, havia seis anos, da Misericórdia. Assim eu fui sabendo que ela padecia do fígado; tinha sempre muito dinheiro em ouro numa bolsa de sêda verde; e o comendador Godinho, tio dela e da minha mamã, deixara-lhe duzentos contos em prédios, em papéis, e a quinta do *Mosteiro*, ao pé de Viana, e pratas, e loiças da Índia... ; Que rica que era a titi! Era necessário ser bom, agradecer sempre à titi!

À porta do colégio a Vicência dizia «Adeus, amorzinho», e dava-me um grande beijo. Muitas vezes, de noite, abraçado ao travesseiro, eu pensava na Vicência, e nos braços que lhe vira arregaçados, gordos e brancos como leite. E assim foi nascendo no meu coração, pudicamente, uma paixão pela Vicência.

Um dia, um rapaz já de buço chamou-me no recreio *lambisgoia*. Desafiei-o para as latrinas, ensangüentei-lhe lá a face tóda, com um murro bestial. Fui temido. Fumei cigarros. O Crispim saíra dos Isidoros; eu ambicionava saber jogar a espada. E o meu alto amor pela Vicência desapareceu um dia,

insensivelmente, como uma flor que se perde na rua.

E os anos assim foram passando: pelas vésperas de Natal acendia-se um braseiro no refeitório; eu envergava o meu casacão forrado de baeta e ornado duma gola d'astracan; depois chegavam as andorinhas aos beirais do nosso telhado, e no oratório da titi, em lugar de camélias, vinham braçadas dos primeiros cravos vermelhos, perfumar os pés d'ouro de Jesus; depois era o tempo dos banhos de mar, e o padre Casimiro mandava à titi um gigo d'uvas da sua quinta de Tòrres... Eu comecei a estudar retórica....

(*A Reliquia*, 1.º cap.)

COMO S. CRISTÓVÃO ENTEN- DEU E SENTIU A HISTÓRIA DE JESUS

(A sua mágica faculdade de penetrar pela imaginação e pela intuição as almas alheias applicou-a por vezes Eça de Queiroz não só à vida psíquica dos indivíduos normais e contemporâneos, senão também à das crianças (como vimos na transcrição precedente) à dos seres de outras épocas, reais ou fantásticos, e até à dos próprios animais. Neste sentido são maravilhosas as figuras psicologicas que nos deixou de Adão e Eva e as linhas magistraes e inolvidáveis em que descreve, no mesmo conto, a vida fácil do Orangotango. Nas páginas do seu espólio literário que em seguida transcrevemos, e que não são de-certo mais que um esboço, conseguiu todavia o Artista mostrar-nos ou sugerir-nos a impressão que causaria no cérebro nevoento e atrasado do bom gigante Cristóvão a história de Jesus Cristo.)

... **N**o em-tanto Alfredo e a sua bem-amada vinham repousar, sentados numa pedra. Elle olhava a fimbria do seu vestido, ou segurava os seus dedos delicados, que arrancavam uma a uma as flores dos malmequeres. Por vezes elle colhia um ramo; ou, apanhando o livro dela,

que caíra a seus pés, voltava as fôlhas; ela debruçava-se, e os fios soltos dos seus cabelos roçavam os ombros d'Alfredo; e muitas vezes assim se esqueciam, com os olhos postos na mesma página que não voltavam, còrados, com o peito a arfar.

Mas um dia, que ambos passeavam longe, ao fundo dos pinheirais, com os ombros juntos, Cristóvão ousou tocar o livro, esquecido sôbre uma pedra, e com os seus grossos dedos voltar as fôlhas. Eram linhas negras, que não compreendia; mas uma emoção tomou-o, diante das imagens cheias de côr. Parecia ser uma história — e começava por uma criancinha, que num curral, entre uma vaca e uma jumenta, sorria, toucada de estrêlas, nos joelhos duma mulher pálida. Depois, a mesma criança, já maior, e sempre coroada de estrêlas, falava diante dum grupo de velhos barbudos, que espalmavam as mãos com espanto. : Quem era êsse, pois, que, tão novo, assombrava a velhice sapiente? Mais longe os dedos de Cristóvão, virando as fôlhas duras, encontravam o mesmo ser, que êle reconhecia pelo seu aro de estrêlas, já homem, envolto numa túnica, passeando à beira dum lago: e não cessava mais de aparecer, pondo as suas mãos sôbre os entrevados, estendendo os braços para as crianças, desatando as ligaduras dos mortos, consolando as multidões. Montado num burro, penetrava as portas duma cidade, entre um povo que o aclamava movendo folhas

de palma; sentado sob um sicómoro, ouvia duas mulheres, que fiavam a seus pés; de joelhos, entre oliveiras, orava sôbre um monte: preso em meio de soldados, com tochas, comparecia ante um juiz que erguia o dedo, pensando.

E Cristóvão sentia uma ansiedade de compreender, quando viu diante de si os dois noivos com os braços enlaçados, que sorriam. Surpreendido, Cristóvão fechou o livro. E como Etelvina, vendo a sua larga face perturbada e cheia de piedade, lhe perguntava se êle amava o Senhor, Cristóvão moveu a cabeça, sem compreender. | Pois quê! ? êle não conhecia o Senhor e não amava a sua doçura? Tão grande escuridão naquela alma encheu-a de piedade: e um escrúpulo rosou-lhe as faces, pensando que, em-quanto ela se ocupava de amar, alguém, ao pé dela, vivia sem conhecer o Senhor. E então, para que bem-merecessem de Jesus, e para recompensar a protecção de Cristóvão, ela pediu a Alfredo que lessem o santo livro àquele homem simples, que o ignorava.

Foi ao outro dia, por uma tarde de outono. Já as árvores se desfolhavam; mais tristemente cantava o regato; e uma palidez banhava o céu. Para ouvir melhor, Cristóvão sentara-se sôbre um alto monte de pedras

derrocadas. Alfredo, rindo, trepara ao seu vasto joelho,— e Etelvina sentou-se no outro joelho, tão simplesmente como se fôra uma rocha ou um cómorro de relva. Os seus pezinhos cruzaram-se como os dum anjo: as suas mãos pousavam castamente no regaço. Defronte, Alfredo abrira o livro:— e com a vasta face de Cristóvão entre elles, era como se estivessem sentados nos membros frios e duros duma enorme estátua de pedra.

E tóda a tarde, no silêncio do arvoredor, Alfredo leu a vida do Senhor. Disse a estrêla brilhando sôbre o seu berço, e os pastores de longe vindo para êle, misturados aos Reis que traziam tesouros. Depois, homens duros chegavam com alfanges: e o Menino sorria adormecido no colo da mãe, em-quanto a burrinha, toc, toc, os levava para o Egito. Lá repousavam sob uma palmeira: o sol vermelho descia nas areias do Deserto: e o Menino, rindo, puxava as barbas de seu pai, cujo cajado floria como um ramo de açucena. Mas era tempo que, o longo rolo sôbre o joelho, Santa Ana ensinasse a ler o Menino: seu pai sorria por trás na sua grande barba. S. Joãozinho, ao lado, escutava com a mãozinha apoiada à face; e dous anjos, no alto, erguem a mão, param os ventos, para que nenhum ruído perturbe o Menino que aprende. Depressa o Menino aprendeu, porque eis que velhos barbudos, de mitra, arregalam os olhos, espantados do seu saber...

Cansado de ler, Alfredo parava, com o dedo entre as fôlhas do livro. E na face simples de Cristóvão havia tanto espanto, como nas dos doutores: o seu grosso lábio tremia. E murmurou humildemente, e já cheio de amor:

— Mas ¿ que fêz o Menino?

¿ Quem sabe? Um doce silêncio caía sôbre a terra. Em Nazaré, o carpinteiro aplainava a sua tábua, e S. João, com os cabelos ao vento, partia para o Destêrro. Mas já ao longe brillam as claras águas dum lago, com barcos amarrados na areia: Jesus fala de-vagar, erguendo o braço; e os pescadores deixam as suas rêdes, os semeadores esquecem a sementeira, os publicanos deixam os seus postos, os pobres saem dos cotovelos das estradas, e Jesus, seguido de todos, começa a caminhar pela Judéa. Uma incomparável doçura enche a vida dos homens. Jesus está entre êles. Os que não podiam ver, aclamam o esplendor da luz; os que não andavam, galgam, cantando, as colinas; todos os demónios se somem; os mortos desatam as suas ligaduras; não há dor que não espere consolação; as crianças teem um amigo, e as multidões, nas aldeias, vêem o pão nascer do pão.

¿ Porque vai êle a Jerusalém, terra dura, onde os homens, com as barbas agudas, gritam uns contra os outros, brandindo rolos da Lei? Mas, ¿ que importa! Êle vai para tornar os homens melhores, e o povo vai

com êle, cantando. É então que o céu se começa a tornar escuro. Os Fariseus tramam baixo sob as arcarias do Templo. E uma ansiedade pesa na terra...

E uma ansiedade enche também a face de Cristóvão. ¿Porque não permanecera êle sempre Menino, sôbre os joelhos da mãe, quando a Estrêla luzia, e êle estendia a mãozinha para o focinho da vaca? Ou, se devia ser homem, ¿porque deixou êle a beira do lago, e os caminhos verdes, onde a cada um dos seus passos a terra se tornava melhor, e melhor a alma dos homens?

— ¿Tens pena, Cristóvão?

Era Etelvina que assim murmurava, com os olhos apiedados.

Êle moveu a cabeça, em silêncio. O seu vasto peito arfava, e um terror invadia-o, de o ver a Êle, tão bom, naquela cidade onde os homens eram tão duros.

— ¿E depois?

Alfredo disse então os dias derradeiros. Tristemente, Jesus, sòzinho, sobe, ao cair da tarde, para o vergel de Betânia. Aí, são as melancolias duma felicidade que finda. Madalena desgrenhada lava os seus pés cansados. Marta fia, com um fiar tão lento como se fiasse um sudário. Mas já Jesus se assenta para a última ceia. S. João inclina a cabeça sôbre o seio do Mestre. Judas aperta sob a túnica a sua negra bolsa. Jesus diz: «Em breve não estarei mais entre vós.» A noite é escura; Jesus sobe de-vagar o monte, onde

há oliveiras, e um anjo, todo coberto de negro, marcha no ar ao seu lado. Um vento passa na rama das oliveiras. Um rumor de armas vem com o vento que passa...

Nos olhos de Cristóvão borbulhavam grossas lágrimas. E Alfredo dizia as tochas surgindo na escuridão das ramagens, os soldados brutais, e a prisão do Senhor. † Porque o prendiam assim, e o levavam, a êle, mais doce que o anho? † Ei-lo que passa! e os seus pés, que encontravam o caminho do bem, sangram sôbre as lajes duras, da casa de Pilatos à casa de Caifaz. Traz sangue na face, as mãos arroxeadas pelas cordas, os ombros riscados pelas vêrgas: — e a sua dorcura é tão grande, que diz: «† Porque me bateis?» A cruz que lhe dão é tão pesada, que cai uma vez, outra vez, ferindo os joelhos nas pedras, com grandes bagas de suor na face... Mas eis que em tropel todos sobem a colina: cravam com grandes pregos as suas mãos sôbre o madeiro; cravam no madeiro os seus pés, com grandes pregos... E da água com que êle secava a sêde das multidões pede, sem que ninguém o escute, um trago que mate a sua sêde. Os homens maus atiravam pedras à sua cruz. † E todo o mal era feito Àquele que não fizera senão bem!

E então um grande suspiro abalou o vasto peito de Cristóvão, e, na solidão do bosque, gritou:

— † Oh! porque não estava eu lá com os meus braços!

Os dous bem-amados estavam de pé diante d'ele, e o homem enorme chorava. Chorava pela morte de Aquele que conhecera tão tarde. Chorava por todos os que, morto elle, perdiam o amigo melhor dos homens. — Mas, porque o mataram? porque o mataram? E Cristóvão, deixando os dous, desceu a colina, chorando.

A noite caía no vale. Um vento triste vergava os canaviaes. Cristóvão seguia e chorava. Os seus vastos pés empurravam as rochas como seixos. O seu ombro, ao passar, quebrava os ramos tenros. ¡Oh, se elle estivesse então no monte escuro onde o prenderam! O seu braço sacudiria, como ervas sêcas, as espadas reluzentes. Tomaria sobre o seu ombro o Mestre adorável. Fugiria com elle para a paz dos campos; e como um cão fiel, junto aos seus passos, defenderia dos soldados, dos padres, aquele corpo que era de Deus, e espalhava Deus entre os homens.

A noite caía; Cristóvão parou. E, sentado sobre uma rocha, com grandes lágrimas sobre a face, olhava as estrêlas, que, uma a uma, marcavam os pontos do céu. Era ali, naquela altura, que elle habitava. ¡Oh, se elle pudesse subir lá, e ver como era a sua face, e sentir a doçura das suas mãos! Porque não voltaria elle mais, para consolar os

pobres, secar as lágrimas, agasalhar as criancinhas e nutrir as multidões? Agora, que todos o amavam, ninguém o prenderia: o caminho que elle seguisse seria juncado de rosas; os Bispos, nas suas capas de ouro, cantando e balançando os incensadores, viriam ao seu encontro. ; E, para o defender, os Barões correriam, cobertos de ferro e com lanças, nos seus grandes corséis! ; Porque não voltava? Elle seguiria pelo mundo os seus passos ligeiros: a cada instante afastaria as silvas, que o não magoassem; com grandes brados espantaria os cães que ladram às portas dos castelos; fardos que houvesse, com alegria elle os levaria; só elle, e mais ninguém, colheria os frutos para o Senhor, ou iria buscar a água às nascentes melhores. De noite, faria com rama uma cabana para o abrigar do vento mau:—e estenderia o seu braço para que nêle repousasse a sua cabeça cansada.

E assim pensando, um imenso amor erguia-lhe o peito; — e, de pé numa rocha, os seus braços estendiam-se para o céu, para nêles estreitar Aquele que, para o salvar, fôra pregado na cruz. E três vezes chamou: «Jesus, Jesus, Jesus!»

Então, perto dêle, ouviu como um pranto que cortava o silêncio da noite. Vinha de longe, donde brilhava uma luz de cabana. Os seus passos foram para lá, esmagando a terra fresca. E mais perto reconheceu o soluçar duma mulher que chorava. De-certo

alguém sofria muito. Havia ali orfandade ou viuvez, uma miséria que erguia os braços para o céu. ¿Porque não vinha o Senhor? Se elle habitasse a terra, para aquelle casebre iriam os seus passos. Elle iria atrás humildemente, seguindo-o. Mas Jesus estava além, por trás daquelas estrêlas. ¿Porque não iria elle, como se seguisse o Senhor? Mais vivo e triste, o pranto cortou a noite. E Cristóvão, de-vagar, e com mêdo, bateu à porta do casebre.

(S. Cristóvão, pág. 73 a 81.)



VII

Polémica literária

117

POLÉMICA LITERÁRIA.

I.

TONÁS D'ALENCAR

(UMA EXPLICAÇÃO)

Meu caro Carlos.— Se aí no *Tempo* há bastante espaço para que um homem de letras desfaça publicamente uma lenda, que foi enxertada sobre a sua obra, e que dela continua a viver, conceda v. a estas tiras de papel o agasalho que elas só merecem pela sinceridade e veracidade de que vão repassadas.

Esta manhã, recebi um jornal do Rio de Janeiro, o *Paiz*, onde destacava um artigo de Pinheiro Chagas, (sempre este homem fatal!) e cujo título — *Bulhão Pato e Eça de Queiroz* — logo me causou confusão e assombro! Imaginei ao princípio que se tratava dum desses Paralelos Literários, dados outrora como temas nas aulas de retórica, e em que se com-

parava, com sonora facúndia, o génio de César ao génio de Pompeu, as virtudes de Catão às virtudes de Séneca... ; Mas não ! O artigo de Pinheiro Chagas versava sôbre factos, — factos bem definidos, autenticados, com um ar sólido de pedaços de História, que deram ao meu assombro e confusão, já grandes, uma intensidade quási dolorosa. Era um artigo condenando com a máxima rispidez certa injúria que eu em prosa fizera a Bulhão Pato — e celebrando, em períodos que se babavam de admiração e ternura, certa desforra que Bulhão Pato tomara em verso.

A minha injúria consistira em *caricaturar* Bulhão Pato, nos *Maias*, sob os bigodes e os rasgos de Tomás d'Alencar; ; e a desforra de Bulhão Pato fôra correr à sua grande lira, e lançar contra mim uma grande Sátira ! Tais se me apresentaram os factos. E perante êles o meu assombro e confusão provinham de que, nesta fria manhã de Janeiro, do ano da graça de 1889, antes de ler o *Paiz* — eu ainda ignorava totalmente a ofensa contra o simpático autor da *Paqueta* e o castigo retumbante que recebera do autor cruel dessa andaluza.

Talvez pareça pouco natural, sobretudo àqueles para quem a casa Havanesa e o café Martinho formam os confins do mundo, que eu não conhecesse um feito literário, tão considerável, de tão largo eco, como a Sátira.

A existência dessa peça poética, com efeito, não me era completamente alheia. Já aqui,

em Paris, alguém um dia me falara delirando:—mas dessas galhofeiras palavras, trocadas à pressa, no rumor da rua, depreendi que era uma Sátira literária, pessoal, continuando um conflito de Escolas, pairando nas generalizações estéticas,—uma Sátira em que o nosso Pato, na provinciana e académica suposição que em arte há duas grandes falanges com duas grandes bandeiras, a dos Românticos e a dos Naturalistas, vinha uma vez mais, paladino da Alma, arremessar o seu dardo de oiro contra a soldadesca da Matéria.

Que ela fôsse uma Sátira pessoal, *directa e crudelissima*, como diz Pinheiro Chagas, atacando sem dúvida os meus costumes, os meus princípios, a minha moral, a minha vida—|isso só hoje, nesta fria manhã de Janeiro, o vim a saber, pelo artigo do *Paiz*, tão sentido e fremente!

| Só hoje, através das amargas repreensões de Chagas, vim a saber que a Sátira me fôra vibrada pelo autor da *Paqueta* em desforra, em ostentosa e berrante desforra, de eu o ter encarnado na pessoa de Tomás de Alencar! E apenas recebi de chofre estas revelações, murmurei comigo, sem hesitar, imensamente divertido e imensamente contente:—«| Ainda bem! O que o nosso Pato gozou em se imaginar retratado nos *Maias*»!

«Ser retratado» num romance ou numa comédia, constitui há muito, como v. sabe, caro amigo, a mais decisiva evidência de celebridade. Desde Aristóphanes, que põe Sócrates em scena nas *Nuvens*,—até Pailleron, que retrata Caro no *Monde ou l'on s'ennuie*, sempre a personificação dum contemporâneo aparece como a definitiva consagração da sua importância na Sociedade, na Política ou nas Letras.

Logo que Sainte-Beuve sobe a Pontífice crítico, Balzac passa a representá-lo através da *Comédia Humana*, com tenaz e leonina ironia. Apenas Gambetta se afirma como o homem providencial da Terceira República—logo Sardou o reproduz, sobre o palco, no fanfarrão *Rabagas*. A celebridade do marquês de Bute em Inglaterra leva Lord Beaconsfield a dedicar-lhe todo um romance, *Lothair*. E, não podendo dar um livro a cada um dos dois dominantes *dandies* Morny e Cadet-Rousse, Octave Feuillet funde-os num só, no supremo mr. de Camors. Em literatura o «retrato» torna-se assim a investidura oficial da Glória.

Daqui logicamente resulta, meu caro Carlos, que «figurar» num romance ou num drama é a ambição suprema e o prazer inefável de todos os glotões da celebridade—sobretudo daqueles que vão sentindo essa celebridade

murchar e desfolhar-se, como uma coroa que foi feita das rosas frágeis dum dia... ; O nosso bom Bulhão Pato saboreia há meses, segundo me afirma Chagas, êsse contentamento inefável!

Mas ; para que vem então a Sátira, — a Sátira investindo e rugindo, com os seus alexandrinos mais erriçados que as cerdas bravas dum javali?... A Sátira, meu caro amigo, vem muito hábilmente, com o astuto fim de alvoroçar o público, criar um tumulto de curiosidade, obrigar todos os olhos a volverem-se para o motivo que a provocou, para o «retrato», evidência de glória, instintiva homenagem dada ao alto poeta.

A Sátira vem, assim estridente e alardeada, para que o público saiba, creia, que houve realmente um retrato, e que tão grande é ainda a situação do poeta na literatura do seu tempo, tão penetrante a sua influência no mover das ideias, que um artista se decidiu a prestar-lhe êsse preito sumo, que a Arte através dos séculos tem concedido a todos os ilustres, desde Sócrates, o divino, até Morny, o mundano.

¡Aí está para que veio a Sátira! Mas, em-quanto ela, diante do público, ruge com um som de latão, — o estimável autor da *Paqueta* banha-se todo êle num mar de leite, de mirra e de rosas.

¡Foi «retratado!» E' pois illustre! ¡Um artista, durante novecentas páginas, applicou-se a detalhar-lhe o feitio immortal! A sua glória

faísca em plena brasal... E os dias de Bulhão Pato, agora, correm em incomparável delícia, estirado numa cadeira, lendo, relendo os *Maías*, e sorrindo beatificamente, como ídolo por entre flores...

! Pois bem! Por mais que me custe perturbar êste gôzo do interessante autor da Sátira, eu sou, pela iniludível verdade, obrigado a declarar que o meu Tomás d'Alencar não é a personificação do sr. Bulhão Pato — e que, durante o longo tempo que fui pondo de pé, traço a traço, a figura de Tomás d'Alencar, nem uma escassa vez me cruzou na memória a ideia, a imagem, o nome sequer, do poeta da *Paqueta*!

Para retratar um homem, já o disse com a sua costumada profundidade mr. de La Palisse, — é necessário pelo menos conhecê-lo. Conhecer a sua fisionomia exterior e interior — as suas ideias, os seus hábitos, os seus gostos, os seus sentimentos, os seus *tics*, os seus interêsses, tudo o que diversamente e unicamente constitui um carácter. Ora, conheço eu por ventura dêste modo íntimo e miúdo o sr. Bulhão Pato? Não; nem intimamente, nem quási superficialmente. Quantas vezes, nestes derradeiros dezasseis ou dezóito anos, nos teremos avistado, através das nossas desencontradas e remotas existências? Cinco ou seis vezes, fugitivamente — na rua, nalguma sala, a uma mesa de *restaurant*! Nada sei da sua vida, dos seus costumes, das suas opiniões. Nunca

provei da sua cozinha. E acrescentarei mesmo (já que a defesa me impõe esta confissão dolorosa, que me acabrunha) — ; que quasi não provei ainda da sua melhor poesia ! Por circunstâncias inexplicáveis, e que me vexam, eu nunca li a *Paqueta*. ; Nada sei d'ele ! Se alguém me pedisse para traçar num papel três ou quatro feições características da fisionomia moral e literária d'este poeta, eu ficaria com a pena suspensa no ar, na mais absurda e ignara hesitação.

¿ Como ousaria eu então tentar, durante um longo romance, a pintura dum vivo de quem não conheço a vida, dum poeta de quem não conheço a poesia ?

A maior razão, porém, para mim mesmo, de que, criando o tipo de Tomás d'Alencar, eu nunca pensei em Bulcão Pato — é que pensei sempre noutro. Tomás d'Alencar, com efeito, representa alguém que viveu. É um retrato. Um retrato desenvolvido, completado com traços surpreendidos aqui e além, na velha geração romântica.

Eu conheci Tomás d'Alencar. Conheci-o na provincia, donde nunca saiu, quando elle já tinha o seu longo bigode romântico embranquecido pela idade e amarelecido pelo cigarro, como nos *Maias*. Não era este homem profissionalmente um poeta, — quero dizer, nunca fabricara livros de versos para vender a editores. Fazia, porém, versos, que apareciam num jornal de . . . E era ainda poeta pela sua maneira especial de entender

a vida e o mundo. Desde o primeiro dia em que o tratei, senti logo nêle uma soberba encarnação do lirismo romântico. E desde logo tive o desejo, a fatal tendência, de convertê-lo num personagem. Já, com efeito, êste homem perpassa no *Crime do Padre Amaro* — tão rapidamente, porém, que o tipo vem todo condensado numa só linha. Ninguém hoje se lembra já do *Crime do Padre Amaro*; por isso cito êsse episódio. É na praia de Vieira, uma praia de banhos ao pé de Leiria, à hora do banho: — «As senhoras, sentadas em cadeirinhas de pau, de sombrinhas abertas, olhavam o mar, palrando: os homens, de sapatos brancos, estendidos pelas esteiras, chupavam o cigarro, riscavam emblemas na areia: — em-quanto o poeta Carlos Alcoforado, muito fatal, muito olhado, passeava só, soturno, junto à vaga, seguido do seu «Terra-Nova.» Mais nada.

Não volta mais em todo o livro. Mas nessa curta linha passa êle, real, como era, tão vivo que o revejo agora, magro, com a grenha sôbre a gola, fatal e soturno, admirado das mulheres, seguido do seu Terra-Nova. E revejo-o ainda, como numa das derradeiras vezes, anos depois, passeando rente dum muro de cemitério, ao cair da tarde, numa quieta vila da província, mais grisalho, mais soturno, falando de versos e das tristezas da vida, com o chapéu desabado sôbre os olhos, embrulhado num chale-manta cinzento, seguido do seu Terra-Nova.

O meu trabalho nos *Maías*, foi transportá-lo para as ruas de Lisboa, acomodá-lo ao feitio de Lisboa, começando por o desembrolhar do seu chale-manta, e separá-lo do seu cão — porque estes dois atributos não se coadunam com os costumes da Capital. Completei-o também, dando-lhe êsse horror literário do Naturalismo, que Alcoforado nunca tivera — porque nesses tempos ditosos ainda se não parolava em Portugal acêrca do Naturalismo, nem o nosso bom Chagas conhecia ainda, para dêle se rir, d'alto para baixo, o épico de *Germinal*.

Em tôdas as feições fundamentais, porém, êle permaneceu no romance, exactamente como foi na vida.

Era dêle a solenidade do Alencar. Dêle a voz cavernosa e lenta. Dêle o hábito (que o ajudou a matar) de atirar às goelas copinhos de genebra. Dêle o costume de empregar o invocativo *filhos!* — tão inveterado, que êste plural vinha mesmo quando se dirigia a uma só pessoa, como se em espírito falasse a uma descendência de espíritos. Eram dêle, emfim, a lealdade, a honestidade impecável, a bondade, a generosidade, a alta cortesia de maneiras: — e é bem petulante que alguém tente à fôrça encafuar-se dentro destas nobres qualidades, e procure resplandecer perante a multidão com o brilho que elas irradiam, repetindo assim a fábula sempre grotesca e sempre irritante, j da gralha que se reveste com as penas melhores do pavão!

Porque é esta questão das qualidades que faz a estupenda absurdidade do caso. ¶ Por onde se reconheceu o sr. Bulhão Pato no sr. Tomás d'Alencar? ¶ Pelo feitio exterior?... ¶ Foi pelos bigodes? Todos em Portugal usamos êsse retorcido apêndice. ¶ Pelas receitas de cozinha? Todos os homens de letras, desde Vergílio a Dumas pai, ensinavam a Arte sem igual. ¶ Pela efusão dos gestos? Todos nós, nestas terras expansivas do sul, lançamos os nossos gestos até às nuvens... ¶ Em quais dêstes traços se reconheceu Bulhão Pato? Pinheiro Chagas, no artigo do *Pais*, afirma que há em Alencar dois hábitos que são a reprodução escandalosa de dois hábitos de Bulhão Pato: — o andar sempre puxando a pera, e sempre recitando maus versos! (textual). Ora succede justamente que Alencar não tem pera, apenas longos bigodes, cheios de poesia e tristeza.

E, em-quanto aos versos, é certo que os d'Alencar são maus: — mas Pinheiro Chagas parece-me injusto, quando implícita e explicitamente declara que são maus também os de Bulhão Pato. Como já confessei, suando de vergonha, nunca desgraçadamente li a *Paqueta*: tenho porém a certeza que ela não é inferior ao *Poema da Mocidade* do severíssimo Chagas. Nalguma estrofe de Pato, que tem sido meu encanto e privilégio ler — encontrei sempre facilidade, elegância e doçura. E os traços, portanto, que Pinheiro

Chagas cita, para provar a parecença do poeta vivo e do poeta imaginado, são contraproducentes — porque onde Alencar recita versos maus, Pato recitaria bons versos ; e onde Pato tem pera, Alencar só tem queixo !

Tudo isto, caro amigo, é deploravelmente cómico, insusceptível quasi de ser comentado com gravidade. A julgar por estes traços exteriores, poderiam considerar-se retratados no Alencar, e vibrarem sátiras contra mim, todos os homens que em Portugal tem bigodes, cometem versos, gesticulam largo, e sabem modos de cozinhar o bacalhau — isto é : ; uma farta metade dos habitantes do Reino !

! Não ! estes traços de superfície, comuns a todos, não individualizam ninguém. O que differença e caracteriza os homens — é o seu modo de ser moral. o conjunto das qualidades e dos defeitos. Ora Tomás d'Alencar tem defeitos e qualidades, separados e alternados, que vão desde a carraspana até ao cavalheirismo. § Em quais das virtudes ou dos vícios se reconheceu o poeta da *Paqueta* ?

Se foi nas virtudes, então aqui vemos um homem que solenemente se adianta, cercado dos seus amigos, e exclama para o público, com a fronte alçada : — « ; Apareceu aí um romance em que há um tipo de poeta, que tem

«lealdade, generosidade, uma honradez per-
«feita!... Ora, com tão esplêndidas qualida-
«des, só eu existo, em Portugal. ; Êsse poeta,
«portanto, *sou eu!*»

Neste caso, nunca nas idades modernas se
teria visto um tão burlesco exemplo de pe-
dantismo e de farófia.

Mas, se o sr. Bulhão Pato se reconheceu
nos defeitos, então aqui temos um homem
que, em meio dos seus amigos, se acerca do
público, e declara com serenidade: — «Apa-
«receu aí um romance em que há um poeta
«que é um medíocre, um palrador, um far-
«afante e um piteireiro. Ora, com tão pífias
«qualidades só eu existo em Portugal. ; Êsse
«poeta, portanto, *sou eu!*»

Neste caso, nunca no mundo se teria visto
um tão doloroso exemplo de rebaixamento e
de aviltamento próprio.

Paro, pelo respeito que devo ao poeta. Mas
; quantas cruéis e esmagadoras conclusões
uma pena mais hábil e maligna do que a mi-
nha poderia sacar dêsse paralelo, a que o au-
tor da *Paqueta* tão gratuitamente se ofereceu,
e em que se comprazeu tão levianamente!

Paro, também, para não tomar mais tempo
ao *Tempo*. Foi necessária, porém, esta pro-
longada e miúda explicação, para mostrar
que nada há de comum entre Tomás d'Alen-
car e o sr. Bulhão Pato, além daqueles tra-
ços literários pelos quais um poeta român-
tico é sempre parecido com outro poeta ro-
mântico. Foi igualmente necessária, para

mostrar que só uma indiscreta ilusão e um zêlo excessivo pela glória própria, puderam levar o autor da *Paqueta* a introduzir-se, com tanto ruído e tanta publicidade, dentro do autor da *Flor de Martirio*. E, visto que nada agora pode justificar a permanência do sr. Bulhão Pato no interior do sr. Tomás d'Alencar, causando-lhe manifesto desconforto e empanturramento, — o meu intuito final, com esta carta, é apelar para a conhecida cortesia do autor da *Sátira*, e rogar-lhe o obséquio extremo de se retirar de dentro do meu personagem.

Em-quanto à *Sátira*, não tenho a occupar-me dela, ; mercê de Deus! Nunca a li. Naturalmente, nunca a lerei. Pinheiro Chagas afirma que ela é *directa e crudelíssima*: da sua vernaculidade e concordância com as regras da Poética é-me garantia a alta situação académica do Satirista: ; fica-me pois a grata certeza que fui por Bulhão Pato tratado de infame, segundo todos os preceitos d'Horácio! Isto me basta: — e, como homem e como escritor, plenamente me satisfaz.

Eis o que eu tinha a dizer sôbre este incidente, filho misérrimo da ilusão e da vaidade. E tendo-o hoje esgotado tão largamente que receio que esta carta não caiba no *Tem-*

po, nem no espaço, — não haverá Sátira,
nem Elegia, nem protestos, nem queixumes,
que me levem a dedicar-lhe de novo uma só
linha, ou a honrá-lo com um só pensamento.

Paris, Janeiro.

EÇA DE QUEIROZ.

(Do jornal *O Tempo*, director Carlos Lobo
de Ávila, Lisboa, 8 de Fevereiro
de 1889.)

VIII

Lirismo

117

118

LIRISMO

1.

DUAS CARTAS A CLARA

Paris, junho.

M*inha adorada amiga* — Não, não foi na *Exposição dos Aquarelistas*, em março, que eu tive consigo o meu primeiro encontro, por mandado dos Fados. Foi no inverno, minha adorada amiga, no baile dos Tressans. Foi aí que a vi, conversando com Madame de Jouarre, diante duma *console*, cujas luzes, entre os molhos de orquídeas, punham nos seus cabelos aquele nimbo de ouro que tão justamente lhe pertence como «rainha de graça entre as mulheres». Lembro ainda, bem religiosamente, o seu sorrir cansado, o vestido preto com relevos côr de botão d'ouro, o leque antigo que tinha fechado no regaço. Passei; mas logo tudo em redor me pareceu irreparavelmente enfadonho e feio, e voltei a readmirar, a *meditar* em silêncio a sua beleza, que me prendia pelo esplendor patente e compreensível, e ainda por não sei quê de fino, de espiritual,

de dolente e de meigo, que brilhava através e vinha da alma. E tão intensamente me embebi nessa contemplação, que levei comigo a sua imagem, decorada e inteira, sem esquecer um fio dos seus cabelos, ou uma ondulação da sêda que a cobria, e corri a encerrar-me com ela, alvoroçado, como um artista que nalgum escuro armazém, entre poeira e cacos, descobrisse a Obra sublime dum Mestre perfeito.

E, porque o não confessarei? Essa imagem foi para mim, ao princípio, meramente um Quadro, pendurado no fundo da minha alma, que eu a cada doce momento olhava — mas para lhe louvar apenas, com crescente surpresa, os encantos diversos de Linha e de Cór. Era somente uma rara tela, posta em sacrário, imóvel e muda no seu brilho, sem outra influência mais, sobre mim, que a duma forma muito bela que cativa um gôsto muito educado. O meu ser continuava livre, atento às curiosidades que até aí o seduziam, aberto aos sentimentos que até aí o solicitavam; — e só quando sentia a fadiga das coisas imperfeitas, ou o desejo novo duma ocupação mais pura, regressava à Imagem que em mim guardava, como um Fra Angélico, no seu claustro, pousando os pincéis ao fim do dia, e ajoelhando ante a Madona, a implorar dela repouso e inspiração superior.

Pouco a pouco, porém, tudo o que não foi esta contemplação perdeu para mim valor e encanto. Comecei a viver cada dia mais re-

tirado no fundo da minha alma, perdido na admiração da Imagem que lá rebrilhava — até que só essa ocupação me pareceu digna da vida; no mundo todo não reconheci mais que uma aparência inconstante, e fui como um monge na sua cela, alheio às coisas mais reais, de joelhos e hirto no seu sonho, que é para ele a única realidade.

Mas não era, minha adorada amiga, um pálido e passivo êxtase diante da sua Imagem. Não! era antes um ansioso e forte estudo dela, com que eu procurava conhecer através da Forma a Essência, e (pois que a Beleza é o esplendor da Verdade) deduzir das perfeições do seu corpo as superioridades da sua alma. E foi assim que lentamente surpreendi o segredo da sua natureza: a sua clara testa que o cabelo descobre, tão clara e lisa, logo me contou a rectidão do seu pensar; o seu sorriso, duma nobreza tão intellectual, facilmente me revelou o seu desdém do mundanal e do efêmero, a sua incansável aspiração para um viver de verdade e de beleza; cada graça de seus movimentos me traiu uma delicadeza do seu gosto; e nos seus olhos diferenciei o que nêles tão adoravelmente se confunde: luz de razão, calor de coração, luz que melhor aquece, calor que melhor alumia... Já a certeza de tantas perfeições bastaria a fazer dobrar, numa adoração perpétua, os joelhos mais rebeldes. Mas succedeu ainda que, ao passo que a compreendia e que a sua Essência se me mani-

festava, assim visível e quasi tangível, uma influência descia dela sobre mim — uma influência estranha, diferente de todas as influências humanas, e que me dominava com transcendente onnipotência. Como lhe poderei dizer? Monge, fechado na minha cela, comecei a aspirar à santidade, para me harmonizar e merecer a convivência com a Santa a que me votara. Fiz então sobre mim um áspero exame de consciência. Investi-guei com inquietação se o meu pensar era condigno da pureza do seu pensar; se no meu gosto não haveria desconcertos que pudessem ferir a disciplina do seu gosto; se a minha ideia da vida era tão alta e séria, como aquela que eu pressentira na espiritualidade do seu olhar, do seu sorrir; e se o meu coração não se dispersara e enfraquecera de mais, para poder palpitar com paralelo vigor junto do seu coração. E tem sido em mim agora um arquejante esforço para subir a uma perfeição idêntica àquela, que em si tão submissamente adoro.

De sorte que a minha querida amiga, sem saber, se tornou a minha educadora. E tão dependente fiquei logo desta direcção, que já não posso conceber os movimentos do meu ser, senão governados por ela e por ela enobrecidos. Perfeitamente sei que tudo o que hoje surge em mim de algum valor, ideia ou sentimento, é obra dessa educação, que a sua alma dá à minha, de longe, só com existir e ser compreendida. Se h je me

abandonasse à sua influência — devia antes dizer, como um asceta, à sua Graça — todo eu rolaria para uma inferioridade sem remissão. Veja pois como se me tornou necessária e preciosa... E considere que, para exercer esta supremacia salvadora, as suas mãos não tiveram de se impor sobre as minhas: — bastou que eu a avistasse de longe, numa festa, resplandecendo. Assim um arbusto silvestre floresce à borda dum fôssco, porque lá em cima, nos remotos céus, fulge um grande sol, que não o vê, não o conhece, e magnânimamente o faz crescer, desabrochar, e dar o seu curto aroma... Por isso o meu amor atinge êsse sentimento indescrito e sem nome, que a Planta, se tivesse consciência, sentiria pela Luz.

E considere ainda que, necessitando de si como da luz, nada lhe rogo, nenhum bem imploro de quem tanto pode, e é para mim dona de todo o bem. Só desejo me deixe viver sob essa influência, que, emanando do simples brilho das suas perfeições, tão fácil e docemente opera o meu aperfeiçoamento. Só peço esta permissão caridosa. Veja pois quanto me conservo distante e vago, na esbatida humildade duma adoração que até receia que o seu murmúrio, um murmúrio de prece, roce o vestido da imagem divina...

Mas, se a minha querida amiga, por acaso, certa do meu renunciamento a tóda a recompensa terrestre, permitisse desenrolar junto de si, num dia de solidão, a agitada

confidência do meu peito, de-certo faria um acto de inefável misericórdia — como outrora a Virgem Maria, quando animava os seus adoradores, ermitas e santos, descendo numa nuvem, e concedendo-lhes um sorriso fugitivo, ou deixando-lhes cair entre as mãos erguidas uma rosa do Paraíso. Assim, amanhã, vou passar a tarde com Madame de Jouarre. Não há aí a santidade duma cela ou duma ermida, mas quási o seu isolamento: e se a minha querida amiga surgisse, em pleno resplendor, e eu recebesse de si, não direi uma rosa, mas um sorriso, ficaria então radiosamente seguro de que êste meu amor, ou êste meu sentimento indescrito e sem nome, que vai além do amor, encontra ante seus olhos piedade e permissão para esperar. — FRADIQUE.

Paris, novembro.

Meu amor. — Ainda há poucos instantes (dez instantes, dez minutos, que tanto gastei num *fiacre* desolador desde a nossa *Torre de Marfim*) eu sentia o rumor do teu coração junto do meu, sem que nada os separasse, senão uma pouca de argila mortal, em ti tão bela, em mim tão rude — e já estou tentando recontinuar ansiosamente, por meio dèste papel inerte, êsse inefável *estar con-*

tigo, que é hoje todo o fim da minha vida, a minha suprema e unica vida. É que, longe da tua presença, cesso de viver; as coisas para mim cessam de ser — e fico como um morto, jazendo no meio de um mundo morto. Apenas, pois, me finda êsse perfeito e curto momento de vida que me dás, só com pousar junto de mim e murmurar o meu nome — ; começo a aspirar desesperadamente para ti, como para uma ressurreição!

Antes de te amar, antes de receber das mãos de meu Deus a minha Eva — ; que era eu, na verdade? Uma sombra flutuando entre sombras. Mas tu vieste, doce adorada, para me fazer sentir a minha realidade, e me permitir que eu bradasse também triunfalmente o meu — «; *amo, logo existo!*» E não foi só a minha realidade que me desvendaste — mas ainda a realidade de todo êste Universo, que me envolvia como um ininteligível e cinzento montão de aparências. Quando há dias, no terraço de Savran, ao anoitecer, te queixavas que eu contemplasse as estrêlas estando tão perto dos teus olhos, e espreitasse o adormecer das colinas junto ao calor dos teus ombros — não sabias, nem eu te soube então explicar, que essa contemplação era ainda um modo novo de te adorar, porque realmente estava admirando nas coisas a beleza inesperada que tu sôbre elas derramas, por uma emanção que te é própria, e que, antes de viver a teu lado, nunca eu lhes percebera, ; como se não percebe a

vermelhidão das rosas, ou o verde tenro das relvas, antes de nascer o sol! Foste tu, minha bem-amada, que me alumiasste o mundo. No teu amor recebi a minha Iniciação. Agora entendo; agora sei. E, como o antigo Iniciado, posso afirmar: — «Também fui a Elêusis; pela larga estrada pendurei muita flor que não era verdadeira, diante de muito altar que não era divino; mas a Elêusis cheguei, em Elêusis penetrei — e vi e senti a Verdade!...»

E acresce ainda, para meu martírio e glória, que tu és tão suntuosamente bela e tão etereamente bela, duma beleza feita de Céu e de Terra, beleza completa e só tua, que eu já concebera — que nunca julgara realizável. Quantas vezes, ante aquela sempre admirada e tóda perfeita Vénus de Milo, pensei que, se debaixo da sua testa de Deusa pudessem tumultuar os cuidados humanos; se os seus olhos soberanos e mudos se soubessem toldar de lágrimas; se os seus lábios, só talhados para o mel e para os beijos, consentissem em tremer no murmúrio de uma prece submissa; se, sob êsses seios, que foram o apetite sublime dos Deuses e dos Heróis, um dia palpitasse o Amor, e com êle a Bondade; se o seu mármore sofresse, e pelo sofrimento se espiritualizasse, juntando ao esplendor da Harmonia a graça da Fragilidade; se ela fôsse do nosso tempo e sentisse os nossos males; e, permanecendo Deusa do Prazer, se tornasse Senhora da

Dor — então não estaria colocada num museu, mas consagrada num santuário, porque os homens, ao reconhecer nela a aliança sempre almejada e sempre frustrada do Real e do Ideal, de-certo a teriam aclamado *in æternum* como a definitiva Divindade. | Mas quê! a pobre Vénus só oferecia a serena magnificência da carne. De todo lhe faltava a chama que arde na alma, e a consome. | E a criatura incomparável do meu scismar, a Vénus Espiritual, Citeréa e Dolorosa, não existia, nunca existiria!... E quando eu assim pensava, | eis que tu surges, e eu te compreendo! Eras a encarnação do meu sonho, ou antes: dum sonho que deve ser universal — mas só eu te descobri, ou, | tão feliz fui, que só por mim quiseste ser descoberta!

| Vê, pois, se jámais te deixarei escapar dos meus braços! Por isso mesmo que és a minha Divindade, — para sempre e irremediavelmente estás presa dentro da minha adoração. Os sacerdotes de Cartago acorrentavam às lajes dos Templos, com cadeias de bronze, as imagens dos seus Baals. Assim te quero também, acorrentada dentro do templo avaro que te construí, só Divindade minha, sempre no teu altar, — e eu sempre diante d'ele rojado, recebendo constantemente n'alma a tua visitaçào, abismando-me sem cessar na tua essência, de modo que nem por um momento se descontinue essa fusão inefável, que é para ti um acto de Misericórdia, e para mim de Salvação. O que eu

desejaria, na verdade, é que fôsses invisível para todos e como não existente: — que perpetuamente um estôfo uniforme escondesse o teu corpo, uma rígida nudez ocultasse a tua intelligência. Assim passarias no mundo como uma aparência incompreendida. E só para mim, de dentro do invólucro escuro, se revelaria a tua perfeição rutilante. Vê quanto te amo, — que te queria entrouxada num rude, vago vestido de merino, com um ar quêdo, inanimado... Perderia assim o triunfal contentamento de ver resplandecer, entre a multidão maravilhada, aquela que em segredo nos ama. Todos murmurariam compassivamente — «; *Pobre criatura!* » ; E só eu saberia, da «pobre criatura», o corpo e a alma adoráveis!

; Quanto adoráveis! Nem compreendo que, tendo consciência do teu encanto, não estejas de ti namorada, como aquele Narciso que treme de frio, coberto de musgo, à beira da fonte, em Savran. Mas eu largamente te amo, e por mim e por *ti!* A tua beleza, na verdade, atinge a altura de uma virtude: — e foram de-certo os modos tão puros da tua alma, que fixaram as linhas tão formosas do teu corpo. Por isso há em mim um incessante desespero de não te saber amar condignamente — ou antes (pois desceste de um céu superior): de não saber tratar, como ela merece, a hóspeda divina do meu coração. Desejaria, por vezes, envolver-te toda numa felicidade imaterial, seráfica, calma infinita-

mente, como deve ser a Bem-aventurança — e assim deslizarmos enlaçados através do silêncio e da luz, muito brandamente, num sonho cheio de certeza, saindo da vida à mesma hora, e indo continuar no *além* o mesmo sonho extático. | E outras vezes desejaria arrebatarte numa felicidade veemente, tumultuosa, fulgurante, tôda de chama, de tal sorte que nela nos destruíssemos sublimemente, e de nós só restasse uma pouca de cinza, sem memória e sem nome! Possuo uma velha gravura, que é um Satanás, ainda em tôda a refulgência da beleza arcangélica, arrastando nos braços para o Abismo uma freira, uma Santa, cujos derradeiros véus de penitência se vão esgaçando pelas pontas das rochas negras. E na face da Santa, através do horror, brilha, irreprimida e mais forte que o horror, uma tal alegria e paixão, tão intensas — ; que eu as apeteceria para ti, oh minha Santa roubada! Mas de nenhum destes modos te sei amar, tão fraco ou inábil é o meu coração; de modo que por o meu amor não ser perfeito, tenho de me contentar que seja eterno. Tu sorris tristemente desta eternidade. Ainda ontem me preguntavas: — «No calendário do teu coração, quantos dias dura a eternidade?» Mas considera que eu era um morto — e que tu me ressuscitaste. O sangue novo que me circula nas veias, o espírito novo que em mim sente e compreende, são o meu amor por ti; — e se elle me fugisse, eu teria outra vez,

regelado e mudo, de reentrar no meu sepulcro. Só posso deixar de te amar — quando deixar de ser. ; E a vida contigo, e por ti, é tão inexprimivelmente bela! É a vida de um Deus. Melhor, talvez; — e se eu fôsse êsse pagão que tu afirmas que sou, mas um pagão do Lácio, pastor de gados, crente ainda em Júpiter e Apolo, a cada instante temeria que um dêsses Deuses envejados te raptasse, te elevasse ao Olimpo, para completar a sua ventura divina. Assim, não receio; — tôda minha te sei, e para todo o sempre; olho o mundo em tôrno de nós como um paraíso para nós criado; e durmo seguro sôbre o teu peito, na plenitude da glória, ; oh minha três vezes bem-dita, Rainha da minha graça!

Não penses que estou compondo cânticos em teu louvor. É em plena simplicidade que deixo escapar o que me está borbulhando na alma... ; Ao contrário! Tôda a Poesia de tôdas as idades, na sua gracilidade ou na sua majestade, seria impotente para exprimir o meu êxtase. Balbucio, como posso, a minha infinita oração. E, nesta desoladora insuficiência do Verbo humano, é como o mais inculto e o mais iletrado que ajoelho ante ti, e levanto as mãos, e te asseguro a única verdade, melhor que tôdas as verdades: — que te amo, e te amo, e te amo, e te amo!... —
FRADIQUE.

(9.^a e 13.^a Cartas da *Corresp. de F. Mendes.*)

UMA QUINTA NO MINHO

Quinta de Refaldes (Minho)

M*inha querida madrinha.* — Estou vivendo pingualmente em terras eclesiásticas, porque esta quinta foi de frades. Agora pertence a um amigo meu, que é, como Vergílio, poeta e lavrador, e canta piedosamente as origens heróicas de Portugal, em-quanto amanha os seus campos e engorda os seus gados. Rijo, viçoso, requeimado dos sóis, tem oito filhos, com que vai povoando estas celas monásticas, forradas de cretones claros. E eu justamente voltei de Lisboa a estes milharais do Norte, para ser padrinho do derradeiro, um famoso senhor de três palmos, côr de tejolo, todo roscas e regueifas, com uma careca de melão, os olhinhos luzindo entre rugas como vidrilho, e o ar profundamente scéptico e velho. No sábado, dia de S. Bernardo, sob um azul que S. Bernardo tornara especialmente vistoso e macio, ao repicar dos sinos claros, entre aromas de roseira e jasmineiro, lá o conduzimos, todo enfeitado de laçarotes e rendas, à Pia, onde o Padre Teotónio inteiramente o lavou da fétida crôsta de Pecado

Original, que desde a bolinha dos calcanhares até à moleirinha o cobria todo, ; pobre senhor de três palmos, que ainda não vivera da alma, e já perdera a alma... E desde então, como se Refaldes fôsse a ilha dos Lotófagos, e eu tivesse comido, em vez da couve-flor da horta, a flor de Lótus, por aqui me quedei, olvidado do mundo e de mim, na doçura destes ares, destes prados, de toda esta rural serenidade, que me afaga e me adormece.

O casarão conventual que habitamos, e onde os cônegos regrentes de Santo Agostinho, os ricos e nédios Crúzios, vinham preguiçar no verão, prende, por um claustro florido de hidrângeas, a uma igreja lisa e sem arte, com um adro assombreado por castanheiros, pensativo, grave, como são sempre os do Minho. Uma cruz de pedra encima o portão, onde pende ainda da corrente de ferro a vetusta e lenta sineta fradesca. No meio do pátio, a fonte de boa água, que canta adormecidamente, caindo de concha em concha, tem no topo outra cruz de pedra, que um musgo amarelento reveste de melancolia secular. Mais longe, num vasto tanque, lago caseiro orlado de bancos, onde de-certo os bons Crúzios se vinham embeber, pelas tardes, de frescura e repouso, a água das regas, límpida e farta, brota dos pés de uma santa de pedra, hirta no seu nicho, e que é talvez Santa Rita. Adiante ainda, na horta, outra santa franzina, sustentando nas mãos

um vaso partido, preside, como uma náíade, ao borbulhar de outra fonte, que por quelhas de granito vai luzindo e fugindo através do feijoal. Nos esteios de pedra, que sustentam a vinha, há por vezes uma cruz gravada, ou um coração sagrado, ou o monograma de Jesus. Tôda a quinta, santificada por signos devotos, lembra uma sacristia, onde os tetos fôssem de parra, a relva cobrisse os soalhos, por cada fenda borbulhasse um regato, e o incenso saísse dos cravos.

Más, com todos estes emblemas sacros, nada há que nos mova, ou severamente nos arraste, aos renunciamentos do mundo. A quinta foi sempre, como agora, de grossa fartura, tôda em campos de pão, bem arada e bem regada, fecunda, estendida ao sol como um ventre de Ninfa antiga. Os frades excellentes que nela habitaram, amavam largamente a terra e a vida. Eram fidalgos que tomavam serviço na milícia do Senhor, como os seus irmãos mais velhos tomavam serviço na milícia d'El-Rei; — e que, como êles, gozavam risonhamente os vagares, os privilégios e a riqueza da sua Ordem e da sua Casta. Vinham para Refaldes, pelas calmas de julho, em seges e com lacaios. A cozinha era mais visitada que a igreja; — e todos os dias os capões alouravam no espêto. Uma poeira discreta velava a livraria, onde apenas por vezes algum cónego reumatizante, e retido nas almofadas da sua cela, mandava buscar o *D. Quixote*, ou as *Farsas de D. Pe-*

tronilla. Espanejada, arejada, bem catalogada, com rótulos e notas traçadas pela mão erudita dos Abades — só a adega...

Não se procure, pois, nesta morada de monges, o precioso sabor das tristezas monásticas, nem as quebradas de serra e vale, cheias de êrmo e mudez, tão doces para nelas se curtirem deliciosamente as saúdaes do céu; nem as espessuras de bosque, onde S. Bernardo se embrenhava por nelas encontrar, melhor que na sua cela, a «fecunda solidão»; nem os claros de pinheiral gemente, com rochas nuas, tão próprias para a choça e para a cruz do ermita... Não! Aqui, em tórno do pátio (onde a água da fonte todavia corre dos pés da cruz) são sólidas talhas para o grão, fofos eidos em que o gado medra, capoeiras abarrotadas de capões e de perus reverendos. Adiante é a horta viçosa, cheirosa, succulenta, bastante a fartar as panelas tôdas de uma aldeia, mais enfeitada que um jardim, com ruas que as tiras de morangal orlam e perfumam, e as latadas ensombram, copadas de parra densa. Depois a eira de granito, limpa e alisada, rijamente construída para longos séculos de colheitas, com o seu espigueiro ao lado, bem fendilhado, bem arejado, tão largo que os pardais voam dentro como num pedaço de céu. E por fim, ondulando ricamente até às colinas macias, os campos de milho e de centeio, o vinhedo baixo, os olivais, os relvados, o linho sôbre os regatos, o mato florido para os gados...

S. Francisco de Assis e S. Bruno abominariam êste retiro de frades, e fugiriam dêlo escandalizados, como de um pecado vivo.

A casa, dentro, oferece o mesmo bom concheio temporal. As celas espaçosas, de tetos apainelados, abrem para as terras semeadas, e recebem delas, através da vidraçaria cheia de sol, a perene sensação de fartura, de opulência rural, de bens terrenos que não enganam. E a sala melhor, traçada para as ocupações mais gratas, é o refeitório, com as suas varandas rasgadas, onde os regalados monges pudessem, ao fim do jantar, conforme a venerável tradição dos Crúzios, beber o seu café aos goles, galhofando, arrotando, respirando a fresquidão, ou seguindo nas faias do pátio o cantar alto dum melro.

De sorte que não houve necessidade de alterar esta vivenda, quando de religiosa passou a secular. Estava já sãbiamente preparada para a profanidade: — e a vida que nela então se começou a viver, não foi diferente da do velho convento, apenas mais bela, porque, livre das contradições do Espiritual e do Temporal, a sua harmonia se tornou perfeita. E, tal como é, desliza com incomparável doçura. De madrugada os galos cantam, a quinta acorda, os cães de fila são acorrentados, a môça vai mungir as vacas, o pegureiro atira o seu cajado ao ombro, a fila dos jornaleiros mete-se às terras — e o trabalho principia, êsse trabalho que em Portugal parece a mais segura das alegrias e a festa

sempre incansável, porque é todo feito a cantar. As vozes veem, altas e desgarradas, no fino silêncio, d'além, d'entre os trigos, ou do campo em sacha, onde alvejam as camisas de linho cru, e os lenços de longas franjas vermelhejam mais que papoulas. E não há neste labor, nem dureza, nem arranque. Tôdo êle é feito com a mansidão com que o pão amadurece ao sol. O arado, mais acaricia do que rasga a gleba. O centeio cai por si, amorosamente, no seio atraente da foice. A água sabe onde o torrão tem sêde, e corre para lá gralhando e refulgindo. Ceres, nestes sítios bem-ditos, permanece verdadeiramente, como no Lácio, a Deusa da Terra, que tudo propicia e socorre. Ela reforça o braço do lavrador, torna refrescante o seu suor, e da alma lhe limpa todo o cuidado escuro. Por isso os que a servem mantem uma serenidade risonha na tarefa mais dura. Essa era a ditosa feição da vida antiga.

À uma hora é o jantar, sério e pingue. A quinta, tudo fornece pròdigamente: — e o vinho, o azeite, a hortaliga, a fruta, tem um sabor mais vivo e são, assim, caídos das mãos do bom Deus sôbre a mesa, sem passar pela mercancia e pela loja. Em palácio algum, por essa Europa superfina, se come na verdade tão deliciosamente como nestas rústicas quintas de Portugal. Na cozinha enfumurada, com duas panelas de barro e quatro achas a arder no chão, estas caseiras de aldeia, de mangas arregaçadas, guisam um

banquete que faria exultar o velho Júpiter, êsse transcendente guloso, educado a néctar, o Deus que mais comeu e mais nobremente soube comer, desde que há Deuses no céu e na terra. Quem nunca provou êste arroz de caçoula, êste anho pascal cândidamente assado no espêto, estas cabidelas de frango, coevas da Monarquia, que enchem a alma, não pode realmente conhecer o que seja a especial bem-aventurança, tão grosseira e tão divina, que no tempo dos frades se chamava a *comezaina*. E a quinta, depois, com as suas latadas de sombra macia, a dormente sussurração das águas regantes, os ouros claros e foscos ondulando nos trigais, oferece, mais que nenhum outro paraíso humano ou bíblico, o repouso acertado para quem emerge, pesado e risonho, dêste arroz e dêste anho!

Se estes meios-dias são um pouco materiais, breve a tarde trará a porção de poesia de que necessita o Espírito. Em todo o céu se apagou a refulgência d'ouro, o esplendor arrogante que se não deixa fitar e quasi repele; agora, apaziguado e tratável, êle derrama uma doçura, uma pacificação, que penetra na alma, a torna também pacífica e doce, e cria êsse momento raro em que céu e alma fraternizam e se entendem. Os arvores repousam, numa imobilidade de contemplação, que é inteligente. No piar velado e curto dos pássaros há um recolhimento e consciência de ninho feliz. Em fila, a boiada

volta dos pastos, cansada e farta, e vai ainda beberar ao tanque, onde o gotejar da água sob a cruz é mais preguiçoso. Toca o sino a Ave-Marias. Em todos os casais se está murmurando o nome de Nosso Senhor. Um carro retardado, pesado de mato, geme pela sombra da azinhaga. E tudo é tão calmo, e simples, e terno, minha madrinha, que, em qualquer banco de pedra em que me sente, fico enlevado, sentindo a penetrante bondade das coisas, e tão em harmonia com ela, que não há nesta alma, tôda encrostada das lamas do mundo, pensamento que não pudesse contar a um santo...

Verdadeiramente, estas tardes santificam, O mundo recua para muito longe, para além dos pinhais e das colinas, como uma miséria esquecida: — e ostamos então realmente na felicidade dum convento, sem regra e sem abade, feito só da religiosidade natural que nos envolve, tão própria à oração que não tem palavras, e que é por isso a mais bem compreendida por Deus.

Depois, escurece; já há pirilampos nas sebes. Vénus, pequenina, scintila no alto. A sala, em cima, está cheia de livros, dos livros fechados no tempo dos Crúzios — porque só desde que não pertence a uma Ordem espiritual é que esta casa se espiritualizou. E o dia, na quinta, finda com uma lenta e quieta palestra sôbre ideias e letras, enquanto na guitarra ao lado geme algum dos fados de Portugal, longo em saúdades é em

ais, e a lua, ao fundo da varanda, uma lua vermelha e cheia, surde, como a escutar, por detrás dos negros montes.

Deus nobis hæc otia fecit in umbra Lusitanicæ pulcherrimæ... Mau latim — grata verdade.

Seu grato e mau afilhado — FRADIQUE.

(12.ª carta da *Corresp. de F. Mendes.*)



IX

Ironia



IRONIA

JOSÉ MATIAS

(Sendo Eça de Queiroz um dos maiores príncipes da linhagem irónica, o mais grave embaraço à constituição d'êste capitulo estava naturalmente na dificuldade de escolha entre a abundância de documentos. Não podendo, porém, faltar, em livro organizado como êste, uma secção assim intitulada, resolvemos a dificuldade indo buscar às páginas do Escriitor uma peça inteiriça, onde o dom de ironia do admirável Artista se patenteia com cerrada, intensíssima, quasi afflitiva concentração. *José Matias* é obra-prima do género, em todos os tempos e em tôdas as literaturas; é exemplo que tem de ficar clássico, pois não cremos que seja facilmente suprível, quando se queira mostrar, em literatura, um tipo acabado de aliança da ironia conceitual com a ironia formal. No desfecho do conto fulgura um rasgo de génio, attingindo aí a arte o cúmulo vertiginoso em que a ironia se ironiza a si própria, se enrola em si ou se volta do avêssô, para exaltar afinal llicamente o idealismo amoroso, depois de o ter aviltado com diabólica serenidade. E esta reviravolta é bem queirosiana: em *José Matias* estão as páginas mais amargas que o Artista escreveu; mas nem ainda aqui êle se deixou abismar na amargura sem fundo.)

LINDA tarde, meu amigo!... Estou esperando o entêrro do José Matias — do José Matias de Albuquerque, sobrinho do Visconde de Garmilde... O meu amigo

certamente o conheceu — um rapaz airoso, louro como uma espiga, com um bigode crespo de paladino sôbre uma bôca indecisa de contemplativo, destro cavaleiro, duma elegância sóbria e fina. E espírito curioso, muito afeiçoado às ideias gerais, tão penetrante que compreendeu a minha *Defesa da Filosofia Hegeliana!* Esta imagem do José Matias data de 1865: porque a derradeira vez que o encontrei, numa tarde agreste de Janeiro, metido num portal da rua de S. Bento, tiritava dentro duma quinzena côr de mel, roída nos cotovelos, e cheirava abominavelmente a aguardente.

Mas o meu amigo, numa ocasião que o José Matias parou em Coimbra, recolhendo do Pôrto, jceou com êle, no Paço do Conde! Até o Craveiro, que preparava as *Ironias e Dores de Satan*, para acirrar mais a briga entre a Escola Purista e a Escola Satânica, recitou aquele seu soneto, de tão fúnebre idealismo: *Na jaula do meu peito, o coração...* E ainda lembro o José Matias, com uma grande gravata de cetim preto tufada entre o colete de linho branco, sem despegar os olhos das velas das serpentinas, sorrindo pàlidamente àquele coração que rugia na sua jaula... Era uma noite de Abril, de lua cheia. Passeámos depois em bando, com guitarras, pela Ponte e pelo Choupal. O

Januário cantou ardentemente as endechas românticas do nosso tempo:

*Ontem de tarde, ao sol pôsto,
Contemplavas, silenciosa,
A torrente caudalosa
Que reservia a teu pés...*

¡E o José Matias, encostado ao parapeito da Ponte, com a alma e os olhos perdidos na lua! — ¿Porque não acompanha o meu amigo este moço interessante ao Cemitério dos Prazeres? Eu tenho uma tipóia de praça e com número, como convém a um Professor de filosofia... ¡O quê! Por causa das calças claras! Oh! meu caro amigo! De tôdas as materializações da simpatia, nenhuma mais grosseiramente material do que a casimira preta. ¡E o homem que nós vamos enterrar era um grande espiritualista!

Vem o caixão saindo da Igreja... Apenas três carruagens para o acompanhar. Mas realmente, meu caro amigo, o José Matias morreu há seis anos, no seu puro brilho. Esse, que aí levamos, meio decomposto, dentro de tábuas agaloadas de amarelo, é um resto de bêbedo, sem história e sem nome, que o frio de Fevereiro matou no vão dum portal.

¿O sujeito de óculos de ouro, dentro do *coupé*?... Não conheço, meu amigo. Talvez um parente rico, dèsses que aparecem nos enterros, com o parentesco correctamente

coberto de fumo, quando o defunto já não importuna, nem compromete. O homem obeso de carão amarelo, dentro da vitória, é o Alves *Capão*, que tem um jornal onde desgraçadamente a Filosofia não abunda, e que se chama a *Piada*. ‡ Que relações o prendiam ao Matias?... Não sei. Talvez se embebedassem nas mesmas tascas; talvez o José Matias ultimamente colaborasse na *Piada*; talvez debaixo daquela gordura e daquela literatura, ambas tão sórdidas, se abrigue uma alma compassiva. Agora é a nossa tipóia... ‡ Quer que desça a vidraça? Um cigarro?... Eu trago fósforos. Pois este José Matias foi um homem desconsolador para quem, como eu, na vida ama a evolução lógica e pretende que a espiga nasça coerentemente do grão. Em Coimbra sempre o considerámos como uma alma escandalosamente banal. Para este juízo concorria talvez a sua horrenda correcção. † Nunca um rasgão brilhante na batina! nunca uma poeira estovada nos sapatos! nunca um pêlo rebelde do cabelo ou do bigode fugido daquele rígido alinhamento que nos desolava! Além disso, na nossa ardente geração, ele foi o único intelectual que não rugiu com as misérias da Polónia; que leu sem palidez ou pranto as *Contemplações*; † que permaneceu insensível ante a ferida de Garibaldi! E todavia, nesse José Matias, † nenhuma secura, ou dureza, ou egoísmo, ou desafabilidade! Pelo contrário! Um suave camarada, sempre cordeal, e mansa-

mente risonho. Tôda a sua inabalável quietação parecia provir duma imensa superficialidade sentimental. E, nesse tempo, não foi sem razão e propriedade que nós alcunhámos aquele moço tão macio, tão louro e tão ligeiro, de *Matias-Coração-de-Esquido*. Quando se formou, como lhe morrera o pai, depois a mãe, delicada e linda senhora de quem herdara cincoenta contos, partiu para Lisboa, alegrar a solidão dum tio que o adorava, o general Visconde de Garmilde. O meu amigo sem dúvida se lembra dessa perfeita estampa de general clássico, sempre de bigodes terrificamente encerados, as calças côr de flor de alecrim desesperadamente esticadas pelas presilhas sôbre as botas coruscantes, e o chicote debaixo do braço com a ponta a tremer, jávida de vergastar o Mundo! Guerreiro grotesco e deliciosamente bom... O Garmilde morava então em Arroios, numa casa antiga de azulejos, com um jardim, onde êle cultivava apaixonadamente canteiros soberbos de dalias. Êsse jardim subia muito suavemente até ao muro coberto de hera, que o separava de outro jardim, o largo e belo jardim de rosas do Conselheiro Matos Miranda, cuja casa, com um arejado terraço entre dois torreõezinhos amarelos, se erguia no cimo do outeiro e se chamava a casa da «Parreira». O meu amigo conhece (pelo menos de tradição, como se conhece Helena de Tróia ou Inês de Castro) a formosa Elisa de Miranda, a Elisa da Par-

reira... Foi a sublime beleza romântica de Lisboa, nos fins da Regeneração. Mas realmente Lisboa apenas a entrevia pelos vidros da sua grande caleche, ou nalguma noite de iluminação do Passeio Público, entre a poeira e a turba, ou nos dois bailes da Assembleia do Carmo, de que o Matos Miranda era um director venerado. Por gosto borralheiro de provinciana, ou por pertencer àquela burguesia séria que nesses tempos, em Lisboa, ainda conservava os antigos hábitos severamente encerrados, ou por imposição paternal do marido, já diabético e com sessenta anos — a Deusa raramente emergia de Arroios e se mostrava aos mortais. Mas quem a viu, e com facilidade constante, quasi irremediavelmente, logo que se instalou em Lisboa, foi o José Matias — porque, jazendo o palacete do general na falda da colina, aos pés do jardim e da casa da Parreira, não podia a divina Elisa assomar a uma janela, atravessar o terraço, colhêr uma rosa entre as ruas de buxo, sem ser deliciosamente visível, tanto mais que nos dois jardins assoalhados nenhuma árvore espalhava a cortina da sua rama densa. O meu amigo de-certo trauteou, como todos trauteámos, aqueles versos gastos, mas imortais:

*Era no outono, quando a imagem tua
À luz da lua...*

| Pois, como nessa estrofe, o pobre José Matias, ao regressar da praia da Ericeira em outubro, no outono, avistou Elisa Miranda, uma noite, no terraço, à luz da lua! O meu amigo nunca contemplou aquele precioso tipo de encanto lamartiniano. Alta, esbelta, ondulosa, digna da comparação bíblica da palmeira ao vento. Cabelos negros, lustrosos e ricos, em bandós ondeados. Uma carnação de camélia muito fresca. Olhos negros, líquidos, quebrados, tristes, de longas pestanas... Ah, meu amigo, ¡até eu, que já então laboriosamente anotava Hegel, depois de a encontrar numa tarde de chuva, esperando a carruagem à porta do Seixas, a adorei durante três exaltados dias e lhe rimei um soneto! Não sei se o José Matias lhe dedicou sonetos. Mas todos nós, seus amigos, percebemos logo o forte, profundo, absoluto amor que concebera, desde a noite de outono, à luz da lua, aquele coração, ¡que em Coimbra considerávamos de *esquilo*!

Bem compreende que homem tão comedido e quieto não se exalou em suspiros públicos. Já, porém, no tempo de Aristóteles, se afirmava que amor e fumo não se escondem; e do nosso cerrado José Matias o amor começou logo a escapar, como o fumo leve através das fendas invisíveis duma casa fechada, que arde terrivelmente. Bem me recordo duma tarde que o visitei em Arroios, depois de voltar do Alentejo. Era um domingo de Julho. Ele ia jantar com uma tia-avó, uma

D. Mafalda Noronha, que vivia em Bemfica, na quinta dos Cedros, onde habitualmente jantavam também aos domingos o Matos Miranda e a divina Elisa. Creio mesmo que só nessa casa ela e o José Matias se encontravam, sobretudo com as facilidades que oferecem pensativas alamedas e retiros de sombra. As janelas do quarto do José Matias abriam sobre o seu jardim e sobre o jardim dos Mirandas: e, quando entrei, êle ainda se vestia lentamente. | Nunca admirei, meu amigo, face humana aureolada por felicidade mais segura e serena! Sorria iluminadamente quando me abraçou, com um sorriso que vinha das profundidades da alma iluminada; sorria ainda deliciadamente em-quanto eu lhe contei todos os meus desgostos no Alentejo; sorriu depois extaticamente, aludindo ao calor e enrolando um cigarro distraído; e sorriu sempre, enlevado, a escolher na gaveta da cómoda, com escrúpulo religioso, uma gravata de sêda branca. E a cada momento, irresistivelmente, por um hábito já tão inconsciente como o pestanejar, os seus olhos risonhos, calmamente enternecidos, se voltavam para as vidraças fechadas... De sorte que, acompanhando aquele raio ditoso, logo descobri, no terraço da casa da Parreira, a divina Elisa, vestida de claro, com um chapéu branco, passeando preguiçosamente, calçando pensativamente as luvas, e espreitando também as janelas do meu amigo, que um lampejo oblíquo do sol ofus-

cava de manchas de ouro. O José Matias, no em-tanto conversava, antes murmurava, através do sorriso perene, coisas afáveis e dispersas. Tôda a sua atenção se concentrara diante do espelho, no alfinete de coral e pérola para prender a gravata, no colete branco que abotoava e ajustava com a devoção com que um padre novo, na exaltação cândida da primeira missa, se reveste da estola e do amito para se acercar do altar. ; Nunca eu vira um homem deitar, com tão profundo êxtase, água de Colónia no lenço! E depois de enfiar a sobrecasaca, de lhe espetar uma soberba rosa, ; foi como inefável emoção, sem reter um delicioso suspiro, que abriu largamente, solenemente, as vidraças! *Introibo ad altarem Deæ!* Eu permaneci discretamente enterrado no sofá. E, meu caro amigo, ; acredite! invejei aquele homem à janela, imóvel, hirto na sua adoração sublime, com os olhos, e a alma, e todo o ser cravados no terraço, na branca mulher calçando as luvas claras, e tão indiferente ao Mundo ; como se o Mundo fôsse apenas o ladrilho que ela pisava e cobria com os pés!

E êste enlêvo, meu amigo, durou dez anos, ; assim esplêndido, puro, distante e imaterial! Não ria... De-certo se encontravam na quinta de D. Mafalda : de-certo se escreviam, e transbordantemente, atirando as cartas por cima do muro que separava os dois quintais : mas nunca, por cima das heras dêsse muro, procuraram a rara delícia duma con-

versa roubada, ou a delícia ainda mais perfeita dum silêncio escondido na sombra. E nunca trocaram um beijo... ; Não duvide! Algum apêto de mão fugidio e sôfrego, sob os arvoredos de D. Mafalda, foi o limite exaltadamente extremo, que a vontade lhes marcou ao desejo. O meu amigo não compreende como se mantiveram assim dois frágeis corpos, durante dez anos, em tão terrível e mórbido renunciamento... Sim, de-certo lhes faltou, para se perderem, uma hora de segurança ou uma portinha no muro. Depois, a divina Elisa vivia realmente num mosteiro, em que ferrolhos e grades eram formados pelos hábitos rigidamente reclusos do Matos Miranda, diabético e tristonho. Mas, na castidade dêste amor, entrou muita nobreza moral e finura superior de sentimento. O amor espiritualiza o homem — e materializa a mulher. Essa espiritualização era fácil ao José Matias, que (sem nós desconfiarmos) nascera desvairadamente espiritualista; mas a humana Elisa encontrou também um gozo delicado nessa ideal adoração de monge, que nem ousa roçar, com os dedos trémulos e embrulhados no rosário, a túnica da Virgem sublimada. ; Êle sim! Êle gozou nesse amor, transcendentemente desmaterializado, um encanto sobre-humano. E durante dez anos, como o *Ruy-Blas* do velho Hugo, caminhou, vivo e deslumbrado, dentro do seu sonho radiante, sonho em que Elisa habitou realmente dentro da sua alma, ; numa fusão tão

absoluta, que se tornou consubstancial com o seu ser! ; Acreditará o meu amigo que êle abandonou o charuto, mesmo passeando solitariamente a cavalo pelos arredores de Lisboa, logo que descobrira na quinta de D. Mafalda, uma tarde, que o fumo perturbava Elisa?

E esta presença real da divina criatura no seu ser criou no José Matias modos novos, estranhos, derivando da alucinação. Como o Visconde de Garmilde jantava cedo, à hora vernácula do Portugal antigo, José Matias ceava, depois de S. Carlos, naquele delicioso e saudoso Café Central, onde o linguado parecia frito no céu, e o Colares no céu engarrafado. Pois nunca ceava sem serpentinas profusamente acesas e a mesa juncada de flores. ; Porquê? Porque Elisa também ali ceava, invisível. Daí êsses silêncios banhados num sorriso religiosamente atento... ; Porquê? ; Porque a estava sempre escutando! Ainda me lembro dêle arrancar do quarto três gravuras clássicas de Faunos ousados e Ninfas rendidas .. Elisa pairava idealmente naquele ambiente: e êle purificava as paredes, que mandou forrar de sédas claras. O amor arrasta ao luxo, sobretudo amor de tão elegante idealismo: e o José Matias prodigalizou com esplendor o luxo que ela partilhava. Decentemente não podia andar com a imagem de Elisa numa tipóia de praça, nem consentir que a augusta imagem roçasse pelas cadeiras de palhinha da

plateia de S. Carlos. Montou, portanto, carruagens dum gôsto sóbrio e puro: e assinou um camarote na Ópera, onde instalou para ela, uma poltrona pontifical, de cetim branco, bordada a estrêlas de ouro.

Além disso, como descobrira a generosidade de Elisa, logo se tornou congénere e suntuosamente generoso; e ninguém existiu então em Lisboa que espalhasse, com facilidade mais risonha, notas de cem mil réis. Assim desbaratou, rápidamente, sessenta contos, com o amor daquela mulher, a quem nunca dera uma flor!

E, durante êsse tempo, ¿ o Matos Miranda? Meu amigo, o bom Matos Miranda não desmanchava nem a perfeição, nem a quietação desta felicidade! ¿ Tão absoluto seria o espiritualismo do José Matias, que apenas se interessasse pela alma de Elisa, indiferente às submissões do seu corpo, invólucro inferior e mortal? ... Não sei. Verdade seja! aquele digno diabético, tão grave, sempre de *cache-nez* de lã escura, com as suas suíças grisalhas, os seus ponderosos óculos de ouro, não sugeria ideias inquietadoras de marido ardente, cujo ardor, fatalmente e involuntariamente, se partilha e abrasa. Todavia nunca compreendi, eu, Filósofo, aquela consideração, quási carinhosa, do José Matias pelo homem que, mesmo desinteressadamente, podia por direito, por costume, contemplar Elisa desapertando as fitas da saia branca! ... ¿ Haveria ali reconhecimento por

o Miranda ter descoberto numa remota rua de Setúbal (onde José Matias nunca a descortinaria) aquela divina mulher, e por a manter em conforto, sólidamente nutrida, finamente vestida, transportada em caleches de macias molas? Ou recebera o José Matias aquela costumada confidência — «não sou tua nem dêle» — que tanto consola do sacrifício, porque tanto lisonjeia o egoísmo?... Não sei. Mas com certeza, êste seu magnânimo desdém pela presença corporal do Miranda no templo onde habitava a sua Deusa, dava à felicidade de José Matias uma unidade perfeita, a unidade dum cristal que por todos os lados rebrilha igualmente puro, sem arranhadura ou mancha. E esta felicidade, meu amigo, durou dez anos... ! Que escandaloso luxo para um mortal!

Mas um dia, a terra, para o José Matias, tremeu tôda, num terramoto de incomparável espanto. Em Janeiro ou Fevereiro de 1871, o Miranda, já debilitado pela diabetes, morreu com uma pneumonia. Por estas mesmas ruas, numa pachorrenta tipóia de praça, acompanhei o seu entêrro, numeroso, rico, com Ministros, porque o Miranda pertencia às Instituições. E depois, aproveitando a tipóia, visitei o José Matias em Arroios, não por curiosidade perversa, nem para lhe levar felicitações indecentes, mas para que, naquêle lance deslumbrador, êle sentisse ao lado a força moderadora da Filosofia... Encontrei porém com êle um amigo mais antigo

e confidencial, aquele brilhante Nicolau da Barca, que já conduzi também a êste cemitério, onde agora jazem, debaixo das lápides, todos aqueles camaradas com quem levantei castelos nas nuvens... O Nicolau chegara da Velosa, da sua quinta de Santa-rém, de madrugada, reclamado por um telegrama do Matias. Quando entrei, um criado atarefado arranjava duas malas enormes. O José Matias abalava nessa noite para o Pôrto. Já envergara mesmo um fato de viagem, todo negro, com sapatos de couro amarelo: e depois de me sacudir a mão, enquanto o Nicolau remexia um grogue, continuou vagando pelo quarto, calado, como embaçado, com um modo que não era emoção, nem alegria pudicamente disfarçada, nem surpresa do seu destino bruscamente sublimado. ¡ Não! se o bom Darwin nos não ilude no seu livro da *Expressão das Emoções*, o José Matias, nessa tarde, só sentia e só exprimia embaraço! Em frente, na casa da Parreira, tôdas as janelas permaneciam fechadas, sob a tristeza da tarde cinzenta. E todavia surpreendi o José Matias atirando para o terraço, rapidamente, ¡ um olhar em que transparecia inquietação, ansiedade, quási terror! ¿ Como direi? Aquele é o olhar que se resvala para a jaula mal segura onde se agita uma leoa! Num momento em que êle entrara na alcova, murmurei ao Nicolau, por cima do grogue: «O Matias faz perfeitamente em ir para o Pôrto...»

Nicolau encolheu os ombros: — «Sim, pensou que era nais delicado»... Eu aprovei. «Mas só durante os meses de luto pesado...» As sete horas acompanhámos o nosso amigo à estação de Santa Apolónia. Na volta, dentro do *coupé* que uma grande chuva batia, filosofámos. Eu sorria contente: — «Um ano de luto, e depois muita felicidade e muitos filhos... ¡É um poema acabado!» — O Nicolau acudiu sério: — «E acabado numa deliciosa e sucolenta prosa. A divina Elisa fica com tôda a sua divindade e a fortuna do Miranda, uns dez ou doze contos de renda... ¡Pela primeira vez na nossa vida contemplamos, tu e eu, a virtude recompensada!»

¡Meu caro amigo! os meses cerimoniais de luto passaram, depois outros, e José Matias não se arredou do Pôrto. Nesse Agôsto o encontrei eu instalado fundamentalmente no Hotel Francfort, onde entretinha a melancolia dos dias abrasados, fumando (porque voltara ao tabaco), lendo romances de Júlio Verne, e bebendo cerveja gelada, até que a tarde refrescava e êle se vestia, se perfumava, se floria, para jantar na Foz.

E apesar de se acercar o bem-dito remate do luto e da desesperada espera, não notei no José Matias nem alvoroço elegantemente reprimido, nem revolta contra a lentidão do tempo, velho por vezes tão moroso o trôpego... ¡Pelo contrário! Ao sorriso de radiosa certeza, que nesses anos o iluminara

com um nimbo de beatitude, sucedora a seriedade carregada, tóda em sombra e rugas, de quem se debate numa dúvida irresolúvel, sempre presente, roedora e dolorosa. ¿Quer que lhe diga? Nesse verão, no Hotel Francfort, sempre me pareceu que o José Matias, a cada instante da sua vida acordada, mesmo emborcando a fresca cerveja, mesmo calçando as luvas ao entrar para a caleche que o levava à Foz, angustiadamente perguntava à sua consciência: — «¿Que hei-de fazer? Que hei-de fazer?» — E depois, uma manhã, ao almoço, realmente me assombrou, exclamando ao abrir o jornal, com um assômo de sangue na face: «O quê! Já são 29 de Agôsto? Santo Deus... Já o fim de Agôsto!...»

Voltei a Lisboa, meu amigo. O inverno passou, muito sêco e muito azul. Eu trabalhei nas minhas *Origens do Utilitarismo*. Um domingo, no Rossio, quando já se vendiam cravos nas tabacarias, avistei dentro dum *coupé* a divina Elisa, com plumas rôxas no chapéu. E nessa semana encontrei no meu *Diário Ilustrado*, a notícia curta, quasi tímida, do casamento da sr.^a D. Elisa Miranda... ¿com quem, meu amigo? — ¡Com o conhecido proprietário, o sr. Francisco Tôrres Nogueira!...

O meu amigo cerrou aí o punho, e bateu na côxa espantado. Eu também cerrei os punhos ambos, mas para os levantar ao Céu, onde se julgam os feitos da Terra, e clamar

furiosamente, aos urros, contra a falsidade, a inconstância ondeante e pérfida, tôda a enganadora torpeza das mulheres, | e daquela especial Elisa, cheia de infâmia entre as mulheres! | Atraçoar à pressa, atabalhoadamente, apenas findara o luto negro, aquele nobre, puro, intelectual Matias! e o seu amor de dez anos, submisso e sublime!...

E depois de apontar os punhos para o Céu, ainda os apertava na cabeça, gritando:— «¿Mas porquê? porquê?» — ¿Por amor? Durante anos ela amara enlevadamente êste moço, e dum amor que se não desiludira nem se fartara, porque permanecia suspenso, imaterial, insatisfeito. ¿Por ambição? Tôrres Nogueira era um ocioso amável como José Matias, e possuía, em vinhas hipotecadas, os mesmos cincoenta ou sessenta contos que o José Matias herdara agora do tio Garmilde, em terras excelentes e livres. Então, ¿porquê? | Certamente porque os grossos bigodes negros do Tôrres Nogueira apeteçiam mais à sua carne, do que o buço louro e pensativo de José Matias! Ah! bem ensinara S. João Crisóstomo que a mulher é um monstro de impureza, erguido à porta do Inferno!

Pois, meu amigo, quando eu assim rugia, encontro uma tarde na rua do Alecrim o nosso Nicolau da Barca, que salta da tipóia, me empurra para um portal, agarra excitadamente no meu pobre braço, e exclama engasgado:— «¿Já sabes? | Foi o José Matias

que recusou! Ela escreveu! esteve no Pôrto, chorou... Êle nem consentiu em a ver!; Não quis casar, não quer casar!» Fiquei trespasado. — «E então ela...» — «Despeitada, fortemente cercada pelo Tôrres, cansada da viúvice, com aqueles belos trinta anos em botão, ; que diabo! coitada, casou!» Eu ergui os braços até a abóbada do pátio: — «Mas então ; êsse sublime amor do José Matias?» O Nicolau, seu íntimo e confidente, jurou com irrecusável segurança: — «; Ê o mesmo sempre! Infinito, absoluto... Mas não quer casar!» — Ambos nos olhámos, e depois ambos nos separámos, encolhendo os ombros, com aquele assombro resignado que convém a espíritos prudentes perante o Incognoscível. Mas eu, Filósofo, e portanto espírito imprudente, tôda essa noite esfuraquei o acto do José Matias com a ponta duma Psicologia que expressamente aguçara: — e já de madrugada, estafado, concluí, como se conclui sempre em Filosofia, que me encontrava diante duma Causa Primária, portanto impenetrável, ; onde se quebraria, sem vantagem para êle, para mim, ou para o Mundo, a ponta do meu Instrumento!

Depois a divina Elisa casou, e continuou habitando a Parreira com o seu Tôrres Nogueira, no confôrto e sossêgo que já gozara com o seu Matos Miranda. No meado do verão José Matias recolheu do Pôrto a Arroios, ao casarão do tio Garmilde, onde reocupou os seus antigos quartos, com as varandas para o

jardim já florido de dalias, que ninguém tratava. Veio Agôsto, como sempre em Lisboa silencioso e quente. Aos domingos José Matias jantava com D. Mafalda de Noronha, em Bemfica, solitariamente — porque o Tôrres Nogueira não conhecia aquela venerada senhora da Quinta dos Cedros. A divina Elisa, com vestidos claros, passeava à tarde no jardim entre as roseiras. De sorte que a única mudança, naquele dôce canto de Arroios, parecia ser o Matos Miranda no seu belo jazigo dos Prazeres, todo de mármore — e o Tôrres Nogueira no leito excelente de Elisa.

¡Havia, porém, uma tremenda e dolorosa mudança — a do José Matias! ¿Adivinha o meu amigo como êsse desgraçado consumia os seus estéreis dias? ¡Com os olhos, e a memória, e a alma, e todo o ser, cravados no terraço, nas janelas, nos jardins da Parreiral! Mas agora não era de vidraças largamente abertas, em aberto êxtase, com o sorriso de segura beatitude: era por trás das cortinas fechadas, através duma escassa fenda, escondido, surripiando furtivamente os brancos sulcos do vestido branco, com a face tôda devastada pela angústia e pela derrota. ¿E compreende porque sofria assim, êste pobre coração? Certamente porque Elisa, desdenhada pelos seus braços fechados, correria logo, sem luta, sem escrúpulos, para outros braços, mais acessíveis e prontos... ¡Não, meu amigo! E note agora a com-

plicada subtileza desta paixão. O José Matias permanecia devotadamente crente de que Elisa, na profundidade da sua alma, nesse sagrado fundo espiritual onde não entram as imposições das conveniências, nem as decisões da razão pura, nem os ímpetos do orgulho, nem as emoções da carne — ; o amava, a êle, unicamente a êle, e com um amor que não deperecera, não se alterara, floria em todo o seu viço, mesmo sem ser regado ou tratado, como a antiga Rosa Mística! O que o torturava, meu amigo, o que lhe cavara longas rugas em curtos meses, ; era que um homem, um macho, um bruto, se tivesse apoderado daquela mulher que era sua! e que do modo mais santo e mais socialmente puro, sob o patrocínio enternecido da Igreja e do Estado, ; lambusasse com os rijos bigodes negros, à farta, os divinos lábios que êle nunca ousara roçar, na supersticiosa reverência e quâsi no terror da sua divindade! ; Como lhe direi?... O sentimento dêste extraordinário Matias era o de um monge, prostrado ante uma Imagem da Virgem, em transcendente enlêvo — quando de-repente um bestial sacrílego trepa ao altar, e ergue obscenamente a túnica da Imagem! O meu amigo sorri... ; E então o Matos Miranda? Ah! meu amigo! êsse era diabético, e grave, e obeso, e já existia instalado na Parreira, com a sua obesidade e a sua diabetes, quando êle conhecera Elisa e lhe dera para sempre vida e coração. E o Tôrres Nogueira, êsse, rompera

brutalmente através do seu puríssimo amor, com os negros bigodes, e os carnudos braços, e o rijo arranque dum antigo pegador de touros, e empolgara aquela mulher — | a quem revelara talvez o que é um homem!

Mas, | com os demónios! essa mulher êle a recusara, quando ela se lhe oferecia, na frescura e na grandeza dum sentimento que nenhum desdém ainda ressequira ou abatera. ¿ Que quer?... | É a espantosa tortuosidade espiritual dêsse Matias! Ao cabo duns meses êle *esquecera*, positivamente *esquecera*, essa recusa afrontosa, como se fôra um leve desencontro de interêsses materiais ou sociais, passado há meses, no Norte, | e a que a distância e o tempo dissipavam a realidade e a amargura leve! E agora, aqui em Lisboa, com as janelas de Elisa diante das suas janelas, e as rosas dos jardins unidos rescendendo na sombra, a dor presente, a dor real, era que êle amara sublimemente uma mulher, e a colocara entre as estrêlas para mais pura adoração, | e que um bruto moreno, de bigodes negros, arrancara essa mulher de entre as estrêlas e a arremessara para a cama!

¿ Enredado caso, hein, meu amigo? Ah! muito filosofei sôbre êle, por dever de filósofo! E concluí que o Matias era um doente, atacado de hiper-espiritualismo, duma inflamação violenta e pútrida do espiritualismo, que receava apavoradamente as materialidades do casamento, as chinelas, a pele

pouco fresca ao acordar, um ventre enorme durante seis meses, os meninos berrando no berço molhado... E agora rugia de furor e tormento, porque certo materialão, ao lado, se prontificava a aceitar Elisa em camisola de lã. «Um imbecil?...» «Não, meu amigo! um ultra-romântico, loucamente alheio às realidades fortes da vida, que nunca suspeitou que chinelas, e cueiros sujos de meninos, são coisas de superior beleza em casa em que entre o sol e haja amor.

«E sabe o meu amigo o que exacerbou, mais furiosamente, este tormento?» «É que a pobre Elisa mostrava por ele o antigo amor!» «Que lhe parece?» «Infernal, hein?... Pelo menos, se não sentia o antigo amor intacto, na sua essência, forte como outrora e único, conservava pelo pobre Matias uma irresistível curiosidade e repetia os gestos dêsse amor...» «Talvez fôsse apenas a fatalidade dos jardins vizinhos! Não sei. Mas logo desde Setembro, quando o Tôrres Noqueira partiu para as suas vinhas de Carcavelos, a assistir à vindima, ela recomeçou da borda do terraço, por sobre as rosas e as dalias abertas, aquela doce remessa de doces olhares, com que durante dez anos extasiara o coração de José Matias.

Não creio que se escrevessem por cima do muro do jardim, como sob o regime paternal do Matos Miranda... O novo senhor, o homem robusto da bigodeira negra, impunha à divina Elisa, mesmo de longe, de entre

as vinhas de Carcavelos, retraimento e prudência. E acalmada por aquele marido, moço e forte, menos sentiria agora a necessidade de algum encontro discreto na sombra tépida da noite, mesmo quando a sua elegância moral e o rígido idealismo do José Matias consentissem em aproveitar uma escada contra o muro... De resto, Elisa era fundamentalmente honesta; e conservava o respeito sagrado do seu corpo, por o sentir tão belo e cuidadosamente feito por Deus — mais do que da sua alma. E, ¿quem sabe?... Talvez a adorável mulher pertencesse à bela raça daquela marquesa italiana, a Marquesa Júlia de Malfieri, que conservava dois amourosos ao seu doce serviço, um poeta para as delicadezas românticas, e um cocheiro para as necessidades grosseiras.

Em-fim, meu amigo, ; não psicologuemos mais sôbre esta viva, atrás do morto que morreu por ela! O facto foi que Elisa e o seu amigo insensivelmente recaíram na velha união ideal através dos jardins em flor. E em Outubro, como o Tórres Nogueira continuava a vindimar em Carcavelos, o José Matias, para contemplar o terraço da Parreira, ; já abria de novo as vidraças, larga e extaticamente.

Parece que um tão estreme espiritualista, reconquistando a idealidade do antigo amor, devia reentrar também na antiga felicidade perfeita. Ele reinava na alma imortal de Elisa: — ¿que importava que outro se ocupas-

se do seu corpo mortal ? ; Mas não ! o pobre moço sofria, angustiadamente. E, para sacudir a pungência destes tormentos, findou, êle tão sereno, duma tão doce harmonia de modos, por se tornar um agitado. Ah, meu amigo, ; que redemoinho e estrépito de vida ! Desesperadamente, durante um ano, remexeu, aturdiu, scandalizou Lisboa ! São dêsse tempo algumas das suas extravagâncias lendárias... ; Conhece a da ceia ?... Uma ceia oferecida a trinta ou quarenta mulheres das mais torpes e das mais sujas, apanhadas pelas negras vielas do Bairro-Alto e da Mouraria, que depois mandou montar em burros, e gravemente, melancolicamente, pôsto na frente, sôbre um grande cavalo branco, com um imenso chicote, ; conduziu aos altos da Graça, para saudar a aparição do sol !

Mas todo êste alarido não lhe dissipou a dor — ; e foi então que, nesse inverno, começou a jogar e a beber ! Todo o dia se encerrava em casa (certamente por trás das vidraças, agora que Tôrres Nogueira regressara das vinhas) com olhos e alma cravados no terraço fatal ; depois, à noite, quando as janelas de Elisa se apagavam, saía numa tipóia sempre a mesma, a tipóia do *Gago*, corria à roleta do Bravo, depois ao *club* do «Cavalheiro», onde jogava freneticamente até a tardia hora de cear, num gabinete de restaurante, com molhos de velas accesas, e o Colares, e o *Champagne*, e o *Cognac* correndo em jorros desesperados.

E esta vida, espicaçada pelas Fúrias, durou anos, | sete anos! Tôdas as terras que lhe deixara o tio Garmilde se foram, largamente jogadas e bebidas: e só lhe restava o casarão de Arroios e o dinheiro apressado por que o hipotecara. Mas, súbitamente desapareceu de todos os antros do vinho e do jôgo. | E soubemos que o Tôrres Nogueira estava morrendo com uma anasarca!

Por êste tempo, e por causa dum negócio do Nicolau da Barca, que me telegrafara ansiosamente da sua quinta de Santarém (negócio embrulhado, duma letra) procurei o José Matias em Arroios, às dez horas, numa noite quente de Abril. O criado, emquanto me conduzia pelo corredor mal alumiado, já desadornado das ricas arcas e talhas da Índia do velho Garmilde, confessou que S. Ex.^a não acabara de jantar...; E ainda me lembro, com um arrepio, da impressão desolada que me deu o desgraçado! Era no quarto que abria sôbre os dois jardins. Diante duma janela, que as cortinas de damasco cerravam, a mesa resplandecia, com duas serpentinas, um cesto de rosas brancas, e algumas das nobres pratas do Garmilde: e ao lado, todo estendido numa poltrona, com o colete branco desabotoado, a face lívida descaída sôbre o peito, um copo vazio na mão inerte, o José Matias parecia adormecido ou morto.

Quando lhe toquei no ombro, ergueu num sobressalto a cabeça, tôda despenteada:—

«¿Que horas são?» — Apenas lhe gritei, num gesto alegre, para o despertar, que era tarde, que eram dez, encheu precipitadamente o copo, da garrafa mais chegada de vinho branco, e bebeu lentamente, com a mão a tremer, a tremer... Depois, arredando os cabelos da testa húmida: — «¿Então, que há de novo?» — Esgazeado, sem compreender, escutou, como num sonho, o recado que lhe mandava o Nicolau. Por fim, com um suspiro, remexeu uma garrafa de *Champagne* dentro do balde em que ela gelava, encheu outro copo, murmurando: — «¡Um calor... Uma sede!...» Mas não bebeu: arrancou o corpo pesado à poltrona de vêrga, e forçou os passos mais firmes para a janela, a que abriu violentamente as cortinas, depois a vidraça... E ficou hirto, como colhido pelo silêncio e escuro sossêgo da noite estrelada. ; Eu espreitei, meu amigo! Na casa da Parreira duas janelas brilhavam, fortemente iluminadas, abertas à aragem. E essa claridade viva envolvia uma figura branca, nas longas pregas de um roupão branco, parada à beira do terraço, como esquecida numa contemplação. ; Era Elisa, meu amigo! Por trás, no fundo do quarto claro, o marido arquejava, da opressão da anasarca. Ela, imóvel, repousava, mandando um doce olhar, talvez um sorriso, ao seu doce amigo. O miserável, fascinado, sem respirar, sorvia o encanto daquela visão bem-fazeja. E entre êles rescendiam, na moleza da noite, tôdas

as flores dos dois jardins... Subitamente Elisa recolheu, à pressa, chamada por algum gemido ou impaciência do pobre Tórres. E as janelas logo se fecharam, tódá a luz e vida se sumiram na casa da Parreira.

Então José Matias, com um soluço despojado, de transbordante tormento, cambaleou ; tão ansiadamente se agarrou à cortina, que a rasgou, e tombou desamparado nos braços que lhe estendi, e em que o arrastei para a cadeira, pesadamente, como a um morto ou a um bêbedo. Mas, volvido um momento, com espanto meu, o extraordinário homem descerra os olhos, sorri num lento e inerte sorriso, murmura quási serenamente : — « É o calor... Está um calor ! ; Você não quer tomar chá ? »

Recusei e abalei — em-quanto éle, indiferente à minha fuga, estendido na poltrona, acendia trêmulamente um imenso charuto.

Santo Deus ! já estamos em Santa Isabel ! Como estes lagóias vão arrastando depressa o pobre José Matias para o pó e para o verme final ! Pois, meu amigo, depois dessa curiosa noite, o Tórres Nogueira morreu. A divina Elisa, durante o novo luto, recolheu à quinta duma cunhada também viúva, à «Côrte Moreira», ao pé de Beja. E o José Matias inteiramente se sumiu, se evaporou, sem que me revoassem novas d'ele, mesmo

incertas — tanto mais que o íntimo por quem as conheceria, o nosso brilhante Nicolau da Barca, partira para a ilha da Madeira, com o seu derradeiro pedaço de pulmão, sem esperança, por dever clássico, quási dever social, de tísico.

Todo êsse ano, também, andei enfronhado no meu *Ensaio dos fenómenos afectivos*. Depois, um dia, no comêço do verão, descendo pela rua de S. Bento, com os olhos levantados, a procurar o n.º 214, onde se catalogava a livraria do Morgado de Azemel, ¿quem avisto eu à varanda duma casa nova e de esquina? ¡A divina Elisa, metendo fôlhas de alface na gaiola de um canário! ¡E bela, meu amigo! mais cheia e mais harmoniosa, tôda madura, e succulenta, e desejável, ¡apesar de ter festejado em Beja os seus quarenta e dois anos! Mas aquella mulher era da grande raça de Helena, que, quarenta anos também depois do cêrco de Tróia, ainda deslumbrava os homens mortais. ¡E, curioso acaso! logo nessa tarde, pelo Sêco, o João Sêco da Biblioteca, que catalogava a livraria do Morgado, conheci a nova história desta Helena admirável.

A divina Elisa tinha agora um amante... E unicamente por não poder, com a sua costumada honestidade, possuir um legítimo e terceiro marido. O ditoso moço que ela adorava era, com efeito, casado... Casado em Beja, com uma espanhola que, ao cabo dum ano dêsse casamento e de outros re-

quebros, partira para Sevilha, passar devotamente a Semana Santa, e lá adormecera nos braços dum riquíssimo criador de gado. O marido, pacato apontador de Obras-Públicas, continuara em Beja, onde também vagamente ensinava um vago desenho... Ora uma das suas discípulas era filha da senhora da «Côrte Moreira»: e aí na quinta, emquanto êle guiava o esfuminho da menina, Elisa o conheceu e o amou, com uma paixão tão urgente, que o arrancou precipitadamente às Obras-Públicas, e o arrastou a Lisboa, cidade mais propícia do que Beja a uma felicidade escandalosa, e que se esconde. O João Sêco é de Beja, onde passara o Natal: conhecia perfeitamente o apontador, as senhoras da «Côrte Moreira»; e compreendeu o romance, quando das janelas dêsse n.º 214, onde catalogava a Livraria do Azemel, reconheceu Elisa na varanda da esquina, e o apontador enfiando regaladamente o portão, bem vestido, bem calçado, de luvas claras, com aparências de ser infinitamente mais ditoso naquelas obras particulares do que nas Públicas.

! E dessa mesma janela do 214 o conheci eu também, o apontador! Belo moço, sólido, branco, de barba escura, em excelentes condições de quantidade (e talvez mesmo de qualidade) para encher um coração viúvo, e portanto «vazio», como diz a Bíblia. Eu freqüentava êsse n.º 214, interessado no catálogo da Livraria, porque o Morgado de

Azemel possuía, pelo irónico acaso das heranças, uma colecção incomparável dos Filósofos do século XVIII. E passadas semanas, saindo dèsses livros uma noite (o João Sêco trabalhava de noite) e parando adiante, à beira dum portal aberto, para acender o charuto, ; enxergo à luz trememente do fósforo, metido na sombra, o José Matias ! ; Mas que José Matias, meu caro amigo ! Para o considerar mais delidamente, raspei outro fósforo. ; Pobre José Matias ! Deixara crescer a barba, uma barba rara, indecisa, suja, mole como algodão amarelado : deixara crescer o cabelo, que lhe surdia em farripas sêcas de sob um velho chapéu côco : mas todo êle, no resto, parecia diminuído, minguido, dentro duma quinzena de mescla enxovalhada, e dumas calças pretas, de grandes bolsos, onde escondia as mãos, com o gesto tradicional, tão infinitamente triste, da miséria ociosa. Na espantada lástima que me tomou, apenas balbuciei : — « Ora esta ! Você ! Então ; que é feito ? » — E êle, com a sua mansidão polida, mas sêcamente, para se desembaraçar, e numa voz que a aguardente enrouquecera : « Por aqui, à espera de um sujeito » — Não insisti ; segui. Depois, adiante, parando, verifiquei o que num relance advinhara — ; que o portal negro ficava em frente ao prédio novo e às varandas de Elisa !

Pois, meu amigo, ; três anos viveu o José Matias encafudado naquele portal !

Era um dèsses pátios da Lisboa antiga, sem porteiro, sempre escancarados, sempre sujos, — cavernas laterais da rua, de onde ninguém escorraça os escondidos da miséria ou da dor. Ao lado havia uma taberna. Infalivelmente, ao anoitecer, o José Matias descia a rua de S. Bento, colado aos muros, e, como uma sombra, mergulhava na sombra do portal. A essa hora já as janelas de Elisa luziam, de inverno embaciadas pela névoa fina, de verão ainda abertas e arejando no repouso e na calma. E para elas, imóvel, com as mãos nas algibeiras, o José Matias se quedava em contemplação. Cada meia hora, subtilmente, enfiava para a taberna. Copo de vinho, copo de aguardente: — e, de mansinho, recolhia à negrura do portal, ao seu êxtasi. Quando as janelas de Elisa se apagavam, ainda através da longa noite, mesmo das negras noites de inverno — ¡ encolhido, transido, a bater as solas rôtas no lagedo, ou sentado ao fundo, nos degraus da escada — ¡ ficava esmagando os olhos turvos na fachada negra daquela casa, onde a sabia dormindo com o outro!

Ao princípio, para fumar um cigarro apressado, trepava até ao patamar deserto, a esconder o lume que o denunciaria no esconderijo. ¡ Mas depois, meu amigo, fumava incessantemente, colado à ombreira, puxando o cigarro com ânsia, para que a ponta rebrilhasse, o alumiasse! ¿E percebe porquê, meu amigo?... ¡ Porque Elisa já descobrira

que, dentro daquele portal, a adorar submissamente as suas janelas, com a alma de outrora, estava o seu pobre José Matias!...

‡ E acreditará o meu amigo que então, tôdas as noites, ou por trás da vidraça ou encostada à varanda (com o apontador dentro, estirado no sofá, já de chinelas, lendo o *Jornal da Noite*) ela se demorava fitar o portal, muito quieta, sem outro gesto, naquele antigo e mudo olhar do terraço por sôbre as rosas e as dalias? O José Matias percebera, deslumbrado. ‡ E agora avivava desesperadamente o lume, como um farol, para guiar na escuridão os amados olhos dela, e lhe mostrar que ali estava, transido, todo seu, e fiel!

De dia nunca êle passava na rua de S. Bento. ‡ Como ousaria, com o jaquetão roto nos cotovelos e as botas cambalãs? Porque aquele moço de elegância sóbria e fina tombara na miséria do andrajo. ‡ Onde arranjava mesmo, cada dia, os três patacos para o vinho e para a posta de bacalhau nas tabernas? Não sei... ‡ Mas louvemos a divina Elisa, meu amigo! Muito delicadamente, por caminhos arredados e astutos, ela, rica, procurava estabelecer uma pensão ao José Matias, mendigo. ‡ Situação picante, hein? A grata senhora, dando duas mesadas aos seus dois homens — jo amante do corpo e o amante da alma! Êle, porém, a livinhou de onde procedia a pavorosa esmola — e recusou, sem revolta, nem alarido de orgulho, até com enternecimento, até com lágrima

mas nas pálpebras que a aguardente inflamará!

Mas só com noite muito cerrada ousava descer à rua de S. Bento, e enfiar para o seu portal. ; E adivinha o meu amigo como êle gastava o dia? ; A espreitar, a seguir, a farejar o apontador de Obras-Públicas! ; Sim, meu amigo! uma curiosidade insaciada, frenética, atroz, por aquele homem, que Elisa escolhera!... Os dois anteriores, o Miranda e o Nogueira, tinham entrado na alcova de Elisa publicamente, pela porta da Igreja e para outros fins humanos além do amor — para possuir um lar, talvez filhos, estabilidade e quietação na vida. Mas êste era meramente o Amante, que ela nomeara e mantinha, só para ser amada: e nessa união não aparecia outro motivo racional, senão que os dois corpos se unissem. Não se fartava, portanto, de o estudar, na figura, na roupa, nos modos, ansioso por saber bem como era êsse homem, que, para se completar, a sua Elisa preferira entre a turba dos homens. Por decência, o apontador morava na outra extremidade da rua de S. Bento, diante do Mercado. E essa parte da rua, onde não o surpreenderiam, na sua pelintrice, os olhos de Elisa, era o paradeiro do José Matias, logo de manhã, para mirar, farejar o homem, quando êle recolhia da casa de Elisa, ainda quente do calor da sua alcova. Depois não o largava, cautelosamente, como um larápio, rastejando de longe no seu rasto. E eu sus-

peito que o seguia assim, menos por curiosidade perversa, do que para verificar se, através das tentações de Lisboa, terríveis para um apontador de Beja, o homem conservava o corpo fiel a Elisa. ¶ Em serviço da felicidade dela — fiscalizava o amante da mulher que amava!

¶ Requite furioso de espiritualismo e devoção, meu amigo! A alma de Elisa era sua e recebia perenemente a adoração perene: ¶ e agora queria que o corpo de Elisa não fôsse menos adorado, nem menos lealmente, por aquele a quem ela entregara o corpo! Mas o apontador era facilmente fiel a uma mulher tão formosa, tão rica, de meias de sêda, de brilhantes nas orelhas, que o deslumbrava. E ¶ quem sabe, meu amigo? talvez esta fidelidade, preito carnal à divindade de Elisa, fôsse para o José Matias a derradeira felicidade que lhe concedeu a vida. Assim me persuado, porque no inverno passado encontrei o apontador, numa manhã de chuva, comprando camélias a um florista da rua do Oiro; ¶ e de-frente, a uma esquina, o José Matias, escaveirado, esfrangalhado, cocava o homem, com carinho, quási com gratidão! E talvez nessa noite, no portal, tiritando, batendo as solas encharcadas, com os olhos enternecidos nas escuras vidraças, pensasse: — «¶ Coitadinha, pobre Elisa! Ficou bem contente por êle lhe trazer as flores!»

Isto durou três anos.

Em-fim, meu amigo, antes de ontem, o João

Sêco appareceu em minha casa, de tarde, esbaforido: — «Lá levaram o José Matias numa maca, para o hospital, com uma congestão nos pulmões!»

Parece que o encontraram, de madrugada, estirado no ladrilho, todo encolhido no jaquetão delgado, arquejando, com a face coberta de morte, voltada para as varandas de Elisa. Corri ao hospital. Morrera... Subi, com o médico de serviço, à enfermaria. Levantei o lençol que o cobria. Na abertura da camisa suja e rôta, preso ao pescoço por um cordão, conservava um saquinho de sêda, poído e sujo também. De-certo continha flor, ou cabelos, ou pedaços de renda de Elisa, do tempo do primeiro encanto e das tardes de Bemfica... Perguntei ao médico, que o conhecia e o lastimava, se êle sofrera. — «Não! Teve um momento comatoso; depois arregalou os olhos, exclamou *Oh!* com grande espanto, e ficou.»

¿Era o grito da alma, no assombro e horror de morrer também? ¿Ou era a alma triunfando por se reconhecer em-fim imortal e livre? O meu amigo não sabe; nem o soube o divino Platão; nem o saberá o derradeiro filósofo na derradeira tarde do mundo.

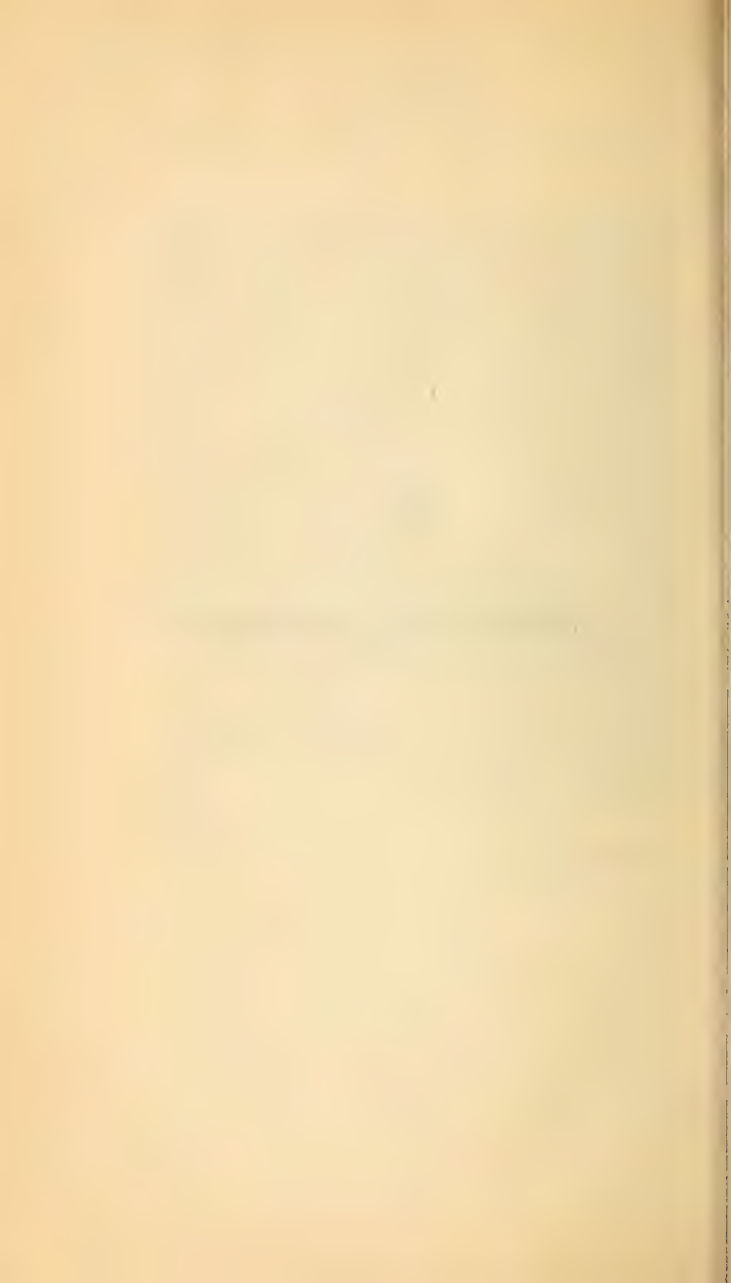
Chegamos ao cemitério. Creio que devemos pegar às borlas do caixão... Na verdade, é bem singular êste Alves *Capão*, seguindo tão sentidamente o nosso pobre espiritualista... ; Mas, Santo Deus, olhe! Além, à espera, à porta da Igreja, aquele

sujeito compenetrado, de casaca, com paletó alvadio... É o apontador de Obras Públicas! E traz um grosso ramo de violetas... ; Elisa mandou o seu amante carnal acompanhar à cova e cobrir de flores o seu amante espiritual! Mas, ; nunca ela pediria ao José Matias para espalhar violetas sôbre o cadáver do apontador! É que sempre a Matéria, mesmo sem o compreender, sem dêle tirar a sua felicidade, adorará o Espírito; e sempre a si própria, através dos gozos que de si recebe, se tratará com brutalidade e desdém! ; Grande consôlo, meu amigo, êste apontador com o seu ramo, para um Metafísico que, como eu, comentou Spinoza e Mallebranche, reabilitou Fichte, e provou suficientemente a ilusão da sensação! Só por isso valeu a pêne trazer à sua cova êste inexplicado José Matias, que era talvez muito mais que um homem — ou talvez ainda menos que um homem... — Com efeito, está frio... ; Mas que linda tarde!

(Dos Contos.)

X

Conceitos e paradoxos



CONCEITOS E PARADOXOS

1.

REVOLTAS DE ESTUDANTES

Os estudantes, geralmente, teem a revolta muito fácil, mas muito curta. E desde que os barulhos são feitos unicamente por estudantes, a ordem renasce de-repente, quando, uma madrugada, êles se sentem esfalfados de tanto berro e de tanto encontrão, e recolhem a casa para mudar de roupa e de entusiasmos.

(Bilhetes de Paris, pág. 245.)

2.

OS POVOS FRACOS E A EUROPA

Nos últimos quinze anos a Prússia roubou a Dinamarca, e depois foi pela Alemanha, saqueando reinos e grão-ducados; em seguida, desmembrou a França; mais tarde a Rússia espatifou a Turquia; há dous anos, súbitamente, a República Francesa caiu sobre Túnis, e empolgou êsse desven-

turado estado barbaresco. Em cada um destes casos a Europa comportou-se como um côro de óperas d'antiga escola, quando membrudo barítono, aí pelo quarto acto, erguia o ferro sôbre o tenor gentil e magrizela: o côro adianta-se, modula uma larga frase, agita os braços em cadência, faz o comentário amargo da acção, brada talvez: *suspendei!* Depois, afastando-se em grande compostura, deixa à bôca da scena o tirano barbudo, sondando tranqüilamente com a ponta da lâmina o interior do galã...

(*Cartas de Inglaterra*, 184.)

3.

PSICOLOGIA E PAÍSAGEM

O sol, nascendo por trás das Pirâmides, sôbre o fulvo deserto da Líbia, forma um prodigioso scenário; o Vale do Caos, nos Pirenéus, é duma grandeza exuberante; — mas todos estes espectáculos hão-de ser sempre infinitamente menos interessantes que uma simples comédia de ciúmes, passada num quinto andar. Que há com effeito de comum entre mim e o Monte Branco? Em-quanto que as alegrias amorosas do meu vizinho, ou os prantos do seu luto, são como a consciêcia visível das miúhas próprias sensações.

(*Ecos de Paris*, 2 e 3.)

4.

INGLATERRA E BRASIL

A admiração do *Times* pelo Brasil é misturada a um certo patrocínio familiar de ser superior — que é a atitude ordinária da Inglaterra e da imprensa inglesa para com as nações que não teem duzentos couraçados, um Shakespeare, um *Bank of England* e a instituição do *roast-beef*.

(*Cartas de Inglaterra*, 209.)

5.

MULHERES, E MULHERES

HAVIA a «mulher d'exterior», flor de luxo e de mundanismo culto; e havia a «mulher d'interior», a que guarda o lar, diante da qual, qualquer que fôsse o seu brilho, Fradique conservava um tom penetrado de respeito, excluindo tôda a investigação experimental. «Estou em presença destas (escreve elle a Madame de Jouarre), «como em face duma carta alheia fechada com sinete e lacre». Na presença, porém, daquelas que se «exteriorizam» e vivem tôdas no ruído e na fantasia, Fradique achava-se tão livre e tão irresponsável, como

perante um livro impresso. «Folhear o livro (diz êle ainda a Madame de Jouarre), «anotá-lo nas margens acetinadas, criticá-lo «em voz alta com independência e veia, levá-lo no *coupé* para ler à noite em casa, aconselhá-lo a um amigo, atirá-lo para um canto «percorridas as melhores páginas — é bem «permitido, creio eu, segundo a Cartilha e o «Código».

(De A *Corresp. de Pr. Mendes*, pág. 104.)

6.

LISBOA E OS HOMENS DE LETRAS

O sentimento de Lisboa pelos homens de letras é o dum burguês pelos belos móveis de cetim da sua sala rica: gosta dêles, usa-os pouco, e estima sobretudo que os outros lhos gabem.

(*Últimas Pág.*, 466)

7.

PAULO BOURGET

O sr. Bourget é um parisiense com um ligeiro toque d'inglesismo, como pede a moda, que leva para o *Faubourg St. Germain*, num *fiacre*, os seus métodos de Psicologia, duma Psicologia que cheira

bem, que cheira a *oppoanax*; e, tomando uns ares infinitamente profundos, remexe os corações e as sêdas das senhoras, para nos revelar segredos que todo o mundo sabe, num estilo que todo o mundo tem.

(*Últimas Pág.*, 495.)

8.

PORTUGAL EM 1880

S OB o aspecto político gozamos uma razoável veneração. Com efeito, nós não trazemos à Europa complicações importunas; mantemos dentro da fronteira uma ordem suficiente; a nossa administração é correctamente liberal; satisfazemos com honra os nossos compromissos financeiros.

(*Cartas de Inglaterra*, 214.)

9.

TRIBUNAL DE CONTAS

D UAS horas e um quarto! — exclamou Taveira, que olhara o relógio. E eu aqui, empregado público, tendo deveres para com o Estado, logo às dez horas da manhã..

— Que diabo se faz no Tribunal de Contas? — perguntou Carlos. — Joga-se? Cavaqueia-se?

— Faz-se um bocado de tudo, para matar tempo... Até contas!

(O: *Maia*, vol. 1. 3.^a ed., pág. 168)

10.

O COVEIRO SEMEADOR

O coveiro é um semeador. Semeia corpos. Sômente não tem a esperança nem o amor das colheitas. Quem sabe se os corpos que se atiram à vala, sementes fúnebres, se abrem, lá em cima, em searas divinas, de que nós apenas vemos a ponta das raízes, que são as estrêlas?

(*Das Prozas Bárbaras*, pág. 86, 1.^a ed.)

11.

FATALIDADE DO CARÁCTER FEMININO

UMA fatalidade de carácter feminino: é-lhes insuportável a serenidade. Na vida pacífica procuram o romance; no romance procuram a dor. É necessário que êsses pequeninos e graciosos crânios tenham sempre a honra de descobrir uma tempestade...

(De *A confissão dela*, no «Mist. da estr. de Sintra»)

12.

PORTUGAL EM 1872

ESTE país é uma monarquia ou uma república?

— Pelo que vi pareceu-me que nem era uma monarquia, nem uma república — e que era apenas um *chinfrim*.

— Pertencer a um partido, é vem a ser?...

— É meter-se a gente num ónibus que leva aos empregos — e a que puxa o chefe do partido, sempre com o freio nos dentes!

— E o país, é em que se emprega?...

— Nas secretarias. São salas onde homens tristes escrevem em papel almasso «il.^{mo} e ex.^{mo} sr.» — para poderem jantar, e ter êste acesso: aos 20 anos semi-inúteis; aos 30 inúteis, e aos 45 inúteis e semi.

— E é donde saem êsses homens?

— Do liceu, que é um lugar com bancos, onde em rapaz se decoram bocados de livros — para ter o direito de não se tornar a ler um livro inteiro depois de homem.

— Perdão, mas há uma Universidade, parece...

— Há. Mas é apenas um edifício histórico, para se provar que existiu D. Dinis, seu fundador.

— Mas aí, Santo Deus, é não se estuda?

— O aluno, ao entrar, faz uma cortesia profunda ao lente; lê lá dentro um romance que traz na algibeira; e sai, fazendo ao lente

outra cortesia profunda. Se não fizer isto, é reprovado.

— ¿E tudo isso para quê?

— Para ser bacharel — uma qualidade que se exige para tudo, e que se não respeita para coisa nenhuma.

— ¿E a que chama a *política*, meu amigo? Tenho-lhe ouvido...

— A política é a ocupação dos ociosos, a ciência dos ignorantes, e a riqueza dos pobres. — Reside em S. Bento...

— Um santo do calendário?

— Uma sala que a Carta instituiu para *perpétuamente* se discutir quem há-de organizar o país *definitivamente*.

— ¿E a diplomacia?...

— Cada governo, meu amigo, costuma mandar como embaixadores para fora aqueles que não quer ver dentro como chefes da opposição. Na realidade os diplomatas são como os criados que os companheiros mandam espreitar para a sala — para eles comerem mais à vontade na cozinha.

— Mas ¿a vida elegante de Lisboa?

— É não ser cigarreiro da fábrica de Xabregas. Tudo o mais é elegante.

— ¿E os portugueses são inteligentes, ao menos?

— Foi o A B C que espalhou isso — ¡vaidoso de que o tivessem compreendido!

— ¿E a família?...

— É um grupo de egoísmos — que janta de chinelas.

— ¿Mas as mulheres?

— Pessoas excelentes, que teem a doçura de fingir que não teem espírito — | só para não humilharem os maridos!

— ¿Que tal conversam?

— Não se sabe. Nunca tiveram com quem.

— ¿E femininas?

— Meu amigo, são utilitárias. Acham, em tudo, o que acharam na própria valsa — uma utilidade.

— ¿Na valsa? qual é?

— O meio de suar com elegância em sociedade.

— | Oh, bom Deus, voltemos às generalidades! ¿O país é rico?

— Portugal é um país que todos dizem que é rico, povoado por gente que todos sabem que é pobre.

— ¿Mas a agricultura?

— A agricultura aqui é a arte de assistir im assível ao trabalho da natureza.

— ¿E as colónias?

— Velhas salvas de família, que se enferujam ao canto.

(De *Uma campanha alegre*, vol. II, pág. 8 a 14).

13.

JÚLIO VERNE

JÚLIO VERNE, êsse encanto das crianças e dos convalescentes...

(*Últimas páginas*, 459.)

14.

O ABUTRE E O PATO

ALEXANDRE Dumas tinha um abutre, que era o camarada íntimo dum pato. E aquele espírito radioso dizia—que era a natural ligação da estupidez e da ferocidade.

Portugal tem em si o abutre—e o pato.

(De *Uma campanha alegre*, vol. II, pág. 198.)

15.

MATAR

MATAR, meu filho, é quasi sempre equilibrar as necessidades universais. É eliminar aqui a excrescência para ir além suprir a falta. Penetre-se destas sólidas filosofias. Uma pobre costureira de Londres anseia por ver florir, na sua trapeira, um vaso cheio de terra negra: uma flor consolaria aquela deserdada: mas, na disposição dos seres, infelizmente, nesse momento, a substância que lá devia ser rosa é aqui na Baixa homem d'Estado... ; Vem então o fadista, de navalha aberta, e fende o estadista? O enxurro leva-lhe os intestinos; enterram-no, com tipóias atrás; a matéria começa a desor-

ganizar-se, mistura-se à vasta evolução dos átomos — e o supérfluo homem de govêrno vai alegrar, sob a forma de amor-perfeito, a água-furtada da loura costureira...

(O *Mandarim*, 8.^a ed., pág. 19 e 20.)

16.

O HÁBITO INSTINTIVO DE DEPRIMIR
A PÁTRIA

A o outro dia cedo, encerrado com o general num dos quiosques do jardim, contei-lhe a minha lamentável história e os motivos fabulosos que me traziam a Pequim. O herói escutava, cofiando sombriamente o seu espêssô bigode cossaco...

— O meu prezado hóspede sabe o chinês?
— perguntou-me de repente, fixando em mim a pupila sagaz.

— Sei duas palavras importantes, general: *mandarim* e *chá*.

Ele passou a sua mão de fortes cordoveias sobre a medonha cicatriz que lhe sulcava a calva:

— *Mandarim*, meu amigo, não é uma palavra chinesa, e ninguém a entende na China. É o nome que no século xvi os navegadores do seu país, do seu belo país...

— Quando nós tínhamos navegadores!...
— murmurei, suspirando.

Ele suspirou também, por polidez, e continuou:

—...Que os seus navegadores deram aos funcionários chineses. Vem do seu verbo, do seu lindo verbo...

—!Quando tínhamos verbos!...—rosnei, no hábito instintivo de deprimir a pátria.

Ele esgazeou um momento o seu olho redondo de velho mocho — e prosseguiu, paciente e grave:

—Do seu lindo verbo *mandar*... Resta-lhe portanto *chá*. É um vocábulo que tem um vasto papel na vida chinesa, mas julgo-o insufficiente para servir a tôdas as relações sociais...

(O Mandarin, pág. 70 e 71.)

17.

RAMALHO E REPÚBLICA

— M política, tem-se dito que Ramalho Ortigão é republicano. Nada menos exacto. Ramalho, creio, teme a república, tal qual é tramada nos *Clubs* amadores de Lisboa e Porto. A república, em verdade, feita primeiro pelos partidos constitucionais, e refeita depois pelos partidos jacobinos, que, tendo vivido fora do poder e do seu maquinismo, a tomam como carreira — seria em Portugal uma balbúrdia sanguinolenta.

(Notas contemp., 47.)

18.

OS ÓRGÃOS DO ESTADO

INFELIZMENTE, entre tantos órgãos de que está provido o Estado, não há nenhum que tenha a forma, mesmo vaga, de um coração humano.

(*Ecos de Paris*, 175.)

19.

SONHOS

SONHOS são como tapeçarias que os Anjos desenrolam, e em que estão bordados, a côres claras, os destinos que hão-de ser.

(*S. Cristoram*, pág. 21)

20.

O PARLAMENTO INGLÊS

O Parlamento inglês — rico e ruidoso *Club* onde se conversa irresponsavelmente, e de chapéu na cabeça, sôbre todos os negócios do Universo.

(*Últimas páginas.*, 457.)

THE HISTORY OF THE

THE HISTORY OF THE

THE HISTORY OF THE

THE HISTORY OF THE

THE HISTORY OF THE

XI

Mestria no diálogo



MESTRIA NO DIÁLOGO

(No diálogo revelou Eça de Queiroz, ao mesmo tempo, três qualidades artísticas do mais alto quilate: noção e sentimento inexcusáveis da língua portuguesa da sua época; intuição psicológica penetrantíssima, graças à qual estamos vendo, ao ler as suas novelas, e para além das palavras, tudo o que *sentem e pensam* as personagens que *falam*; dom raríssimo de reproduzir ou reconstituir a vida tão perfeitamente, que em quasi todos os trechos dialogados de Queiroz mal se percebe a ferramenta artística e tem-se a ilusão quasi física da realidade directa, presente e palpitante. Releia-se, além dos dois trechos seguintes, aquele que intitulámos *As duas educações* e inserimos no primeiro volume da *Antologia* de Eça de Queiroz. — No capítulo que immediatamente lhe apresentamos poderá o Leitor apreciar não só a mestria de Queiroz no diálogo, mas também a sua arte consumada de conduzir o monólogo psíquico e de empregar os sonhos das suas personagens como elementos de accção novelística).

1.

TRANSFIGURAÇÃO DE GONÇALO RAMIRES

A té noite alta Gonçalo, passeando pelo quarto, remoeu a amarga certeza de que sempre, através de tódá a sua vida (| quasi desde o colégio de S. Fiel |), não ces-

sara de padecer humilhações. E tôdas lhe resultavam de intentos muito simples, tão seguros para qualquer homem como o voo para qualquer ave — ¡só para êle constantemente rematados por dor, vergonha ou perda! À entrada da vida escolhe com entusiasmo um confidente, um irmão, que traz para a quieta intimidade da Tôrre (1) — e logo êsse homem se apodera ligeiramente do coração de Gracinha (2) e ultrajosamente a abandona! Depois concebe o desejo tão corrente de penetrar na Vida Política — ¡e logo o Acaso o força a que se renda e se acolha à influência dêsse mesmo homem, agora Autoridade poderosa, por êle durante todos êsses anos de despeito tão detestada e chasqueada! Depois abre ao amigo, agora restabelecido na sua convivência, a porta dos Cunhais (3) confiado na seriedade, no rígido orgulho da irmã — ¡e logo a irmã se abandona ao antigo enganador, sem luta, na primeira tarde em que se encontra com êle na sombra favorável dum caramanchão! Agora pensa em casar com uma mulher que lhe oferecia com uma grande beleza uma grande fortuna — e imediatamente um companheiro de Vila-Clara passa e segreda: — «¡A mulher que escolheste, Gonçalinho, é uma marafona cheia

(1) Assim se chamava o solar de Gonçalo.

(2) Irmã de Gonçalo.

(3) Residência de Gracinha.

d'amantes ! » De-certo essa mulher não a amava com amor nobre e forte ! Mas decidira acomodar nos formosos braços dela, muito confortavelmente, a sua sorte insegura — e eis que logo desaba, com esmagadora pontualidade, a humilhação costumada. ! Realmente o Destino malhava sôbre êle com rancor desmedido !

— ¿ E porquê ? murmurava Gonçalo, despindo melancolicamente o casaco. Em vida tão curta, tanta decepção... ¿ Porquê ? ! Po-bre de mim !

Caiu no vasto leito como numa sepultura — enterrou a face no travesseiro com um suspiro, um enternecido suspiro de piedade por aquela sua sorte tão contrariada, tão sem socorro. E recordava o presunçoso verso do Videirinha, ainda nessa noite proclamado ao violão :

*! Velha casa de Ramires,
Honra e flor de Portugal !*

! Como a flor murchara ! Que mesquinha honra ! E que contraste o do derradeiro Gonçalo, encolhido no seu buraco de Santa Ireneia, com êsses grandes avós Ramires, cantados pelo Videirinha — ! todos êles, se História e Lenda não mentiam, de vidas tão triunfais e sonoras ! Não ! nem sequer dêles herdara a qualidade por todos herdada através dos tempos — a valentia fácil. Seu pai ainda fôra o bom Ramires destemido — que

na falada desordem da romaria da Riosa avançara com um guarda-sol contra três clavinhas engatilhadas. Mas êle... Ali, no sêgrêdo do quarto apagado, bem o podia livremente gemer — êle nascera com a *falha*, a falha de pior desdouro, essa irremediável fraqueza da carne, que irremediavelmente, diante de um perigo, uma ameaça, uma sombra, o forçava a recuar, a fugir... | A fugir dum Casco. A fugir dum malandro de suíças louras, que, numa estrada e depois numa venda, o insulta sem motivo, para meramente ostentar pimponice e arreganho. | Ah, vergonhosa carne, tão espantadiça!

E a Alma... Nessa calada treva do quarto bem o podia reconhecer também, gemendo. | A mesma fraqueza lhe tolhia a Alma! Era essa fraqueza que o abandonava a qualquer influência, logo por ela levado como fôlha sêca por qualquer sôpro. Porque a prima Maria uma tarde adoça os espertos olhos e lhe aconselha por trás do leque que se interesse pela D. Ana — logo êle, fumegando de esperança, ergue sôbre o dinheiro e a beleza de D. Ana uma presunçosa tôrre de ventura e luxo. | E a Eleição? | essa desgraçada Eleição? | Quem o empurrara para a Eleição e para a reconciliação indecente com o Cavaleiro, e para os desgostos daí emanados? O Gouveia, só com leves argúcias, murmuradas por cima do *cache-nez*, desde a loja do Ramos até à esquina do Correio! Mas quê, | mesmo dentro da sua Tôrre era

governado pelo Bento, que superiormente lhe impunha gostos, dietas, passeios, e opiniões, e gravatas! — Homem de tal natureza, por mais bem dotado na inteligência, é massa inerte a que o Mundo constantemente imprime formas várias e contrárias. O João Gouveia fizera dêle um candidato servil. O Manuel Duarte poderia fazer dêle um beerrão imundo. O Bento fãcilmente o levaria a atar ao pescoço, em vez duma gravata de sêda, | uma coleira de couro! | Que miséria! E todavia o Homem só vale pela Vontade — só no exercício da Vontade reside o gôzo da Vida. Porque, se a Vontade bem exercida encontra em tôrno submissão — então é a delícia do domínio serêno; se encontra em tôrno resistência, então é a delícia maior da luta interessante. Só não sai gôzo forte e viril da inércia que se deixa arrastar mudamente, num silêncio e macieza de cera... Mas êle, êle, desce dendo de tantos varões famosos pelo Querer — não conservaria, escondida algures no seu Ser, dormente, e quente como uma brasa sob a cinza, uma parcela dessa energia hereditária?... Talvez! nunca porém nesse pêco e encafuado viver de Santa Ireneia a fagulha despertaria, ressaltaria em chama intensa e útil. Não! pobre dêle! Mesmo nos movimento da Alma, onde todo o homem realiza a liberdade pura — | êle soffreria sempre a opressão da Sorte inimiga!

Com outro suspiro, mais se enterrou, es-

condeu sob a roupa. Não adormecia; a noite findava—já o relógio de charão, no corredor, batera cavamente as quatro horas. E então, através das pálpebras cerradas, no confuso cansaço de tantas tristezas revolvidas, Gonçalo percebeu, através da treva do quarto, destacando pàlidamente da treva, faces lentas que passavam...

Eram faces muito antigas, com desusadas barbas ancestrais, com cicatrizes de ferozes ferros, umas ainda flamejando como no fragor de uma batalha, outras sorrindo majestosamente, como na pompa duma gala—tôdas dilatadas pelo uso soberbo de mandar e vencer. E Gonçalo, espreitando por sôbre a borda do lençol, reconhecia nessas faces as verídicas feições de velhos Ramires, ou já assim contempladas em denegridos retratos, ou por êle assim concebidas, como concebera as de Trutesindo, em concórdância com a rijeza e esplendor dos seus feitos.

Vagarosas, mais vivas, elas cresciam d'entre a sombra que latejava, espêssa e como povoada. E agora os corpos emergiam também, robustíssimos corpos cobertos de saios de malha ferrugenta, apertados por arneses de aço lampejante, embuçados em fuscos mantos de revôltas pregas, cingidos por faustosos gibões de brocado, onde scintilavam as pedrarias de colares e cintos;—e armados todos, com as armas tôdas da História, desde a clava gôda de raíz de roble,

erçada de puas, até ao espadim de sarau, enlaçarotado de sêda e ouro.

Sem terror, erguido sôbre o travesseiro, Gonçalo não duvidava da realidade maravilhosa. Sim! eram os seus avós Ramires, os seus formidáveis avós históricos, que, das suas tumbas dispersas, corriam, se juntavam na velha casa de Santa Ireneia, nove vezes secular — e formavam em tórno do seu leito, do leito em que êle nascera, como que a Assembleia majestosa da sua raça ressurgida. E até mesmo reconhecia alguns dos mais esforçados, que agora, com o repassar constante do Poemeto do tio Duarte, e o Videirinha gemendo fielmente o seu «fado», lhe andavam sempre na imaginação...

Aquele, além, com o brial branco a que a cruz vermelha enchia o peitoral, era certamente Gutierrez Ramires, o *d'Ultramár*, como quando corria da sua tenda para a escalada de Jerusalém. No outro, tão velho e formoso, que estendia o braço, êle adivinhava Egas Ramires, negando acolhida no seu puro solar a El-rei D. Fernando e à adúltera Leonor! Êsse, de crespas barba ruiva, que cantava sacudindo o pendão real de Castela, ¿quem, senão Diogo Ramires, o *Trovador*, ainda na alegria da radiosa manhã d'Aljubarrota? Diante da incerta claridade do espelho tremiam as fôfas plumas escarlates do morrião de Paio Ramires, que se armava para salvar S. Luís, Rei de França. Levemente balançado, como pelas ondas humildes dum mar

vencido, Rui Ramires sorria às naus inglesas que, ante a proa da sua Capitânia, submissamente amainavam por Portugal. E, encostado ao poste do leito, Paulo Ramires, pagem do Guião de El-rei nos campos fatais de Alcácer, sem elmo, rôta a couraça, inclinava para êle a sua face de donzel, com a doçura grave dum avô enternecido...

Então, por aquela ternura atenta do mais poético dos Ramires, Gonçalo sentiu que a sua Ascendência tôda o amava—e da escuridão das tumbas dispersas acudira para o velar e socorrer na sua fraqueza. Com um longo gemido, arrojando a roupa, desafogou, dolorosamente contou aos seus avós ressurgidos a arrenegada Sorte que o combatia, e que sôbre a sua vida, sem descanso, amontoava tristeza, vergonha e perda! E eis que, súbitamente, um ferro faïscou na treva, com um abafado brado:—«¡ Neto, doce neto, toma a minha lança nunca partida!...» E logo o punho duma clara espada lhe roçou o peito, com outra grave voz que o animava:—«¡ Neto, doce neto, toma a espada pura que lidou em Ourique!...» E depois uma acha de coriscante gume bateu no travesseiro, ofertada com altiva certeza:—«¿ Que não derribará essa acha, que derribou as portas d'Arzila?...»

Como sombras levadas num vento transcendente, todos os avós formidáveis perpassavam—e arrebatadamente lhe estendiam as suas armas, rijas e provadas armas, tôdas, através de tôda a História enobrecidas nas

arrancadas contra a Moirama, nos trabalhos cêrcos de Castelos e Vilas, nas batalhas formosas com o Castelhana soberbo... Era, em tórno do leito, um heróico reluzir e retinir de ferros. E todos soberbamente gritavam:—«! Oh neto, toma as nossas armas e vence a Sorte inimiga!...» Mas Gonçalo, espalhando os olhos tristes pelas sombras ondeantes, volveu:—«Oh Avós, ¿de que me servem as vossas armas—se me falta a vossa alma?...»

*
* *
*

Acordou, muito cedo, com a enredada lembrança dum pesadelo em que falara a mortos:—e, sem a preguiça que sempre o amolecia nos colchões, enfiou um roupão, escancarou as vidraças. !Que formosa manhã dos fins de setembro, macia, lustrosa e fina! nem uma nuvem lhe desmanchava o vasto, o imaculado azul; e o sol já pousava nos arvoredos, nos outeiros distantes, com uma doçura outonal. Mas, apesar de lhe respirar lentamente o brilho e a pureza, Gonçalo permaneceu tolhado de sombras, das sombras da véspera, retardadas, no seu espírito oprimido, como névoas em vale muito fundo. E foi ainda com um suspiro, arrastando tristonhamente as chinelas, que puxou o cordão da campainha. O Bento não tardou, com a infusa da água quente para a barba. E, acostumado ao alegre acordar do Fidalgo, tanto estranhou aquele

silencioso e enrugado mover pelo quarto, que desejou saber se o Snr. Doutor passara mal a noite...

—| Pèssimamente!

Bento declarou logo com vivacidade e re-provação — que certamente fizera mal ao Snr. Doutor tanto *cognac* de moscatel. *Cognac* muito adocicado, muito excitante... Bom para o Snr. D. António, homenzarrão pesado. Mas o Snr. Doutor, assim nervoso, nunca devia tocar naquele *cognac*. Ou então, meio cálice escasso.

Gonçalo ergueu a cabeça, na surpresa de encontrar logo ao comêço do seu dia, e tão flagrante, aquele domínio que todos sôbre êle se arrogavam —| e de que tanto se lastimara, através de tôda a amarga noite! Eis aí o Bento mandando —| marcando a sua razão de *cognac*! E justamente o Bento insistia:

— O Snr. Doutor bebeu mais de três cálices. Assim não convém... Eu também tive culpa, em não tirar a garrafa...

Então, perante despotismo tão declarado, o Fidalgo da Tôrre teve uma brusca revolta:

-- Homem, não dês tantas leis. | Bebo o *cognac* que preciso e que quero!

Ao mesmo tempo, com a ponta dos dedos, experimentava a água na infusa:

—| Esta água está morna! exclamou logo. | Já me tenho fartado de dizer! Para a barba, preciso sempre água a ferver.

O Bento, gravemente, mergulhou também o dedo na água:

— Pois esta água está quási a ferver... Nem para a barba se necessita água mais quente.

Gonçalo encarou o Bento com furor. O quê! mais objecções, mais leis!

— ¡Pois vá imediatamente buscar outra água! Quando eu peço água quente, pretendo que venha em cachão. Irra! tanta sentença!... Eu não quero moral, quero obediência!

O Bento considerou Gonçalo através dum espanto que lhe inchara a face. Depois, lentamente, com magoada dignidade, empurrou a porta, levando a infusa. E já Gonçalo se arrependia da sua violência. ¡Coitado, não era culpa do Bento, se a vida lhe andava a êle tão estragada e sacudida! Depois, em casa tão antiga, não destoava a tradição dos antigos aios. E o Bento, em perfeito rigor lhes reproduzia a rabujice e a lealdade! Mas ascendência e livre falar bem lhe cabiam — bem os merecia por tão longa, tão provada dedicação...

O Bento, ainda vermelho e inchado, voltava com a infusa fumegante. E Gonçalo, logo, docemente, para o adoçar:

— Dia muito bonito, ¿hein, Bento?

O velho rosnou, ainda amuado:

— Muito bonito.

Gonçalo ensaboava a face, rápidamente, na impaciência de reatar com o Bento, de lhe restabelecer a supremacia amorável. E por fim, mais doce, quási humilde:

— Pois se achas o dia assim bonito, dou

um passeio a cavallo antes d'almôço. † Que te parece? Talvez me faça bem aos nervos... Com efeito, aquele *cognac* não me convém... Então, Bento, faz o favor, grita aí ao Joaquim que me tenha a égua pronta imediatamente. Com certeza me acalma, uma galopada... E no banho, agora, a água bem esparta, bem quente. Também me acalma a água quente. Por isso necessito sempre água bem quente, a ferver. Mas tu, com essas tuas velhas ideias... Pois todos os médicos o declaram. Para a saúde, † água quente, bem quente, a sessenta graus!

E, depois do rápido banho, em-quanto se vestia, abriu mais familiarmente ao velho aio a intimidade das suas tristezas:

— Ah! Bento, Bento, o que eu verdadeiramente precisava, para me acalmar, não era um passeio, era uma jornada... † Trago a alma muito carregada, homem! Depois, estou farto desta eterna Vila-Clara, da eterna Oliveira. Muito mexerico, muita deslealdade. Precisava terra grande, distracção grande...

O Bento, já reconciliado, enternecido, lembrou que o sr. Doutor, brevemente, em Lisboa, encontraria uma linda distracção, nas Côrtes.

— † Eu sei lá se vou às Côrtes, homem! Não sei nada, tudo falha... Qual Lisboa!... O que eu necessito é uma viagem imensa, à Hungria, à Rússia, a terras onde haja aventuras.

O Bento sorriu superiormente daquela

imaginação. E apresentando ao Fidalgo o jaquetão de *velvutina* cinzenta:

— Com efeito na Rússia parece que não faltam aventuras. Anda tudo a chicote, diz o *Século*... Mas aventuras, sr. Doutor, até a gente as encontra na estrada... Olhe! o paizinho de V. Ex.^a, que Deus haja, foi lá em baixo, diante do portão, que teve a bulha com o Dr. Avelino da Riosa, e que lhe atirou a chicotada, e que levou com o punhal no braço. .

Gonçalo calçava as luvas d'anta, mirando o espelho:

— Pobre papá, coitado, também teve pouca sorte... E, por chicote, ó Bento: dá cá aquele chicote de cavalo-marinho que tu ontem areaste. Parece que é uma boa arma.

Ao sair o portão, o Fidalgo da Tôrre meteu a égua, sem destino, num passo indolente, pela estrada costumada dos Bravais. Mas no Casal Novo, onde dois pequenos jogavam a bola debaixo das carvalheiras, pensou em visitar o Visconde de Rio-Manso. Certamente lhe consertaria os nervos a companhia de tão serêno e generoso velho. E, se ele o convidasse a almoçar, gastaria os seus cuidados visitando essa falada quinta da *Varandinha* e cortejando «o botão de Rosa».

Gonçalo recordava apenas confusamente que o terraço da *Varandinha* dominava uma estrada plantada de choupos, algures, entre o lugar da Cerda e a espalhada aldeia de

Canta-Pedra. E tomou o caminho velho, que desce das carvalheiras do Casal Novo e penetra no vale, entre o cabeço d'Avelan e as ruínas do Mosteiro de Ribadais, no solo histórico onde Lopo de Baião derrotara a mesnada de Lourenço Ramires... Ora enterrada entre valados, ora entre toscos muros de pedra sôlta, a vereda seguia sem beleza, e cansativa: mas as madre-silvas nas sebes, por entre as amoras maduras, rescendiam; o fresco silêncio recebia mais frescura e graça dos frêmitos d'asa que o roçavam; e tanto era o radiante azul nos céus serenos, que um pouco do seu rebrilho e serenidade se instilava n'alma. Gonçalo, mais desanuviado, não se apressava: na Igreja dos Bravais, quando êle passara ao Casal Novo, batiam apenas as nove horas: e depois de costear um lameiro d'erva magra, parou, a acender pachorrentamente um charuto, rente da velha ponte de pedra, que galga o riacho das Donas. Quási sêco pela estiagem, a água escura mal corria, sob as fôlhas largas dos nenúfares, por entre os juncaes que a atulhavam. Adiante, à orla dum ervaçal, ao abrigo duma moita de álamos, reluziam as pedras dum lavadouro. Na outra margem, dentro dum velho bote encalhado, um rapazito, uma rapariguinha, conversavam profundamente, com dous molhos d'alfazema esquecidos nos regaços. Gonçalo sorriu do idílio — depois teve uma surpresa, descobrindo, no cunhal da ponte, rudemente en-

talhado, o seu Brasão-d'Armas, um Açor enorme, que alargava as garras ferozes. Talvez aquelas terras outrora pertencessem à Casa: — ou algum dos seus avós benéficos construíra a ponte, sôbre torrente então mais funda, para segurança dos homens e dos gados. | Quem sabe se fôra o avô Trutesindo, em memória piedosa de Lourenço Ramires, vencido e cativo nas margens daquela ribeira!

O caminho, para além da ponte, alteava entre campos ceifados. As mêdas lourejavam, pesadas e cheias, por aquele ano de fartura. Ao longe, dos telhados baixos dum lugarejo, vagarosos fumos subiam, logo desfeitos no radiante céu. E lentamente, como aqueles fumos distantes, Gonçalo sentia que tôdas as melancolias lhe escapavam da alma, se perdiam também no azul lustroso... Uma revoada de perdizes ergueu o voo d'entre o restólho. Gonçalo galopou sôbre elas, gritando, sacudindo o seu forte chicote de cavalo-marinho, que zunia como uma lâmina.

Em breve o caminho torceu, costeando um souto de sobreiros, depois cavado entre silvados, com largos pedregulhos aflorando na poeira; — e ao fundo o sol faíscava sôbre a cal fresca duma parede. Era uma casa térrea, com porta baixa entre duas janelas envidraçadas, remendos novos no telhado e um quinteiro que uma escura e imensa figueira assombreava. Numa esquina pegava um

muro baixo de pedra sôlta, continuando por uma sebe, onde adiante uma velha cancela abria para a sombra duma ramada. De-frente, no vasto terreiro que se alargava, jaziam cantarias, uma pilha de traves; passava uma estrada, lisa e cuidada, que pareceu a Gonçalo a de Ramilde. Para além, até um distante pinheiral, desciam chãs e lameiros.

Sentado num banco, junto da porta, com uma espingarda encostada ao muro, um rapaz grosso, de barrete de lã verde, acariciava pensativamente o focinho dum perdigreiro. Gonçalo parou;

— Tem a bondade... ¿Sabe por acaso qual é o bom caminho para a quinta do sr. Visconde de Rio-Manso, a *Varandinha*?

O rapazote ergueu a face morena, de buço leve, remexendo vagamente no carapuço.

— Para a quinta do Rio-Manso... Siga pela estrada até à pedreira, depois à esquerda a seguir, sempre rente da várzea...

Mas nesse instante assomava à porta um latagão de suíças louras, em mangas de camisa, a cinta enfaixada em sêda. E Gonçalo, com um sobressalto, reconheceu logo o caçador que o injuriara na estrada de Nacejas, o assobiara na venda do Pintainho. O homem relanceou superiormente o Fidalgo. Depois, com a mão encostada à ombreira, chasqueou o rapazote:

— Oh Manuel, ¿que estás tu aí a ensinar o caminho, homem! Este caminho por aqui não é para asnos!

Gonçalo sentiu a palidez que o cobriu — e todo o sangue no coração, num tumulto confuso, que era de medo e de raiva. ¶ Um novo ultraje, do mesmo homem, sem provocação! Apertou os joelhos no selim para galopar. E a tremer, num esforço que o engasgava:

— ¶ Você é muito atrevido! É já pela terceira vez! Eu não sou homem para levantar desordens numa estrada... Mas fique certo que o conheço e que não escapa sem lição.

Imediatamente, o outro agarrou um cajado curto e saltou à estrada, afrontando a égua, com as suíças erguidas, um riso de imenso desafio:

— Então cá estou! Venha agora a lição... E para diante é que você não passa, seu Ramires de mér...

Uma névoa turvou os olhos esgazeados do Fidalgo. E, de-repente, num inconsciente arranque, como levado por uma furiosa rajada de orgulho e fôrça, que se desencadeava do fundo do seu ser, gritou, ¶ atirou a fina égua, num galão terrível! E nem compreendeu! O cajado sarilhara! A égua empinava, numa cabeçada furiosa! E Gonçalo entreviu a mão do homem, escura, imensa, que empolgava a camba do freio.

Então, erguido nos estribos, por sòbre a imensa mão despediu uma vergastada do chicote silvante de cavalo-marinheiro, colhendo o latagão na face, de lado, num golpe tão vivo da aresta aguda, que a orelha pendeu,

despegada, num borbotar de sangue. Com um berro, o homem recuou, cambaleando. Gonçalo galgou sôbre êle, noutro arremêso, com outra fulgurante chicotada, que o apanhou pela bôca, lhe rasgou a bôca, de-certo lhe espedaçou dentes, o atirou, urrando, para o chão. As patas da égua machucavam as grossas côxas estendidas, — e, debruçado, Gonçalo ainda vergastou, cortou desesperadamente face, pescoço, até que o corpo jazeu mole e como morto, com jorros de sangue escuro ensopando a camisa.

! Um tiro atroou o terreiro! E Gonçalo, com um salto no selim, avistou o rapazote moreno, ainda com a espingarda erguida, a fumegar, mas já hesitando, aterrado.

— ! Ah, cão!

Lançou a égua, com o chicote alto; — o rapaz, espavorido, corria lentamente através do terreiro, para saltar o valado, escapar para as várzeas ceifadas.

— ! Ah cão, ah cão! berrava Gonçalo.

Estonteado, o rapaz tropeçara numa viga sôlta. Mas já se endireitava, largava, quando o Fidalgo o alcançou com uma cutilada do chicote no pescoço, logo alagado de sangue. Estendendo as mãos incertas, ainda cambaleou, abateu, estalou contra a aresta dum pilar, a cabeça mais sangue jorrou. Então Gonçalo, a arquejar, deteve a égua. ! Ambos os homens jaziam imóveis! Santo Deus! Mortos? D'ambos corria o sangue sôbre a terra sêca. O Fidalgo da Tôrre sentia uma

alegria brutal. Mas um grito espantado soou do lado do quinteiro:

— ¡Ai, que mataram o meu rapaz!

Era um velho, que corria da cancela, numa carreira agachada, rente com a sebe, para a porta da casa. Tão certamente o Fidalgo arremessou a égua, que arfava coberta de suor e d'espuma, para o deter — que o velho esbarrou contra o peitoril. E ante o inquieto animal escarvando, e Gonçalo alçado nos estribos, com a face chamejante, o chicote a descer — o velho, num terror, desabou sôbre os joelhos, gritou ansiadamente:

— ¡Ai, não me faça mal, meu Fidalgo, por alma de seu pai Ramires!

Gonçalo ainda o manteve assim um momento, suplicante, a tremer, sob o justiceiro faiscar dos seus olhos: — e gozava soberbamente aquelas calosas mãos que se erguiam para a sua misericórdia, invocavam o nome de Ramires, de novo temido, repossuído do seu prestígio heróico. Depois, recuando a égua:

— ¡Êsse malandro do rapazola desfechou a caçadeira!... Você também não tem boa cara! ¿Que ia você correndo para casa? ¿Buscar outra espingarda?

O velho alargou desesperadamente os braços; oferecia o peito, em testemunho da sua verdade:

— ¡Oh meu Fidalgo, não tenho em casa nem um cajado!... Assim Deus me ajude e me salve o rapaz!

Mas Gonçalo desconfiava. Quando descesse agora pela estrada de Ramilde, bem poderia o velho correr ao casebre, agarrar outra caçadeira, desfechar traiçoeiramente. E então, com a presteza d'espírito que a luta afiara, concebeu, contra qualquer emboscada, um ardil seguro. E até, num relance, sorriu, recordando «traças de guerra» de D. Garcia Viegas, o *Sabedor*.

— ¡Marche lá diante de mim, sempre a direito, pela estrada!

O velho tardou, sem se erguer, aterrado. E batia com as grossas mãos nas coxas, numa ânsia que o engasgava:

— Oh meu Fidalgo, oh meu Fidalgo! ¿mas deixar assim o rapaz sem acôrdo?...

— ¡O rapaz está só atordoadado, já se mexeu... E o outro malandro também... ¡Marche você!

E ao irresistível mando de Gonçalo, o velho, depois de sacudir demoradamente as joelheiras, começou a avançar pela estrada, vergado diante da égua, como um cativo, com os longos braços a bambolear, rosnando, num rouco assombro:— ¡Ai como elas se armam! Ai Santo nome de Deus, que desgraça! A espaços estacava, esgazeando para Gonçalo um olhar tórvo, onde negrejava medo e ódio... Mas logo o comando forte o empurrava: «Marche!...» E marchava. Adiante, onde se erguia um cruzeiro em memória do Abade Paguim, assassinado, Gonçalo reconheceu um largo atalho para a estrada

dos Bravais,"que chamavam o *Caminho da Moleira*. E para aí enfiou o velho, que, no pavor daquela azinhaga solitária, pensando que Gonçalo o afastava de caminhos trilhados para o matar cômodamente, rompeu a gemer: «¡ Ai que isto é o fim da minha vida! Ai Nossa Senhora, que é o fim da minha vida!» E não cessou de gemer, emaranhando os passos trôpegos, até que desembocaram na estrada alta, entre taludes escarpados, revestidos de giesta brava. Então, de-repente, com outro terror, o homem bruscamente revirou, atirando as mãos ao barrete:

— Oh meu senhor, ¿ o Fidalgo não me leva preso?...

— ¡ Marche! Corra! Que agora a égua trotar!

A égua trotou — o velho correu, desengonçado, arquejando como um fole de forja. Uma milha galgada, Gonçalo parou, farto do cativo, da lenta marcha. De resto, antes que o homem agora corresse a casa, e agarrasse uma arma, e virasse para o alcançar, se desforrar — entraria êle, num galope solto, o portão da Tôrre. Então bradou, com o sobrolho duro:

— Alto! Agora pode voltar para trás... Mas, antes: ¿ Como se chama aquele seu lugar?

— A Graínha, meu Fidalgo.

— ¿ E você como se chama? e o rapaz?

O velho, com a bôca aberta, esperou, hesitou:

— Eu sou João; o meu rapaz, Manuel... Manuel Domingues, meu fidalgo.

— Você naturalmente mente. E o outro malandro, de suissas louras?

Dum fôlego, o velho gritou:

— Êsse é o Ernesto de Nacejas, o valentão de Nacejas, que chamam o *Caça-abraços*, e que tanto me desencaminhou o rapaz...

— Bem! Pois diga lá a êsses dous marotos que me atacaram a pau e a tiro, que não ficam quites sômente com a sova, e que agora teem de se entender com a Justiça... Ela lá irá! Largue!

Do meio da estrada, Gonçalo ainda vigiou o velho que abalara, forçando as passadas derreadas, limpando o suor que lhe pingava. Depois, pela conhecida estrada, galopou para a Tôrre.

E ia levado, galopando numa alegria tão fumegante, que o lançava em sonho e devaneio. Era como a sensação sublime de galopar pelas alturas, num corcel de lenda, crescido magnificamente, roçando as nuvens lustrosas... E por baixo, nas cidades, os homens reconheciam nêle um verdadeiro Ramires, dos antigos na História, dos que derubavam tórres, dos que mudavam a configuração dos Reinos — e erguiam êsse maravilhado murmúrio que é o sulco dos fortes passando! Com razão! com razão! Que ainda de manhã, ao sahir da Tôrre, não ousaria marchar para um rapazola decidido, que brandisse um varapau... E, depois, de repente, na solidão daquela casa térrea, quando o bruto das suíças louras lhe atira a suja in-

júria — eis um *não sei quê* que se desprende dentro do seu ser, e transborda, e lhe enche cada veia de sangue ardido, e lhe enrija cada nervo de fôrça destra, e lhe espalha na pele o desprêzo e a dor, e lhe repassa fundamente a alma de fortaleza indomável... E agora, ali voltava, como um varão novo, soberbamente virilizado, liberto em-fim da sombra que tão dolorosamente assombrara a sua vida, | a sombra mole e torpe de seu mêdo! Porque sentia que agora, se todos os valentões de Nacejas o afrontassem num rijo erguer de cajados — êsse *não sei quê*, lá dentro, no seu ser, de novo se soltaria, e o arremessaria, com cada veia inchada, cada nervo retesado, para o delicioso fragor da briga. | Em-fim era *um homem*! Quando em Vila-Clara o Manuel Duarte, o Titó com o peito alto, contassem façanhas, já êle não enrolaria encolhidamente o cigarro — encolhido, mudo, não sòmente pela ausência desconsoladora das valentias, mas sobretudo pela humilhante recordação das fraquezas. E galopava, galopava, apertando furiosamente o cabo do chicote, como para investidas mais belas. Para além dos Bravais, mais galopou, ao avistar a Tôrre. E singularmente lhe pareceu, de repente, que a sua Tôrre era agora *mais sua*, e que uma afinidade nova, fundada em glória e fôrça, o tornava mais senhor da sua Tôrre!

(*Ilustre Casa de Ramires*, cap. X.)

COMÊÇO DE SEDUÇÃO

(Luísa, burguesa jovem e romanesca, falha de educação moral e fraca de carácter, casada e sem filhos, está sôzinha em Lisboa. O marido, o engenheiro Jorge, encontra-se no Alentejo em serviço profissional, tendo deixado a mulher entregue a si mesma, órfã de qualquer apoio moral activo ou bom conselho eficaz. Na scena seguinte apparece em casa de Luísa, ao cabo de alguns anos de ausência, o primo desta, Basílio, vadio rico e pretensioso, gozador cínico, que havia sido em rapaz o primeiro namôro daquella bonequinha fútil, ociosa e desprotegida. Luísa está para sair de casa, quando ouve bater á porta. E diz á criada:)

DEVE ser algum recado para o sr. Jorge, de-certo! Mande entrar. ¿ Que espécie de homem é ?

— Um janota !

Luísa desceu o véu branco, calçou devagar as luvas de *peau de Suède* claras, deu duas pancadinhas fôfas, ao espelho, na gravata de renda, e abriu a porta da sala. Mas quási recuou, fêz *ah!* tôda escarlata. Tinha-o reconhecido logo. Era o primo Basílio.

Houve um *shake-hands* demorado, um pouco trémulo. Estavam ambos calados:— ela, com todo o sangue no rôsto, um sorriso

vago; êle, fitando-a muito, com um olhar admirado. Mas as palavras, as perguntas vieram logo, muito precipitadamente: —
 ¿ Quando tinha êle chegado? Se sabia que êle estava em Lisboa? Como soubera a morada dela?

Chegara na véspera, no paquete de Bordéus. Preguntara no ministério: disseram-lhe que Jorge estava no Alentejo, deram-lhe a *adresse*...

— ¡ Como tu estás mudada, Santo Deus!

— Velha?

— Bonita!

— Ora!

E êle, ¿ que tinha feito? Demorava-se?

Foi abrir uma janela, dar uma luz larga, mais clara. Sentaram-se. Êle, no sofá, muito lânguidamente; ela, ao pé, pousada de leve à beira duma poltrona, tôda nervosa.

Tinha deixado o *degrédo* — disse êle. — Viera respirar um pouco à velha Europa. Estivera em Constantinopla, na Terra Santa, em Roma. O último ano passara-o em Paris. Vinha de lá, daquela aldeola de Paris. — Falava devagar, recostado, com um ar íntimo, estendendo sôbre o tapete, cômodamente, os seus sapatos de verniz.

Luísa olhava-o. Achava-o mais varonil, mais trigueiro. No cabelo prêto anelado havia agora alguns fios brancos; mas o bigode pequeno tinha o antigo ar moço, orgulhoso e intrépido; os olhos, quando ria, a mesma doçura amolecida, banhada num fluido. Re-

parou na ferradura de pérola da sua gravata de cetim preto, nas pequeninas estrêlas brancas bordadas nas suas meias de sêda. A Baía não o vulgarizara. ; Voltava mais interessante!

— Mas tu, ; conta-me de ti! — dizia êle com um sorriso, inclinado para ela. — És feliz, tens um pequerrucho...

— Não — exclamou Luísa, rindo — não tenho. ; Quem te disse?

— Tinham-me dito. ; E teu marido demora-se?

— Três, quatro semanas, creio.

; Quatro semanas! Era uma viúvez: Ofereceu-se logo para a vir ver mais vezes, falar um momento, pela manhã...

— ; Pudera não! És o único parente que tenho agora...

; Era verdade!... E a conversação tomou uma intimidade melancólica: falaria da mãe de Luísa, a tia Jójó, como lhe chamava Basílio. Luísa contou a sua morte, muito doce, na poltrona, sem um ai...

— ; Onde está sepultada? — perguntou Basílio com uma voz grave; e acrescentou, puxando o punho da camisa de chita: — ; Está no nosso jazigo?

— Está.

— ; Hei-de ir lá. Pobre tia Jójó!

Houve um silêncio.

— ; Mas tu ias sahir! — disse Basílio, de repente, querendo erguer-se.

— Não! — exclamou — Não! estava aborre-

cida, não tinha nada que fazer. Ia tomar ar. Não saio, já.

Ele ainda disse:

— Não te prendas...

— ¡Que tolice! Ia a casa duma amiga passar um momento.

Tirou logo o chapéu; naquele movimento, os braços erguidos repuxaram o corpete justo: as formas do seio acusaram-se suavemente.

Basílio torcia a ponta do bigode, devagar; e vendo-a descalçar as luvas:

— Era eu antigamente quem te calçava e descalçava as luvas... ¿Lembras-te?... Ainda tenho êsse privilégio exclusivo, creio eu...

Ela riu-se.

— De-certo que não...

Basílio disse então, lentamente, fitando o chão:

— Ah! Outros tempos!

E pôs-se a falar de Colares. A sua primeira ideia, mal chegara, tinha sido tomar uma tipóia e ir lá; queria ver a quinta: ¿ainda existiria o balouço debaixo do castanheiro? ¿ainda haveria o caramanchão de rosinhas brancas, ao pé do Cupido de gesso, que tinha uma asa quebrada?...

—....; Foi o bom tempo! Foi o meu bom tempo!

Ela via a sua cabeça bem feita, descaída naquela melancolia das felicidades passadas,

com uma risca muito fina, e os cabelos brancos — que lhe dera a separação. Sentia também uma vaga saudade encher-lhe o peito: ergueu-se, foi abrir a outra janela, como para dissipar na luz viva e forte aquela perturbação. Preguntou-lhe então pelas viagens, por Paris, por Constantinopla.

Fôra sempre o seu desejo viajar, — dizia — ir ao Oriente. Queria andar em caravanas, balouçada no dorso dos camelos: e não teria medo, nem do deserto, nem das feras...

— ; Estás muito valente! — disse Basílio. — Tu eras uma maricas; tinhas medo de tudo... ; Até da adega, na casa do papá, em Almada!

Ela còrou. Lembrava-se bem da adega; com a sua frialdade subterrânea que dava arrepios! A candeia de azeite pendurada na parede alumiaava com uma luz avermelhada e fumosa as grossas traves, cheias de teias d'aranha, e a fileira tenebrosa das pipas bojudas. Havia ali às vezes, pelos cantos, beijos furtados...

Quis saber então o que tinha feito em Jerusalém, se era bonito.

Era curioso. Ia pela manhã um bocado ao Santo Sepulcro; depois d'almôço montava a cavalo... Não se estava mal no hotel: inglsas bonitas... Tinha algumas intimidades ilustres...

Falava delas devagar, traçando a perna: o seu amigo o patriarca de Jerusalém; a sua velha amiga a princesa de La Tour d'Auvergne! Mas o melhor do dia era de

tarde, — dizia — no Jardim das Oliveiras, vendo defronte as muralhas do templo de Salomão, ao pé a aldeia escura de Betânia, onde Marta fiava aos pés de Jesus, e mais longe, faiscando imóvel sob o sol, o Mar Morto. ¶ E ali passava sentado num banco, fumando tranqüilamente o seu cachimbo!

¿ Se tinha corrido perigos?

De-certo. ¶ Uma tempestade d'areia no deserto de Petra! Horrível! Mas que linda viagem, as caravanas, os acampamentos! Descreveu a sua *toilette*: — uma manta de pele de camelo, às listras vermelhas e pretas, um punhal de Damasco numa cinta de Bagdad, e a lança comprida dos Beduínos.

— ¶ Devia-te ficar bem!

— Muito bem. Tenho fotografias.

Prometeu dar-lhe uma, e acrescentou:

— ¿ Sabes que te trago presentes?

— ¿ Trazes? — E os seus olhos brilhavam.

O melhor era um rosário...

... — Tu dantes não eras muito devota — disse.

— Não, não sou muito caturra nessas coisas — respondeu, rindo.

— ¿ Lembras-te da capela da nossa casa em Almada?

¶ Tinham passado ali lindas tardes! Ao pé da velha capela morgada havia um adro todo cheio de altas ervas floridas, — e as papoulas,

quando vinha a aragem, agitavam-se como asas vermelhas de borboletas pousadas...

— E a tília, lembra-te? onde eu fazia ginástica?

— ; Não falemos no que lá vai!

; Em que queria ela então que elle falasse? Era a sua mocidade, o melhor que tivera na vida...

Ela sorriu; perguntou:

— ; E no Brasil?

; Um horror! Até fizera a còrte a uma mulata!

— ; E porque te não casaste?...

; Estava a mangar! Uma mulata!

Acrescentou, com a voz dum arrependimento triste: — Já que me não casei quando devia, — encolheu os ombros melancòlicamente — acabou-se... Perdi a vez. Ficarei solteiro.

Luísa fez-se escarlata. Houve um silêncio.

— ; E qual é o outro presente, então, além do rosário?

— Ah! Luvax. Luvax de verão, de *peau de Suède*, de oito botões. Luvax decentes. Vocês aqui usam umas luvitas de dois botões, a ver-se o punho, ; um horror!...

; As mulheres em Lisboa cada dia se vestiam pior! Era atroz! Não dizia por ela; até aquelle vestido tinha *chic*, era simples, era honesto. Mas em geral era um horror. Em Paris! ; Que deliciosas, que frescas as *toilettes* daquelle verão!

Luísa voltava entre os dedos o seu medalhão de ouro, preso ao pescoço por uma fita de veludo preto.

— E estiveste então um ano em Paris?

— Um ano divino. Tinha um *apartamento* lindíssimo, que pertencia a lord Falmouth, rue Saint Florentin. Tinha três cavalos...

E recostando-se muito, com as mãos nos bolsos:

— Em-fim, fazer este vale de lágrimas o mais confortável possível!... Dize cá, tens algum retrato nesse medalhão?

— O retrato de meu marido.

— Ah! deixa ver!

Luísa abriu o medalhão. Ele debruçou-se; tinha o rosto quasi sobre o peito dela. Luísa sentia o aroma fino que vinha dos seus cabelos.

— Muito bem, muito bem — fez Basílio.

Ficaram calados.

— Que calor que está! — disse Luisa. — Abafa-se, hein?

Levantou-se; foi abrir um pouco a vidraça. O sol deixava a varanda. Uma aragem suave encheu as pregas grossas das bambinelas.

— É o calor do Brasil — disse elle. — Sabes que estás mais crescida?

Luísa estava de pé. O olhar de Basílio corria-lhe as linhas do corpo; e com a voz muito íntima, os cotovêlos sobre os joelhos, o rosto erguido para ella:

— Mas, francamente, dize cá, pensaste que eu te viria ver?

— ¡Ora essa! Realmente, se não viesses, zangava-me. És o meu único parente... O que tenho pena é que meu marido não esteja...

— Eu — acudiu Basílio — foi justamente por ele não estar...

Luísa fêz-se escarlate. Basílio emendou logo, um pouco corado também:

— Quero dizer... talvez ele saiba que houve entre nós...

— ¡Tolices! Éramos duas crianças. ¡Onde isso vai!

— Eu tinha vinte e sete anos... — observou ele, curvando-se.

Ficaram calados, um pouco embaraçados. Basílio cofiava o bigode, olhando vagamente em redor.

— Estás muito bem instalada aqui — disse.

Não estava mal... A casa era pequena, mas muito cómoda. Pertencia-lhes.

— Ah! estás perfeitamente! ¿Quem é esta senhora, com uma luneta de ouro?

E indicava o retrato por cima do sofá.

— A mãe de meu marido.

— Ah, ¿vive ainda?

— Morreu.

Bocejou ligeiramente, fitou um momento os seus sapatos muito aguçados, e com um movimento brusco, ergueu-se, tomou o chapéu.

— ¿Já? Onde estás?

— No Hotel Central. ¿E até quando?

— Até quando quiseres. ¿Não disseste que vinhas amanhã com o rosário?

Ele tomou-lhe a mão, curvou-se:

— Já se não pode dar um beijo na mão duma velha prima?

— Porque não?

Pousou-lhe um beijo na mão, muito longo, com uma pressão doce.

— Adeus! — disse.

E à porta, com o reposteiro meio erguido, voltando-se:

— Sabes que eu, ao subir as escadas, vinha a perguntar a mim mesmo: como se vai isto passar?

— Isto quê? Vermo-nos outra vez? Mas, perfeitamente. Que imaginas tu?

Ele hesitou, sorriu:

— Imaginei que não eras tão boa rapariga. Adeus. Amanhã, hein?

No fundo da escada acendeu o charuto, devagar.

— Que bonita que ela está! — pensou.

E, arremessando o fósforo com força:

— E eu, pedaço de asno, que estava quasi decidido a não a vir ver! Está de apetite! Está muito melhor! E sôzinha em casa, aborrecidinha talvez!

(*O Primo Basílio*, 8.^a ed., pág. 72 a 81.)

FIM



ÍNDICE

DO SEGUNDO VOLUME

INTRODUÇÃO

Pág.

I — O estilo de Eça de Queiroz...	IX
II — Dois detractores.....	XXXVII
III — Pecados contra a língua.....	LI

EÇA DE QUEIROZ — SELECTA CRÍTICO- -LITERÁRIA

I — Autobiografia e autocrítica

1. — A idade romântica (1867).....	5
2. — Diletantismo	10
3. — A geração de Queiroz.....	12
4. — Os Maias e outros Portugueses...	13
5. — Galicismo e impatriotismo.....	14
6. — O «Francesismo».....	15
7. — Confissões	29

II — Opiniões literárias e estéticas

1. — Lirismo épico e lirismo íntimo	33
2. — A mais útil forma da crítica.....	36
3. — Adoração da Forma.....	39
4. — Elogio do Naturalismo.....	49
5. — A Arte imortal.....	44

Pág.

III — *Poder descriptivo*

1. — Passeio a Sintra em Abril.....	51
2. — A praça de Leiria à hora da missa	60
3. — Domingo triste numa rua pobre de Lisboa	61
4. — Pequim.....	64
5. — A ilha de Ogigia	69
6. — No teatro de S. Carlos.....	73

IV — *Retratos*

1. — Dois Padres.....	77
2. — O conselheiro Acácio.....	79
3. — Um gato.....	81
4. — Papá Monforte.....	82
5. — Raquel Cohen.....	83
6. — Maria Eduarda.....	83
7. — Duas espanholas.....	85
8. — Ramalho Ortigão.....	86

V — *Intuição e imitação do estilo
alheio*

1. — Um artigo da «Corneta do Diabo»..	93
2. — Dedicatória dum livro	95
3. — Fradique, segundo Ramalho e Jun- queiro	96
4 — Comunicado contra os padres de Leiria.....	98

	Pág.
5. — Carta de uma criada	103
6. — Coimbra, pelo conselheiro Acácio .	104
7. — Carta de uma noiva	105

VI — *Intuição psicológica*

1. — Infância de Teodorico	109
2. — Como S. Cristóvão entendeu e sentiu a História de Jesus	126

VII — *Polémica literária*

1. — Tomás d'Alencar. — Uma explicação	139
--	-----

VIII — *Lirismo*

1. — Duas cartas a Clara	155
2. — Uma quinta no Minho	167

IX — *Ironia*

José Matias	179
-------------------	-----

X — *Conceitos e Paradoxos*

1. — Revoltas de estudantes	217
2. — Os povos fracos e a Europa	217
3. — Psicologia e paisagem	218
4. — Inglaterra e Brasil	219

	Pág.
5. — Mulheres, e mulheres	219
6. — Lisboa e os homens de letras.....	220
7. — Paulo Bourget	220
8. — Portugal em 1880.....	221
9. — Tribunal de Contas.....	221
10. — O coveiro semeador	222
11. — Fatalidade do carácter feminino ..	222
12. — Portugal em 1872.....	223
13. — Julio Verne	225
14. — O abutre e o pato	226
15. — Matar	226
16. — O hábito de deprimir a Pátria	227
17. — Ramalho e República	228
18. — Os órgãos do Estado.....	229
19. — Sonhos.....	229
20. — O Parlamento inglês.....	229

XI — *Mestria no diálogo*

1. — Transfiguração de Gonçalo Ramires.....	233
2. — Comêço de sedução	256







Livrarias AILLAUD e BERTRAND

LISBOA — 73, Rua Garrett, 75

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

Dr. Agostinho de Campos

Da Academia das Ciências de Lisboa

A série da ANTOLOGIA PORTUGUESA, que virá a constar de uns trinta volumes, pelo menos, não será apresentada ao público com numeração editorial. Cada possuidor a ordenará como entenda, ou cronologicamente, ou por poetas e prosadores, segundo o seu critério e vontade.



VOLUMES PUBLICADOS :

Manoel Bernardes, dois volumes.

Alexandre Herculano, 1.^o volume.

Frei Luís de Sousa, 1.^o volume.

Barros, 1.^o volume.

Guerra Junqueiro, verso e prosa, um volume.

Trancoso, um volume.

Paladinos da linguagem, três volumes.

Fernão Lopes, três volumes.

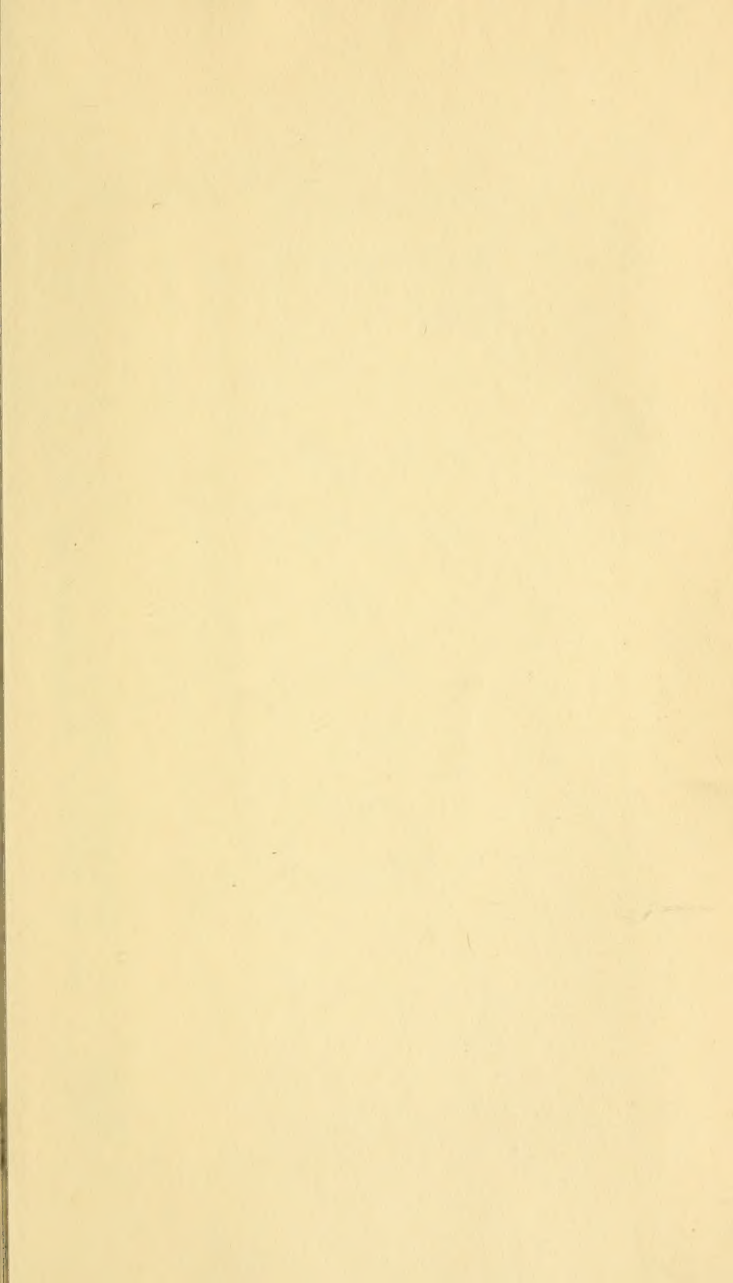
Lucena, dois volumes.

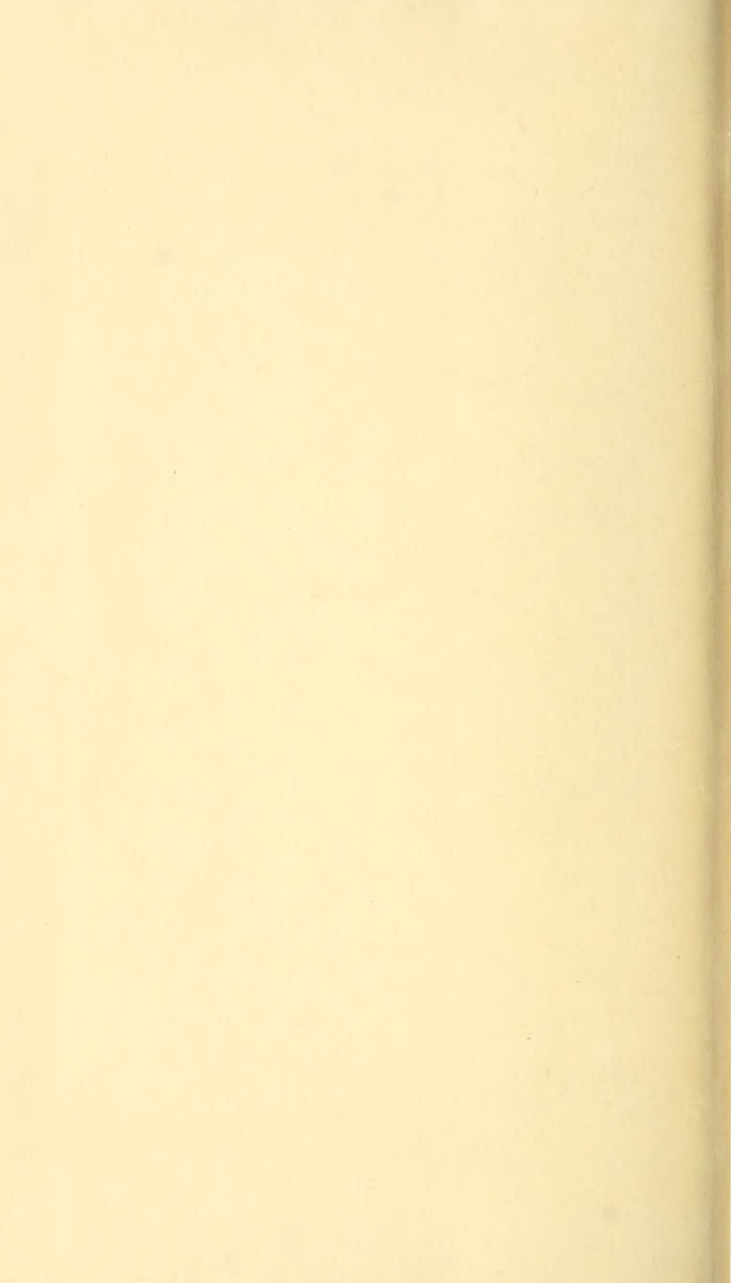
Eça de Queiroz, 2 volumes.

Augusto Gil, um volume.

EM PREPARAÇÃO :

Camões lírico, Afonso Lopes Vieira, Antero de Figueiredo, «Arte de Furtar», etc.





414688

Eça de Queiroz, José Maria de
[Selecta]. Vol.2.

LPor
El7se

NAME OF BORROWER.

DATE.

University of Toronto
Library

DO NOT
REMOVE
THE
CARD
FROM
THIS
POCKET



